LISBOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
LISBON SCHOOL OF ARCHITECTURE
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Reviver Juromenha

Proposta de Reabilitação da Cidadela de Juromenha

João Dimas Fragoso
(Licenciado)

Projeto final de mestrado para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica

Professor Doutor Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa

Júri

Presidente: Professor Doutor Paulo Garcia Pereira
Vogal: Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa
Vogal: Professor Doutor Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa

Documento Definitivo

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Lisboa, Fevereiro de 2023

Título

Reviver Juromenha

Subtítulo

Proposta de Reabilitação da Cidadela de Juromenha

Nome

João Dimas Fragoso (Licenciado)

Orientação Científica

Professor Doutor Arquiteto Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa

Júri

Professor Doutor Paulo Jorge Garcia Pereira (presidente)

Professor Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa (vogal)

Professor Doutor Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa (vogal)

Projeto final de mestrado para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Lisboa, Fevereiro de 2023

...em memória à minha avó Rosa e ao meu avô Mário.

Agradecimentos

ao meu orientador Jorge Mealha,
pelas conversas e conhecimentos partilhados, pelas diversas experiências que me permitiu ao longo do meu percurso académico, e por ter aceitado fazer parte desta minha última etapa, algo atribulada;

aos professores José Aguiar e Pedro Pacheco,
não só pela generosa partilha dos seus conhecimentos e de um olhar diferente sobre a nossa herança nacional, e que levou ao reajuste do meu tema de Projeto Final, dando seguimento ao tema da turma MIArq5B 2019/2020, como por todo o material por eles disponibilizado, essencial à realização desta proposta;

à turma MIARQ5B (2019/2020)
pela amizade, e aventuras vividas no último ano académico, bem como por todo o material base criado e partilhado entre todos, reunido no caderno de turma;

ao meu professor Jorge Silva,
pela amizade, por todo o conhecimento transmitido e por ter alimentado o meu interesse na área de arquitetura;

à minha professora Noélia André,
pela amizade, por todo o conhecimento transmitido e por me ter alimentado o meu interesse pela leitura e escrita;

aos meus pais,
(e nunca o suficiente), por estarem sempre presentes e quererem sempre o meu melhor. Em especial à minha mãe, pelo carinho, preocupação e amor; ao meu pai pela criação desta minha paixão por arquitetura, pela sua energia e constante boa disposição;

à minha irmã,
por todo o processo, aprendizagens, cumplicidade e amizade; pela sua boa energia, pelos seus conselhos e pela sua presença;

aos meus avós,
por serem uns segundos pais para mim, por todas as histórias, todo o carinho e momentos partilhados;

à Mafalda e ao Zé,
por serem mais que família para mim; por todos os momentos, partilhas e cumplicidade;

à Martinha,
por me ter acompanhado desde o primeiro ao último dia deste meu percurso académico, e ter sido um suporte fundamental no meu desenvolvimento pessoal; pelo carinho, generosidade, enorme paciência, preocupação e por ter sempre a palavra certa na hora certa;

ao Rodolfo,
não só pela grande amizade criada, como por todo o percurso académico que traçamos juntos; pelo companheirismo, pelo apoio, pela lembrança e constante presença;

ao Tiago,
pela amizade criada nos últimos anos, pelos constantes desafios, pela companhia e incansável ajuda, numa das fases mais complicadas; pela presença e boa disposição;

ao Guilherme,
pela grande amizade estabelecida desde o meu primeiro ano académico e pela loucura de criar comigo um projeto profissional;

à Madalena,
pela amizade e momentos partilhados, desde a minha inscrição; por todo o carinho, reprimendas, conselhos e suporte, na minha fase de maior crescimento;

à Carlota,
pela amizade e todas as partilhas; por toda a atenção, preocupação, pela energia contagiante, por preferir sempre a verdade e por me abrir novos horizontes;

aos meus amigos,
Hugo, Melo, Pedro, Joana, Rita, Patrícia, Angela, Samuel, Kika, Emanuel, Inês, Mariana, Marta, Oliveira, Miranda, e Inês pela grande paciência e amizade, e pelas partilhas, ensinamentos e conversas;

aos meus amigos e colegas da CVDB,
Diogo, Cristina, André, Filipa, Maialen e Carlos pela oportunidade, experiências e ensinamentos partilhados ao longo deste último ano e meio;

a todos os que fizeram parte deste percurso, dentro ou fora da faculdade,

o meu sincero Obrigado!

Resumo

O primeiro gesto das coisas vivas, evidência fundamental do equilíbrio e da permanência, é a tomada de posse do espaço. Desde a sua origem, que o Homem caminha e marca a paisagem, deixando nela impressa o seu testemunho, como é exemplo a arquitetura (Careri, 2013; Corbusier, 2010).

Surgindo de uma necessidade de defesa do território, a arquitetura militar caracteriza muitas das paisagens urbanas e rurais do nosso país, e transporta consigo um forte valor histórico e simbólico, associados à definição dos contornos nacionais, fazendo por isso parte de um valioso espólio patrimonial.

Decorrente da oportunidade que surge com a implementação do projeto de consolidação e restauro da fortaleza de Juromenha, da autoria dos professores e arquitetos Pedro Pacheco e José Aguiar, com o aval da câmara municipal do Alandroal, este projeto tem por base o tema pelos mesmos apresentado à turma de quinto ano (MIARQ5B 2019/2020), de reabilitação e conversão da sua antiga cidadela a um equipamento turístico.

É neste espírito que, reconhecendo o interesse cultural que representa a Raia Alentejana, e fortemente inspirado pela beleza e riqueza das suas paisagens, se procurou restituir à antiga praça de Juromenha uma presença assídua no quotidiano dos habitantes da vila, bem como nas dinâmicas culturais do país, através do desenho de itinerários e da criação de oferta de acomodação, por intermédio do programa turístico.

Com preocupações de cariz sustentável, uma procura por sistemas reversíveis, e segundo um princípio de intervenção mínima nos corpos reabilitados – fundamentado por documentação histórica –, as técnicas como a taipa e estruturas de aço leve (os LSF), e materiais como a cortiça, definem os ambientes principais do projeto.

Palavras chave
Arquitetura Militar, Fortaleza Juromenha, Reabilitação, Reversabilidade, Turismo Rural

Abstract

The first action of living things, fundamental evidence of balance and permanence, is the taking possession of space. Since its origin, the Human race has walked and marked the landscape, leaving its testimony imprinted on it, as exemplified by architecture (Careri, 2013; Corbusier, 2010).

Arising from the need to defend the territory, military architecture characterizes many of the urban and rural landscapes of our country, and carries a strong historical and symbolic value, associated with the limitation of the national border, therefore being part of a valuable heritage asset.

Resulting from the opportunity that arises with the implementation of the project of consolidation and restoration of the fortress of Juromenha, authored by professors and architects Pedro Pacheco and José Aguiar, with the endorsement of the city council of Alandroal, this project is based on the theme presented by them to the fifth year class (MIARQ5B 2019/2020), of rehabilitation and conversion of its ancient citadel into a tourist facility.

It is within this spirit that, recognizing the cultural interest that the Raia Alentejana represents, and strongly inspired by the beauty and richness of its landscapes, it was sought to restore to the old square of Juromenha, a regular presence in the daily lives of the village's inhabitants, as well as in the cultural dynamics of the country, through the design of itineraries and the creation of accommodation, by means of the tourism program.

With sustainable concerns, a search for reversible systems, and according to a principle of minimal intervention in the rehabilitated buildings - based on historical documentation - techniques such as rammed earth and light steel framing (LSF), and materials such as cork, define the main features of the project.

Keywords
Military Architecture, Juromenha Fortress, Rehabilitation, Reversibility, Rural Tourism

Edição: 1ª edição
Nº exemplares: três exemplares
Autoria, desenho e composição: João Dimas Fragoso
Impressão: Copigual, Rua Maestro Frederico de Freitas 13B, Lisboa
Montagem e encadernação: Copigual, Rua Maestro Frederico de Freitas 13B, Lisboa

Índice

Agradecimentos ..... *VII*
Resumo - Palavras chave ..... *XI*
Abstract - Keywords ..... *XIII*
Índice ..... *XV*
Índice e crédito de figuras ..... *XVII*
I. Introdução *1*
II. Herança *13*
Arquitetura militar e Alentejo *15*
Fortaleza e Juromenha *21*
Memória e Identidade *24*
III. Consciência *35*
Património e Reabilitação *37*
Intervenção Mínima e Reversibilidade *43*
Vilegiatura e Turismo *49*
IV. Referências *53*
Toni Gironès e Arqueologia *55*
Sánchez García e Recinto *61*
Pedro Brígida e Materialização *67*
V. O lugar *73*
Itinerários e Ponte da Ajuda *75*
Vila e População *81*
Estado de Conservação e Valor *87*
VI. Proposta *107*
Proposta Urbana e Itinerário *111*
Estratégia e Programa *115*
Técnicas e Materialidades *123*
VII. Considerações Finais *133*
Referências Bibliográficas *139*
Anexos *A1*
Levantamento Fotográfico Histórico *A3*
Vermelhos e Amarelos *A33*
Processo *A45*
Maquetes Finais *A69*
Peças Gráficas Apresentação *A75*

Índice e crédito de figuras

II. Herança

Fig. 1 - *Vista aérea da Fortaleza de Juromenha, 2022.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 2 - *As Fortalezas Alentejanas e da Extremadura, Alandroal, Évora, Portugal, 2020.*
Fonte: Ana Rita Caixinha, Luis Barge, Mónica Ferreira, Tatiana Castanhas [2020], p.5;

Fig. 3 - *Vista aérea da Fortaleza de Juromenha, 2022.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 4 - *Juromenha. Gravura, 1509-1510.*
Fonte: Duarte de Armas [1509-1510]. Livro das fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela. Disponivél em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707>

Fig. 5 - *Cronograma da história de Juromenha e contexto nacional, 2022.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 6 - *Muralha Medieval. Século XVI, segundo Duarte de Armas, 1509.*
Fonte: Pelo autor [2022]. Adapatdo de: Pedro Pacheco arquitectos, José Aguiar [2019]. Fortaleza de Juromenha - Projeto de consolidação e restauro dos paramentos do perímetro abaluartado exterior e cerca islâmica e medieval interior, p.13 ;

Fig. 7 - *Fortaleza de Juromenha. Século XVII, segundo Nicolau de Langres, 1657.*
Fonte: Pelo autor [2022]. Adapatdo de: Pedro Pacheco arquitectos, José Aguiar [2019]. Fortaleza de Juromenha - Projeto de consolidação e restauro dos paramentos do perímetro abaluartado exterior e cerca islâmica e medieval interior, p.13 ;

Fig. 8 - *Fortaleza de Juromenha. Século XIX, segundo M.J. Brandão de Sousa, 1817.*
Fonte: Pelo autor [2022]. Adapatdo de: Pedro Pacheco arquitectos, José Aguiar [2019]. Fortaleza de Juromenha - Projeto de consolidação e restauro dos paramentos do perímetro abaluartado exterior e cerca islâmica e medieval interior, p.13 ;

Fig. 9 - *Fortaleza de Juromenha. Século XXI.*
Fonte: Pelo autor [2022]. Adapatdo de: Pedro Pacheco arquitectos , José Aguiar [2019]. Fortaleza de Juromenha - Projeto de consolidação e restauro dos paramentos do perímetro abaluartado exterior e cerca islâmica e medieval interior, p.13 ;

Índice e crédito de figuras

IV. Referências

Fig. 10 - *Fotografia do único sino presente na Torre Sineira, 2022.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 11 - *Fotografia do resultado final da produção de blocos em Taipa, Formação da Ordem dos Arquitetos, 2019.*
Fonte: Pelo autor [2019];

Fig. 12 - *Vista aérea da envolvente da Fortaleza de Juromenha, 2022.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 13 - *Vistas aéreas das Ruínas Romanas de Can Tacó, Montornès del Vallès, Espanha, 2012.*
Fonte: Sabem.com i Aeroproduccions, Aitor Estévez [2012]. Disponível em: <httpswww.archdaily.com.brbr01-119973adaptacao-das-ruinas-romanas-de-can-taco-slash-toni-girones>

Fig. 14 - *As Ruínas Romanas de Can Tacó, Montornès del Vallès, Espanha, 2012.*
Fonte: Sabem.com i Aeroproduccions, Aitor Estévez [2012]. Disponível em: <httpswww.archdaily.com.brbr01-119973adaptacao-das-ruinas-romanas-de-can-taco-slash-toni-girones>

Fig. 15 - *Vista do Parque Arqueológico de los restos de la antigua IESSO romana S. I A.C.*
Fonte: Toni Gironès [2011]. Disponível em: <https://www.spanish-architects.com/es/estudi-darquitectura-toni-girones-barcelona/project/archaeological-park-of-the-remains-of-ancient-roman-iesso-s-i-ac>

Fig. 16- *Vista aérea do Parque Arqueológico de los restos de la antigua IESSO romana S. I A.C.*
Fonte: Desdedalt [2011]. Disponível em: <https://www.spanish-architects.com/es/estudi-darquitectura-toni-girones-barcelona/project/archaeological-park-of-the-remains-of-ancient-roman-iesso-s-i-ac>

Fig. 17- *Vista do Parque Arqueológico de los restos de la antigua IESSO romana S. I A.C.*
Fonte: Toni Gironès [2011]. Disponível em: <https://www.spanish-architects.com/es/estudi-darquitectura-toni-girones-barcelona/project/archaeological-park-of-the-remains-of-ancient-roman-iesso-s-i-ac>

Fig. 18 - *Vista aérea da envolvente do Tempo de Diana, Mérida, Espanha, 2011.*
Fonte: José María Sánchez García [2011]. Adecuación del entorno del templo romano de Diana Refurbishment of roman Diana temple. Disponível em: <http://www.jmsg.es/ROMAN-TEMPLE-OF-DIANA>

Fig. 19 - *A envolvente do Tempo de Diana, Mérida, Espanha, 2022.*
Fonte: Tiago Neves [2022];

Fig. 20 - *A envolvente do Tempo de Diana, Mérida, Espanha, 2019.*

Fonte: Pelo autor [2019];

Fig. 21 - *A envolvente do Tempo de Diana, Mérida, Espanha, 2019.*
Fonte: Pelo autor [2019];

Fig. 22- *Vista aérea do Colmeal Countryside Hotel, Figueira de Castelo Rodrigo, Portugal.*
Fonte: Aldeias Históricas de Portugal [n.d.]. Disponivél em: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/fr/local/colmeal-countryside-hotel/>

Fig. 23- *Ruínas presentes no Colmeal Countryside Hotel, Figueira de Castelo Rodrigo, Portugal.*
Fonte: Aldeias Históricas de Portugal [n.d.]. Disponivél em: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/fr/local/colmeal-countryside-hotel/>

Fig. 24- *Vista do Colmeal Countryside Hotel, Figueira de Castelo Rodrigo, Portugal.*
Fonte: All About Portugal [n.d.]. Colmeal CountrySide Hotel. Disponivél em: <https://www.allaboutportugal.pt/en/figueira-de-castelo-rodrigo/hotels/colmeal-countryside-hotel>

Fig. 25- *Os espaços interiores do Colmeal Countryside Hotel, Figueira de Castelo Rodrigo, Portugal.*
Fonte: All About Portugal [n.d.]. Colmeal CountrySide Hotel. Disponivél em: <https://www.allaboutportugal.pt/en/figueira-de-castelo-rodrigo/hotels/colmeal-countryside-hotel>

Fig. 26- *A construção do Colmeal Countryside Hotel, Figueira de Castelo Rodrigo, Portugal.*
Fonte: Pedro Brígida Arquitectos [2014]. Colmeal CountrySide Hotel. Disponivél em: <https://www.amorimcorkinsulation.com/projectos/Colmeal-Countryside-Hotel/337/>

V. O Lugar

Fig. 27 - *Rotas TransAlentejo Transfronteiriças.*
Fonte: Pelo autor [2022]. Adapatdo de: Portugal Walking Festival. Disponivél em: <http://www.portugalwalkingfestival.com/transalentejo2022/transalentejo2022_passeios_pedestres.shtml>

Fig. 28 - *Vista aérea da ponte da Ajuda ,junto à Fortaleza de Juromenha, 2022.*
Fonte: Pelo autor [2022];

VI. Proposta

Fig. 29 - *Vista aérea da ponte da Ajuda ,junto à Fortaleza de Juromenha, 2022.*

Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 30 - *Vista aérea da Vila de Juromenha, 2022.*
Fonte: Pelo autor [2022].

Fig. 31 - *Fotografia da Fortaleza de Juromenha, 2019.*
Fonte: Pelo autor [2019].

Fig. 32 - *Vista da zona de intervenção no interior da muralha, 2019.*
Fonte: Pelo autor [2019].

Fig. 33 - *As muralhas da Fortaleza de Juromenha, 2019.*
Fonte: Pelo autor [2019].

Fig. 34 - *Fotografia do interior de uma das salas de vigia, 2019.*
Fonte: Pelo autor [2019].

Fig. 35 - *Fotografias da Igreja da Misericórdia e da Capela São Francisco de Assis, 2019.*
Fonte: Pelo autor [2019].

Fig. 36 - *Vista exterior do Quartel de Veteranos, 2019.*
Fonte: Pelo autor [2019].

Fig. 37 - *Vista exterior da Cadeia Comarcã e Casa do Guarda, 2019.*
Fonte: Pelo autor [2019].

Fig. 38 - *Antigas Latrinas, 2019.*
Fonte: Pelo autor [2019].

Fig. 39 - *Vista da antiga Praça do Pelourinho e da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019.*
Fonte: Pelo autor [2019].

Fig. 40 - *Fotografias da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019.*
Fonte: Pelo autor [2019].

Fig. 41 - *Fotografias dos Armazéns de aparelhos de guerra e de pólvora, 2019.*
Fonte: Pelo autor [2019].

Fig. 42 - *Mapa da proposta urbana da envolvente da Fortaleza de Juromenha.*
Fonte: Pelo autor [2022].

Fig. 43 - *Mapa rota pedestre proposta entre a Juromenha e a Ponte da Ajuda, Escala 1- 40000.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Índice e crédito de figuras

Fig. 44 - *Planta de identificação dos componentes da fortaleza, Escala 1-2000.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 45 - *Organograma Funcional - Extramuros Cerca Medieval.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 46 - *Organograma Funcional - Intramuros Cerca Medieval.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 47 - *Corte construtivo da reabilitação do antigo armazém de aparelhos de guerra, Escala 1-50.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 48 - *Planta da reabilitação do antigo armazém de aparelhos de guerra, Escala 1-20.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 49 - *Planta à cota 200, Escala 1-1500.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 50 - *Planta à cota 202, Escala 1-1500.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 51 - *Planta à cota 211, Escala 1-1500.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 52 - *Planta à cota 213.5, Escala 1-1500.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 53 - *Planta à cota 216.5, Escala 1-1500.*
Fonte: Pelo autor [2022];

Fig. 54 - *Planta de Cobertura, Escala 1-1500.*
Fonte: Pelo autor [2022];

I

Introdução

02

I. Introdução

Tema

"Assombrando" desde sempre o trabalho dos arquitetos, que sonham com a permanência eterna das suas obras – como se congelassem no tempo, sem sofrer qualquer alteração –, a degradação dos edifícios é resultado do seu desgaste, associado à continuidade do tempo. Se durante vários séculos esta era apenas uma questão de durabilidade do edificado, com uma perspetiva meramente funcional, a alteração para uma sociedade mais atenta ao significado das coisas, à valorização dos exemplos do passado, à consciência da escassez de recursos e do nosso papel para com o ambiente, levou a que esta questão ganhasse uma nova dimensão, e que surgissem novos conceitos como os de identidade, património, reabilitação e reversibilidade (Hollis, 2010).

Mais do que compreender que, os projetos de arquitetura, assim como tudo o que é projetado, apresentam no tempo uma certa durabilidade, e consequentemente, um fim – ainda que longínquo –, o importante é desenvolver uma cultura de cuidado das coisas. Isto é, apondo-nos aos aos objetos, edifícios, e demais, com um tal significado, eles passam a reclamar a nossa atenção sobre eles, e passamos a ser agentes atuantes, promotores da sua permanência.

Já ultrapassada a sua função original, e dispersos pela paisagem do nosso país – onde a zona do Alentejo assume uma grande preponderância –, carregando-a de valor simbólico e histórico, os dispositivos de defesa nacional, reconhecidos como património arquitetónico militar, estabelecem um espólio material de valor cultural nacional (Noé, 2015).

Contudo, ao contrário de algumas fortificações em ruína situadas em locais estratégicos e que foram alvo de recuperações, permitindo que voltassem a fazer parte da arquitetura do país, de um modo geral, a maioria das fortificações da Raia Alentejana foram deixadas ao abandono, resultado da perda de importância destes antigos pontos estratégicos, e de um êxodo crescente da população, para os grandes centros urbanos (Fitas, 2007).

I. Introdução
Tema

É no alto Alentejo que, onde o rio Guadiana estabelece a fronteira entre as margens portuguesa e espanhola, sobre um outeiro escarpado, está assente um dos mais belos exemplos destas fortificações nacionais: a fortaleza moderna e as muralhas medievais de Juromenha. Com estratos distintos da história sobrepostos e visíveis a olho nu, as ruínas desta peça única erguida por visigodos, romanos, mouros e cristãos, constitui um valiosíssimo palimpsesto (Aguiar, 2019).

É neste sentido que, enquadrado na disciplina de Laboratório de Projeto VI (2019/2020), surge a hipótese de trabalhar a fortaleza de Juromenha, como tema e lugar do presente Projeto Final de Mestrado.

Assim, confrontado com a oportunidade que surge do projeto de restauro de que a fortaleza da Juromenha está a ser alvo, o principal objetivo deste trabalho consiste na formulação de uma proposta de reabilitação da cidadela – intramuralhas – da fortaleza, visando amplificar os seus níveis de compreensão, garantir a sua fruição pública – recuperando uma presença ativa no quotidiano da população local, e afirmando-se como património visitável nacional - e potenciar esta região. Como tal, são ainda identificados como objetivos secundários, as seguintes premissas:

- análise e compreensão do valor dos edifícios preexistentes;

- redefinição da antiga "Praça de Juromenha" como um novo espaço comum, e introdução de programas de carácter público, para permitir o acesso universal a este património;

- reformulação de antigos caminhos e vias de acesso à fortaleza, pela sua encosta, e delineação de itinerários de passeio, garantindo novas formas de acesso à muralha, e atividades de recreio e lazer;

- conversão do uso original da fortaleza, com a adaptação a um equipamento de Turismo Cultural Rural – como estabelecido no âmbito do programa REVIVE –, na procura pela dinamização da região, e pelo melhoramento de condições de estadia para os habitantes locais e os seus visitantes;

- organização e articulação funcional das preexistências consoante o seu valor, localização e escalas;

- exploração da paisagem e atmosferas locais, através da criação de sistemas de vistas em espaços intersticiais, postos de observação, ou do enquadramento de vãos com a paisagem;

- procura por uma linguagem formal discreta, em harmonia com a ruína e a sua envolvente, garantindo o equilíbrio da intervenção com o local e com a natureza;

I. Introdução
Objetivos

- distinção ao nível técnico e tectónico entre os corpos preexistentes reabilitados, e a nova arquitetura, assinalando de forma visível, o tempo das construções;

- enaltecimento e exploração de técnicas e materiais reversíveis e sustentáveis, procurando um compromisso com a autenticidade da arqueologia, e com o meio ambiente ameaçado.

A realização deste projeto final de mestrado foi constituída por duas fases distintas de trabalho: uma primeira em grupo, de cariz maioritariamente de investigação, e uma segunda individual, dividida entre investigação e a aplicação prática.

Sendo o tema desta proposta, derivado do tema de turma de quinto ano de 2019/2020 (MIARQ5B), apresentado pelos professores José Aguiar e Pedro Pacheco, a primeira fase de trabalho correspondeu a uma fase de recolha, análise e partilha de dados sobre o objeto de estudo: a fortaleza de Juromenha. Divididos por quatro grupos, a recolha foi elaborada com base em quatro focos distintos: um primeiro sobre a história, a iconografia e a bibliografia conhecidas da fortaleza; um segundo sobre desenho, onde foi feita uma recolha e elaboração de peças desenhadas da mesma; um terceiro sobre a geografia, a topografia e a hidrografia, onde se procurou compreender a constituição do território a abordar, e por fim um último sobre a materialidade, onde se estudou os materiais identificados como ali presentes. Partilhadas as informações obtidas entre todos, foi elaborado um caderno de turma como compêndio final, servindo de base aos trabalhos individuais que se prosseguiram.

Na fase individual de trabalho, que se traduziu neste documento, com o tema "Reviver Juromenha: Proposta de Reabilitação da Cidadela de Juromenha", podemos distinguir também três momentos distintos.

Um primeiro momento que, de índole investigacional, procurou acrescentar à informação já recolhida em turma, uma pesquisa essencialmente qualitativa das temáticas que neste trabalho se pretenderam valorizar: o património militar; a memória e identidade; a vilegiatura e o percurso, e a reversibilidade. Nesse sentido, foram utilizados como procedimentos de pesquisa abordagens do tipo bibliográfica, documental e de casos de referência, através da aquisição de certas obras, paralelamente à consulta em arquivos e bibliotecas, das restantes.

Também foram realizadas consultas em plataformas em rede – principalmente no caso da investigação documental –, e em periódicos ou revistas de arquitetura – substancialmente na análise dos casos de referência. Para garantir a fiabilidade da informação recolhida, procurou-se que esta fosse levantada em duplicado, de fontes diferentes, permitindo o cruzamento dos dados e uma seleção crítica dos mesmos.

O segundo momento, por sua vez, correspondeu ao período em que, a partir das recolhas realizadas – procurando explorar de forma prática os conceitos anteriormente investigados –, se formulou e concebeu tanto o projeto, como a escrita do corpo deste documento. Ao longo deste processo criativo e de exploração, foram identificados outros subtemas ou informações complementares consideradas úteis ao trabalho, que levaram à realização de uma nova investigação complementar, e novo tratamento dos dados.

Por fim, o terceiro momento, relacionado com o processo de apresentação do trabalho desenvolvido, reflete-se no período de finalização do documento escrito, compreendendo pequenos acertos, correções linguísticas, complementação de peças desenhadas, ou introdução de figuras e citações, bem como a estruturação e elaboração dos painéis e elementos a apresentar, que abordando diversas escalas, são entendidos como os necessários para a explicação do projeto, da forma mais direta e clara possível.

Escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico português, e segundo a Norma Portuguesa de documentação e informação NP 405, o presente documento está dividido em sete capítulos e apresenta um total de 11173 palavras. Com exceção do primeiro e do último capítulo, a Introdução e as Considerações Finais, respetivamente, todos os restantes estão, por sua vez, divididos em três subcapítulos cada.

Apesar de não formalmente estabelecida, pode-se fazer uma compreensão do documento segundo dois momentos ou partes distintas:

*Uma primeira, de cariz mais informativo e teórico, composta pelos capítulos 2, 3 e 4, consiste na exploração dos temas que foram selecionados como relevantes, ao abordar este trabalho – enquadramento temático. No capítulo "**2. Herança**", tal como sugere o nome, explana-se sobre aquilo que herdamos do património que a fortaleza de Juromenha constitui. No "**3. Consciência**", trata-se dos temas que decorrem do primeiro, quando a eles nos apomos, e lhes conferimos valor – resulta de uma tomada de consciência, como o título procura sugerir. Por fim, o capítulo "**4. Referências**", aborda os arquitetos e as obras que, tendo em conta os temas tratados, serviram de referência à elaboração da componente de projeto.*

*Uma segunda, de cariz mais prático, composta pelos capítulos 5 e 6, corresponde à explanação do projeto elaborado. Intitulado como "**5. Lugar**", é nele onde são apresentadas as análises feitas ao território e itenerários, que conferem valor à região, à caracterização da vila e da sua população e ao estado e valor do património reabilitado. No capítulo "**6. Proposta**", é exposto e explicado o programa e conceitos selecionados, bem como toda a conceção formal, espacial e material, a eles associado.*

*No último capítulo "**7. Considerações Finais**", é apresentada uma pequena reflexão sobre o processo de elaboração da proposta e os principais*

desafios da mesma, e feita uma avaliação sobre a concretização ou não concretização dos objetivos propostos.

Por fim, inclui-se ainda um conjunto de anexos – de cariz substancialmente documental ou fotográfico – que, considerados complementares, procuram ajudar na compreensão do trabalho.

Relativamente à disposição da informação por página, o documento apresenta uma mancha gráfica maioritariamente constante, reservando sempre uma margem maior na zona superior que, juntamente com os títulos e a numeração de página, estabelecem uma linha estruturante, que remete para a linha de horizonte que tanto caracteriza o ambiente alentejano. Por sua vez, numa coluna estreita junto às margens exteriores do documento, são dispostas as notas de rodapé com informação complementar ao corpo do documento.

II

Herança



Fig. 1 - Vista aérea da Fortaleza de Juromenha, 2022.

II. Herança
Arquitetura militar e Alentejo

O homem transporta desde a gruta até hoje, a ideia de um espaço onde, em grupos de maior ou menor intimidade, se pode ativar, proteger e educar. Esse espaço construído, diferente do espaço exterior, e que hoje conhecemos como casa, escola, escritório, entre outros, foi durante tempos – com maior incidência durante processo de Reconquista Cristã [1], na Idade Média - representado também por outras construções, às quais hoje designamos de "arquitetura militar portuguesa".

Construções de carácter defensivo, das quais vários exemplos chegaram – em melhor ou pior estado de conservação – aos nossos dias, marcam e caracterizam muitas das atuais paisagens urbanas e rurais portuguesas, conferindo-lhes valor histórico e simbólico.
Também designadas por fortificações, são consideradas num sentido amplo, como sustenta António Lopes Pires Nunes, englobando não só as estruturas edificadas – castelos, fortes e fortalezas -, como também as técnicas e armadilhas defensivas a elas associadas [2] (Noé, 2015).

[1] Designado como Reconquista Cristã, corresponde ao processo no qual, os reinos cristãos da península ibérica, procuraram dominar esta região durante o período de ocupação árabe, entre o início do século VIII e finais do século XV (ou finais do século XIII, se apenas nos referimos a Portugal). É a partir desta progressiva ocupação cristã da península ibérica, que são fundados os novos reinos de Portugal e de Castela (Fitas, 2007; Wikipédia, 2022).

[2] Nas palavras do autor: "o conjunto de edifícios, estruturas, trabalhos e obras de defesa militar numa vasta área, numa determinada região ou num local, englobando não só as atalaias, castelos, fortes e fortalezas, como ainda as obras de valorização do terreno para fins defensivos, como as armadilhas, covas de lobo, paliçadas, fossos, remoça de terras e outras (Nunes, 2006, p.119).

II. Herança
Arquitetura militar e Alentejo

Uma vez que a principal função destes dispositivos era a defesa do Reino [3], os primeiros Castelos em Portugal surgem em locais elevados e de difícil acesso – geralmente em zonas de afloramentos rochosos –, para tirar partido das condições naturais do terreno. Com pequenas dimensões e de planta irregular – associada à orografia do terreno -, geralmente alongada ou circular, eram compostos por muralhas espessas, altas e coroadas pelo seu interior com adarve [4], protegido por um parapeito simples ou ameado, e cujo o acesso era feito através de escadas rasgadas na espessura da muralha.

Com a introdução de elementos góticos a partir do século XIII, estes passam a desempenhar um papel de "defesa ativa", ganhando a capacidade não só de resistir às investidas inimigas, como também de contra-atacar os sitiantes, através de processos e soluções inovadoras. Desta forma, e já libertos de condicionantes toponímicas, as fortificações começam a surgir em locais mais planos e a apresentar plantas mais regulares e geometrizadas.

Posteriormente, com a introdução e generalização da pólvora nas armas de fogo a partir de meados do século XV, as estruturas de fortificação medievais revelam-se ineficazes, o que levou à introdução de novos elementos defensivos: os baluartes e as guaritas [5]. Designados por fortificações modernas, são explorados vários tipos de planimetrias, com forte inspiração na escola de fortificação italiana (Noé, 2015).

---

[3] *Dado que o feudalismo apresentava na Península Ibérica características distintas das do resto da Europa, as fortificações em Portugal pertenciam ao rei e não a senhores feudais, pelo que estes dispositivos tinham então como finalidade a defesa do Reino, a proteção das populações próximas, em períodos de perigo, ou servir de base a guarnições de soldados (Noé, 2015).*

[4] *Termo árabe para o também designado de Caminho de Ronda. Remete para o percurso no topo dos muros de uma muralha, no qual as sentinelas efetuavam a "ronda", ou por onde se distribuíam os defensores em tempos de guerra (Nunes, 2006).*

[5] *Em Portugal, a estrutura abaluartada predominante é a de baluartes maciços – pela inexistência de condicionantes geológicas do solo – de geometria pentagonal, por ser a forma que melhor elimina os ângulos mortos da defesa, e de melhor "varrimento" ofensivo pela artilharia pesada. As guaritas, dispostas nos ângulos flanqueados, sobre as portas ou outras zonas mais vulneráveis, permitem a melhor defesa dos mesmos, através da abertura de frestas, designadas por seteiras (Noé, 2015).*

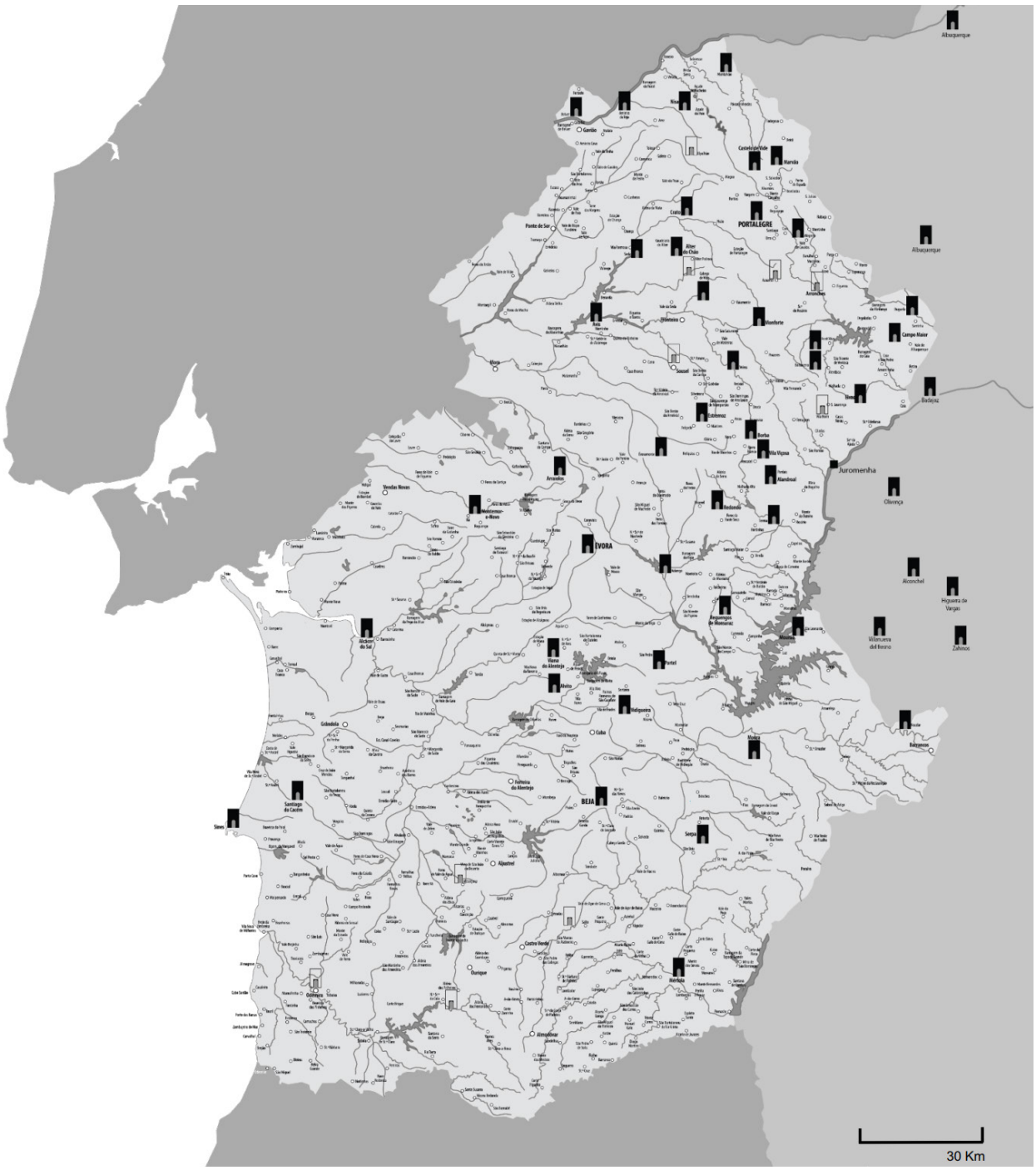


Fig. 2 - As Fortalezas Alentejanas e da Extremadura, Alandroal, Évora, Portugal. - *Ruínas* - *Castelo/Fortaleza/Atalaia*

II. Herança
Arquitetura militar e Alentejo

Construídos de norte a sul do nosso país, acompanhando o processo da Reconquista [6], são dispostos ao longo da costa ou em zonas de fronteira, locais onde as condições geográficas – como a orientação e natureza do terreno, ou a proximidade a cursos de água – favoreciam a entrada de forças inimigas (Noé, 2015).

Assim, dado o carácter naturalmente transponível [7] da fronteira do Alto Alentejo, este revela-se um palco privilegiado de guerra, tanto numa primeira fase contra os Mouros, como posteriormente, frente ao reino de Castela. É desta forma que, centralizado por Elvas, se organiza, desde a Idade Média, todo um sistema de vilas fortificadas nesta região – Campo Maior e Ouguela a norte, Juromenha e Olivença a sul, e Monsaraz e Mourão mais distantes –, aos quais se associavam povoamentos dispersos, mais ou menos abundantes, consoante a instabilidade [8] vivida.

Com o assinar do tratado de Alcanizes em 1297, estabeleceu-se um período longo de paz entre Portugal e Espanha, que se refletiu na fase de maior crescimento desta região, e que só viria a ser interrompido já durante o século XVII, pelas três décadas da guerra da Restauração (1640-1668). Para além deste período, a fronteira alentejana manteve também um papel militar importante, durante as campanhas da Guerra dos Trinta Anos, da Guerra da Sucessão Espanhola, e do período das Invasões Napoleónicas, que levaram à única alteração territorial desde o referenciado tratado – a anexação da vila e praça de Olivença ao desígnio Espanhol, após a Guerra das Laranjas em 1801 (Mattoso, 2010).

---

[6] O processo da Reconquista dá-se de norte para sul da Península Ibérica, uma vez que fora a norte a única zona que os Muçulmanos não tinham conseguido ocupar, e onde resistiam, portanto, muitos refugiados cristãos (Wikipédia, 2022).

[7] Num território onde a ausência de qualquer acidente que perturbe a leitura da unidade, que caracteriza a paisagem entre Elvas e Badajoz, confere a esta região uma grande vulnerabilidade para conter as inevitáveis invasões (Mattoso, 2010).

[8] Apesar desta região a sul do Tejo nunca ter ficado despovoada, era notória a devastação causada pelas incursões, tanto de um lado, como do outro, e onde o controlo político dificilmente passava das praças forte. A própria designação pela qual este território passaria a vir a ser conhecido – Alentejo –, é resultado do conceito que se instalou, o "Ultra Tagum" (em latim, que traduzido designava "além do Tejo"), para designar toda essa vasta área que se estendia a sul do Tejo, pelo olhar da população, que em paz, se estabelecera em Lisboa e Santarém (Mattoso, 2010).



Fig. 3 - Vista aérea da Fortaleza de Juromenha, 2022.

II. Herança
Fortaleza e Juromenha

É no Alto Alentejo, em plena Raia Alentejana que, na margem sobranceira portuguesa do rio Guadiana, se situa uma das principais estruturas militares com um papel relevante na história da fundação do nosso país: a fortaleza de Juromenha.

Lugar de exceção e de longa duração, ocupado por diversos povos ao longo do tempo [9], apresenta uma história que remonta à antiguidade clássica, mas cuja anexação definitiva ao território português apenas se deu em 1242. Chega aos dias de hoje como um palimpsesto riquíssimo – com zonas que registam mais de um milénio de existência –, com extratos visíveis a olho nu, das suas diferentes épocas (Aguiar, 2019).

"Julumaniya" ou "Al-Julumaniya", designações árabes atribuídas à sua ocupação deste lugar, derivam muito provavelmente do antigo nome Romano de um conjunto fortificado de imponentes muralhas, que se terá estabelecido algures naquela região: "Julli-moenia" ou "Juris Moenia", cuja tradução significa algures naquela região: "Julli-oenia" ou "Juris Moenia", cuja tradução significa muralhas de Júlio ou jurisdição de Júlio, respetivamente (Brilhante, 2015).

[9] *Como comprovado por estudos arqueológicos, por ali se estabeleceram Romanos, Visigodos, Muçulmanos e Cristãos. (Aguiar, 2019)*

II. Herança
Fortaleza e Juromenha

Com poucos registos [10] desta ocupação árabe entre os séculos VIII e X, as primeiras referências a Juromenha e ao seu castelo remetem para o ano de 874 ou 875 onde, pertencentes ao seu senhor Makhûlibn Umar, apresentam um papel importante nas revoltas Muladis [11]. Posteriormente, o território de Juromenha passa a integrar os domínios da dinastia BanuMarwân, e a ser associada a Badajoz (Aguiar, 2019).

Já no século X, quando Badajoz fica sob o domínio de Abd al Rahmân [12], Juromenha é distinguida como a sua guarda-avançada. Em 1145, Badajoz – e consequentemente Juromenha – volta a ser conquistada, e ficam ambas submissas a Abû Muhammad SidrayibnWazîr até que, em 1167, pela primeira vez, Juromenha é anexada às propriedades do reino português por D. Afonso Henriques. Em 1170, a praça forte de Juromenha assume um papel importante na tentativa de tomada de Badajoz por parte de Geraldo, o "sem pavor", a encargo do rei, mas esta viria a revelar-se um total fracasso e ditaria a nova conquista de Juromenha pelos mouros.

Com o apoio de D. Paio Peres Correia, é definitivamente acrescentada ao reino português em 1242, e já consolidada em território nacional, Juromenha recebe foral de D. Dinis em 1312 [13], dando-se a reconstrução total do castelo. No ano de 1509, D. Manuel I encarrega o seu escudeiro, Duarte de Armas, de fazer o levantamento [14] das fortalezas do reino que constituíam a primeira linha defensiva frente a Espanha, surgindo assim as primeiras representações das muralhas de Juromenha [15] (Aguiar, 2019; Fitas, 2007).



Fig. 4 - Juromenha. Gravura, 1509-1510.
Fig. 5 - Cronograma da história de Juromenha e contexto nacional. (apresentada do lado direito)

---

[10] Ainda que estudos arqueológicos permitam a identificação da presença desta estrutura durante o Emirado de Córdova, entre os séculos VIII e X (Brilhante, 2015).

[11] Numa sociedade multiétnica que caracterizava a ocupação árabe da península ibérica (Al-Andalus, como era conhecida na altura), às comunidades de cristãos que se convertiam ao islão, ou àquelas que provinham de casamentos mistos (entre cristãos e muçulmanos), eram designadas de Muladis. Descontentes pelo tratamento que muitas vezes recebiam como muçulmanos de "segunda categoria", resultaram tensões que deram origem a várias revoltas (Wikipédia, 2022).

[12] Primeiro Califa de Córdova (Fitas, 2007).

[13] Uma vez que esta zona se encontrava praticamente desabitada, D. Dinis concede-lhe carta foral com enormes privilégios, a título de incentivo do seu povoamento (Aguiar, 2019).

[14] Acompanhado por um criado, Duarte de Armas fez o registo de inúmeros esboços das fortalezas nacionais, com pelo menos duas vistas panorâmicas e a respetiva planta de cada fortaleza (Fitas, 2015).

[15] Uma cintura única de muralhas, de planta irregular, acompanhada por adarve e coroada de merlões, acentuada por catorze cubelos de base quadrangular e retangular, e dois poligonais, ameiados (Aguiar, 2019).

O País		A Juromenha
As legiões romanas chegam à Península	193 a.c	
Olissipo (atual Lisboa) torna-se município romano	27	
Os visigodos entram na Península Ibérica	415	
Invasão muçulmana na Península Ibérica (Batalha de Guadalete)	711	
	850-99	Primeira referência a Juromenha e ao seu castelo
	930	Submissão de Badajoz e, consequentemente, da Juromenha a Abd al Rahmân III
Nascimento de D. Afonso Henriques	1109	
Batalha de Ourique (D. Afonso é proclamado rei)	1139	
Tratado de Zamora	1143	
	1145	Abû Muhammad SidrayibnWazir conquista Badajoz com Juromenha incluída
	1167	Conquista de Juromenha por D. Afonso Henriques
	1191	Cai novamente no domínio do Califa Almôadalaçube Almansor
Morte de D. Sancho I, sucede o filho Afonso II (criação das primeiras corte)	1211	
	1229	Conquista de Elvas e Juromenha
	1242	Reconquista definitivo de Juromenha no reinado de D. Sancho II, por D. Paio Peres Correia
Conquista do Algarve (a guerra continua no mar)	1244	
Tratado de Alcanizes	1297	
	1312	D. Dinis incrementa o povoamento do castelo medieval. A vila passa a contar com muralhas de taipa revestidas em cantaria de granito e ardósia, às quais se adossavam 16 torres, dominadas por uma imponente torre
Epidemia da Peste Negra	1348-49	
Primeira Guerra com Castela	1369	
Tratado de Windsor com Inglaterra	1386	
Tratado de paz com Castela	1411	
	1509-10	Desenho da Fortaleza por parte de Duarte de Armas. O Castelo é apresentado com uma única cintura de muralhas de planta poligonal irregular, percorrida por adarve e coroada de merlões. A torre de Menagem, retangular, saliente a Este, a porta principal em arco pleno a nordeste, e no interior do recinto muralhado, a igreja de planta longitudinal simples.
Colonização do Brasil	1532	
Portugal perde independência para Espanha	1580	
	1644	Início da construção dos baluartes com o projeto da autoria de Cosmander. No entanto, este revelou-se inadequado.

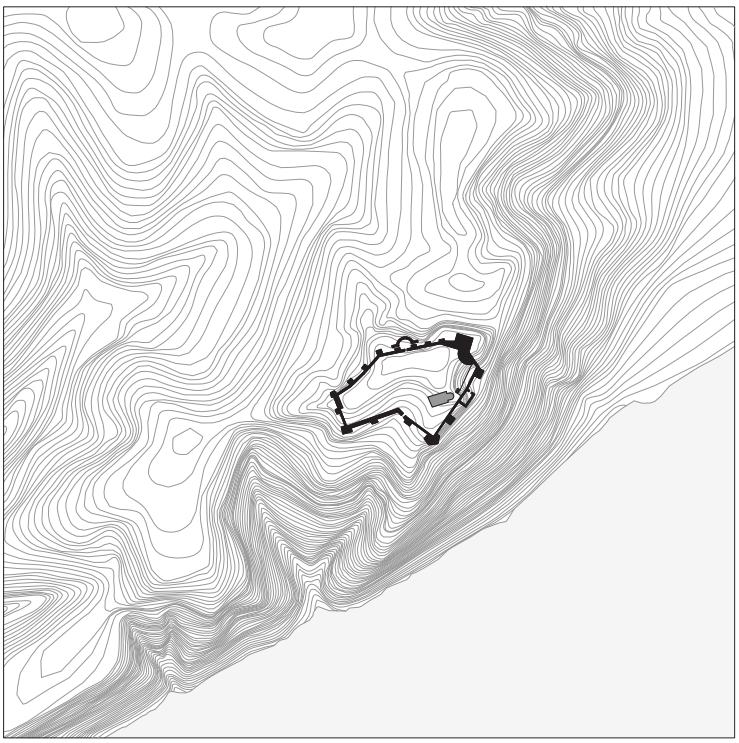


Fig. 6 - Muralha Medieval. Século XVI, segundo Duarte de Armas, 1509.



Fig. 7 - Fortaleza de Juromenha. Século XVII, segundo Nicolau de Langres, 1657.

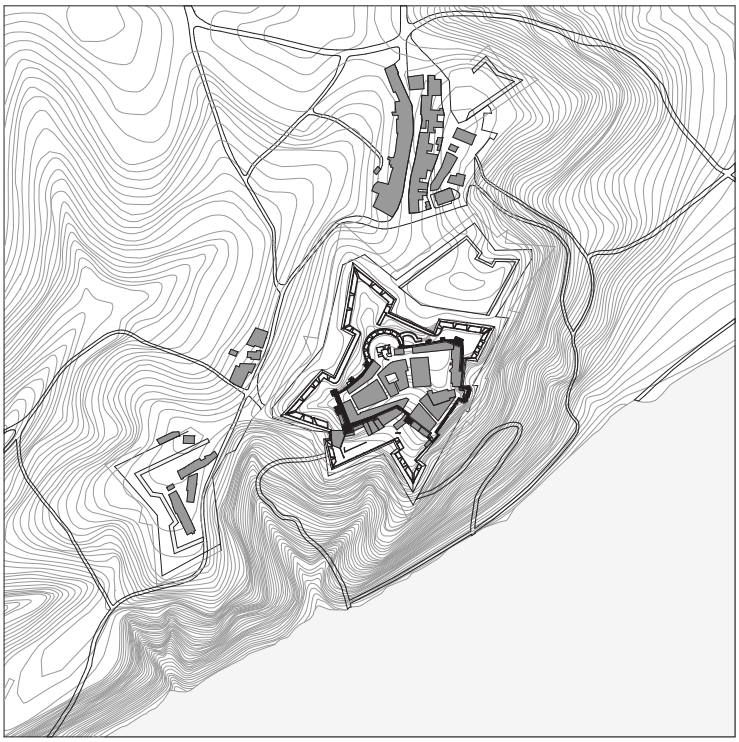


Fig. 8 - Fortaleza de Juromenha. Século XIX, segundo M.J. Brandão de Sousa.



Fig. 9 - Fortaleza de Juromenha. Século XXI.

O País		A Juromenha
	1644-58	Terceiro projeto para o Castelo da Juromenha, da autoria de Nicolau de Langres. Grandes obras de adaptação do castelo a uma fortaleza para uso da artilharia durante a Guerra da Restauração.
	1659	Grande explosão do paiol que destruiu a maior parte da fortaleza.
	1662	Tomada da praça pelo exército de D. João de Áustria, com a importante ajuda das informações de Nicolau de Langres, projetista da fortaleza que entretanto estava ao serviço de Espanha como sargento.
Guerra da Restauração	1663-65	
Fim da Guerra da Restauração, com a assinatura de um tratado de paz em Lisboa entre Portugal e Espanha	1668	Regressou à coroa Portuguesa
Terramoto de 1755 em Lisboa (Início da reconstrução da Baixa Lisboeta)	1755	A fortaleza foi muito afetada com o terramoto - primeiramente a fortificação seiscentista. Foram feitas obras de retificação.
	1801	Tomada pelo exército de D. Manuel Godoy durante a Guerra Peninsular .
Primeira invasão francesa	1807	
	1808	Foi tomada pelas forças luso-espanholas
Terceira invasão francesa - Batalha do Buçaco e das Linhas de Torres que são decisivas na vitória contra os franceses	1810	
Revolução Liberal no Porto. Instauração do regime constitucional-liberal	1820	
Início da guerra civil que se prolongrá por dois anos	1832	
Abolição da escravatura em todos os territórios portugueses	1869	
5 de Outubro - Implantação da Républica Portuguesa	1910	
	1920	Completo despovoamento da fortaleza que passou para os arrabaldes de São Lázaro e Santo António.
Crise económica e financeira mundial	1921-31	
Início do novo regime - Estado Novo	1933	
	1950	Início de extensas obras de consolidação e reparo por ordem da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
	1957	Conjunto da Fortaleza de Juromenha classificado como imóvel de interesse público
Guerra Colonial	1959	
Portugal e Espanha entram na União Europeia	1986	
	1988	Continuação das obras de Recuperação da Fortaleza (Consolidação de um dos troços com necessidade de recuperação)
	2017	Governo recomenda a inclusão da Fortaleza de Juromenha na lista de imóveis do Programa REVIVE
	2018	Colapso de uma das torres do castelo

Entre 1644 e 1658 a muralha do castelo é alvo de várias propostas [16] de projeto de adaptação a uma fortaleza moderna, para a integração de artilharia durante a Guerra da Restauração. Das várias propostas apresentadas, seria a da autoria do arquiteto Francês Nicolau de Langres que seria selecionada [17], dando-se a conclusão das obras em 1660.

Em 1659 há referências a uma explosão do paiol de pólvora, que deixaria bastante danificada a estrutura da muralha – inclusive crê-se que terá sido responsável pela destruição da antiga torre de menagem [18] . Por sua vez, o terramoto de 1755 trouxe ainda mais danos à fortaleza, sobretudo aos paramentos modernos, introduzidos no século XVII (Brilhante, 2015).

Alvo da peste bubónica no início do século XX, que afetou numerosamente a sua população, Juromenha não resistiu ao despovoamento intramuros, e a população passa a estabelecer-se nos arrabaldes de São Lázaro e Santo António – exteriores à fortaleza. Provocado pelo seu abandono, acelerava-se assim o processo de degradação da fortaleza, levando-a ao estado de ruína.

É neste contexto que a partir dos anos 50 a DGEMN [19] inicia um processo de restauro da fortaleza, dividido por várias campanhas, com o objetivo de salvaguardar este imóvel de interesse público [20]. Em 2017 a obra é integrada no projeto REVIVE, com o objetivo de, através da implementação de um projeto privado, proceder à reabilitação desta peça única, tendo por base um programa hoteleiro (Aguiar, 2019).

Fig. 5 - Cronograma da história de Juromenha e contexto nacional, apresentada do lado esquerdo.

[16] Para colmatar a ausência de especialistas em fortificações e engenheiros militares portugueses que se encontravam no Brasil, Portugal vê-se obrigado a recorrer a especialistas estrangeiros, para as propostas de reabilitação da fortaleza (Brilhante, 2015).

[17] A planta do castelo medieval é mantida muito semelhante à desenhada por Duarte de Armas, onde apenas algumas torres do antigo castelo medieval desaparecem para dar lugar aos baluartes – as novas estruturas defensivas que se encontravam a ser aplicadas em Portugal desde o século XVI (Brilhante, 2015).

[18] Apesar de existirem descrições que remetem para a explosão do paiol de pólvora como o responsável pela destruição da torre de menagem, subsistem dúvidas atualmente relativas ao desaparecimento desta torre, uma vez que dois anos antes, um desenho representado por Nicolau de Langres, já apresentava a muralha com apenas dezasseis torreões (e não dezassete, como apresentados por Duarte de Armas), todos de dimensões relativamente similares (Brilhante, 2015).

[19] Acrónimo de Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, refere-se à entidade nacional responsável pela gestão da salvaguarda e valorização do património arquitetónico nacional.

[20] Classificação obtida no ano de 1957 (Aguiar, 2019).

A questão da degradação dos edifícios é um dos principais problemas que desde há muito "assombra" o trabalho dos arquitetos, que sonham com a permanência eterna [21] das suas obras – evitando que estas caiam no esquecimento –, no entanto, a mudança não só é uma realidade destes, como também uma necessidade – de forma a adequarem-se aos acontecimentos que neles ocorrem (Hollis, 2012).

Falar de esquecimento é, apesar de tudo, falar de memória [22], no entanto, estes dois conceitos surgem ao Homem como antagónicos. À claridade associada à memória, contrapõe-se a escuridão implícita do esquecimento. Referentes ambos ao passado, a memória é a nossa ferramenta mais capacitada para nos assegurar que algo tomou acontecimento (Ricouer, 1999).

Recordar algo, é ter ou procurar uma memória, no entanto, como explica Berghson, estas lembranças fazendo parte do passado, não se fazem presente sem se servirem de alguma perceção onde a lembrança se insere, isto é, para sermos capazes de recordar algo, é necessário que algum evento com o qual essa lembrança ficou associada na nossa memória, tenha ocorrência, de forma a despoletar essa transição entre o passado e o presente (Berghson, 1999).

O que torna compreensível o desejo, ainda que irrealista, da permanência eterna das obras arquitetónicas, para que estas funcionem como lembretes ou índices de recordação, combatendo assim o esquecimento.

---

[21] *Os arquitetos ambicionam que as suas obras honrem o seu génio e por isso, que estas durem para sempre, sem alterações (Hollis, 2012).*

[22] *Uma vez que para poder dizer que me esqueci, ou que não me lembro de algo, é necessário eu ter presente que essa memória já existiu (Ricouer, 1999).*

II. Herança
Memória e Identidade

Se a História mostra que no império do antigo Egipto não existia o reaproveitamento dos seus templos, pois estes mantinham-se ligados à memória do seu construtor, ou que na Grécia antiga, a demolição de edifícios monumentais ou comemorativos já era aceitável, porque o valor simbólico estava presente na sacralidade do local, e não no edifício em si, a indiferença relativa aos monumentos que perderam a utilidade e segurança é notória até ao início do século XV [23]. É então que, ao serem descobertas em Roma [24] um conjunto de ruínas de povos que, anteriormente ali se tinham estabelecido, com um sentimento de admiração e o afastamento necessário, existe uma interrupção no fluxo natural da continuidade do tempo. Os problemas e as inconveniências do passado recente, são substituídos por uma ideia nostálgica de um passado longínquo, perdido, mas carregado de valor e identidade [25] (Choay, 2014; Vaz, 2019).

Dá-se então a introdução de um novo conceito dentro da esfera erudita, o da "antiguidade", que motivou, nos séculos prosseguintes, várias viagens a Roma, por parte de humanistas de toda a europa, para descobrirem estas peças e se apropriarem deste novo conceito [26]. O que era considerado de "velho" e visto com indiferença, ascende a "antigo", ao ser-lhe reconhecido [27] e atribuído, justificadamente por alguém – individual ou coletivamente –, um valor identitário cultural (Choay, 2014; Leite, 2019).

Fig. 10 - Fotografia de o único sino presente na Torre Sineira, 2022.

---

[23] *Até ao século XV apenas alguns edifícios pagãos foram alvo de uma conservação deliberada, por ordem do clero. Os grandes edifícios da antiguidade, geralmente acabavam transformados em pedreiras (Vaz, 2019).*

[24] *Por Martinho V, no seu regresso à capital, decorria o ano de 1420 (Choay, 2014).*

[25] *É assim que, nos ciclos intelectuais, a estima pela evolução e pelo moderno, é substituída pela estima do antigo (Vaz, 2019).*

[26] *Com grande incidência nos séculos XVII e XVIII, estas viagens contribuíram para a dinamização do conceito e alargamento do seu campo (Choay, 2014).*

[27] *O reconhecimento é o ato concreto responsável, pelo qual reavemos o passado no presente (Berghson, 1999).*



II. Herança
Memória e Identidade

Falar de identidade, seja ou não em arquitetura, é falar no carácter distinto dos objetos. Transportando-nos para um "mundo" da individualidade e da particularidade, é aquilo que nos permite identificar uma entidade como destacável. É nesse sentido que, os edifícios do passado, representando a cultura dos nossos antepassados, são parte constituinte do nosso sentido de identidade, e oferecem uma segurança ao nosso presente, através dos ensinamentos que carregam [28] (Alarcão, 2018; Lynch, 1982).

Existe, portanto, uma relação direta entre memória – que nos permite recordar "quem somos" – e a nossa identidade – que nos indica "como somos" –, e podemos interpretar que a prevalência da primeira, pode revelar-se como condição para o suporte legítimo da segunda. (Leite, 2019).

Reconhecido como um passado ultrapassado, mas que inspira devoção, o sentimento de defesa daquilo que se entende como identitário e definidor da nossa comunidade cultural, nasce então da tomada de consciência dos valores ameaçados pela destruição destas obras. Intensificado pelas invasões francesas, que suscitaram sensações de violação do espaço sagrado de cada nação, os conceitos de restauro e conservação [29] ganham força (Vaz, 2019).

---

[28] *Os edifícios antigos, para além dos valores sentimental e simbólico associados, transmitem ao presente uma mensagem, uma herança conceptual, técnica e formal (Alarcão, 2018).*

[29] *Embora já introduzidos no final do século XVIII, associados aos princípios do Iluminismo, é durante o século XIX que ganham maior relevância, e que o restauro se assume como disciplina (Vaz, 2019).*

III

Consciência

A arquitetura é sempre a vontade da época traduzida no espaço. [30]

Introduzido no século XV, o conceito de antiguidade ganha notoriedade durante o Renascimento, associado a uma perspetiva de culto da presença da obra real, como necessária para a satisfação artística. Contudo, é apenas quase três séculos depois que este interesse passa a ser refletido de uma forma prática substancial[31] *por toda a Europa.*

O início do século XIX traz consigo para este campo, uma clarificação da necessidade da complementaridade de duas vertentes: a criação de uma legislação de proteção e de uma disciplina de conservação. São criadas comissões de defesa, realizados encontros e conferências, emitidas cartas, e instala-se "no ar" uma discussão que chegou aos nossos dias, e ainda hoje gera controvérsia: a de uma doutrina intervencionista, que vai predominar no conjunto dos países europeus, e a de uma anti intervencionista, característica sobretudo em Inglaterra.

Associada a esta discussão, permanecem os nomes daqueles que, não sendo os seus originais defensores, acabaram por ser os que melhor representaram as suas doutrinas, Viollet-le-Duc e Ruskin – intervencionista e anti intervencionista, respetivamente (Choay, 2014).

---

[30] *RHOE, Van der – A arquitetura e a vontade da época, in VAZ, Pedro – Edificar no Património: pessoas e paradigmas na conservação e restauro, p.256.*

[31] *Durante este largo período temporal (até quase final do século XVIII) de estudos dedicados às antiguidades, o livro continuava a ser a forma que prevalecia na conservação das mesmas, salvo algumas exceções em Inglaterra, levadas a cabo pela sociedade de antiquários de Londres, onde nomes como o do arquiteto J. Wyatt, assumem dimensão (Choay, 2014).*

III. Consciência
Património e Reabilitação

Se por um lado Viollet-le Duc afirma que o restauro é legítimo e deve ter como fim, o restabelecer do estado completo de um edifício, ainda que encenado, Ruskin – e outros apoiantes, como Morris - contrapõe que os monumentos do passado não nos pertencem [32], e como tal, o Homem não tem o mínimo direito de lhes tocar: as obras são entendidas como relíquias destinadas à degradação progressiva, e o restauro por sua vez, entendido como impossível, danificador da sua pátina e da sua autenticidade.

Com uma doutrina mais questionante, mais moderada e mais bem informada, destaca-se Camilo Boito, que ressalva a importância de preservar a pátina dos edifícios antigos, bem como os acrescentos sucessivos que estes tenham sofrido. Legitimando também o restauro, afirma que este apenas deve ser concretizado, à falta de melhor opção – quando todos os meios de salvaguarda (manutenção, consolidação, …) já falharam (Choay, 2014).

No entanto, é já durante o século XX que, nos anos 60 surge o conceito de reabilitação, decorrente da associação entre a preservação de valores preexistentes, com a possibilidade concreta de adaptação das estruturas internas de edifícios antigos, a necessidades e exigências de uso contemporâneo. Implícita sempre uma transformação no processo de reabilitação, esta deve ser tão significativa quanto necessário, para reajustar o valor do património ao novo contexto (Leite, 2019; Vaz, 2019).

---

[32] *Ruskin defende que os elementos do passado pertencem em parte aos seus autores e construtores, e em parte às gerações vindouras (Choay, 2014).*

[33] *"É na pátina doourada dos anos que devemos procurar a verdadeira luz, a cor e o mérito da arquitetura. ". Tradução livre pelo autor. RUSKIN, John - Las Siete Lámparas De La Arquitectura, pg.241.*

"En la pátina dorada de los años es donde hemos de buscar la verdadera luz, el color y el mérito de la arquitectura." [33]

"A Arquitetura é sempre a relação de um património herdado (em sentido lato) com o património que se cria, é, portanto, um património em transformação, em construção. Tal como sucede com qualquer herança, será sempre a avaliação que no presente se lhe atribui, que lhe permitirá (ou não) ser assumida e legitimar-se como património arquitetónico para o futuro. "[34]

É também pela mesma altura que se dá a redação da Carta de Veneza [35], que complementando o já estipulado pela Carta de Atenas, emitida em 1931, apresenta treze princípios orientadores práticos, mas ressalvando a importância da sua interpretação aplicada a cada caso e contexto. Uns anos mais tarde, em 1972, dá-se a Conferência Geral da Unesco, e é definido o conceito de Património Cultural Universal, e estabelecido um conjunto de obrigações na sua identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão às futuras gerações.

Tomando por empréstimo o conceito antigo de Património, de herança que passava, por lei, dos pais e mães para os filhos, a este introduz-se os edifícios e obras que, por reconhecido valor, se entendem como herança de uma determinada população, capaz de preservar a memória da sua cultura. Assim, o que hoje é entendido como património, resulta de uma espécie de contrato [36] - um entendimento sobre convenções históricas e sociais - coletivo, no qual se dá o processo de reconhecimento de valores culturais (Vaz, 2019).

Por sua vez, a reabilitação de um determinado património, permite o seu resgate ou manutenção, garantindo assim a continuidade da matriz da nossa identidade, ao mesmo tempo que se contribui para caracterização de uma nova identidade coletiva – na medida em que, intervir é transformar (Leite, 2019).

---

[34] BARATA, Francisco in ALARCÃO, Pedro – Construir na Ruína: Entre a reconstituição e a reabilitação, p.7.

[35] Resultante de um congresso de arquitetos e técnicos de monumentos históricos, que tomou lugar em Veneza, entre 25 e 31 de Maio de 1964. É deste congresso que nasce uma organização cuja missão é a promoção da conservação, proteção, uso e valorização de monumentos, centros urbanos históricos e sítios com valor cultural, em todos os países – o ICOMOS (Vaz, 2019).

[36] E como em qualquer outro contrato, caso se dê uma alteração significativa ao entendimento de algum dos valores associados, será necessária uma renegociação do mesmo (Choay, 2014).

III. Consciência
Intervenção Mínima e Reversibilidade

É então decorrente dessa vontade de preservar a originalidade e autenticidade de certas preexistências – como a arqueologia – que podemos associar à arquitetura o conceito de reversibilidade. Explicado como uma perspetiva de intervenção, cujo objetivo primário é o de não danificar ou modificar permanentemente a preexistência, ou seja, que a qualquer momento permita, através do seu desmantelamento, recuperar de forma mais próxima possível [37] a situação original [38], traduz-se na seleção e opção por estruturas efémeras [39] (Alarcão, 2018).

Ainda que estas estruturas, por terem um carácter transitório, possam vir a tornar-se inócuas, criando uma dificuldade extra durante a fase de projeto, também é verdade que, num período em que é impossível ficarmos alheios à aceleração, transformação e obsolescência projetada, presentes nos padrões de consumo atuais, a mudança e a efemeridade são já ordem do dia (Leite, 2019).

Das várias técnicas construtivas atualmente disponíveis na construção, é possível identificar sistemas com uma aplicação pouco intrusiva, tanto nas técnicas tradicionais, como nas mais modernas, nomeadamente, a taipa e o LSF ("Light Steel Framing").

---

[37] Destaque-se que a reversibilidade total e plena em arquitetura não existe, pois qualquer que seja o ato construtivo, este supõe sempre uma alteração irreversível, ainda que de maior ou menor grau. Tenha se como exemplo o caso das escavações, que também pode ser considerada um ato construtivo. Por muito que se realizem levantamentos bem documentados inicialmente, e mesmo recorrendo a tecnologia de ponta, é impossível restituir cada partícula de terra retirada ao seu lugar original (Alarcão, 2018).

[38] Compreenda-se aqui "original" como a situação imediatamente antes da intervenção.

[39] Como apresentado no dicionário português, remete para algo de curta duração, algo transitório (Priberam, 2022). O que transpondo para a arquitetura, difere da perspetiva recorrente de desenhar um projeto apenas até à fase de manutenção, prevendo que este dure para sempre. Uma arquitetura efémera é projetada para um tempo de duração específico, prevendo todas as fases de atuação, até ao seu desmantelamento(Alarcão, 2018).

III. Consciência
Intervenção Mínima e Reversibilidade

Material e processo milenar de construção, a taipa é uma das técnicas de construção com terra em Portugal, com maior incidência no Alentejo [40]. Reconhecida pelos seus grandes blocos de terra executados in situ, com terra recolhida do local de obra [41], estes ganham forma depois de compactados dentro do taipal – nome que se dá às pranchas de madeira que formam a cofragem onde este é produzido –, com recurso a pisões.

Uma vez que a terra é um material composto por minerais, químicos e orgânicos, a qualidade da mesma é fundamental para garantir a viabilidade do sistema construtivo. Assim, é importante que a presença de materiais orgânicos na sua composição seja tanto menor quanto possível, e uma presença de argila inferior a 25%.

Durante o processo de execução, deve se garantir que a terra foi previamente humedecida, antes de entrar para o taipal, permitindo assim uma melhor compactação. A adição de materiais fibrosos, como por fibrosos, como por exemplo a palha, confere maior resistência a esta técnica [42]. Acrescentar adjuvantes como cal, é também uma opção para melhoramento do sistema, contudo, há que ter em consideração as proporções e quantidades (nunca mais de 5%), para que o sistema não perca a reversibilidade e reciclabilidade que o distingue. Características que a tornam esta técnica
como uma solução bastante interessante em reabilitação, quando a espessura das paredes ou a carga não é um problema. (González, 2006).

Fig. 11 - Fotografia do resultado final da produção de blocos em Taipa, Formação da Ordem dos Arquitetos, 2019.

[40] *Local onde materiais como a madeira e a pedra são menos frequentes.*
[41] *Ou de outro local próximo, caso a terra tenha melhores ou mais indicadas propriedades (González, 2006).*
[42] *Sendo a terra um material que trabalha à compressão, a adição de materiais fibrosos, permite uma melhor resistência à tração (González, 2006).*



Desenvolvido nos Estados Unidos da América [43], o sistema construtivo em Light Steel Framing (LSF) – ou em "aço leve" [44] –, corresponde a um processo de projetar estruturas simples em chapas de aço dobradas, que por serem finas, permitem que sejam enformadas a frio – processo bastante menos poluidor e com menor consumo energético, comparativamente a um sistema normal de construção metálica tradicional laminada a quente.

Associadas a um tipo de construção seca – uma vez que consome uma quantidade de água desprezável em relação a outros sistemas construtivos –, e com uma montagem feita exclusivamente por aparafusamento, ou em certos casos, por soldagem, é uma técnica com grande relevância e vantagens na área de reabilitação: o seu carácter leve – com uma diferença de várias ordens de grandeza, para sistemas construtivos como o betão ou alvenaria – permite a sua aplicação em situações onde o peso tem de ser controlado; a sua facilidade de transporte e manuseamento , evitam a necessidade de gruas na obra; o seu fabrico por encomenda, segundo as medidas necessárias, evita o desperdício material; as suas propriedades de desmantelamento e reciclagem.

Para além das vantagens mencionadas, o facto de um valor considerável da espessura das paredes ser preenchido por isolamento, confere-lhe uma grande resistência térmica, o que permite garantir com este sistema, um elevado conforto térmico aos espaços criados. Dado a origem da sua produção, este tipo de construção é tanto mais eficiente, quanto mais repetidos forem os seus elementos.

---

[43] *Desenvolvido pelo AISI (American Iron and Steel Institute) – Instituto Americano de Ferro e Aço –, é publicado pela primeira vez em 1997 (Silvestre, 2013). Tradução livre pelo autor.*

[44] *Tradução apresentada por Nuno Silvestre, no Manual de Conceção de estruturas e edifícios em LSF – Light Steel Framing, 1 ed, Coimbra, 2013.*



Fig. 12 - Vista aérea da envolvente da Fortaleza de Juromenha, 2022.

III. Consciência
Vilegiatura e Turismo

Ainda que o caminhar esteja intrinsecamente ligado à história do Homem – pelas suas deslocações, migrações intercâmbios, etc. – é no século XIX que, associado a um sentido religioso, se regista na esfera da vida privada, alterações como a introdução e generalização do termo "vilegiatura" (Careri, 2013; Lobo, 2006).

Entendida como um fenómeno individual e urbano de viagem, resulta de uma procura pelo conhecimento ou pela crescente atenção ao corpo que se fazia sentir, alimentada por teses higienistas. Paralelamente, sedimenta-se a necessidade de um período de descanso e evasão, e introduz-se assim, pela primeira vez, a noção de "férias" (Lobo, 2006).

Com base na procura pelo seu bem-estar, o indivíduo passa a preferir então emoções mais intensas, e como tal, o itinerário clássico dá lugar à aventura e à contemplação e celebração da paisagem bruta – não contaminada.

III. Consciência
Vilegiatura e Turismo

Por sua vez, a difusão durante o século XX de expressões artísticas como o Dadaísmo e o Cubismo, onde o movimento e o tempo são os temas principais, respetivamente, bem como as repercussões das grandes guerras mundiais, traduzem-se na alteração da sociedade e das suas mentalidades, reconhecendo a importância da paisagem e do espaço público, na qualidade de vida das populações. (Andresen, 1992; Careri,2013).

Estas alterações, em conjunto com o crescimento da "cultura" nacional, através de políticas de valorização do património histórico, levam a um crescimento do turismo em Portugal, a partir dos anos 60.

Num país pequeno como o português, com elevado índice de ruralidade, mas de uma grande riqueza monumental e situação geográfica privilegiada, esta aposta procura ser a solução para restabelecer o equilíbrio económico do país (Lobo,2006).

IV

Referências





Fig. 13 - Vistas aéreas das Ruínas Romanas de Can Tacó, Montornès del Vallès, Espanha.

IV. Referências
Toni Gironès e Arqueologia

De origem espanhola, o arquiteto Toni Gironès Saderra, apresenta nas suas obras uma atenção particular sobre o entendimento do lugar da intervenção, e na descoberta de elementos nele presentes, que possam tornar-se ferramentas de projeto.

Argumentando a habitabilidade como principal tarefa da arquitetura, Gironès interessa-se pelos limites e pelos espaços intermediários – espaços que interpreta como relacionais, e que permitem ao ser humano mudar de escala ou de programa –, e na forma em como estes se materializam, criando condições – elementos materiais, com as suas próprias geometrias, escalas, lugares no espaço e no tempo - para posteriormente, alguém os interpretar [45].

Temas como a porosidade dos materiais - remetendo para a passagem do tempo através da sua auto passivação -e de um tempo de percurso lento e de contemplação [46], são também característicos das suas obras (Gironès, 2017).

---

[45] O arquiteto faz referência à importância da abstração como ferramenta essencial de projeto, mas argumentando que depois é necessário voltar à realidade e materializá-la, para a tornar habitável e não se criar apenas objetos para serem "vistos" (Gironès, 2017).

[46] Por contraponto à ideia de itinerário ou percurso pré-definido, o arquiteto não procura gerar uma experiência comportamental, mas sim dar a liberdade a cada transeunte de gerar o seu próprio itinerário, e contemplar o espaço à sua medida (Gironès, 2017).

IV. Referências
Toni Gironès e Arqueologia

Na obra de adaptação das ruínas romanas de Can Tacó, em "Turó d´en Roina", Espanha, onde é possível encontrar os restos de um palácio romano, cuja geometria dos espaços ainda é identificável, o arquiteto espanhol projetou um plateau [47] ao ar livre, que ambiciona funcionar como ponto de encontro. Construído como uma sucessão de terraços pelo interior dos espaços preexistentes – dando destaque às paredes originais -, é atualmente um miradouro natural sobre os rios Congost e Mogent.

Com recurso a estruturas do tipo "gabiões", é criada uma malha de aço que, no seu interior contém pedras e cascalho locais do tipo "licorella", preenchidos com a terra que, acumulada no exterior do local das escavações, cobrira ao longo do tempo grande parte dos vestígios arqueológicos. Desta forma, foi criado um sistema seco e reversível de intervenção, que através da coexistência entre a pedra e o aço, por contacto de fragmentos, interpretam as preexistências, valorizando-as e sem apagar este património histórico.

A seleção destes materiais empregues, tem por base a otimização de recursos, e a adaptação com o ambiente, valorizando a passagem do tempo através da pátina (Gironès, 2017).

[47] *Através do contraste com a topografia irregular do tereno, o arquiteto procura no plano horizontal a estabilidade e o repouso.*



Fig. 14 - As Ruínas Romanas de Can Tacó, Montornès del Vallès, Espanha.



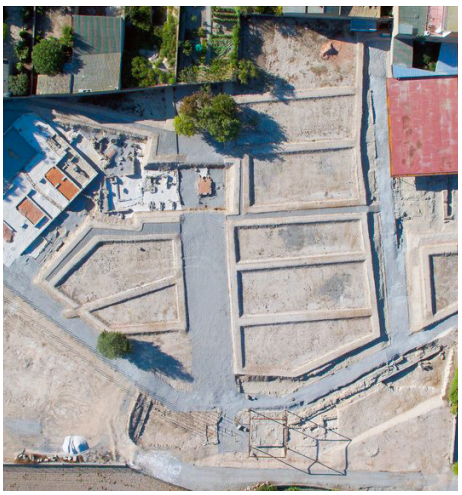




Fig. 15 - Vista do Parque Arqueológico de los restos de la antigua IESSO romana S. I A.C.
Fig. 16 - Vista aérea do Parque Arqueológico de los restos de la antigua IESSO romana S. I A.C.
Fig. 17 - Vista do Parque Arqueológico de los restos de la antigua IESSO romana S. I A.C.

IV. Referências
Toni Gironès e Arqueologia

Por sua vez, o projeto para a antiga cidade romana de Iesso, em Guissona, Espanha, é também um exemplo notável na gestão [48] e utilização de recursos locais, e na valorização da arqueologia.

Fundada no ano 100 a.C, e ocupando cerca de 20 hectares na paisagem agrícola da província, o projeto proposto pelo arquiteto espanhol assume-se, não como uma reconstrução da antiga cidade romana, mas como um sítio arqueológico [49].

Reaproveitadas as terras guardadas pelos arqueólogos durante os processos de escavações e organizadas ao longo do terreno como superfícies laminadas, ao mesmo tempo que se oferece uma leitura da localização e disposição das antigas estradas urbanas, é conseguida uma inclinação propícia ao escoamento das águas pluviais. A introdução de uma malha metálica no pavimento - que confere aderência –, a disposição de pranchas de construção para superar pequenas diferenças de nível e a fixação de algumas cordas delimitando as áreas não transitáveis, complementam estes espaços e convidam os visitantes a que os percorram.

O recurso a tubos de aço, peças que contornam a planificação da volumetria da Torre Norte, e as micro estacas que sustentam dois planos horizontais que protegem os banhos e a piscina, são todos instrumentos que valorizam e assinalam partes essenciais deste sítio. Muitos utilizando materiais próprios do arqueólogo e do agricultor, enquanto esperam as sucessivas campanhas arqueológicas (Gironès, 2017).

---

[48] Para além do recurso às terras das escavações, muitos dos materiais empregues na obra assumem um papel efémero, e são próprios do arqueólogo ou do agricultor, enquanto se esperam novas campanhas arqueológicas.

[49] Que na opinião do arquiteto, é um espaço que funciona como um íman, um elemento que desencadeia uma pergunta (Gironès, 2017).



Fig. 18 - Vista aérea da envolvente do Tempo de Diana, Mérida, Espanha.

IV. Referências
Sánchez García e Recinto

José María Sánchez García [50], reflete nas suas obras uma grande preocupação com o território e com a história, como é exemplo a reabilitação da envolvente do Templo Romano de Diana, na cidade de Mérida, em Espanha.

Partindo sempre numa primeira fase de projeto, pelo entendimento e compreensão das marcas - mais ou menos óbvias -, das atividades que nesse lugar tenham acontecido, ou que ainda estejam a acontecer, isto é, dos traços [51] de humanização [52] desse território, que lhe conferem uma identidade única, o arquiteto espanhol procura recorrentemente nas suas obras incutir uma abordagem geométrica [53] à ordem estrutural, justapondo de forma clara o artificial – aquilo que é criado –, à própria natureza [54], criando assim uma nova e mais complexa realidade.

[50] *Professor e arquiteto internacional espanhol (García, 2017).*

[51] *Para o arquiteto, o conceito de traço remete para a ordem implícita no lugar, capaz de o constituir. Podendo também ser entendido como as linhas estruturantes do território, os traços podem ser gerados a partir de qualquer coisa, desde um contorno de terra, a um povoado pré-histórico, por exemplo (García, 2017).*

[52] *Entenda-se humanização, como o processo de modificação da Natureza, por parte do Homem.*

[53] *O arquiteto refere a influência que teve a sua infância no gosto pela geometria. Pela proximidade ao campo e pela constante observação de malhas de olivais e de outras plantações agrícolas, bem como dos canais de irrigação que dividam os campos agrícolas, introduzindo um limite físico artificial (García, 2017).*

[54] *O contraste criado entre o artificial e o natural, estabelece ao mesmo tempo um equilíbrio entre a intervenção e o que existia antes (García, 2017).*

IV. Referências
Sánchez García e Recinto

Construído no final do século I a.C, o imponente templo de Diana foi o centro da cidade ou fórum durante o império romano, o que confere ao espaço um grande valor histórico e arqueológico.

Sánchez García, através da implementação de um projeto linear em forma de "L" – no seu perfil –, procura gerar um recinto e circunscrever o local de trabalho, em volta do templo. Criando um limite que embora divida dois espaços [55], procura não impor grande rigidez, ao oferecer a permeabilidade ao nível do solo, através de uma estrutura de pilotis – pelo que o corte neste projeto assume um carácter fundamental.

Através deste gesto, o arquiteto procura assumir a proteção de um vazio e gerar um sistema preparado para absorver não só os requisitos programáticos, como também as irregularidades do contexto, e as possíveis alterações [56] impostas pelos agentes envolvidos. Assim, o desafio implícito está na tomada de decisão de onde intervir e onde não, criando uma nova identidade, e alterando as condições iniciais – o projeto passa para segundo plano e torna-se simplesmente um meio para gerar o recinto.

Com esta perspetiva de ocupação mínima do local, e de concentração do grosso da construção ao redor do perímetro, é conseguida uma intensificação das relações entre os usos, o que torna o edifício mais eficiente. O centro, liberto de programa, é então utilizado sem que seja necessário alterá-lo, e assume a mesma relevância que a do espaço construído.

---

[55] *A criação de uma situação limítrofe é inerente a linearidade. O percurso da linha é uma divisão, mesmo quando não intencional (García, 2017).*

[56] *O perímetro assume um carácter mutável, permitindo que o projeto fique em aberto até à fase final (García, 2017).*







Fig. 19 - A envolvente do Tempo de Diana, Mérida, Espanha.
Fig. 20 - A envolvente do Tempo de Diana, Mérida, Espanha.







Fig. 21 - A envolvente do Tempo de Diana, Mérida, Espanha.

Servindo-se da arquitetura como elemento aglomerador de dois períodos históricos dispares, o arquiteto apresenta então o programa de um centro cívico, como resposta às necessidades programáticas impostas – culturais, económicas e sociais.

A forma simples [57] do edifício resulta da união de uma plataforma, - ao mesmo nível do pódio - e uma parede estrutural, permitindo deste modo, uma nova relação dos visitantes com o templo, enquadrada e distanciada dos edifícios vizinhos.

Nos espaços intersticiais entre o perímetro em "L" e a envolvente, aparecem volumes que abrigam espaços destinados ao comércio e a usos culturais, e que projetam uma grande sombra sobre a praça. No alçado tardoz, os espaços livres criados entre estes volumes, geram pátios que fragmentam a sombra e definem uma nova ordem de luz.

O desenho e projeto estruturais, são por sua vez, pensados de forma a necessitar o menor número de pilares possível, minimizando o contacto com o solo. Respetivamente à materialidade, foi aplicada uma seleção de materiais que procuram remeter para a imagem da época romana: o pavimento da praça é acabado a terra compactada e o edifício em betão foi tratado como uma pedra artificial feita de cal e agregados locais, para se aproximar à cor do pódio do Templo. (García, 2017).

[57] *A procura por respostas de gestos mínimos é também uma característica recorrente no processo de projeto do arquiteto José María Sánchez García, pelo seu grande apreço pela serialização e sistematização, tornando os projetos mais rentáveis e tecnicamente mais simples.*



Fig. 22 - Vista aérea do Colmeal Countryside Hotel, Figueira de Castelo Rodrigo, Portugal.

IV. Referências
Pedro Brígida e Materialização

Nascido em Coimbra, o arquiteto português Pedro Brígida apresenta no seu modo de projetar, conceitos e princípios muito associados à construção, onde a materialidade é condicionada e condicionante. Presente nas diversas escalas de trabalho – desde a abordagem do território, ao mobiliário –, a ideia ou conceito e a sua materialização fundem-se ao ponto de se transformarem numa só.

Com particular interesse na formulação de formas de ocupação e apropriação do espaço [58] – e não apenas da sua conceção formal –, a relação entre os seus projetos e o mobiliário são intensificadas (Neves, 2013).

Juntamente com Alice Faria, arquiteta portuguesa nascida em Lisboa, são os responsáveis pelo projeto Colmeal Countryside Hotel [59], que pretende reavivar a secular, e até recentemente desabitada, aldeia do Colmeal – localizada em Figueira de Castelo Rodrigo, distrito da Guarda [60].

---

[58] *Perspetiva que o próprio arquiteto refere que apesar de lhe ser intrínseca, pode ser uma atitude egoísta (Neves, 2013).*

[59] *Que traduzido pode-se entender algo como Hotel Rural do Colmeal. Tradução livre do autor.*

[60] *Região de turismo da Serra da Estrela.*

IV. Referências
Pedro Brígida e Materialização

Inserido numa área de 650 hectares pertencente à Quinta do Colmeal [61], faz parte de uma envolvente natural rica em fauna e flora, e de reconhecido valor histórico: pelas pinturas rupestres do período neolítico, que se podem encontrar sobre uma das vertentes rochosas locais, e pelo conjunto habitacional em xisto e granito, que remontam ao século XII.

Inspirado pelos elementos físicos que resistiram ao tempo e à ação da natureza e do homem, o projeto desenrola-se entre as abandonadas e em ruínas "casa dos Cabrais"e uma das casas de campo existentes. Reconvertendo-as funcionalmente, e reorganizando os espaços que resultavam das ruínas, os arquitetos procuraram, contudo, garantir a preservação da identidade rústica e autenticidade do lugar.

Constituído por treze quartos, uma suíte e dois apartamentos, o projeto engloba ainda: um restaurante, que aposta no respeito pela sazonalidade dos ingredientes e na excelência dos produtos regionais, para a elaboração de uma carta gastronómica contemporânea, mas de sabores tradicionais; um pequeno espaço de biblioteca e de leitura; uma pequena zona de loja junto à receção; uma piscina exterior e uma zona de SPA [62].

No pequeno espaço comercial, é possível adquirir tanto artigos da marca criada pelo hotel, com base em produtos locais, como o vinho, o mel e o azeite [63], ou peças de mobiliário exclusivo com o design dos arquitetos.

---

[61] *Propriedade rural que se estende pela encosta da Serra da Marofa.*

[62] *Que embora o hotel já esteja em funcionamento desde 2015, ainda não apresenta este serviço, uma vez o espaço previsto para o mesmo, ainda não ter sido reabilitado.*

[63] *Com nomes que remetem para o espírito pretendido fomentar no local: vinho "silêncio", o mel "essência", e o azeite "harmonia".*





Fig. 23 - Ruínas presentes no Colmeal Countryside Hotel, Figueira de Castelo Rodrigo, Portugal.
Fig. 24 - Vista do Colmeal Countryside Hotel, Figueira de Castelo Rodrigo, Portugal.









Fig. 25 - Os espaços interiores do Colmeal Countryside Hotel, Figueira de Castelo Rodrigo, Portugal.
Fig. 26 - A construção do Colmeal Countryside Hotel, Figueira de Castelo Rodrigo, Portugal.

Com uma paisagem e envolvente natural exclusivas, o património histórico presente e reconvertido, procura oferecer aos hóspedes uma ideia principal, ou por outras palavras, um conjunto de sensações: a vivência do silêncio, da tranquilidade e da descoberta da beleza daquela região [64].

Assim, com uma forte ligação à natureza e motivado pela identidade local, Pedro Brígida e Alice Faria procuram manter a "imagem" e "espírito" dos corpos revitalizados, deixando as paredes de alvenaria de xisto à vista, e colmatando as zonas em falta com estruturas em betão [65] revestidas por placas de cortiça [66] - que com a ação do tempo ganha variações nos seus tons, entrando em harmonia com a preexistência.

A extensão criada numa das casas, a fim de acolher a maioria dos quartos, juntamente com pequenos apontamentos de estruturas como o foyer da entrada, são deixados em betão aparente colorido – em tons de terra, também para conseguir o equilíbrio cromático, importante no conceito de tranquilidade que pretenderam incutir.

No interior, a aposta consistente num material como o contraplacado de bétula é evidente e mote do projeto do ambiente pretendido, registada nos revestimentos das paredes, em lambris, lâminas de separação ou quebras de espaço, e em todas as peças de mobiliário – cadeiras, camas, mesas de cabeceira, roupeiros, estantes, entre outros.

---

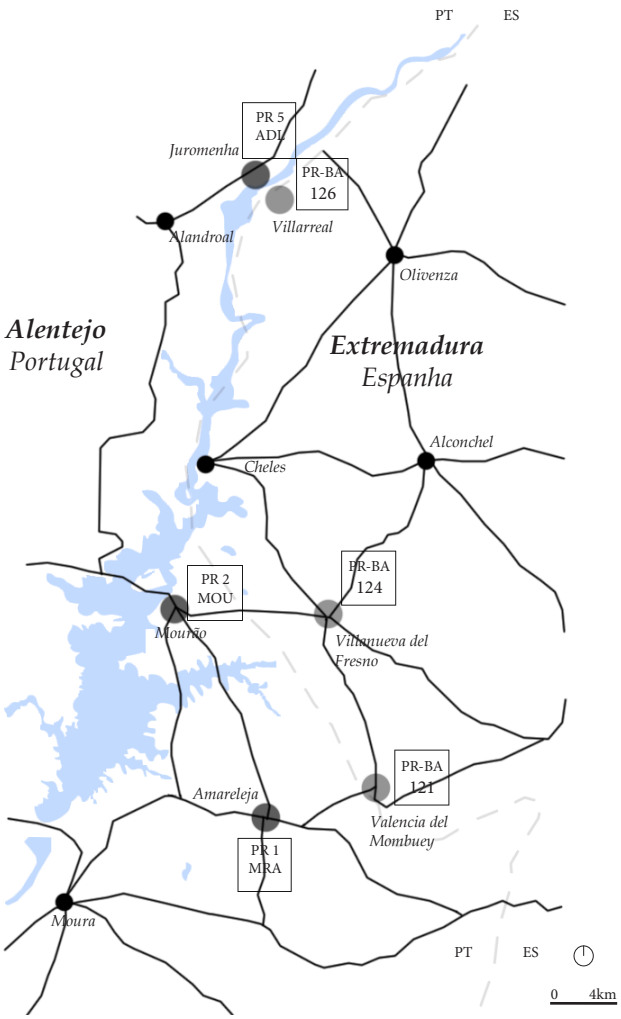
[64] Esta ideia implícita no projeto dos arquitetos portugueses, serve de mote à comercialização e marketing do empreendimento turístico: intitulando-se como "[the] land of silence", ou em português, a terra do silêncio. Tradução livre pelo autor.

[65] Que apesar de não ser um material muito consensual em projetos que intervenham em pré-existências, pelo seu carácter intrusivo, neste projeto procura ser resposta a uma ideia pretendida: a do peso e da massa características em estruturas de alvenaria.

[66] Do tipo MDFachada.

V

O lugar



PR 5 ADL *Juromenha, Sentinela do Guadiana*
Juromenha, Alandroal
Alentejo, Portugal

PR-BA 126 *Ruta Puente Ajuda*
Villarreal, Olivenza
Extremadura, Espanha

Ligação fluvial rio Guadiana de Juromenha a Villarreal ~10 minutos. Acesso pedonal à rota ~1,2 km.

PR 2 MOU *Rota do Posto das Ferrarias*
Mourão
Alentejo, Portugal

PR-BA 124 *Ruta Puente de la Bogaña*
Villanueva del Fresno
Extremadura, Espanha

Ligação rodoviária EN256-1 (PT) ~7,3 km à fronteira e EX107 (ES) ~11 km. Total ~20 minutos.

PR 1 MRA *Rota do Sol D'Amareleja*
Amareleja, Moura
Alentejo, Portugal

PR-BA 121 *Ruta Las Fuentes del Zaos*
Valencia del Mombuey
Extremadura, Espanha

Ligação rodoviária EN386 (PT) ~4,4 km até BA102 (PT) ~5,5 km e BA102 (ES) ~2.3 km. Total ~15 minutos.

Fig. 27 - Rotas TransAlentejo Transfronteiriças.
Fig. 28 - Vista da Ponte da Ajuda junto ao rio Guadiana, 2022.

V. O lugar
Itinerários e Ponte da Ajuda

A apreciação da natureza constitui um exercício próprio funcional do Homem, que apresenta relações distintas ao longo do tempo consoante os valores e vontades de cada época (Andresen, 1992).

Caracterizado por uma paisagem predominantemente agrícola, entre campos de cereal, os tradicionais olivais e azinhais, e zonas ribeirinhas potenciadas pela barragem do Alqueva, Juromenha faz parte de um programa piloto de seis rotas pedestres – três em solo português e três em solo espanhol – estabelecidos entre o Alentejo e a Extremadura (Espanha), e que procura através do incentivo à caminhada, dar a conhecer estes locais de rico valor histórico e paisagístico.

A cerca de meio caminho entre Juromenha (13km) e Elvas (12km), junto às margens do Guadiana, surge o que resta da destruída Ponte da Ajuda, que outrora estabeleceu a comunicação entre as duas margens (Fitas, 2007).





V. O lugar
Itinerários e Ponte da Ajuda

Testemunho material de uma importante ligação que, durante cinco séculos conectou Elvas a Olivença, quando a última ainda estava anexada ao território português, encontra-se hoje destruída. Possuindo apenas o arranque, em cada uma das margens, as suas ruínas são o resultado de uma destruição deliberada e intencional, provocada pela força de armas de guerra (Fitas, 2007)

A imagem pitoresca conferida pelas ruínas àquele local, transformam-no num lugar de paragem e contemplação, por parte dos viajantes que por ali se desloquem.



Fig. 29 - Vista aérea da ponte da Ajuda ,junto à Fortaleza de Juromenha, 2022.



Fig. 30 - Vista aérea da Vila de Juromenha, 2022.

Fronteira natural e política com Espanha, a nordeste do distrito de Évora (55 km), e a norte do concelho do Alandroal (16km), aos quais pertence, a freguesia da Juromenha [67] – também apelidada de Nossa Senhora do Loreto – mantém uma relação de proximidade com vários aglomerados populacionais alentejanos: cerca de 20 km de Vila Viçosa, 27 km de Terena, e 39 km do Redondo; bem como de aglomerados populacionais espanhóis como Badajoz (28 km), Villarreal (49 km) e Olivença (38km) – cujas distâncias o acesso viário tornou mais longínquas (Aguiar, 2019).

Conduzido por uma única estrada de asfalto, o acesso à vila é feito a partir da estrada que liga o Alandroal a Elvas. Acompanhado por uma paisagem marcada pela abundância em xistos, explorações agrícolas e pastagens de gado, a pequena vila é caracterizada pelas suas casas baixas – com exceção de algumas vivendas de construção mais recente, de mais de dois pisos, quase todas dispostas logo à entrada – caiadas a branco, com portas baixas e em madeira pintada, nas quais se destacam as suas grandes chaminés, retangulares ou redondas (Fitas, 2007).

[67] *Fazendo parte do concelho do alandroal, é a mais pequena das suas freguesias (com cerca de 31,2km2), e a com menor taxa de ocupação (Brilhante, 2015).*

V. O lugar
Vila e População

Com uma vivência muito popular [68], característica do interior de Portugal, um dos principais fenómenos com que se pode deparar ao chegar a Juromenha, é a normal presença feminina – de idade avançada –, encostada à ombreira da porta ou sobre o parapeito da janela, observando os nossos passos.

Embora o movimento seja pequeno, todos ali se conhecem, e mantêm uma relação de proximidade não só entre si, como entre várias freguesias, seja porque é lá que trabalham, ou porque a grande maioria dos setores de atividade são garantidos apenas exteriormente à vila: funções de gestão dos serviços, no Alandroal; competências jurídicas, em Vila Viçosa e Redondo; e abastecimento de produtos alimentares e vestuários em Elvas. Na própria vila, apenas funciona a junta de freguesia – ao final do dia e aos fins de semana –, um posto médico – duas vezes por semana – e dois restaurantes, que com grande afluência, costumam ser o ponto de encontro da população.

Com uma ligação histórica forte a Olivença – atual território espanhol –, e um papel importante no controlo do contrabando entre as duas margens do rio, destaca-se como um importante posto de vigia, um local específico da encosta nordeste do castelo – exterior às muralhas: o lugar da Boavista. Pelo significado e importância que ganhou na memória dos habitantes da vila, foram aí instalados recentemente dois bancos de madeira, e funciona hoje como um local assíduo na componente pública da vila.

Fig. 31 - Fotografia da Fortaleza de Juromenha, 2022.

[68] *Onde touradas, bailes e procissões, fazem parte das celebrações típicas da vila.*







Fig. 32 - Vista da zona de intervenção no interior da muralha, 2019.

V. O lugar
Estado de Conservação e Valor

Como documentado, os paramentos e estruturas militares da fortaleza de Juromenha já apresentavam danos visíveis, desde a explosão do paiol, e do terramoto de 1755. Após o despovoamento intramuralhas, e fixação nos arrabaldes da sua envolvente, deixada ao abandono desde o início do século XX, entraram rapidamente num processo de degradação acelerado, ainda que intervencionadas pela DGEMN a partir dos anos 50. Entregue à ação da natureza, são atualmente visíveis os efeitos da erosão nas estruturas militares. Combinadas a ação do vento e a ascensão capilar, com as eflorescências provocadas pelos sais presentes nas muralhas – que após contacto com a água, quando esta evapora, dá origem a cristalizações –, o desgaste provocado torna impercetível qualquer vestígio de acabamentos nos paramentos das muralhas.

No seu interior, embora predomine um estado de degradação avançado, contaminado pela presença de alguma vegetação selvagem, ainda é possível registar algum do edificado desta estrutura militar, como a Igreja Matriz da Nossa Senhora do Loreto, os antigos armazéns de aparelhos de guerra e de pólvora, a antiga Igreja da Misericórdia, a antiga Igreja de São Francisco – da qual resta pouco mais do que parte da sua fachada principal – a antiga cadeia Comarcã e o Quartel dos Veteranos (Espanca, 1978; Fitas 2007).

V. O lugar
Estado de Conservação e Valor

Muralhas

A fortaleza de Juromenha é composta por duas cinturas de muralhas, com épocas de construção distintas.

O cerco interior, de período islâmico e medieval, configura-se por uma planta poligonal irregular, e as suas muralhas de estrutura autoportante, assumem a verticalidade. Estas, são compostas por taipa – situados na zona norte, correspondem aos paramentos ainda presentes do período islâmico – e por alvenaria mista – referentes às posteriores adaptações cristãs, durante a Idade Média. Com falhas em alguns dos seus troços, apresentam um estado de conservação mais débil, e aguardam as intervenções do projeto de restauro previsto.

A segunda cintura, posteriormente anexada, é conhecida como fortaleza seiscentista, ou fortaleza moderna. Do tipo abaluartada, e em forma de estrela, é composta por três baluartes – dos quais um de planta regular, a norte (Baluarte de S. António), e dois de planta irregular, a nordeste (Baluarte do Porto Seco ou de Elvas), e a Sul (Baluarte da Cadeia) –, um meio baluarte a noroeste (Baluarte de S. Lourenço) e um redente a sudoeste (Redente de S. Lázaro). Circundada por um fosso, os seus paramentos são compostos de alvenaria e taipa de enchimento. Na maioria da sua extensão, encontra-se em bom estado de conservação, e requer apenas limpeza e manutenção (Espanca, 1978; Fitas, 2007).



Fig. 33 - As muralhas da Fortaleza de Juromenha, 2019.



Fig. 34 - Fotografia do interior de uma das salas de vigia, 2019.

Salas da vigia

É junto aos portões de armas da fortaleza seiscentista que, sob o túnel que a rasga, surgem as primeiras salas da fortaleza – e as únicas, à exceção de pequenos paióis – encastradas na própria muralha. Com a função mais provável de posto de vigia, é composto por dois compartimentos, um dos quais com seteiras sobre a zona da entrada da fortaleza. Atualmente utilizado como arrumos, é um dos espaços que apresenta melhor estado de conservação. Contudo, uma parte considerável deste já não corresponde à construção original, mas sim, a uma restituição por parte das empreitadas da DGEMN, como é possível identificar no evantamento fotográfico histórico (ver anexo 1).

V. O lugar
Estado de Conservação e Valor

Igreja da Misericórdia e Capela São Francisco de Assis

Retomando a rua, depois de atravessar o túnel de acesso à fortaleza, ao olhar do visitante surge, pela sua esquerda e adossada ao paramento sudoeste da muralha medieval – bastante danificado –, as ruínas do que outrora foram duas igrejas.

De frente para as suas fachadas – o elemento mais compreensível do conjunto –, tem-se pela esquerda, a igreja de São Francisco de Assis, que atualmente se encontra em estado de ruína agravado, e por isso, totalmente descaracterizada. Segundo Ana Fitas, esta seria de uma nave única, e teria uma planta retangular (Fitas, 2007).

Com um campanário algo imponente do período setecentista – não original [69]–, construído para repor a cápsula original perdida com a explosão do paiol em 1659, apresenta uma planta também retangular e uma única nave, com quatro altares laterais, além do altar-mor (Fitas, 2007).

No seu interior pode-se ver atualmente o teto caiado a branco, alguns vestígios dos rebocos antigos, e a base do púlpito. O espólio restante foi removido pelo Gabinete Técnico Local e entregue ao Município do Alandroal (Espanca, 1978).

Uns passos mais adiante, seguindo em direção à entrada sul da cerca medieval, encontramos as ruínas de alguns edifícios, compondo o que sugere ter sido uma pequena praça onde se situa a porta da traição [70]: o antigo quartel de veteranos, a antiga prisão, e umas latrinas públicas.

---

[69] *Não é ainda conhecida a data certa da instalação da Igreja da Misericórdia na Juromenha, no entanto, sabe-se que esta se deu durante o século XVI, antes da explosão (Fitas, 2007).*

[70] *A designada porta da traição, ou porta falsa, era uma porta secundária, dissimulada nas muralhas do castelo ou da fortaleza, que permitia a fuga para o seu exterior, caso última necessidade. Geralmente situavam-se em zonas de difícil acesso, para não serem tomadas (Espanca, 1978).*



Fig. 35 - Fotografias da Igreja da Misericórdia e de Capela São Francisco de Assis, 2019.



Fig. 36 - Vista exterior do Quartel de Veteranos, 2019.

Quartel de Veteranos

Com dois pisos e mantendo a estrutura original, ainda que fragmentada – já sem a cobertura e a laje entre pisos –, a sua chaminé destaca-se adossada pelo seu interior. Voltada para a praça, a sua fachada apresenta cinco vãos (quatro de janela e um de porta), dos quais três ao nível térreo. Com acesso pela praça, ali se estabeleceram antigas cavalariças. A fachada oposta, voltada para a entrada da cerca medieval, apenas com um piso, apresenta unicamente uma porta, de acesso ao que foi o aquartelamento (Espanca, 1978; Fitas, 2007).

Cadeia Comarcã e Casa do Guarda

Com destaque para a sua fachada principal, onde se pode observar um trabalho de alvenaria, representando as armas reais nacionais, a Cadeia assume um carácter distinto das restantes construções. Apresenta também gradeamentos nas suas três janelas, e revestimento das paredes a mármore no seu interior – cerca de metade das paredes. Sendo possível a compreensão da maioria dos seus espaços, na sala junto à porta de entrada, pode-se observar o desabamento da laje do teto (Fitas, 2007).



Fig. 37 - Vista exterior da Cadeia Comarcã e Casa do Guarda, 2019.



Fig. 38 - Antigas Latrinas, 2019.
Fig. 39 - Vista da antiga Praça do Pelourinho e da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019.

V. O lugar
Estado de Conservação e Valor

Antigas Latrinas

Corpo praticamente incompreensível, localizava-se adossada aos paramentos da fortaleza seiscentista. Pequenos fragmentos de telha, rasgos alinhados no paramento da fortaleza, e o que resta de uma parede lateral, são os únicos vestígios que sugerem ao visitante como pode ter sido configurado este espaço.





V. O lugar
Estado de Conservação e Valor

Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto

Uma vez já dentro da cerca medieval, a Igreja Matriz, também conhecida por Igreja de Nossa Senhora do Loreto, destaca-se da envolvente, a uma cota mais elevada [71]. Em conjunto com as ruínas dos antigos armazéns de aparelhos de guerra e de pólvora, estabelecem o que resta do que outrora foi a Praça de Juromenha [72], onde se destacava um pelourinho. Atualmente, no vazio a este e a norte da praça, surgem pequenos troços das paredes que aí já se levantaram.

Também afetada pela explosão do paiol, a igreja foi já alvo de reconstruções sucessivas, e chega aos dias de hoje, com a sua autenticidade bastante comprometida. Constituída por uma planta retangular, três naves e cinco tramos, é levantada por colunas toscanas em mármore branco. A torre sineira, de planta quadrangular e cujo acesso é feito por uma das naves laterais da igreja, domina a paisagem envolvente e apresenta ainda um dos sinos ainda um dos sinos que pode suportar (Fitas, 2007).

[71] *São cerca de 10 metros que separam a cota de nível da Igreja, da pequena praça junto ao quartel de veteranos, cadeia comarcã e antigas latrinas.*

[72] *Como é várias vezes referenciada em documentos.*



Fig. 40 - Fotografias da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019.



Fig. 41 - Fotografias dos Armazéns de aparelhos de guerra e de pólvora, 2019.

Armazéns de aparelhos de guerra e de pólvora

De costas voltadas para a Igreja Matriz, é adossado ao longo do paramento nascente da muralha medieval que se desenvolve o paiol – à cota mais inferior da praça – e o corpo dos armazéns. Ambos construídos em alvenaria de pedra irregular, apresentam as fachadas praticamente já sem acabamentos visíveis.

A sala do armazém de aparelhos de guerra imediatamente a seguir ao paiol, de planta retangular, constitui juntamente com este último, um corpo de um único piso, e cuja cobertura de duas águas ainda se encontra presente. Correspondendo às duas salas em melhor estado deste conjunto, são visíveis ainda assim, consideráveis desintegrações.

Das restantes quatro salas de planta quadrangular, uma delas – a que fica a norte adossada a uma das torres –, já sem vestígios do segundo piso, e por isso exposta a céu aberto, encontra-se em estado ruinoso avançado. As restantes três – das quais duas com o teto em abóbada de aresta ainda compreensível – com alguns vestígios dos acabamentos das paredes, apresentam um estado de desintegração avançado.

Relativamente ao segundo piso deste corpo, que outrora fora composto por três compartimentos, apenas restam fragmentos das suas paredes.

VI

Proposta

VI. Proposta

As ruínas da fortaleza para as quais olhamos hoje, como feridas abertas pela história deixadas ao esquecimento, apresentam um certo encanto misterioso, e aguardam expectantes por um novo fim.

Como explorado na investigação teórica, a manutenção de uma identidade cultural, implica uma cultura de proteção e de cuidado do património. Assim, pelo estado avançado de ruína que a fortaleza de Juromenha apresenta, é evidente a necessidade de intervenção, de forma a interromper este ciclo acelerado de degradação.

Tendo por objetivo principal desta proposta - como indicado na introdução do documento - a reabilitação da fortaleza de Juromenha, procurou-se restituir a sua presença no dia a dia da sua população, e garantir a fruição pública do mesmo, através da introdução de um programa de turismo cultural.

Com base nas temáticas neste documento explanadas, acerca da memória e identidade, a reversibilidade, a viagem, os valores naturais e de paisagem, e através da identificação de alguns traços que definem este território humanizado, foram lançadas as primeiras linhas do projeto.



Fig. 42 - Mapa da proposta urbana da envolvente da Fortaleza de Juromenha.

VI. Proposta
Proposta Urbana e Itinerário

Lida em comunhão com a paisagem, é sobre uma encosta escarpada que a fortaleza se apresenta aos seus leitores, e domina a paisagem sobre o rio Guadiana. É com base nesta relação com a natureza, e pela forte ligação dos seus habitantes com o campo, que se procurou restabelecer um caminho antigo de acesso ao rio, permitindo a exploração da encosta que recebe a fortaleza.

Chegado ao rio, propôs-se a continuidade do mesmo ao longo da margem para norte, até ao nó de acesso ao cais, que estabelece a conexão via embarcação à margem espanhola.

De forma a potenciar a fruição e a dimensão da experiência, propôs-se a introdução de mobiliário urbano ao longo do percurso, criando zonas de paragem e de contemplação, providenciadas com mesas e bancos em madeira, à semelhança do que já acontece em certos espaços da vila.

Uma vez que os percursos circundantes da fortaleza já se encontravam definidos, foi apenas proposta uma limpeza e regularização do solo, sobretudo nas zonas consideradas mais críticas, junto aos hornaveques.

VI. Proposta
Proposta Urbana e Itinerário

A uma escala maior, procurando introduzir uma nova dimensão à rede, que a paisagem da Juromenha e a sua fortaleza constituem, em conjunto com as suas freguesias e fortalezas vizinhas, foi proposta a criação de um itinerário de ligação entre Juromenha e a antiga Ponte da Ajuda.

Procurando dar a conhecer este lugar pitoresco, com uma importante história nesta região, estabeleceu-se um percurso que, no seu início parte de Juromenha. Servindo-se das vias rodoviárias, até atravessar o braço do afluente para norte, é posteriormente encaminhado para a margem do rio Guadiana, que vai contornando num passadiço em madeira até chegar à destruída ponte.



Fig. 43 - Mapa rota pedestre proposta entre a Juromenha e a Ponte da Ajuda, Escala 1-40000.



1 *Hornaveque de Santo António*
2 *Porta Principal*
3 *Salas de Entrada*
4 *Igreja da Misericórdia de Juromenha*
5 *Quartel dos Veteranos*
6 *Cadeia Comarcã*
7 *Baluarte da Cadeia*
8 *Cisterna*
9 *Praça do Pelourinho*
10 *Igreja da Nossa Senhora do Loreto*
11 *Armazém da Pólvora*
12 *Armazém de apetrechos da Guerra*
13 *Cavaleiro Superior*
14 *Cavaleiro de Santo António*
15 *Cavaleiro da Porta da Vila*
16 *Baluarte de Porto Seco / Elvas*
17 *Baluarte de Santo António*
18 *Baluarte de São Lourenço*

Fig. 44 - Planta de identificação dos componentes da fortaleza, Escala 1-2000.

Procurando redefinir aquilo que outrora fora designada por Praça de Juromenha, ou Praça do Pelourinho - junto à Igreja Matriz e aos armazéns de aparelhos de guerra -, é utilizada a praça como mote do projeto. Assim, mais do que a formalização de objetos, interessou implementar uma proteção de um vazio - o da arqueologia da referida praça.

Nesse sentido, é definido um limite - ligando o traço de força que representa a torre da Igreja Matriz, com um outro paralelo à fachada da igreja, e que concorre a norte com a última sala dos armazéns de aparelhos de guerra -, que estrutura o recinto a proteger. Este limite, como tal, divide o espaço em dois, alterando a situação original, e restitui à praça a sua configuração retangular.

Sendo um dos desafios impostos pelo campo da reabilitação a tomada de decisão de onde intervir e onde não intervir, foi procurado em conformidade com o programa necessário para a implementação de um equipamento de hospedagem - tendo em conta as áreas necessárias, e as áreas disponíveis nos vários edifícios em ruínas -, estruturar a sua disposição funcional.

Ainda que a fortaleza apresente várias estruturas que oferecem possibilidade de reabilitação, dispersas pelo interior de ambos os paramentos muralhados, é possível identificar duas zonas de maior incidência construtiva - um conjunto como já referenciado, junto à Igreja Matriz e outro, junto à cadeia Comarcã. Recuperando o mote da praça já idealizado, tomou-se por empréstimo, e procurou-se implementar o programa segundo estas duas zonas, definindo assim duas praças, que procuram ganhar importância, na dimensão pública dos habitantes de Juromenha, e dos seus visitantes.

VI. Proposta
Estratégia e Programa

Assim, num primeiro momento, junto à praça da cadeia comarcã, foi proposta a recuperação do antigo quartel de veteranos, de forma a instalar os espaços de carácter administrativo: receção no piso superior, o controlo visual dos acessos à fortaleza, e no piso inferior, já em comunicação com a praça, o espaço administrativo.

No corpo da antiga cadeia, procurando manter ao máximo a sua autenticidade, foi proposta a sua adaptação a uma moradia com dois quartos: uma suíte no piso superior mais cozinha e sala, dada a multiplicidade e configuração dos compartimentos existentes, e um quarto duplo no piso inferior.

Anexo a este desenhou-se um novo corpo, que tomando um espírito idêntico, mas com uma configuração mais moderna e menos compartimentada, apresenta uma sala, uma cozinha e três quartos, todos suítes.

No espaço onde outrora foram as antigas latrinas, ergueu-se umas instalações sanitárias com balneários, como facilidade para os viajantes que por ali passem, ou para os visitantes da fortaleza.

Exterior à muralha medieval, é também implementado, como complementar ao programa de hospedagem, um espaço de reflecção na antiga igreja da Misericórdia, e um espaço expositivo, logo nas salas à entrada da fortaleza, da antiga vigia.

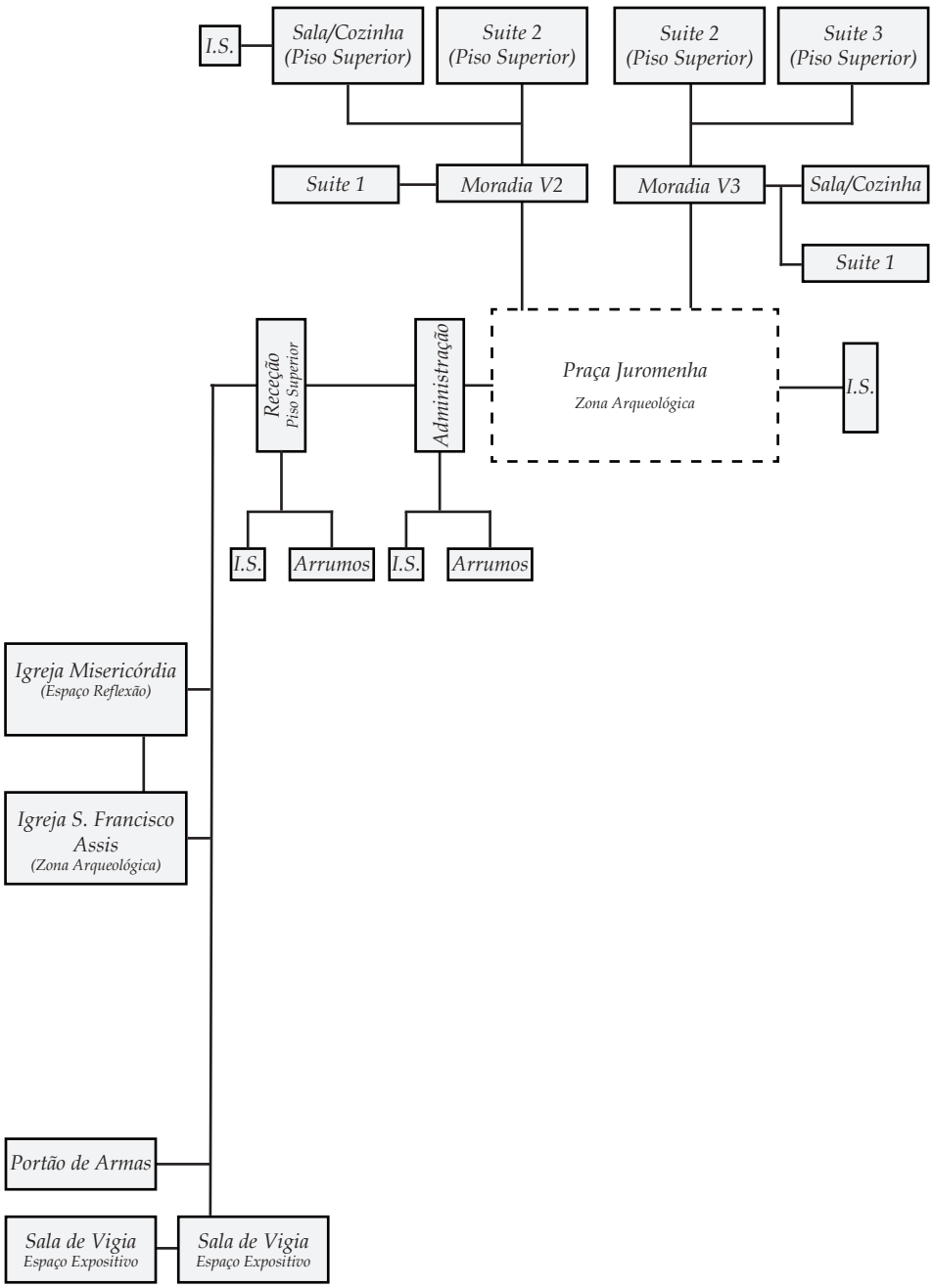


Fig. 45 - Organograma Funcional - Extramuros Cerca Medieval.

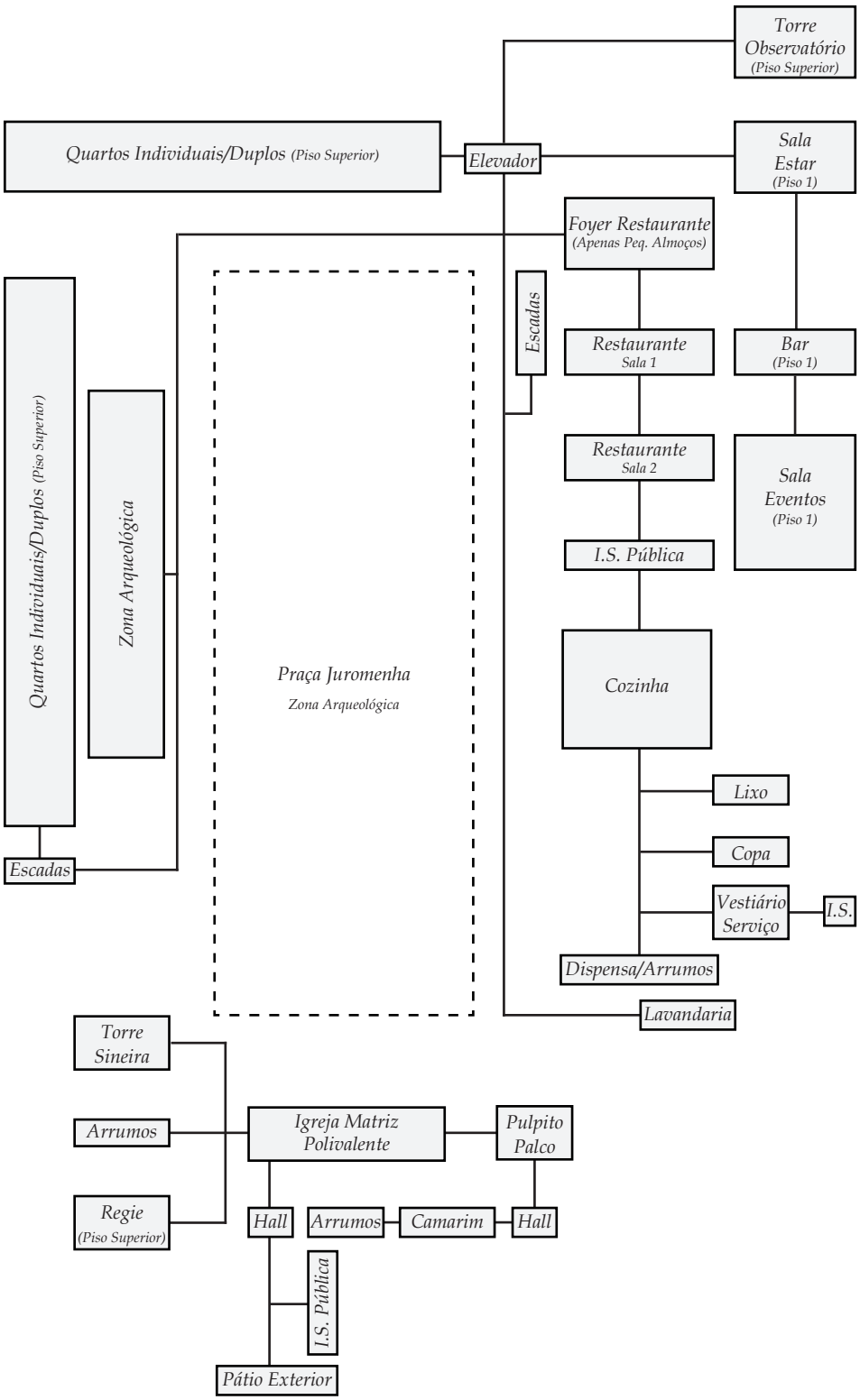


Fig. 46 - Organograma Funcional - Intramuros Cerca Medieval.

No interior da muralha islâmica, procurou-se implementar o programa de carácter público nos corpos reabilitados - na Igreja Matriz e nos armazéns – deixando o programa de quartos para o corpo novo.

Uma vez que a vila já apresenta uma igreja em funcionamento, e dada a sua dimensão, compreendeu-se que não fazia sentido sacralizar novamente a Igreja Matriz. Assim, é proposto que esta seja reabilitada a um espaço polivalente, capacitado para receber eventos. Assente no princípio de intervenção mínima, foi proposto manter a configuração original dos compartimentos, implementando os serviços complementares como as instalações sanitárias, arrumos, e camarins, na antiga sacristia. No interior da igreja, foi desenhado um único corpo, que lido como um objeto – recorrendo a uma estrutura em LSF – e disposto no fundo da nave principal, permite a visualização da mesma a um nível superior – podendo funcionar como uma espécie de régie, durante certos eventos. O interior deste objeto, ao nível térreo, funciona como espaço de arrumos.

No antigo armazém de pólvora, pela sua reduzida dimensão e ausência de qualquer vão, foi proposta a introdução de uma simples lavandaria. Os seguintes compartimentos, referentes aos antigos armazéns de aparelhos de guerra, receberam o programa de restaurante de pequenos almoços, com duas salas para refeições, uma sala para as instalações sanitárias, e na última (a maior), a cozinha e a zona de serviços.

Com treze quartos – dos quais quatro simples, e nove duplos -, a estrutura nova introduzida é composta por dois edifícios em tensão, relacionados por uma galeria em estrutura metálica. Com a aposta no sistema construtivo em LSF, e levantada do chão – por uma estrutura metálica em aço tradicional -, permitindo assim libertar as zonas arqueológicas, e minimizar o contacto com o solo, são também criadas zonas de sombra, para o abrigo em dias de extremo calor. Este conjunto de corpos, de forma linear, que separam duas realidades distintas, apresentam dois "rostos" diferentes: voltado para a praça, as fachadas são mais serenas, com forte inspiração nas tipologias alentejanas, e nas suas chaminés; já na fachada tardoz, seguindo um espírito mais livre, e contemplativo, pequenas caixas de varandas destacam-se do plano principal do corpo, e criam uma moldura para a paisagem envolvente.

Junto à zona norte da fortaleza, na sala dos armazéns que atualmente não apresenta cobertura, é proposto que a plataforma que recebe o LSF se prolongue para o seu interior, conferindo um teto a essa sala, e permitindo a criação de um novo espaço ao nível superior, que recebe um observatório exterior – onde é possível contemplar a fortaleza e a paisagem a partir de um novo ponto.

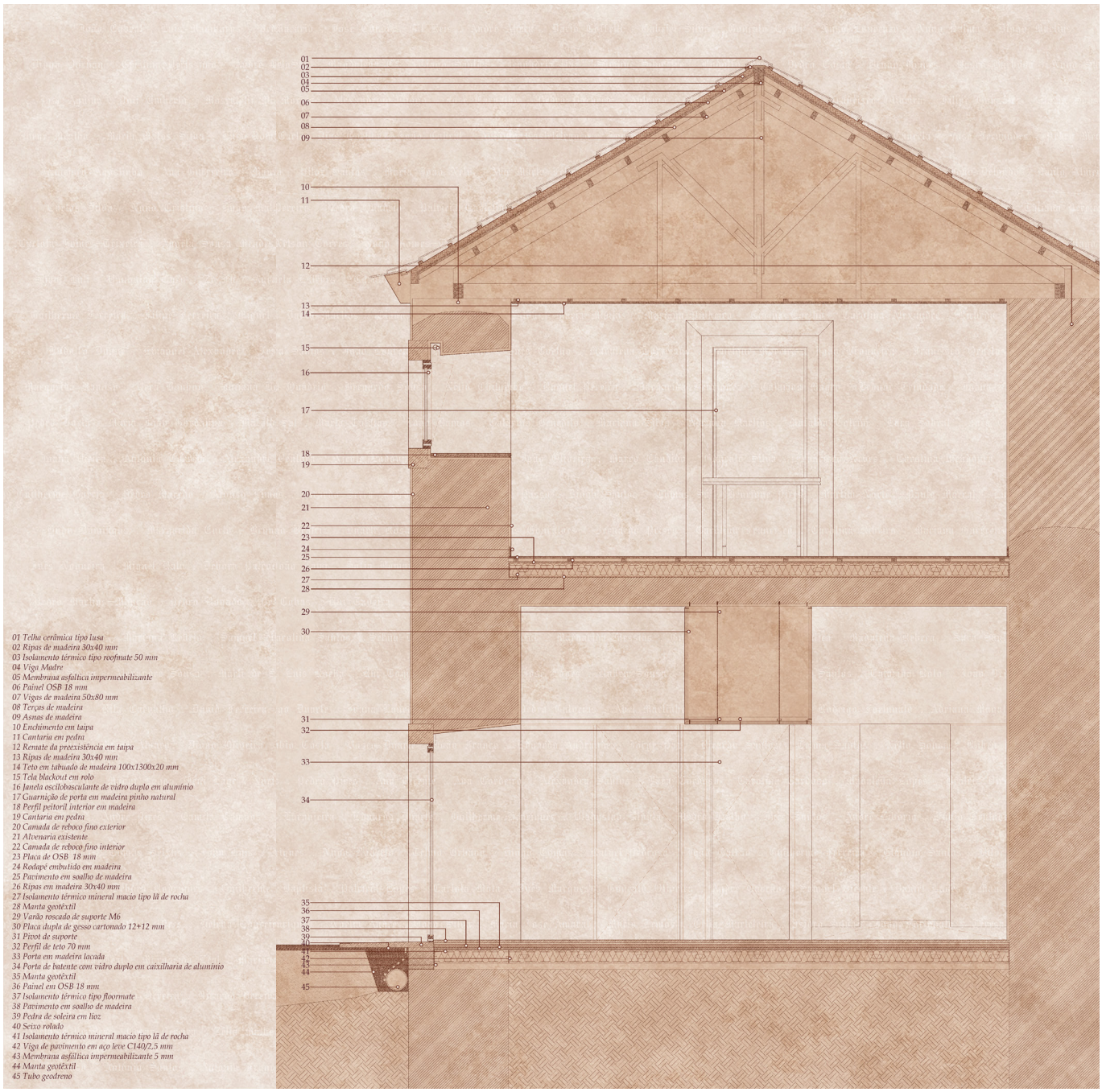


Fig. 47 - Corte construtivo da reabilitação do antigo armazém de aparelhos de guerra.

Ao nível material, o projeto explica-se segundo duas técnicas de intervenção distintas – o LSF e a taipa -, e três materiais principais - o aço, a terra e a cortiça.

Aplicada nos corpos alvos de reabilitação – quando existe a necessidade de toque na preexistência- , a taipa, pela sua reversibilidade e baixa intrusão, remete para o princípio de intervenção mínima. Nos corpos em que foi necessário a implementação de uma estrutura nova de cobertura, recorre-se à tradicional estrutura de duas águas composta por asnas em madeira e telha cerâmica, mantendo assim a linguagem dos mesmos.

Por sua vez, o LSF é utilizado nas restantes situações: na formalização dos corpos novos dos quartos, no corpo novo na praça da comarcã, na introdução da laje do primeiro piso no quartel de veteranos, e na estrutura que compõe a régie na Igreja Matriz. O recurso a esta técnica, permite o seu desmantelamento e reciclagem, caso um dia os interesses mudem.

Por fim, a cortiça, elemento natural de origem alentejana, é o material eleito para criar um ambiente distinto, mas sereno, revestindo todos os novos corpos, bem como servindo de acabamentos em várias situações – lambris, paredes, pavimentos. Com elevadas propriedades térmicas, garante também o conforto destes espaços, face o clima da região.

VI. Proposta
Técnicas e Materialidades

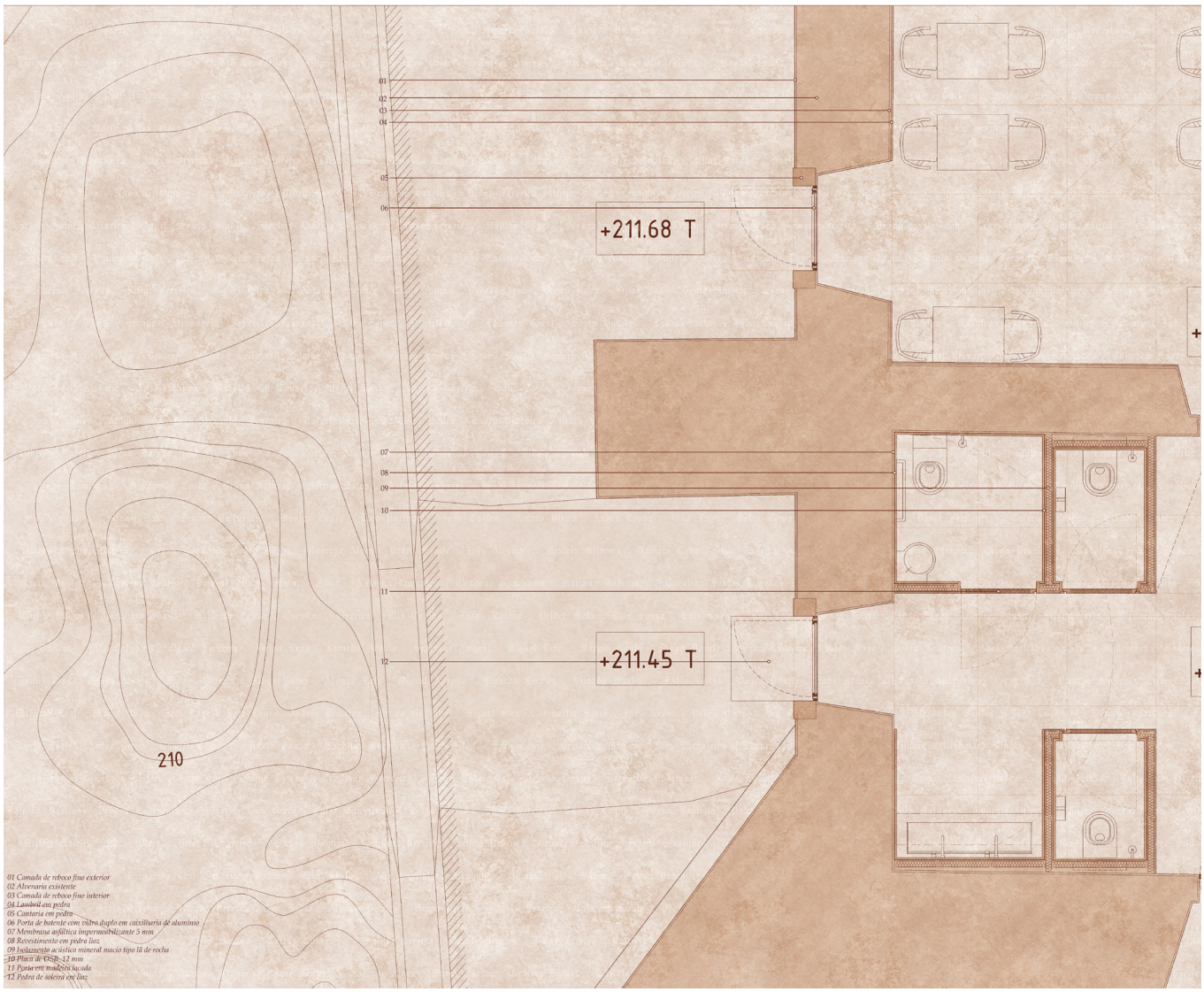
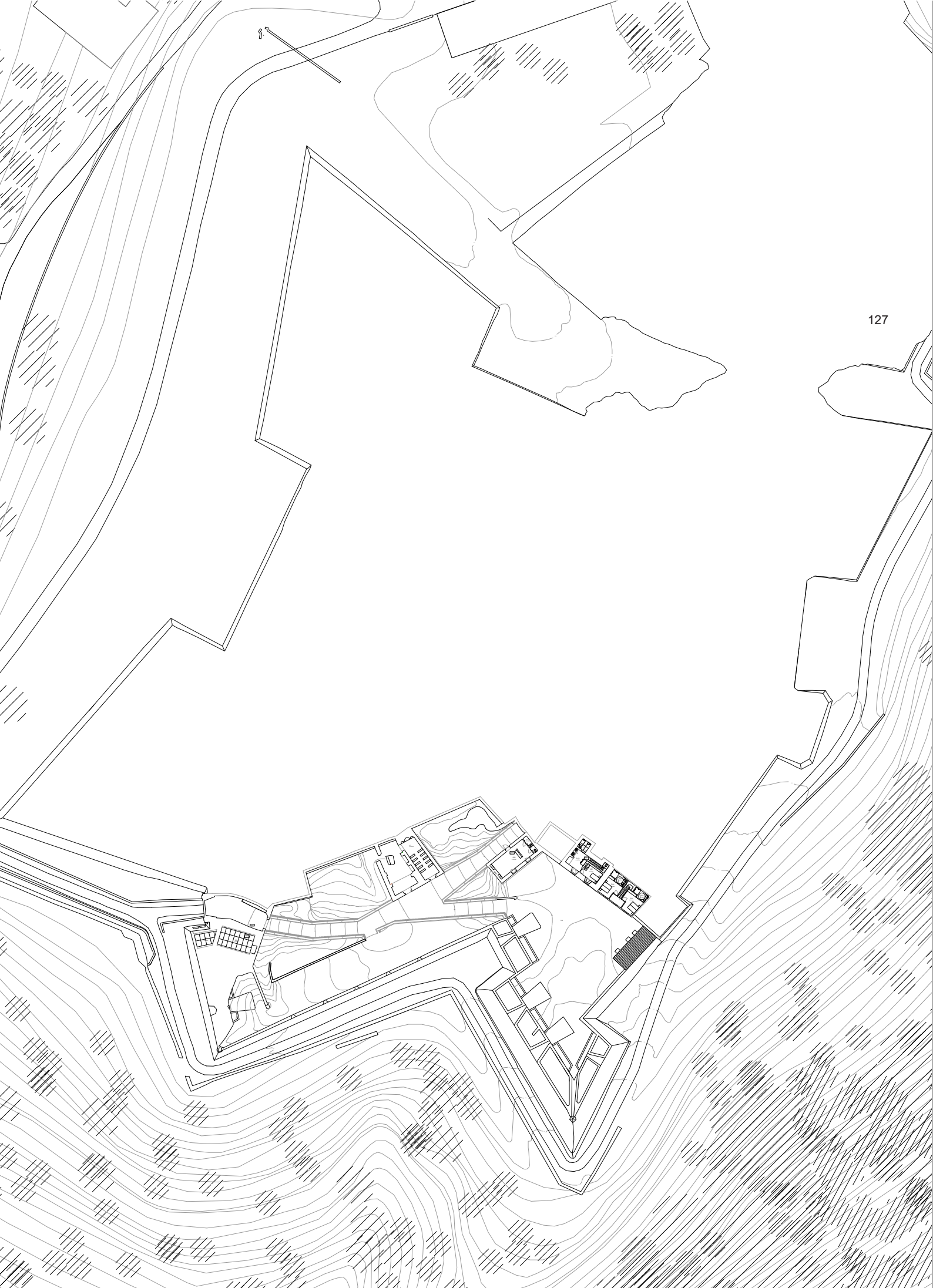
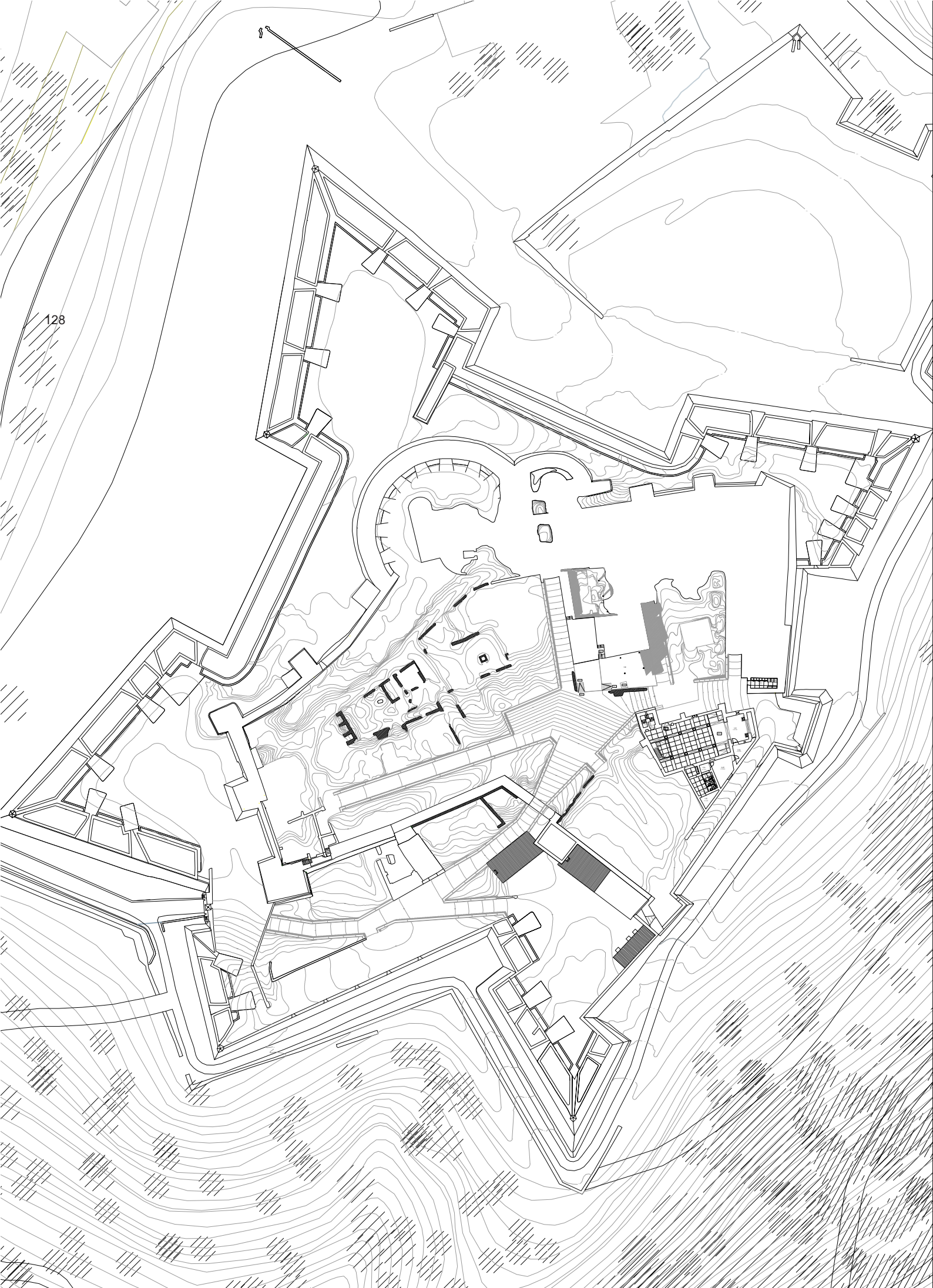


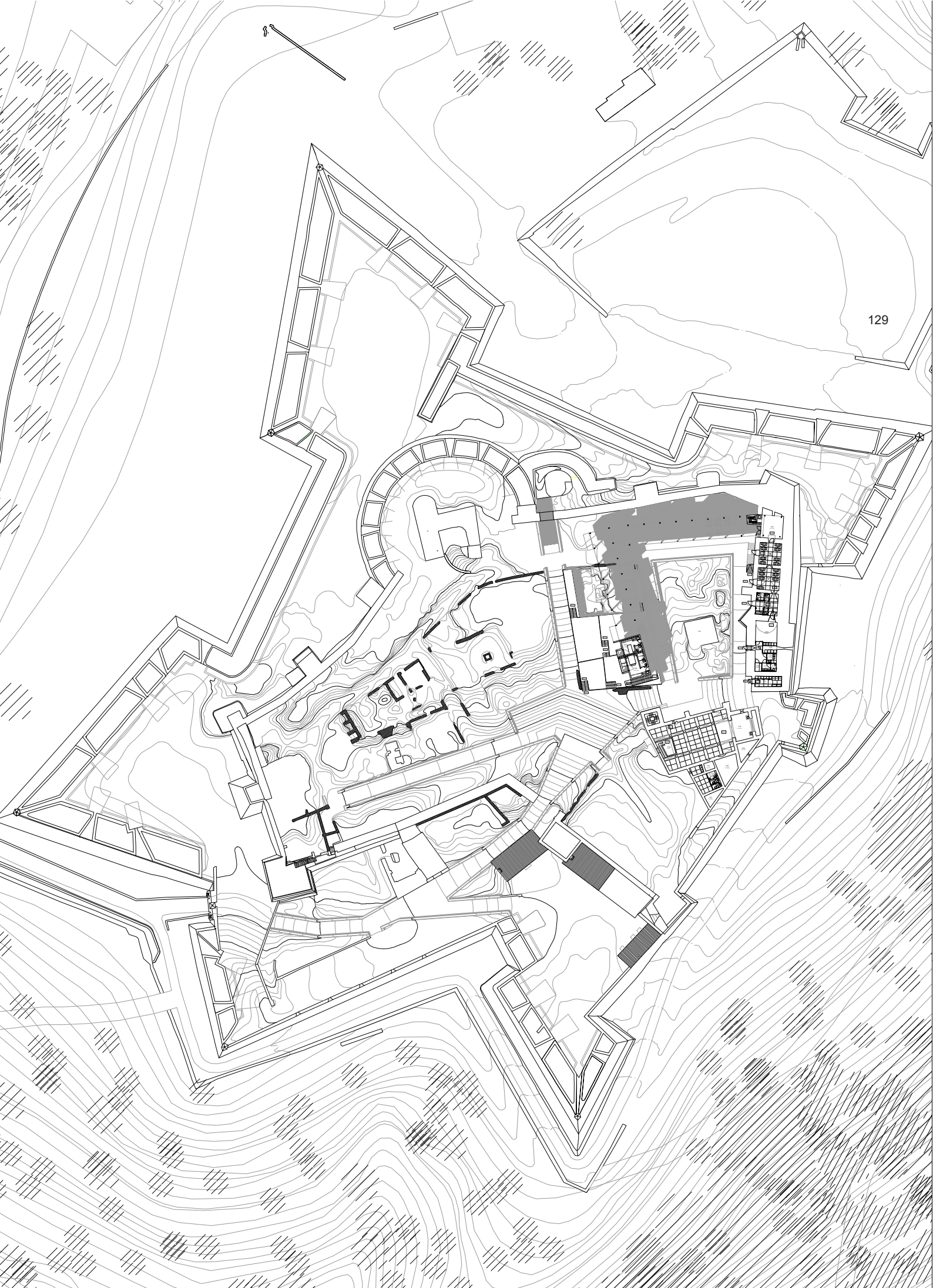
Fig. 48 - Planta da reabilitação do antigo armazém de aparelhos de guerra.

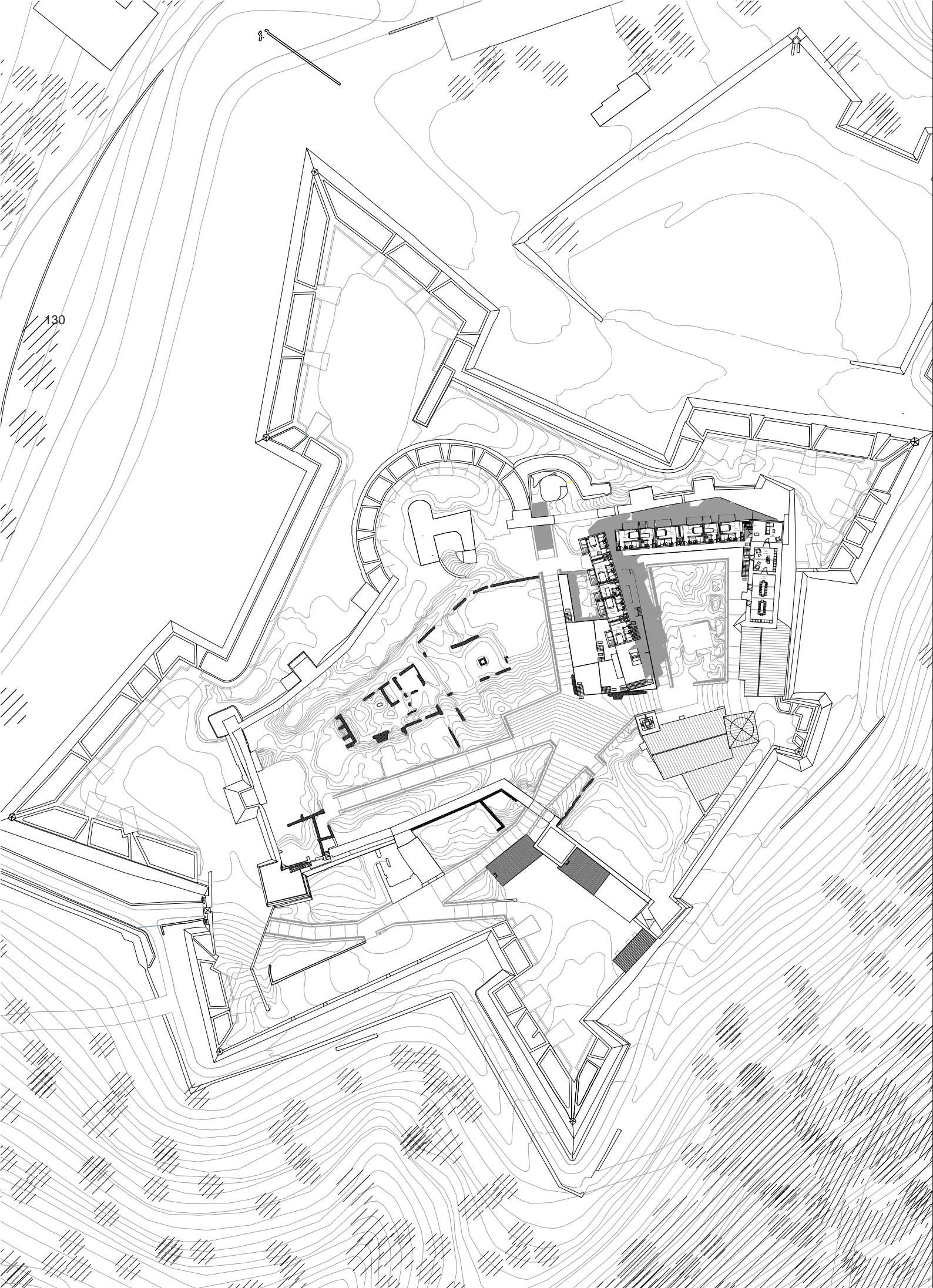
Fig. 49 - Planta à cota 200, Escala 1-1500.
Fig. 50 - Planta à cota 202, Escala 1-1500.
Fig. 51 - Planta à cota 211, Escala 1-1500.
Fig. 52 - Planta à cota 213.5, Escala 1-1500.
Fig. 53 - Planta à cota 216.5, Escala 1-1500.
Fig. 54 - Planta de Cobertura, Escala 1-1500.

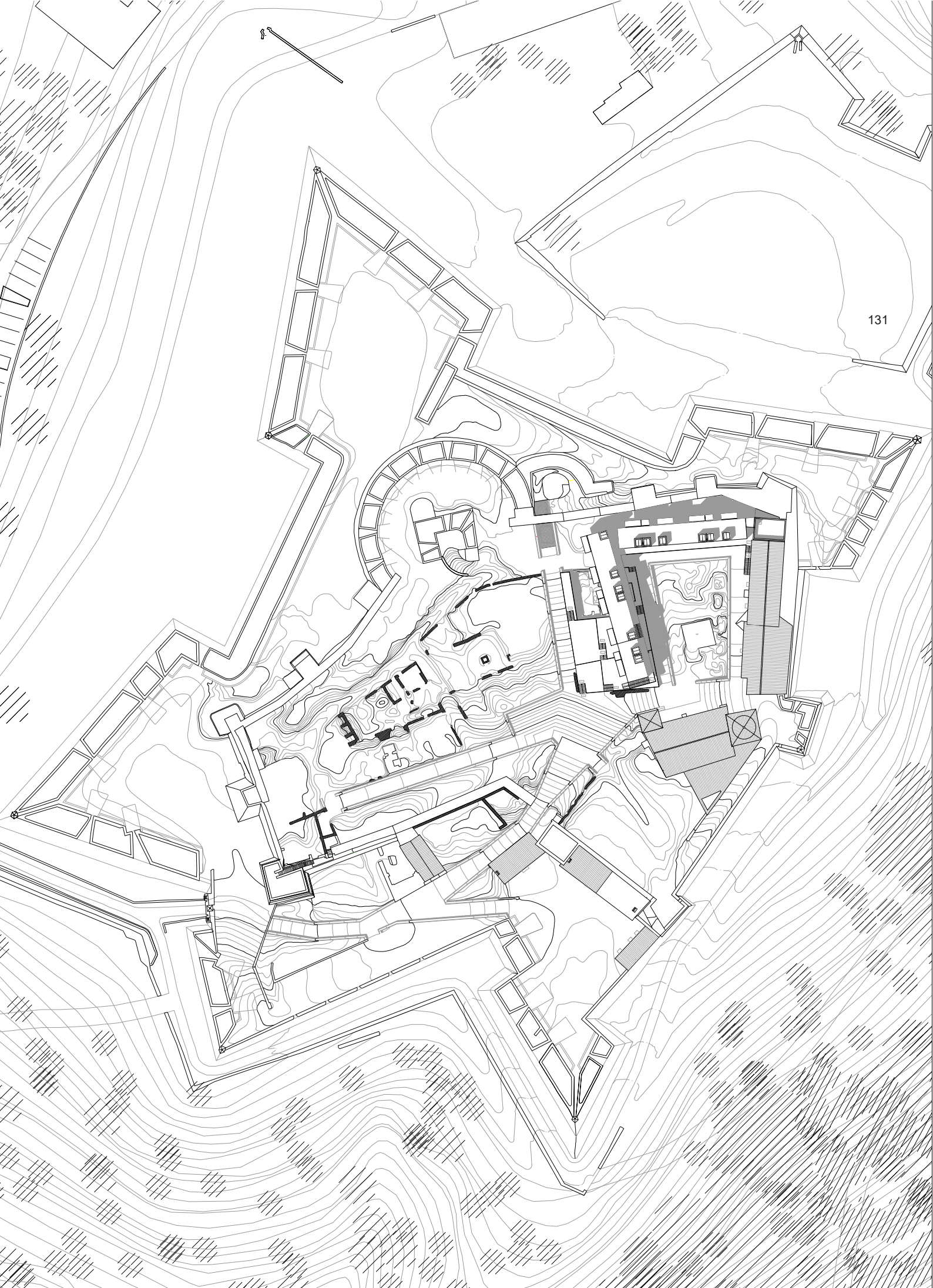












VII

Considerações Finais

VII. Considerações Finais

Como sempre defendido pelos grandes mestres, ao ofício do arquiteto, sempre se exigiu o cruzamento e articulação de saberes diferentes: artísticos, técnicos, teóricos, e práticos, provenientes de diversas áreas disciplinares (Alarcão, 2018).

Se este desafio já é naturalmente complexo, o processo associado à reabilitação ganha uma complexidade extra, quando a estes se introduz a responsabilidade de lidar com a preexistência.

Se considerarmos que, uma parte considerável da riqueza cultural de uma população está associada à sua capacidade de valorizar o seu património, entende-se a importância da sua manutenção e de fortalecer o saber coletivo associado à memória.

Com base na metodologia apresentada no projeto, a investigação e a análise assumiram um papel fulcral na perceção da peça única que a fortaleza de Juromenha é, e serviram de base à estruturação do programa implementado, que de uma forma geral, entende-se que cumpriu com os objetivos inicialmente propostos.

A restituição da presença no panorama nacional, através de um equipamento de hospedagem, e a estipulação de serviços que lhe conferem dimensão, bem como a criação de itinerários, recuperação de vias e acessos, a procura pelo equilíbrio formal, e a distinção visível nas zonas intervencionadas, tudo sempre sobre um princípio de intervenção mínima e de procura pela reversibilidade, promove a fruição deste lugar de exceção.

Reconhecendo que, questões como a viabilidade económica de uma solução tão pouco extensa como a apresentada, o avançado estado de degradação da fortaleza ou a falta de compacidade num programa de hospedagem, podem ser algumas das fragilidades desta proposta.

Resta o desejo de que o presente trabalho sirva, pelo menos, como fio

VII. Considerações Finais

condutor de uma motivação por este tipo de estruturas que compõem o nosso espólio nacional, fomentando a sua divulgação, cuidado e valorização.

Resumo

Referências Bibliográficas

CARERI, Francesco – ***Walkscapes: O caminhar como prática estética.*** *1ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2020. ISBN 978-85-65985-16-1*

CORBUSIER, Le - ***O Modulor.*** *1ª ed. Lisboa: Orfeu Negro, 2010. ISBN 978-989-95565-7-7*

I. Introdução

AGUIAR, José; PACHECO, Pedro (2019) - ***Fortaleza de Juromenha: Projeto de consolidação e restauro dos paramentos do perímetro abaluartado exterior e cerca islâmica e medieval interior.*** *Lisboa.*

FITAS, Ana Paula – ***Olivença e Juromenha: uma história por contar****, 1ª ed. Lisboa: Edições Colibri, 2007. ISBN 978-972-772-730-8*

HOLLIS, Edward – ***The Secret Lives of Buildings: from the Parthenon to the Vegas Strip in Thirteen Stories.*** *1st ed. Cambridge: Granta Books, 2010. ISBN 978-184-627-128-1*

NOÉ, Paula (2015) - ***Guia de Inventário: Fortificações Medievais e Modernas.*** *Sacavém [Consult. 7 Jan. 2022]. Disponível em www: <http://www.monumentos.gov.pt/site/DATA_SYS/MEDIA/EstudosDocumentos/Guia%20fortifica%C3%A7%C3%B5es%20-%202%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%20-%20final.pdf>*

II. herança

AGUIAR, José; PACHECO, Pedro (2019) - ***Fortaleza de Juromenha: Projeto de consolidação e restauro dos paramentos do perímetro abaluartado exterior e cerca islâmica e medieval interior.*** *Lisboa.*

Referências Bibliográficas

ALARCÃO, Pedro – ***Construir na Ruína: Entre a reconstituição e a reabilitação**, 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 2018. ISBN 978-972-36-1694-1*

BERGSON, Henri – ***Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. ISBN 85-336-1021-1*

BRILHANTE, Miguel de Carvalho (2015) – ***Juromenha: A Chave do Guadiana – O Lugar, A Fortificação e o Futuro.** Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Tese de Mestrado. [Consult. 14 Mar. 2022].*
Disponível em www: <https://run.unl.pt/handle/10362/19897>

CHOAY, Françoise – ***Alegoria do Património.** 3ªed. Lisboa: Edições 70, 2014. ISBN 978-972-44-1274-0*

FITAS, Ana Paula – ***Olivença e Juromenha: uma história por contar**, 1ª ed. Lisboa: Edições Colibri, 2007. ISBN 978-972-772-730-8*

HOLLIS, Edward – ***The Secret Lives of Buildings: from the Parthenon to the Vegas Strip in Thirteen Stories**. 1st ed. Cambridge: Granta Books, 2010. ISBN 978-184-627-128-1*

LEITE, António Santos – ***7 Casas Imaginárias: Sete Caminhos de Identidade**, 1ª ed. Lisboa: Caleidoscópio, 2020. ISBN 978-989-658-571-6*

LYNCH, Kevin – ***A Imagem da Cidade.** 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 1982. ISBN 978-972-440-379-3*

MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte – ***Portugal, O Sabor da Terra: Um retrato histórico e geográfico por regiões,** 1ª ed. Lisboa: Temas e Debates, 2010. ISNB 9789896440992*

*NOÉ, Paula (2015) - **Guia de Inventário: Fortificações Medievais e Modernas.** Sacavém [Consult. 7 Jan. 2022]. Disponível em www: <http://www.monumentos.gov.pt/site/DATA_SYS/MEDIA/EstudosDocumentos/Guia%20fortifica%C3%A7%C3%B5es%20-%202%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%20-%20final.pdf>*

*NUNES, António Lopes Pires – **Dicionário de Arquitectura Militar.** Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2005. ISBN 978-972-880-194-6*

*NORBERG-SCHULZ, Christian – **Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture.** 1st ed. Minnesota: Academy Editions, 1980. ISBN 978-084-780-287-6*

*RICOEUR, Paul – **La memoire, l'historie, l'oubli.** 1ª ed. Paris: Points, 2000. ISBN 978-2-02-056332-1*

*VAZ, Pedro – **Edificar no Patrimonio: Pessoas e Paradigmas na Conservação & Restauro.** 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 2019. ISBN 978-972-44-2108-7*

III. Consciência

*ALARCÃO, Pedro – **Construir na Ruína: Entre a reconstituição e a reabilitação,** 1ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 2018. ISBN 978-972-36-1694-1*

*ANDRESEN, Maria Teresa Lencastre de Melo Breyner (1992) – **Para a crítica da paisagem.** Aveiro: Universidade de Aveiro. Tese de Doutoramento.*

*CARERI, Francesco – **Walkscapes: O caminhar como prática estética.** 1ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2020. ISBN 978-85-65985-16-1*

CHOAY, Françoise – ***Alegoria do Património.*** *3ªed. Lisboa: Edições 70, 2014. ISBN 978-972-44-1274-0*

GONZÁLEZ, Filipe Duarte - ***Geometrias da Arquitectura de Terra: A Sustentabilidade Geométrica das Construções em Terra Crua.*** *1ª ed. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2006. ISBN 978-972-888-369-0*

HOLLIS, Edward – ***The Secret Lives of Buildings: from the Parthenon to the Vegas Strip in Thirteen Stories.*** *1st ed. Cambridge: Granta Books, 2010. ISBN 978-184-627-128-1*

LEITE, António Santos – *7* ***Casas Imaginárias: Sete Caminhos de Identidade,*** *1ª ed. Lisboa: Caleidoscópio, 2020. ISBN 978-989-658-571-6*

LOBO, Susana - ***Pousadas de Portugal: Reflexos da Arquitectura Portuguesa do Século XX.*** *1ªed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006. ISBN 972-8704-92-5*

MASCARENHAS, João – ***Sistemas de Construção XIV: Construção e Reabilitação Sustentáveis.*** *1ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2014. ISBN 978-972-24-1776-1*

RUSKIN, John - ***Las Siete Lámparas De La Arquitectura,*** *1ª ed. Valladolid: Editorial Maxtor, 2015. ISBN 978-84-9001-503-2*

SILVESTRE, Nuno; PIRES, João; SANTOS, António – ***Manual de construção de estruturas e edifícios em LSF: Light Steel Framing,*** *1ª ed. Coimbra: CMM – Associação Portuguesa de Construção Metálica e Mista, 2013. ISBN 978-989-95605-8-1*

VAZ, Pedro – ***Edificar no Patrimonio: Pessoas e Paradigmas na Conservação & Restauro.*** *1ª ed. Lisboa: Edições 70, 2019. ISBN 978-972-44-2108-7*

IV. Referências

ARCHDAILY (2012) – ***Templo de Diana/José María Sánchez García.*** *[Consult. 14 Fev.2022]. Disponível em: www: <https://www. archdaily. com.br/br/01-28666/templo-de-diana-jose-maria-sanchez-garcia>*

ARCHDAILY (2013) – ***Adaptação das Ruínas Romanas de Can Táco/Toni Girones.*** *[Consult. 15 Fev. 2022]. Disponível em: www: <https://www.archdaily.com.br/br/01-119973/adaptacao-das-ruinas-romanas-de-can-taco-slash-toni-girones?ad_source=search&ad_medium=projects_tab>*

GARCÍA, José María Sánchez - ***Adecuación del Entorno del Templo Romano de Diana en Mérida.*** *El croquis. Madrid. ISSN 0212-5633 (Mai. 2017), p.29-39.*

GIRONÈS, Toni - ***Parque Arqueológico de los Restos de la Antigua Iesso.*** *El croquis. Madrid. ISSN 0212-5633 (Mai. 2017), p.244-249.*

GIRONÈS, Toni - ***Adecuación del Yacimiento Romano de Can Tacó.*** *El croquis. Madrid. ISSN 0212-5633 (Mai. 2017), p.250-259.*

NEVES, José Manuel – ***Pedro Brígida Arquitetos: Casa Das Penhas Douradas Design Hotel e Spa + Mobiliário.*** *1ª ed. Lisboa: Uzina Books, 2013. ISBN 978- 989-8456-56-4.*

SPANISH-ARCHITECTS.COM (N.D.) - ***Parque arqueológico de los restos de la antigua IESSO romana S. I A.C*** *[Consult. 3 Jan. 2022]. Disponível em: <https://www.spanish-architects.com/es/estudi-darquitectura-tonigirones-barcelona/project/archaeological-park-of-the-remains-of-ancient-romaniesso-s-i-ac>*

Referências Bibliográficas

VIAJAR (2016) – ***Colmeal Countryside Hotel conquistou a certificação ISO 9001.*** *[Consult. 16 Out. 2022]. Disponível em: www: <https://viajarmagazine.com.pt/colmeal-countryside-hotelconquistou-a-certificacao-iso-9001/>*

WORLD-ARCHITECTS.COM (2011) – ***Estudi D'Arquitectura Toni Gironès: Parque arqueológico de los restos de la antiqua IESSO romana S.I.A.C.*** *[Consult. 15 Fev. 2022]. Disponível em: www: <https://www.worldarchitects.com/es/estudi-darquitectura-toni-girones-barcelona/project/archaeological-park-of-the-remains-of-ancient-roman-iesso-s-i-ac>*

V. O Lugar

*AGUIAR, José; PACHECO, Pedro (2019) - F**ortaleza de Juromenha: Projeto de consolidação e restauro dos paramentos do perímetro abaluartado exterior e cerca islâmica e medieval interior.** Lisboa.*

ANDRESEN, Maria Teresa Lencastre de Melo Breyner (1992) – ***Para a crítica da paisagem.*** *Aveiro: Universidade de Aveiro. Tese de Doutoramento.*

FITAS, Ana Paula – ***Olivença e Juromenha: uma história por contar****, 1ª ed. Lisboa: Edições Colibri, 2007. ISBN 978-972-772-730-8*

ESPANCA, Túlio - ***Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora****, Volume I. n.d. Lisboa: A. N. de B. Artes, 1978.*

A

Anexos

A2

A3

1. Levantamento Fotográfico Histórico

A4





Figuras 1 e 2 - Vista da ruína da antiga Igreja da Misericórdia, adossada ao exterior da muralha medieval. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1940. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00194746. e Vista do estado de conservação do interior da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1940. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00194747.



Figura 3 - Vista do estado de conservação do exterior da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1945. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156508.



Figura 4 - Vista do estado de conservação do exterior da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1945. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156509.



Figura 5 - Vista do paramento norte da fortaleza de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1945. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156510.



Figura 6 - Vista do paramento poente da fortaleza Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1945. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156513.





Figuras 7 e 8 - Vista dos paramentos exteriores da muralha medieval de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1950. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156515 e Vista da antiga praça do pelourinho e dos antigos edifícios intramuralhas, da muralha medieval de Juromenha, 1950. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156516.





Figura 9 e 10 - Vista da ruína da antiga capela São Francisco de Assis, adossada ao exterior da muralha medieval. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1950. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156517. e Vista do estado do portão de armas da fortaleza seiscentista de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1950. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156520.





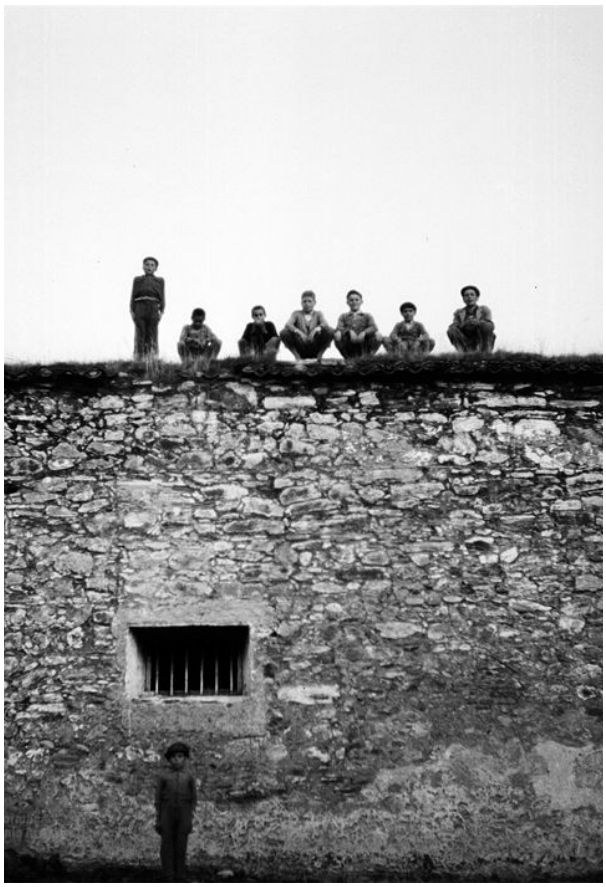
Figuras 11 e 12 - Vista do estado do portão de armas da fortaleza seiscentista de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1957. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156521. e Vista da ruína da antiga Igreja da Misericórdia, adossada ao exterior da muralha medieval. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1957. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156523.





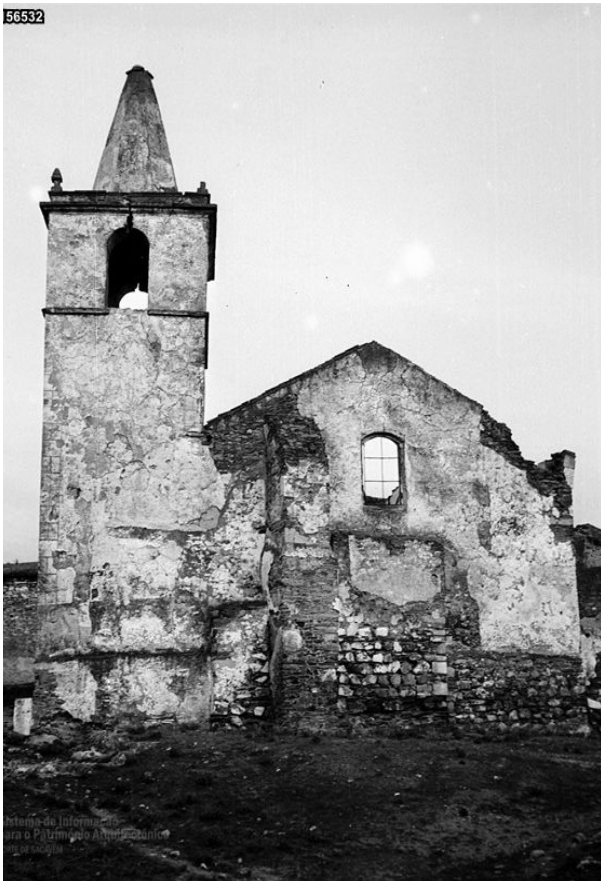
Figuras 13 e 14 - Vista da torre sineira da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1957. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156525. e Vista do paramento sul e respetiva guarita, da muralha seiscentista da fortaleza de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1957. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156526.





Figuras 15 e 16 - Vista das ruinas do Quartel dos Veteranos e da antiga prisão, a partir da praça junto à antiga prisão de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1957. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156527. e Vista das ruinas do Quartel dos Veteranos com trabalhadores. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1957. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156528.





Figuras 17 e 18 - Vista do estado de conservação do exterior da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1957. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156530. e Vista do alçado lateral do exterior da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1957. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156532.



Figura 19 - Vista do paramento poente da fortaleza Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1963. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156533.

A10



Figura 20 - Vista das ruínas da antiga Igreja da Misericórdia e da praça junto à antiga prisão de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1963. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156537.



Figura 21 - Vista da ruína da antiga prisão de Juromenha, a partir da praça. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1963. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156538.



Figura 22 - Vista das ruínas da antiga Igreja da Misericórdia, do Quartel dos Veteranos e da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1963. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156539.





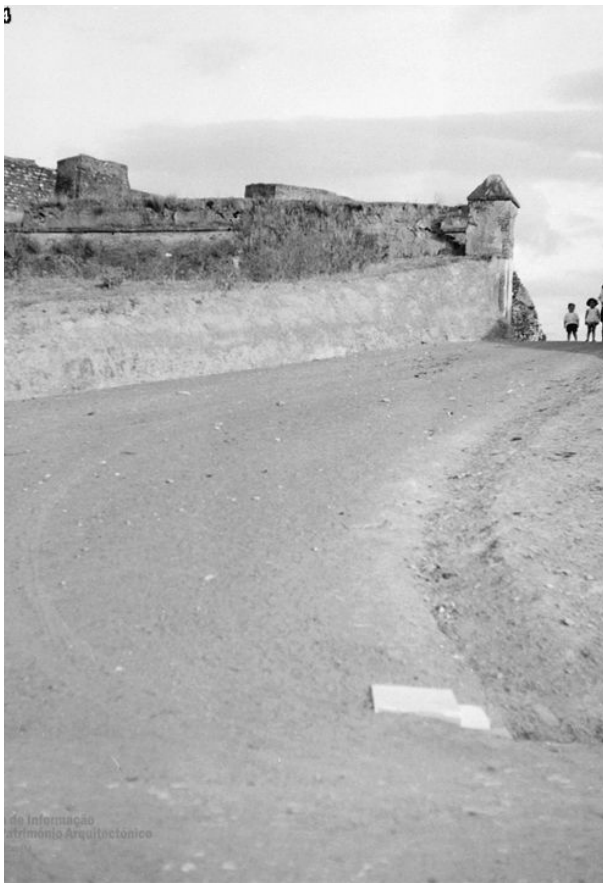
Figuras 23 e 24 - Vista das ruínas dos antigos edifícios intramuralhas, da muralha medieval de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1966. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156543. e Vista do paramento norte e respetiva guarita, da muralha seiscentista da fortaleza de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1966. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156544.





Figuras 25 e 26 - Vista do estado de conservação do interior da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1966. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156549, e Vista do estado de ruína do portico de entrada na fortaleza seiscentista de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1966. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156550.



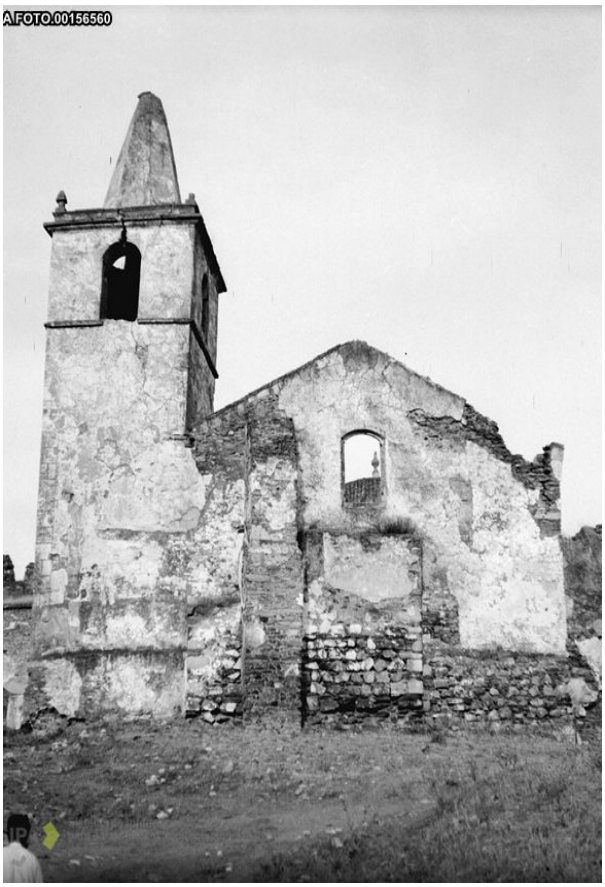


Figuras 27 e 28 - Vista do paramento sul e respetiva guarita, da muralha seiscentista da fortaleza de Juromenha, do caminho exterior circundante, e da sua relação com a margem espanhola de Vila Real de Olivença. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1968. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156552 e Vista da entrada da fortaleza da Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1968. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156554.





Figuras 29 e 30 - Vista do estado de conservação do portão de armas da fortaleza seiscentista de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1968. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156556. e Vista da entrada da fortaleza da Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1968. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156558.





Figuras 31 e 32 - Vista do alçado lateral do exterior da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1968. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156560. e Vista da ruína da antiga Igreja da Misericórdia, adossada ao exterior da muralha medieval. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1968. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156561.





Figuras 33 e 34 - Vista do paramento e respetiva guarita, da muralha seiscentista da fortaleza de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1968. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156562. e Vista da entrada da fortaleza da Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1968. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156564.





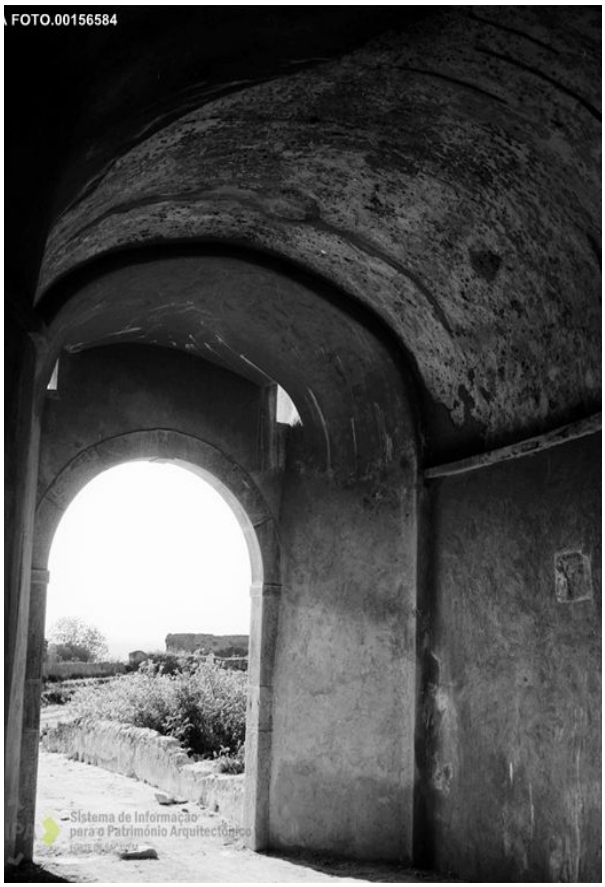
Figuras 35 e 36 - Vista do estado de ruína do antigo posto do guarda, junto ao pórtico de entrada na fortaleza seiscentista de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1969. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156566. e Vista do estado de ruína do pórtico de entrada na fortaleza seiscentista de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1969. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156568.





Figuras 37 e 38 - Vista do portão de armas da fortaleza seiscentista de Juromenha após intervenções de restauro por parte da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1970. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156570. e Vista da atual torre de menagem, junto à entrada da fortaleza. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1970. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156571.





Figuras 39 e 40 - Vista do estado de ruína do antigo posto do guarda, junto ao portão de armas da fortaleza seiscentista de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1970. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156575. e Vista do pórtico de entrada da fortaleza seiscentista. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1970. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156584.



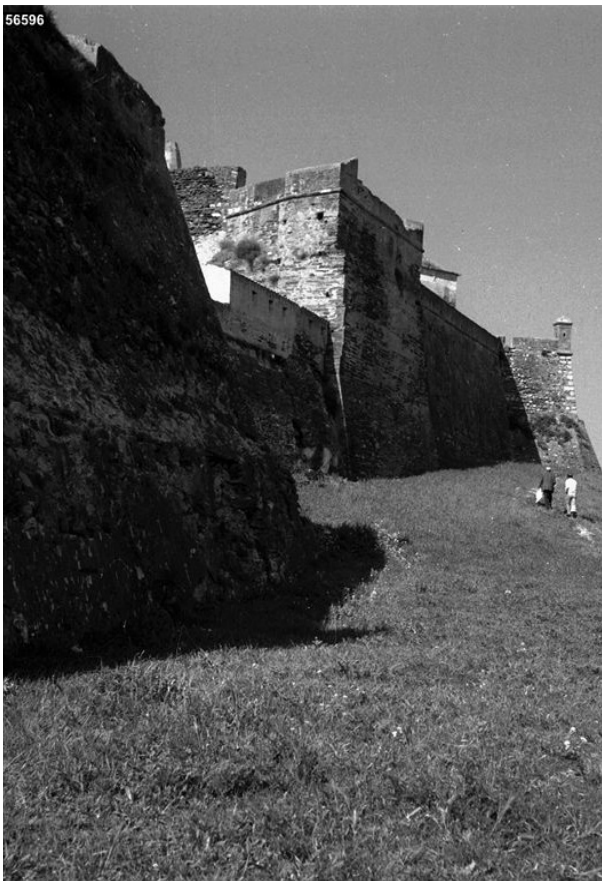


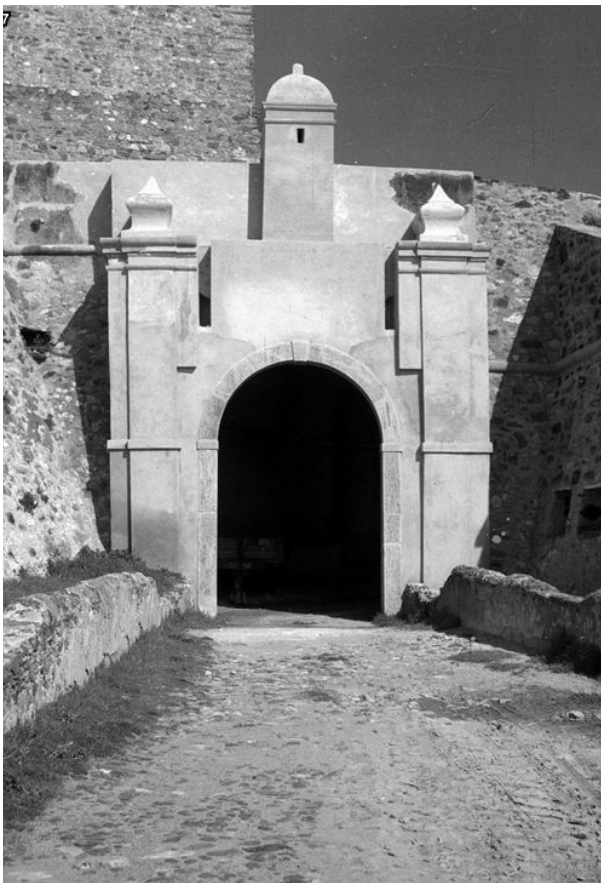
Figuras 41 e 42 - Vistas do portão de armas da fortaleza seiscentista de Juromenha após intervenções de restauro por parte da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1970. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156586 e FOTO.00156587.





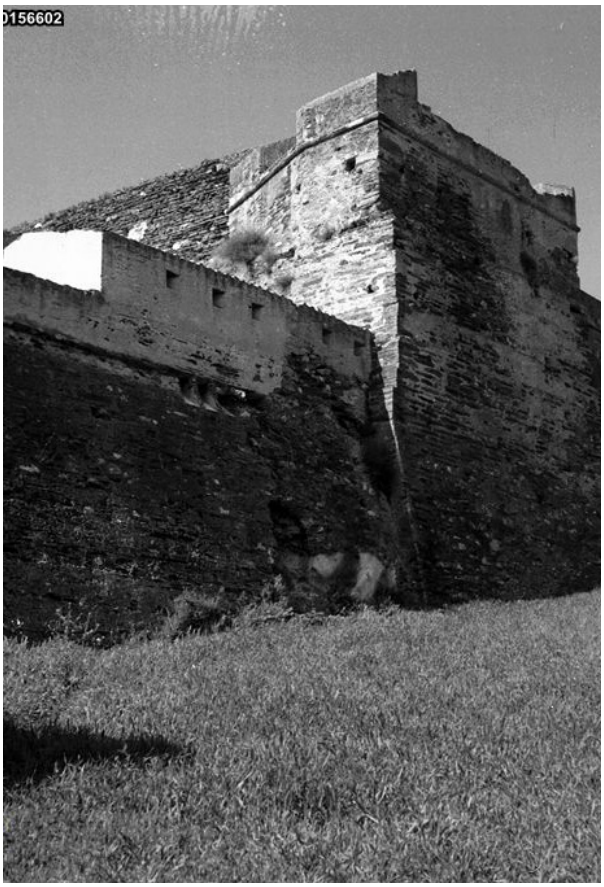
Figuras 43 e 44 - Vistas do paramento exterior do Baluarte de São Lourenço, e da entrada da fortaleza seiscentista. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1971. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156592 e FOTO.00156593.





Figuras 45 e 46 - Vista do paramento sul exterior da muralha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1974. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156596. e Vista do portão de armas da fortaleza seiscentista de Juromenha após intervenções de restauro por parte da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1974. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156597.



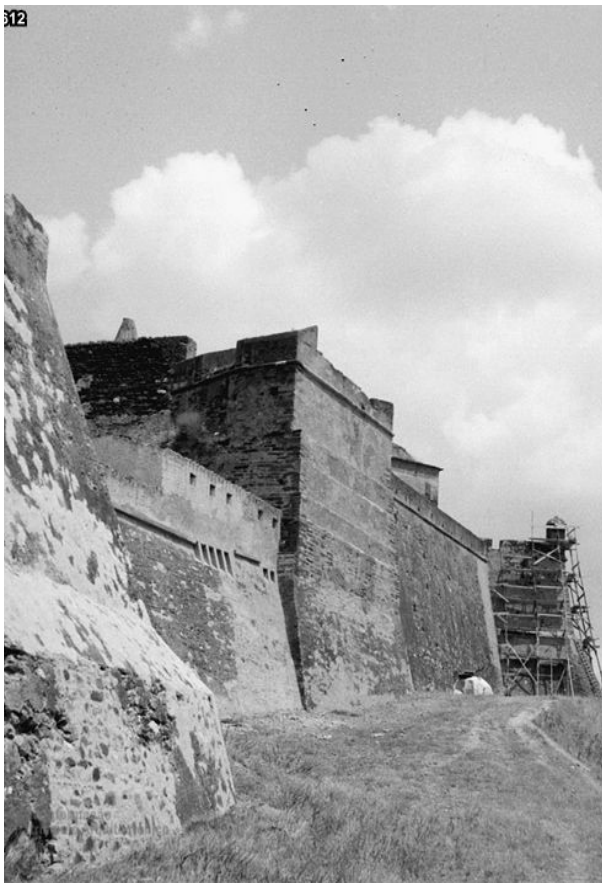


Figuras 47 e 48 - Vista das construções clandestinas junto ao paramento nascente. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1974. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156599. e Vista do paramento sul exterior da muralha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1974. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156602.



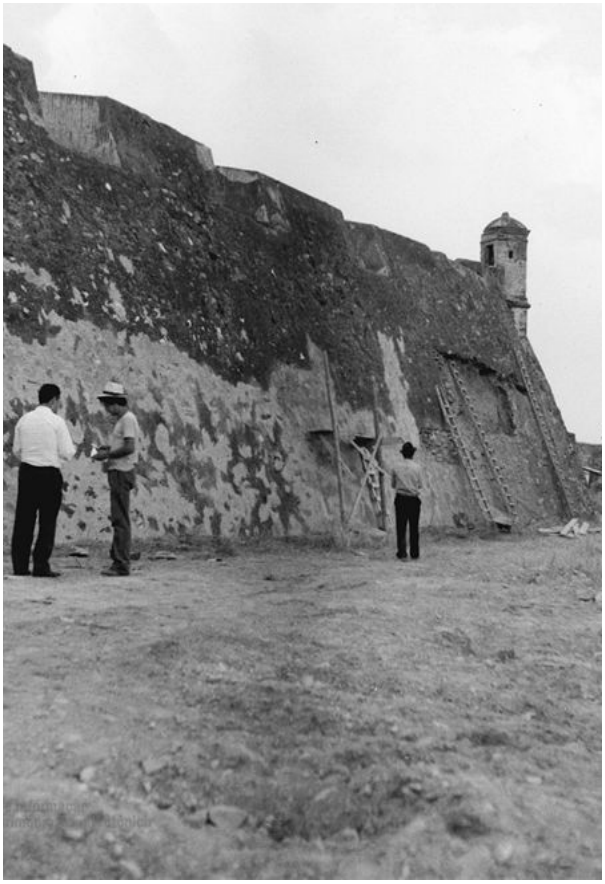


Figura 49 e 50 - Vista do paramento e respetiva guarita após intervenções por parte da DGEMN da muralha seiscentista da fortaleza. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1975. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156609. e Vista do paramento sul e torre de menagem atual da fortaleza. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1975. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156610.





Figuras 51 e 52 - Vista do paramento sul exterior da muralha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1975. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156612. e Vista da atual torre de menagem da fortaleza. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1975. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156614.



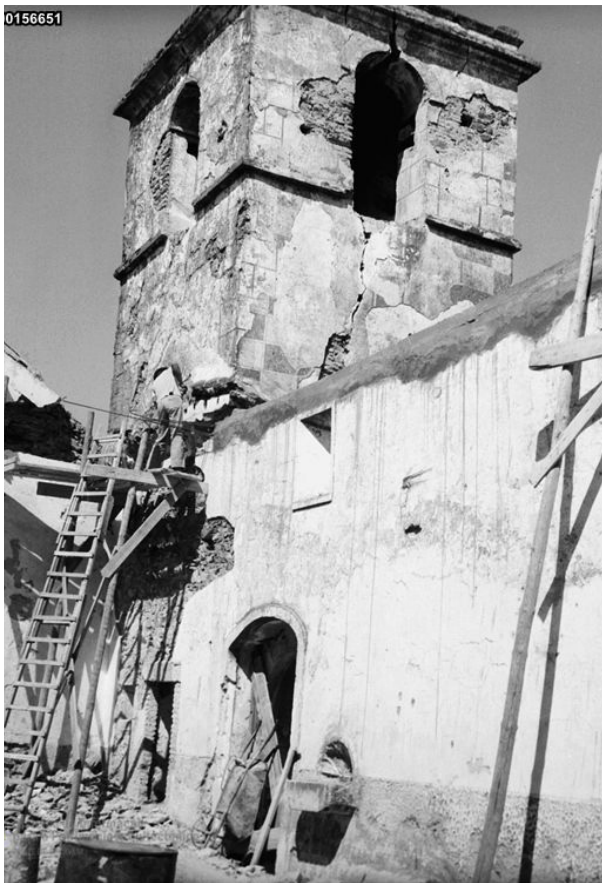


Figuras 53 e 54 - Vista do paramento e guarita da muralha seiscentista da fortaleza com obras de intervenção a decorrer por parte da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1976. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156628 e FOTO.00156632.



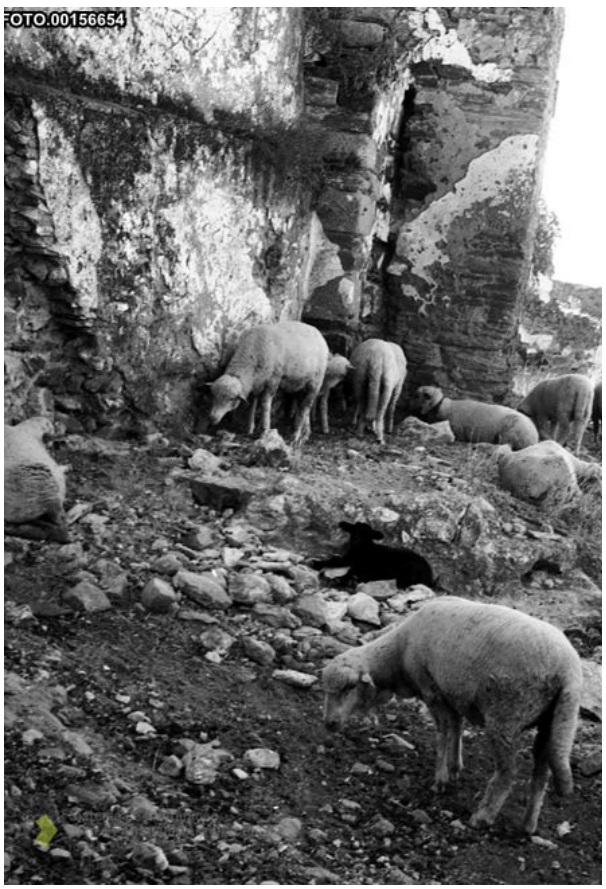


Figuras 55 e 56 - Vista das obras de intervenção do paramento exterior da Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1976. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156640 e FOTO.00156641.





Figuras 57 e 58 - Vista das obras de intervenção na torre sineira da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1979. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156651. e Vista dos paramentos exteriores da muralha medieval de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1979. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156652.





Figuras 59 e 60 - ista dos paramentos exteriores da muralha medieval de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1979. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156654, e Vista do estado de conservação do interior da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1981. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156656.





Figuras 61 e 62 - Vista da antiga Igreja da Misericórdia após intervenções da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1983. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156665. e Vista do interior da fortaleza de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1983. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156668.





Figuras 63 e 64 - Vista da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto após intervenções da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1985. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156675. e Vista do portão de armas restaurado da fortaleza seiscentista de Juromenha após intervenções por parte da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1985. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00156676.



Figura 65 - Porta norte da muralha medieval da Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1988. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00185572.



Figura 66 - Vista do paramento norte da muralha medieval de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1988. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00185574.



Figura 67 -Vista do estado de conservação dos antigos armazéns militares da fortaleza da Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1988. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00185576.



Figuras 68 - Vista do paramentro exterior após obras de restauro por parte da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1988. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00185577.

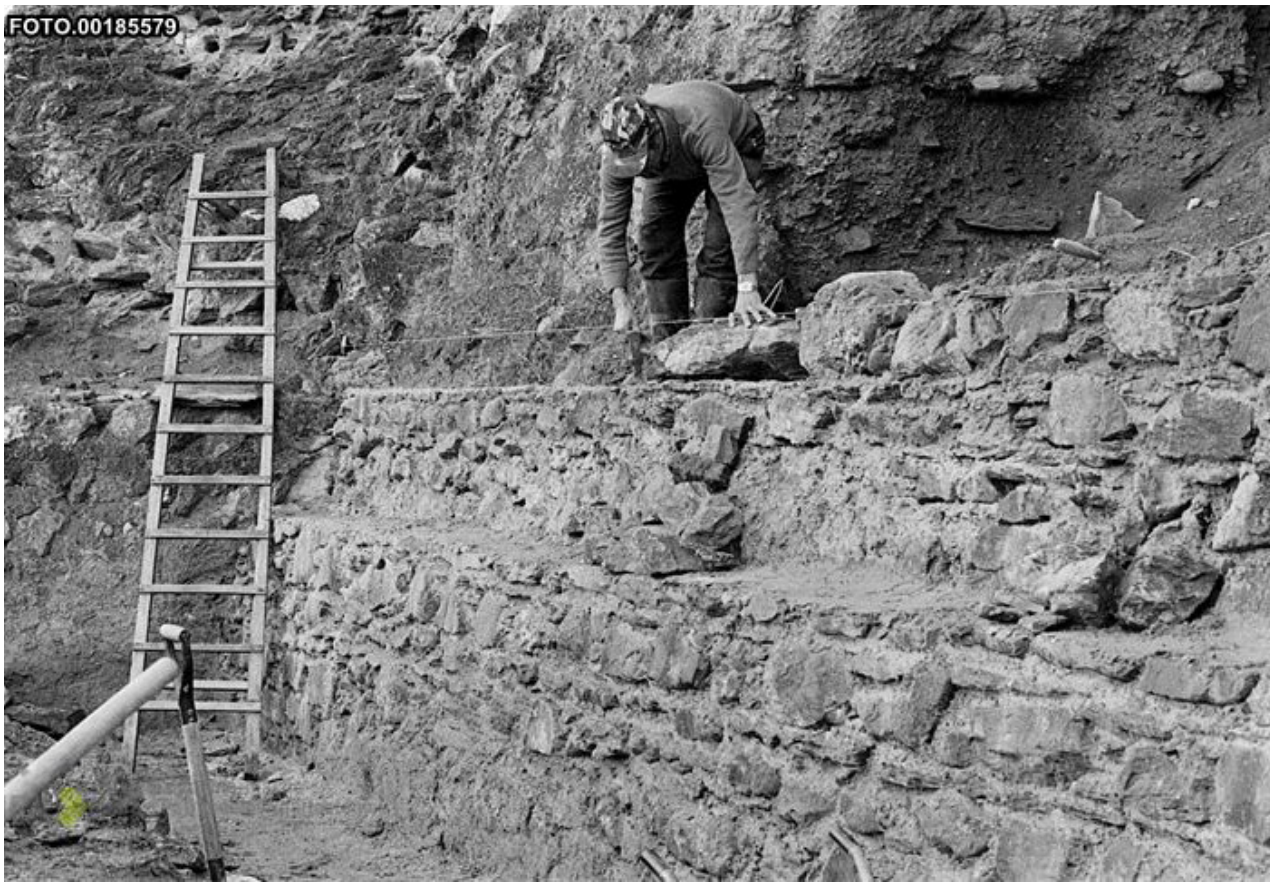


Figura 69 - Vista do paramento norte da muralha medieval de Juromenha durante obras de restauro por parte da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1988. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00185579.



Figura 70 - Vista do paramento norte da muralha medieval de Juromenha durante obras de restauro por parte da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1988. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00185587.



Figura 71 - Vista do estado de conservação dos paramentos da fortaleza seiscentista de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1988. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00185590.



Figura 72 - Vista do paramento norte da muralha medieval de Juromenha durante obras de restauro por parte da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1988. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00185594.



Figura 73 - Vista do paramento norte da muralha medieval de Juromenha, após intervenção de restauro por parte da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1989. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00185707.



Figura 74 - Figura 1 e 2 - Vista do paramento norte da muralha medieval de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1989. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00185772.



Figura 75 - Vista do paramento norte da muralha medieval de Juromenha, após intervenções de restauro da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1990. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00186552.



Figura 76 - Vistas dos paramentos exteriores da muralha medieval de Juromenha, após intervenções de restauro da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN,1990. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00186554 e FOTO.00186560.



Figura 77 - Vista da atual torre de menagem, junto à entrada da fortaleza após intervenções de restauro por parte da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1996. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00206880.



Figura 78 - Vista da porta poente da muralha medieval da fortaleza da Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1996. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00206881.



Figura 79 - Vista dos edifícios intramuralhas da fortaleza da Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1996. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00206887.



Figura 80 - Vista dos edifícios intramuralhas da fortaleza da Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1996. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00206890.





Figuras 81 e 82 - Vista das escavações junto à antiga praça do pelourinho da Juromenha. e Vista do estado de ruína dos antigos armazéns militares. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1996. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00206891 e FOTO.00206894.



Figura 83 - Vista da entrada medieval a partir da antiga praça do pelourinho. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1996. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00206892.



Figura 84 - Vista do paramento norte da muralha medieval de Juromenha. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1996. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00206893.



Figura 85 - Vista da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto após intervenções de restauro por parte da DGEMN. Levantamento fotográfico realizado pela DGEMN, 1996. Disponível em DGEMN, SIPA, IPA.00004461, FOTO.00206898.

A32

2. Vermelhos e Amarelos

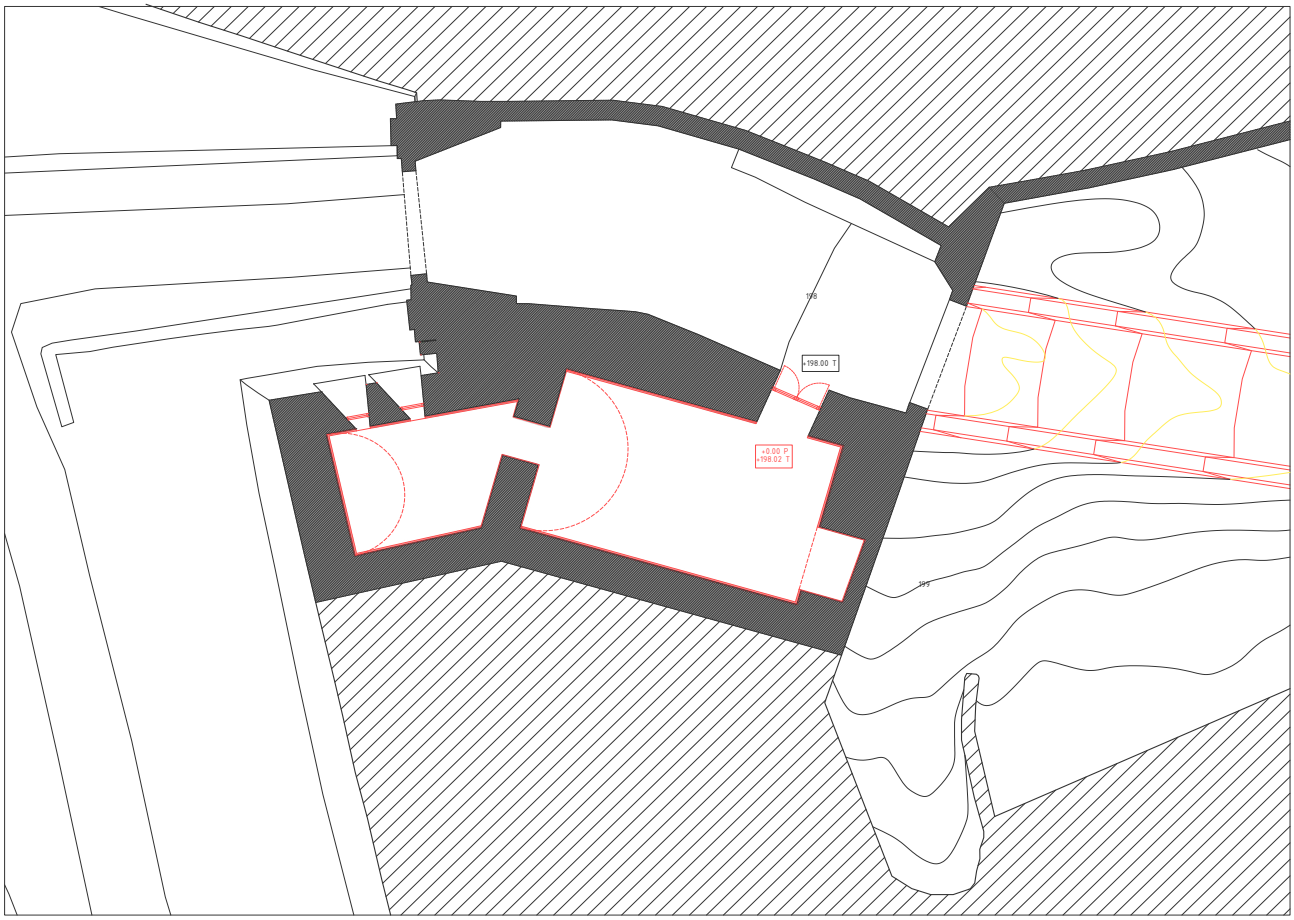


Figura 86 - Amarelos e Vermelhos. Planta das Salas de Vigia à cota 200. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

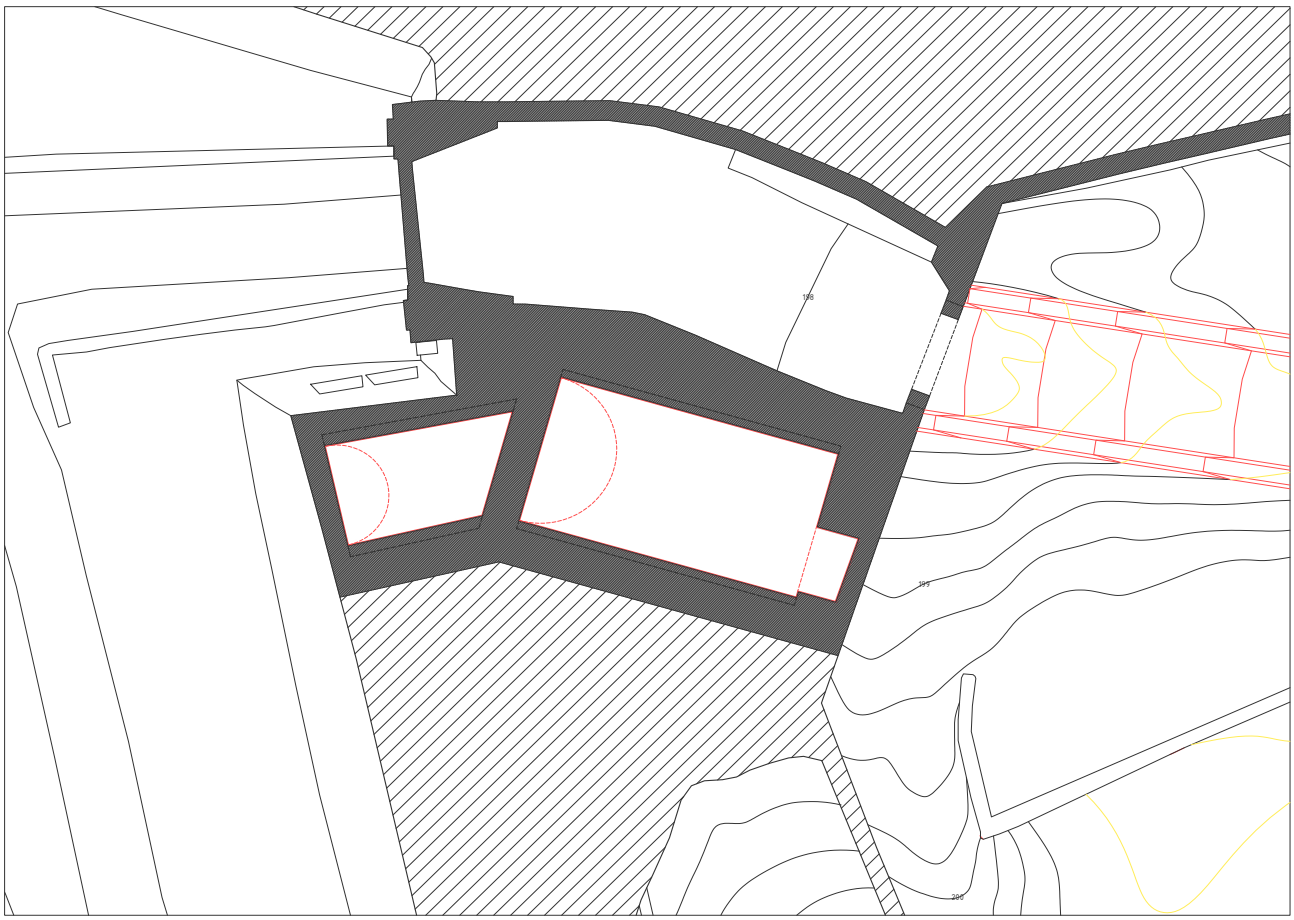


Figura 87 - Amarelos e Vermelhos. Planta das Salas de Vigia à cota 202. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

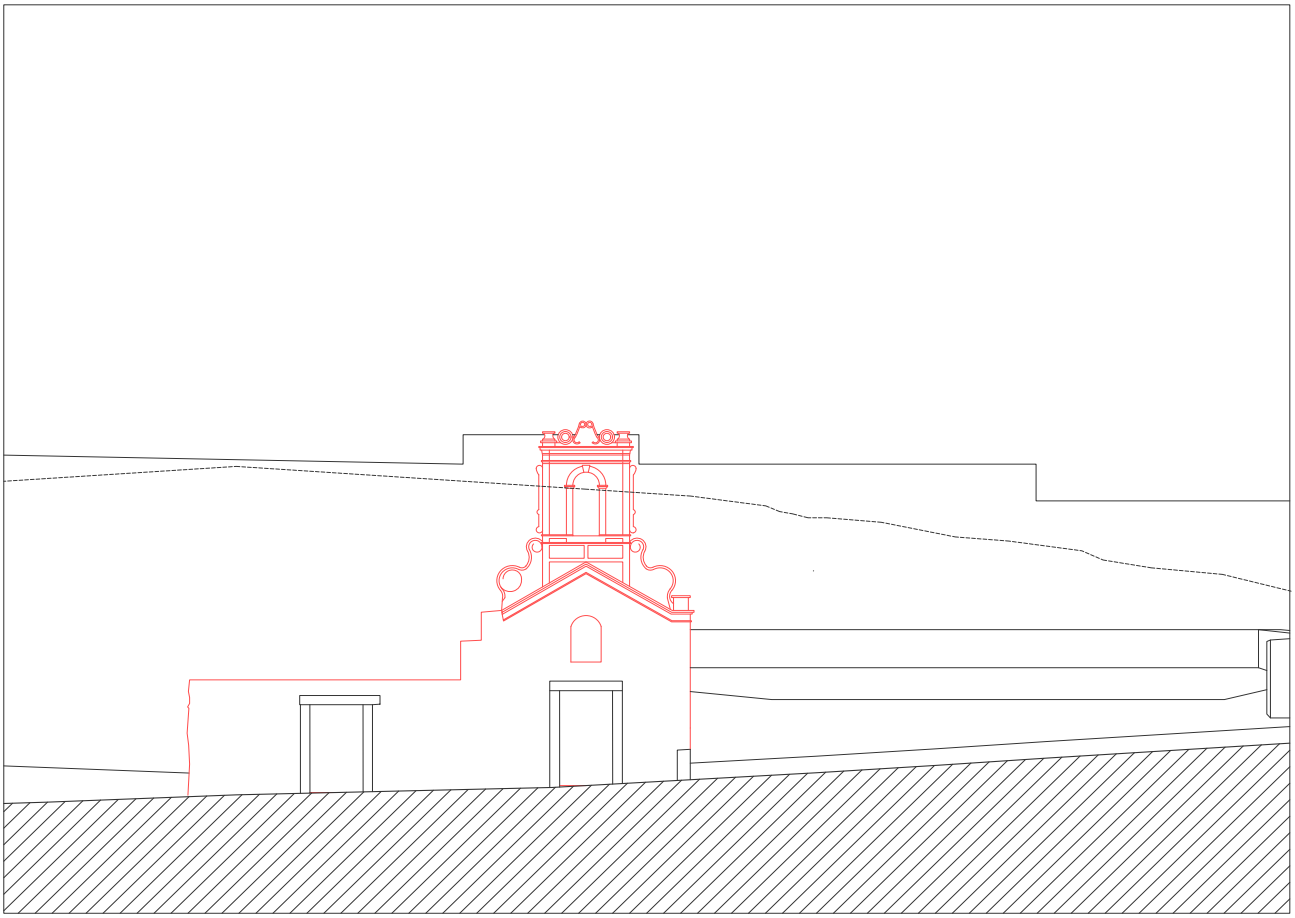


Figura 88 - Amarelos e Vermelhos. Alçado da Igreja da Misericórdia. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

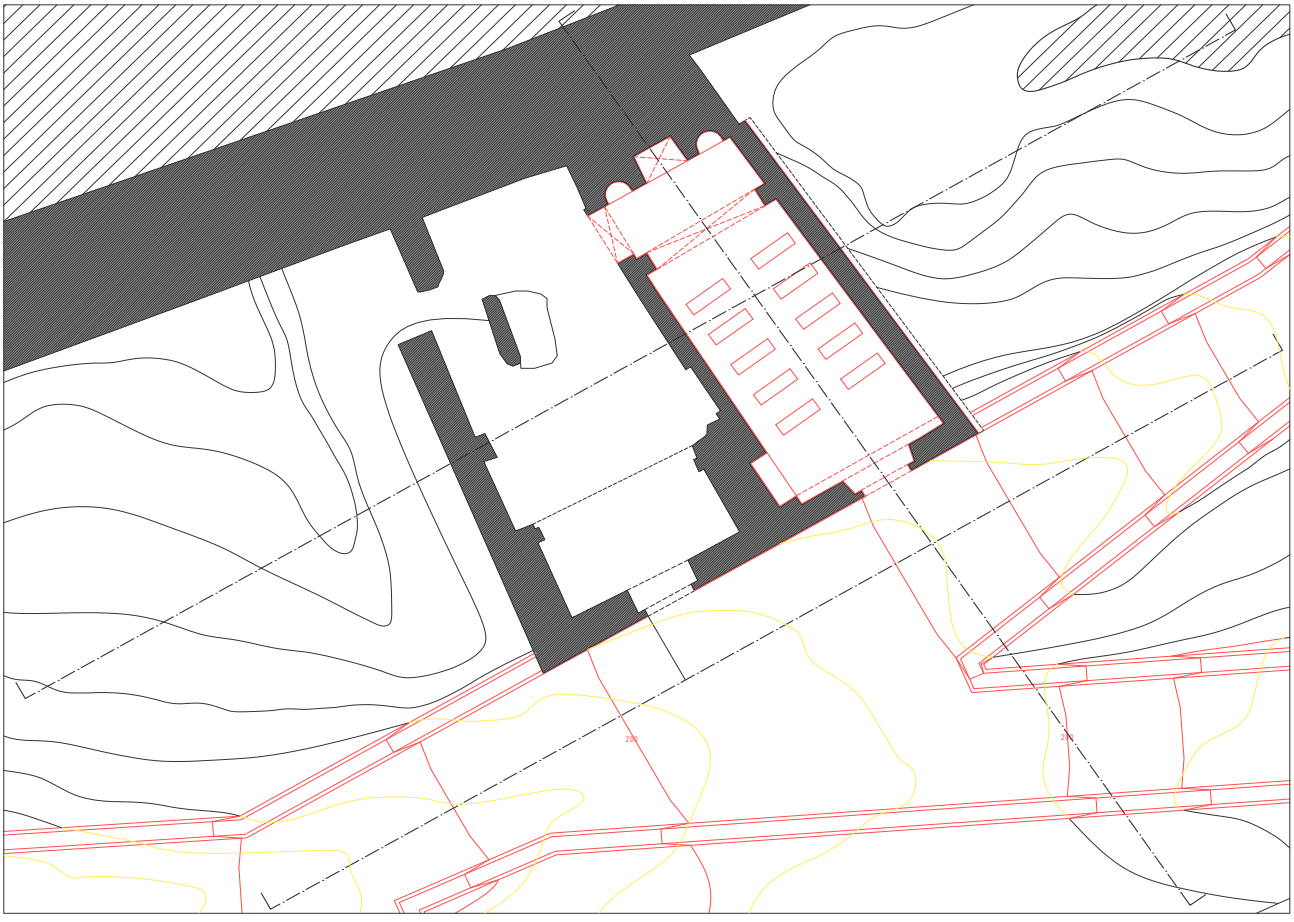


Figura 89 - Amarelos e Vermelhos. Planta da Igreja da Misericórdia à cota 202. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

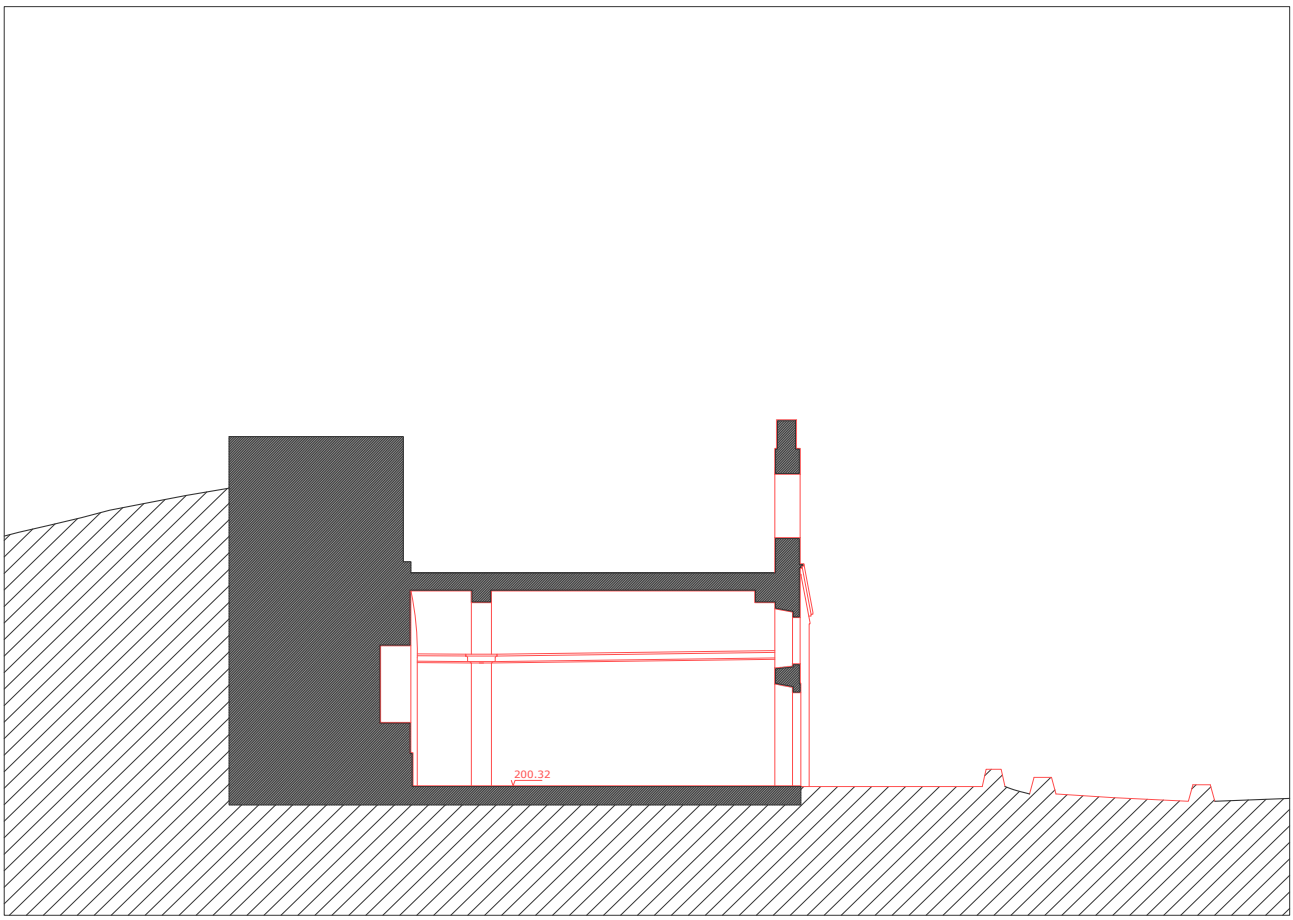


Figura 90 - Amarelos e Vermelhos. Corte da Igreja da Misericórdia. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

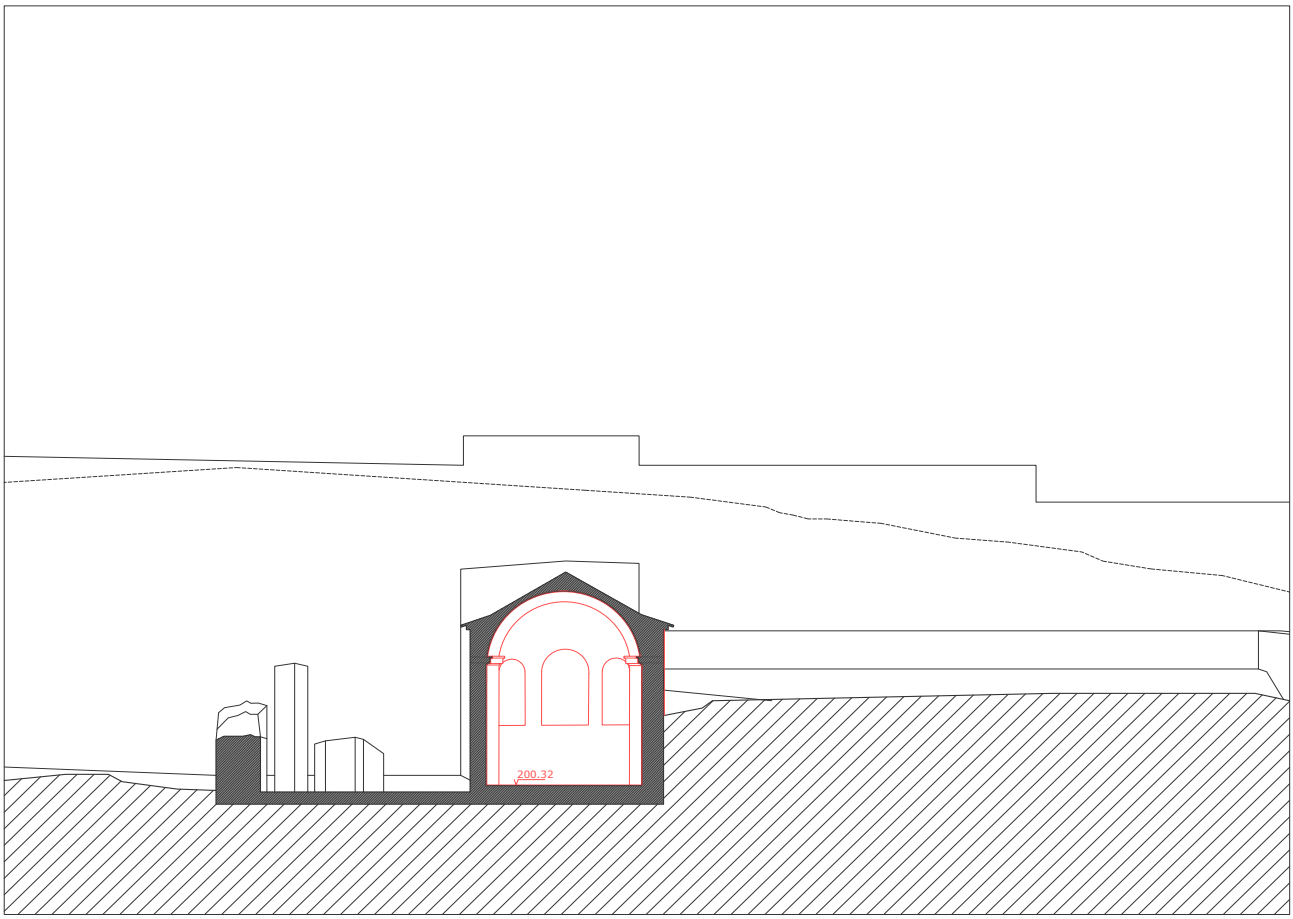


Figura 91 - Amarelos e Vermelhos. Corte da Igreja da Misericórdia. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

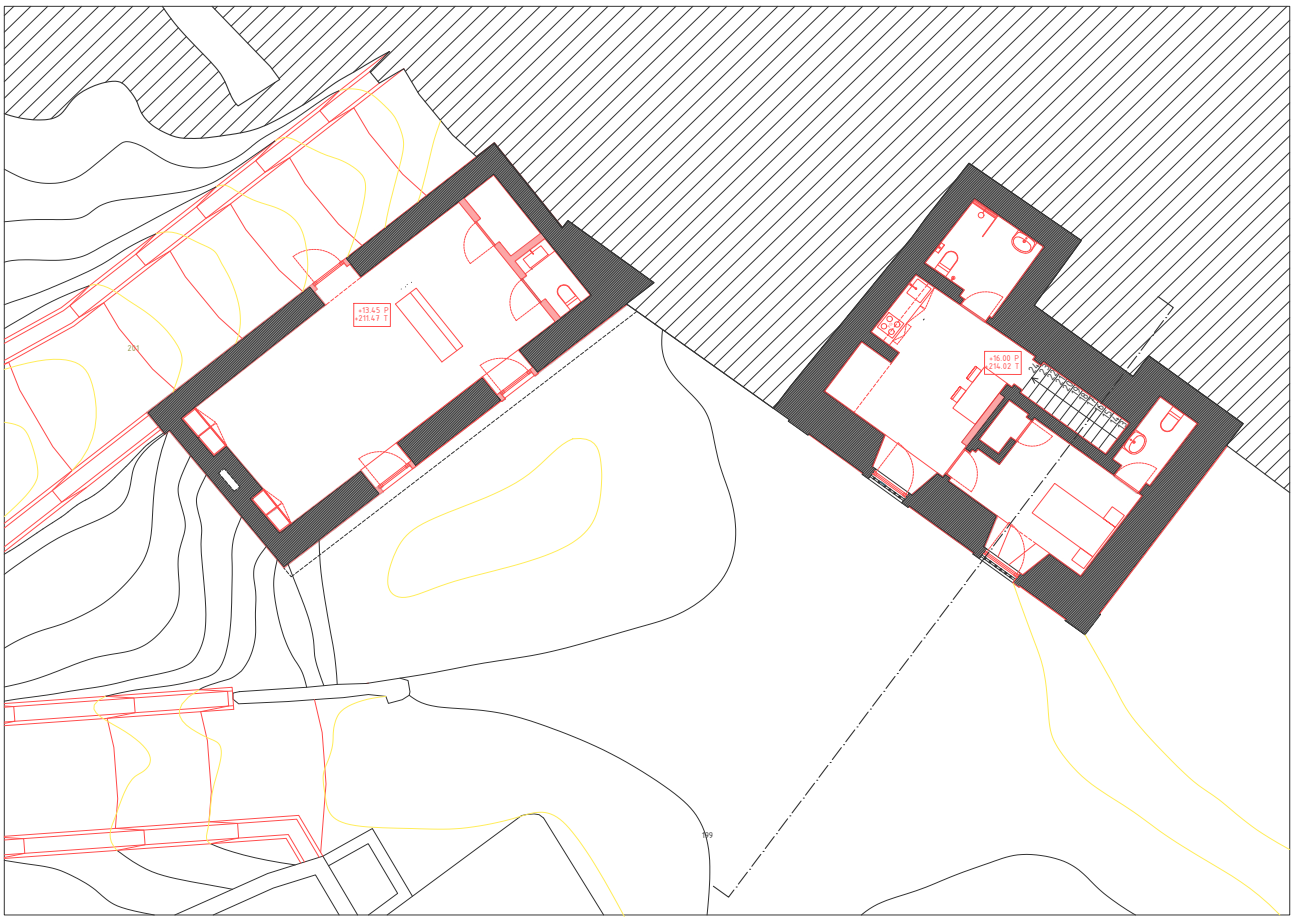


Figura 92 - Amarelos e Vermelhos. Planta do Quartel de Veteranos e Cadeia Comarcã à cota 200. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

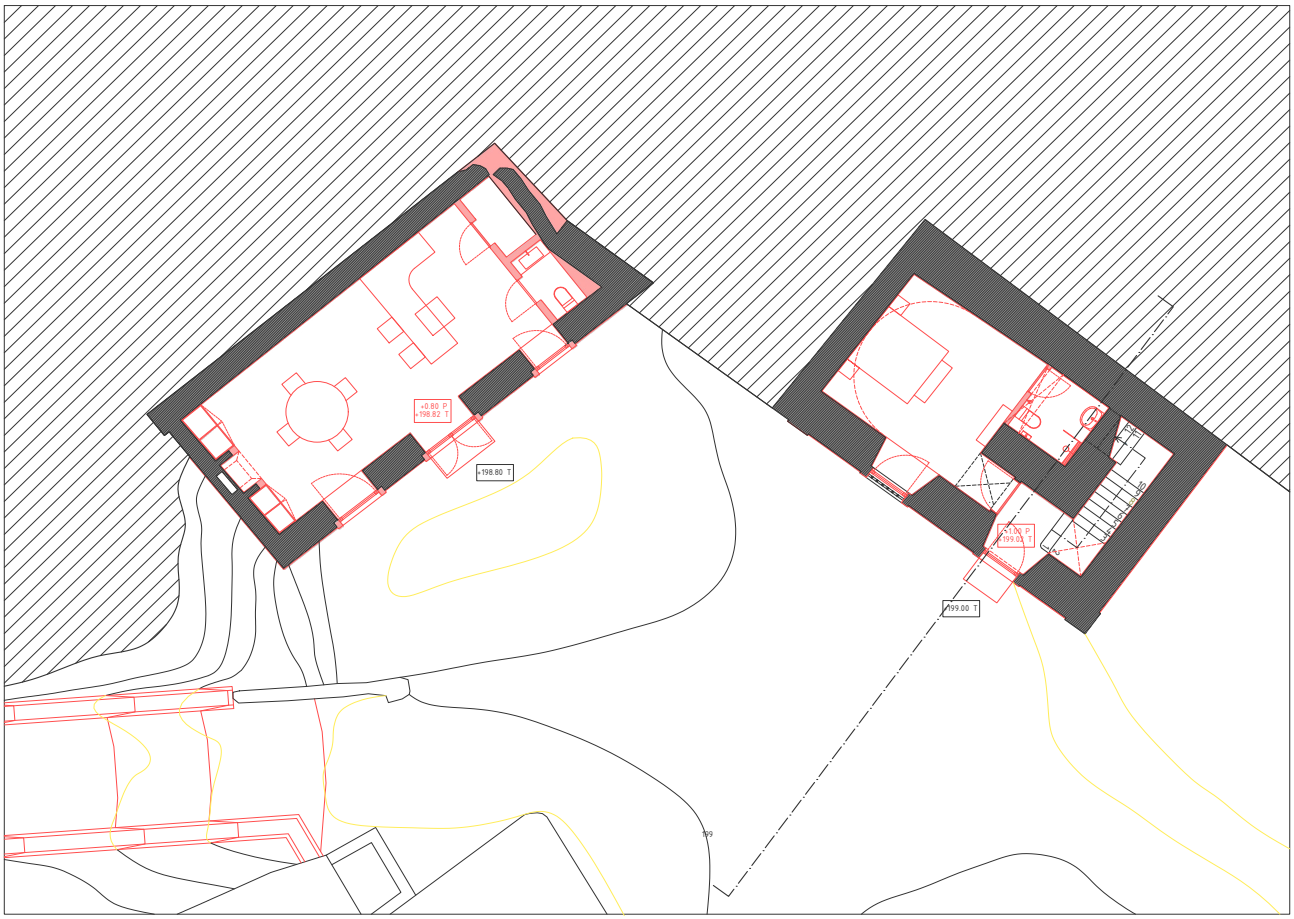


Figura 93 - Amarelos e Vermelhos. Planta do Quartel de Veteranos e Cadeia Comarcã à cota 202. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .



Figura 94 - Amarelos e Vermelhos. Corte do Quartel de Veteranos e Cadeia Comarcã. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

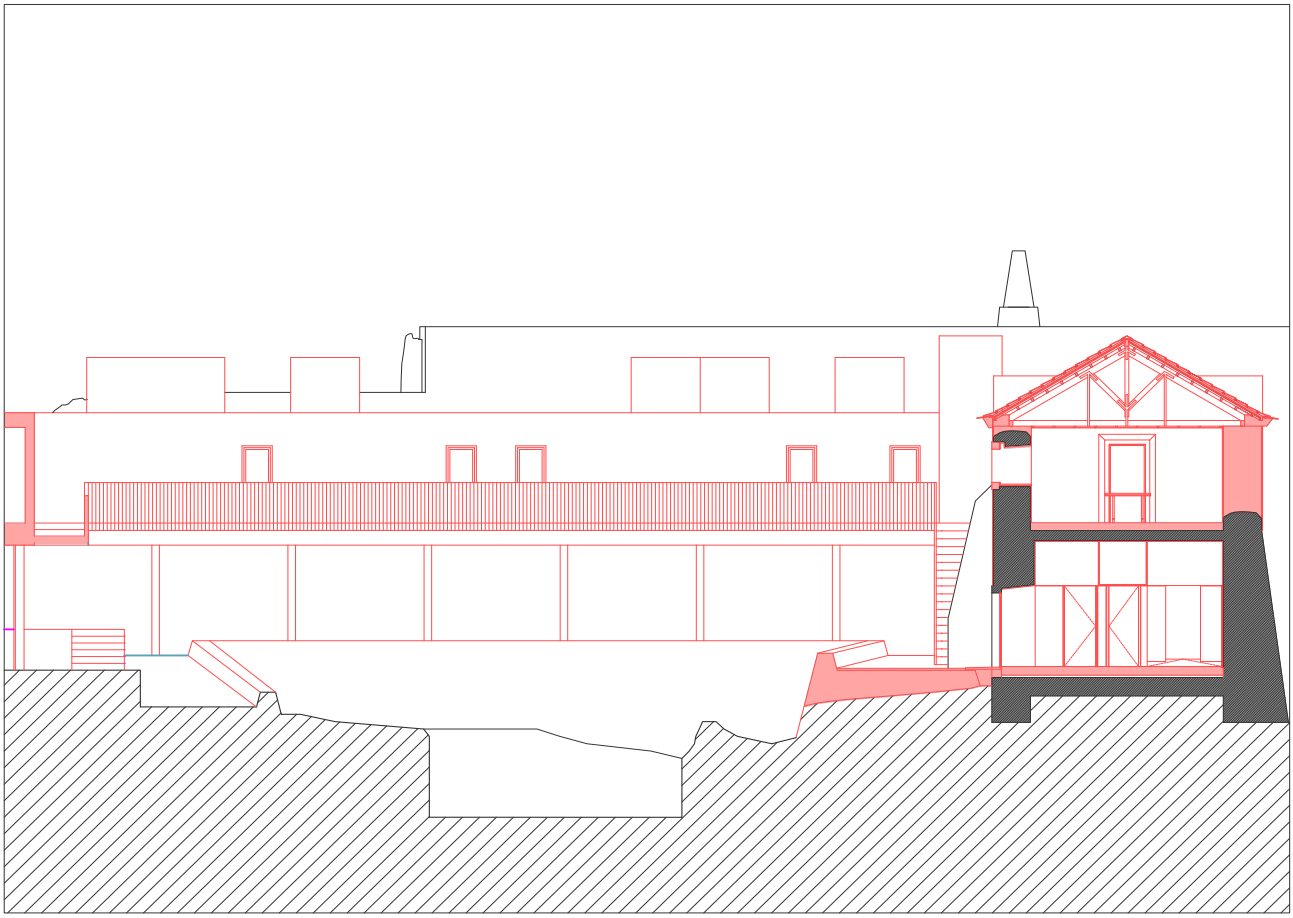


Figura 95 - Amarelos e Vermelhos. Corte dos Armazéns de aparelhos de guerra e de pólvora. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

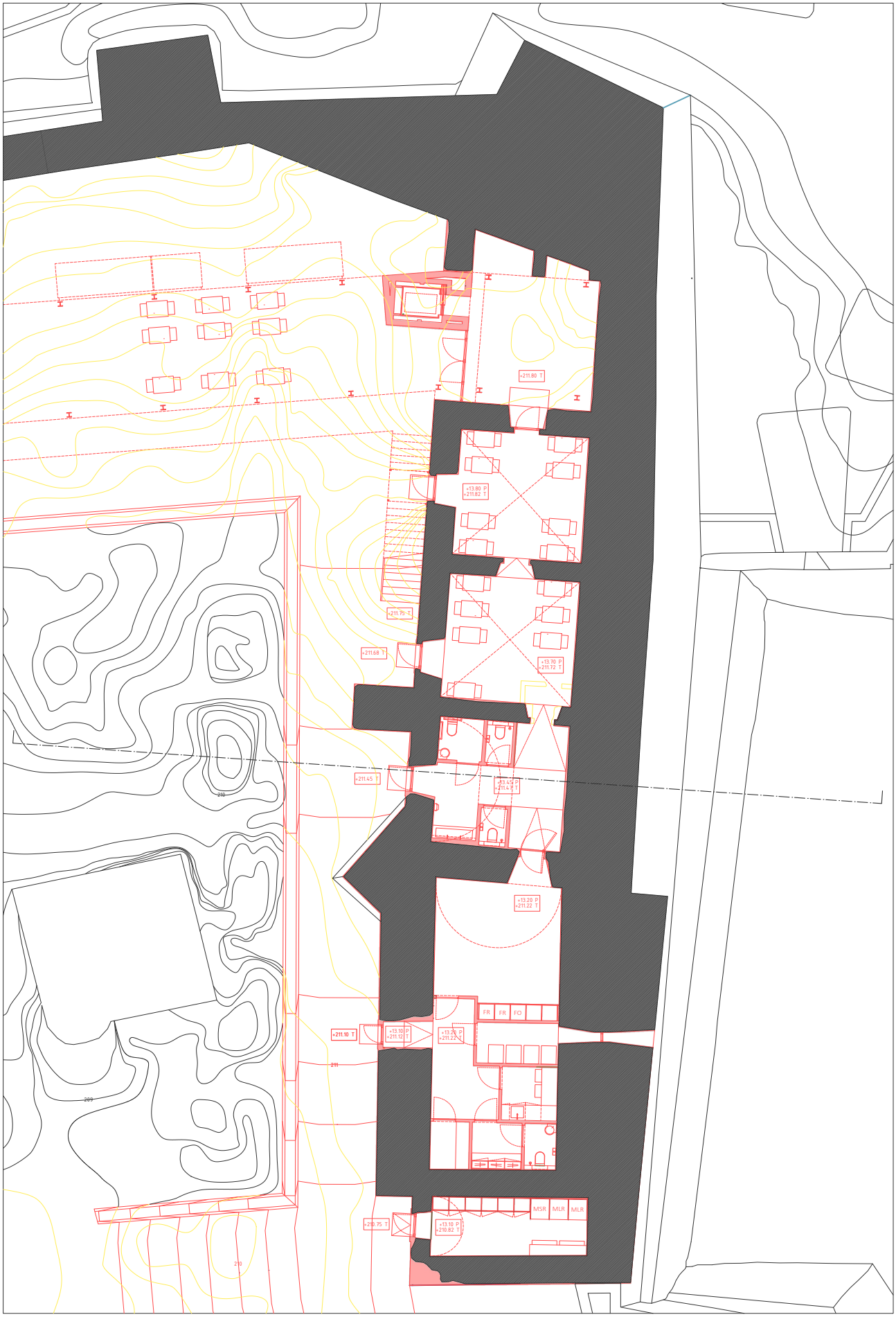


Figura 96 - Amarelos e Vermelhos. Planta dos Armazéns de aparelhos de guerra e de pólvora à cota 213,5. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

A40

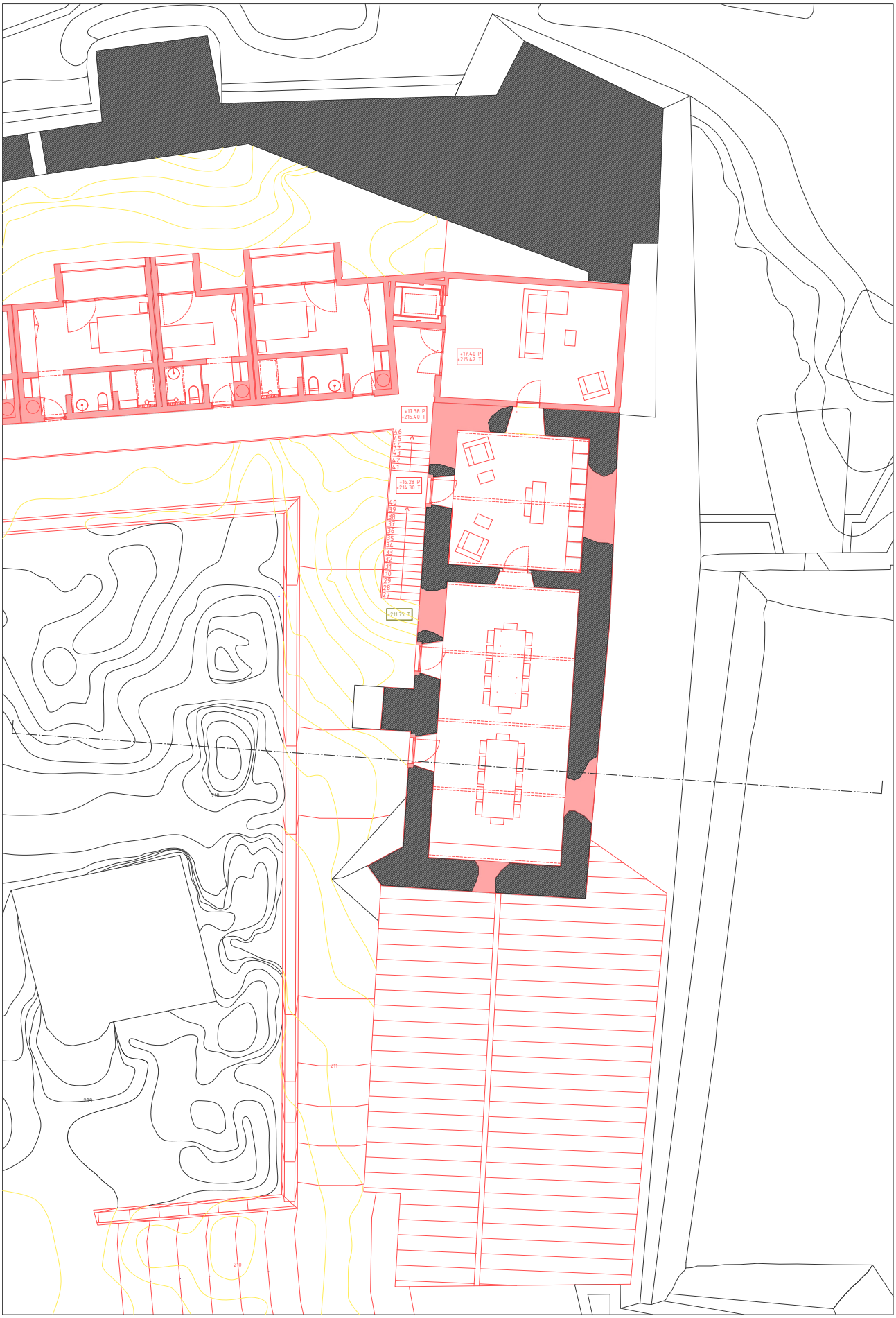


Figura 97 - Amarelos e Vermelhos. Planta dos Armazéns de aparelhos de guerra e de pólvora à cota 216,5. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

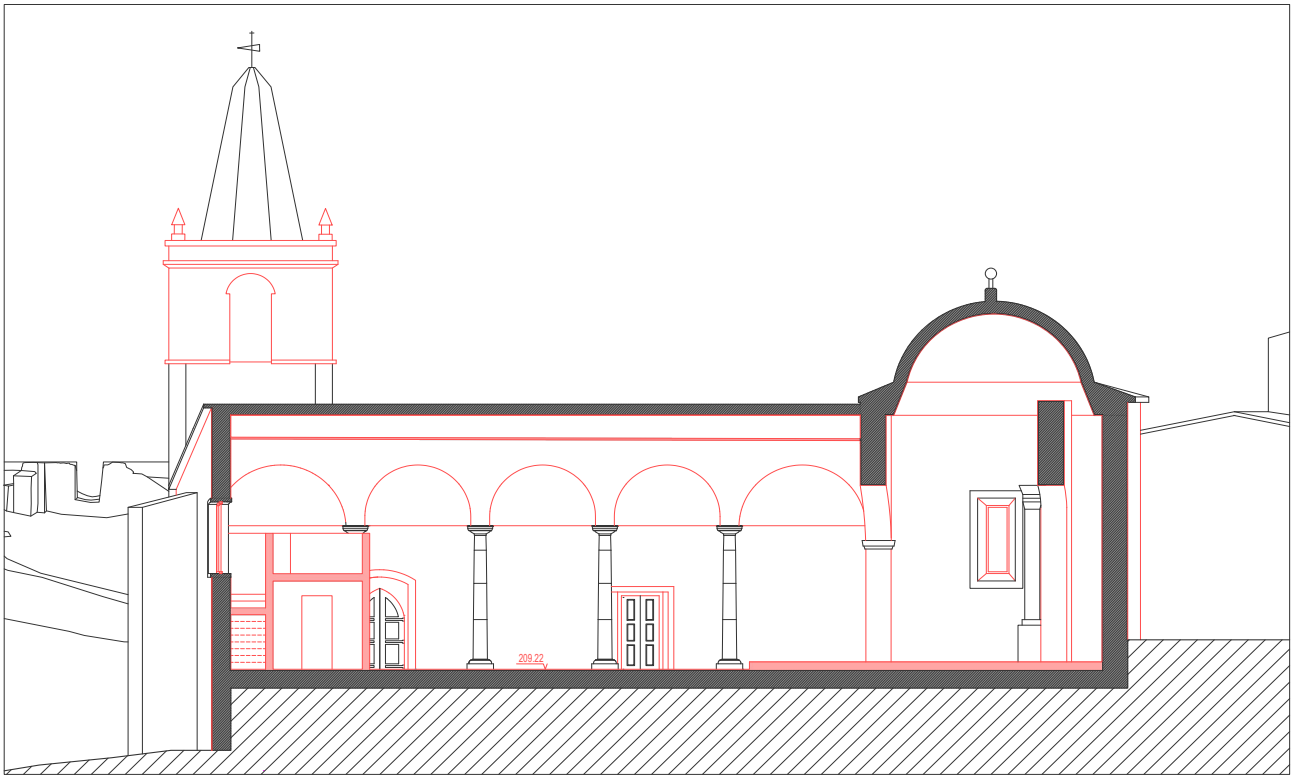


Figura 98 - Amarelos e Vermelhos. Corte da Igreja Matriz. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

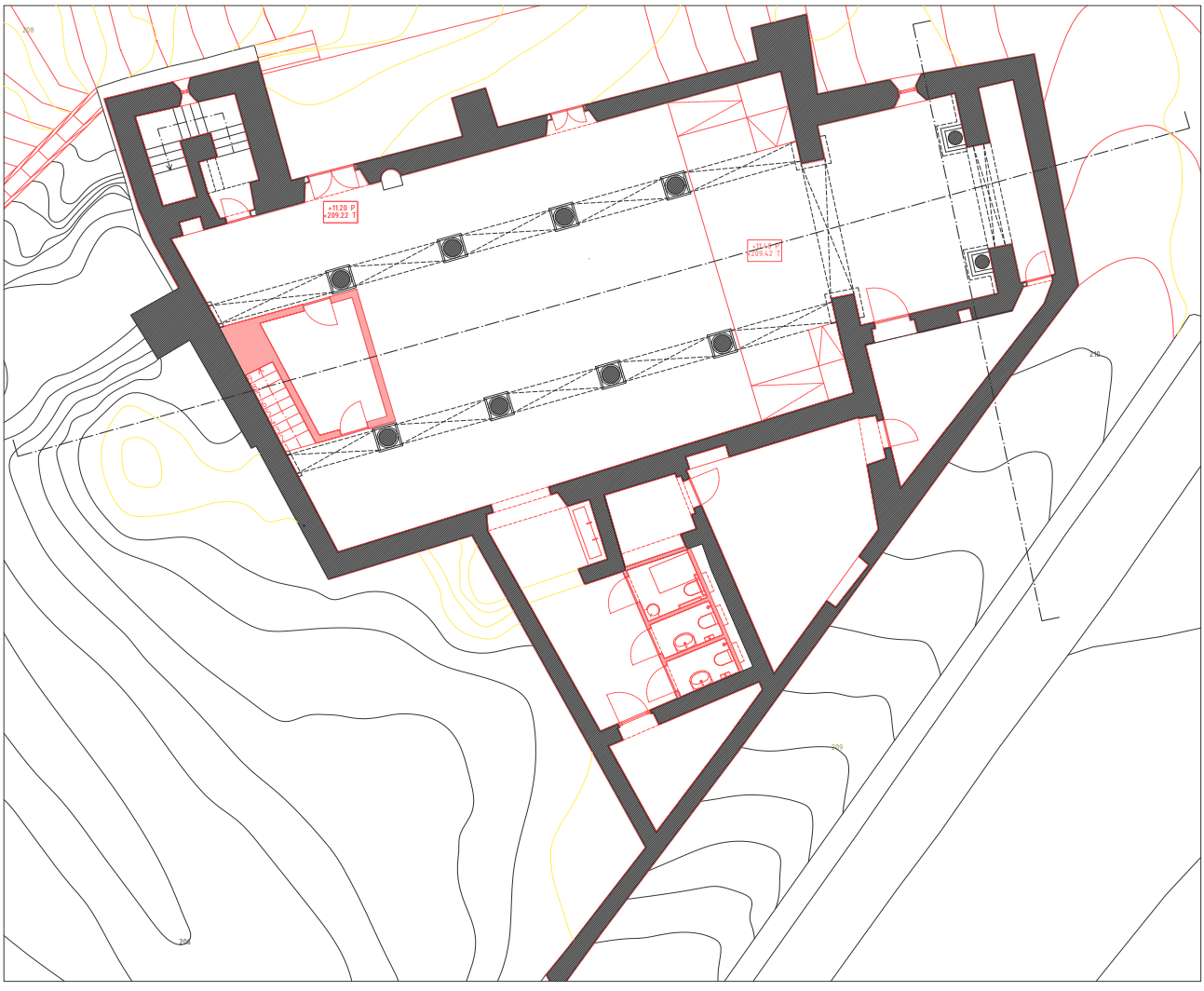


Figura 99 - Amarelos e Vermelhos. Planta da Igreja Matriz à cota 211. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

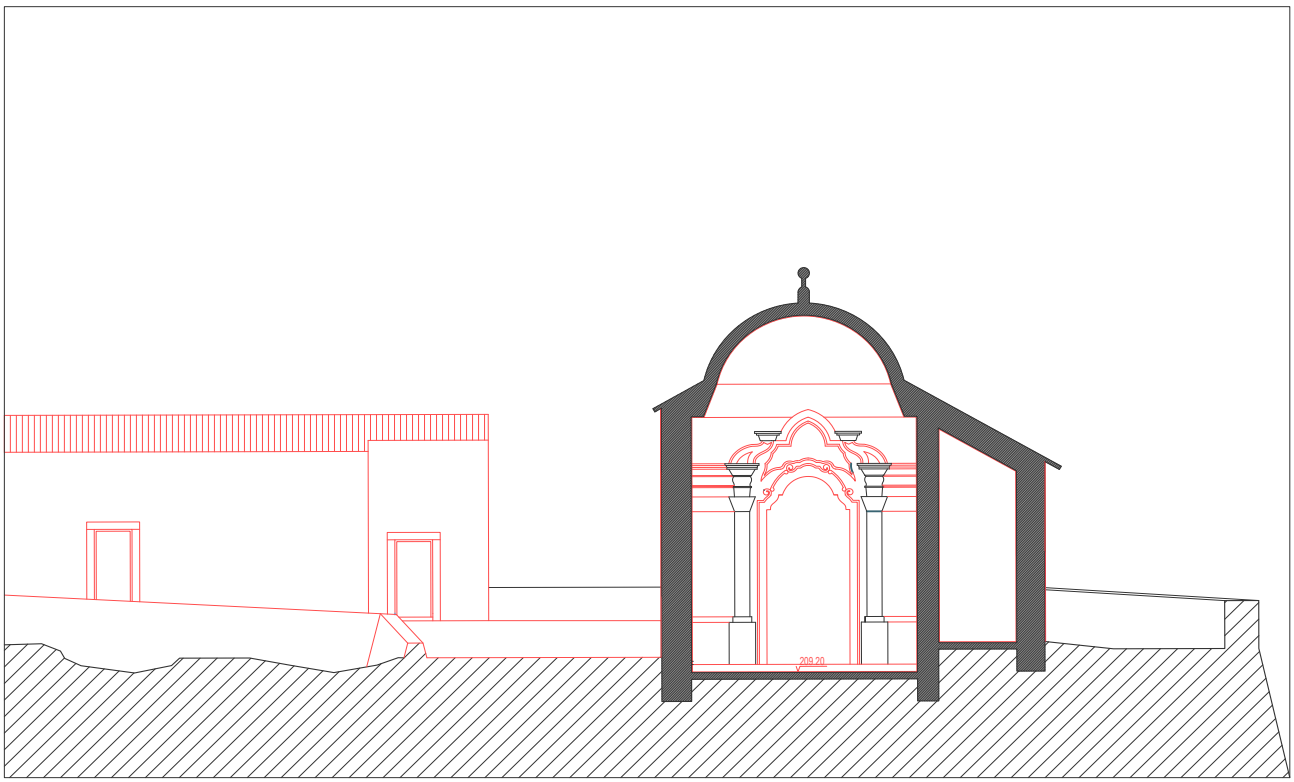


Figura 100 - Amarelos e Vermelhos. Corte da Igreja Matriz. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

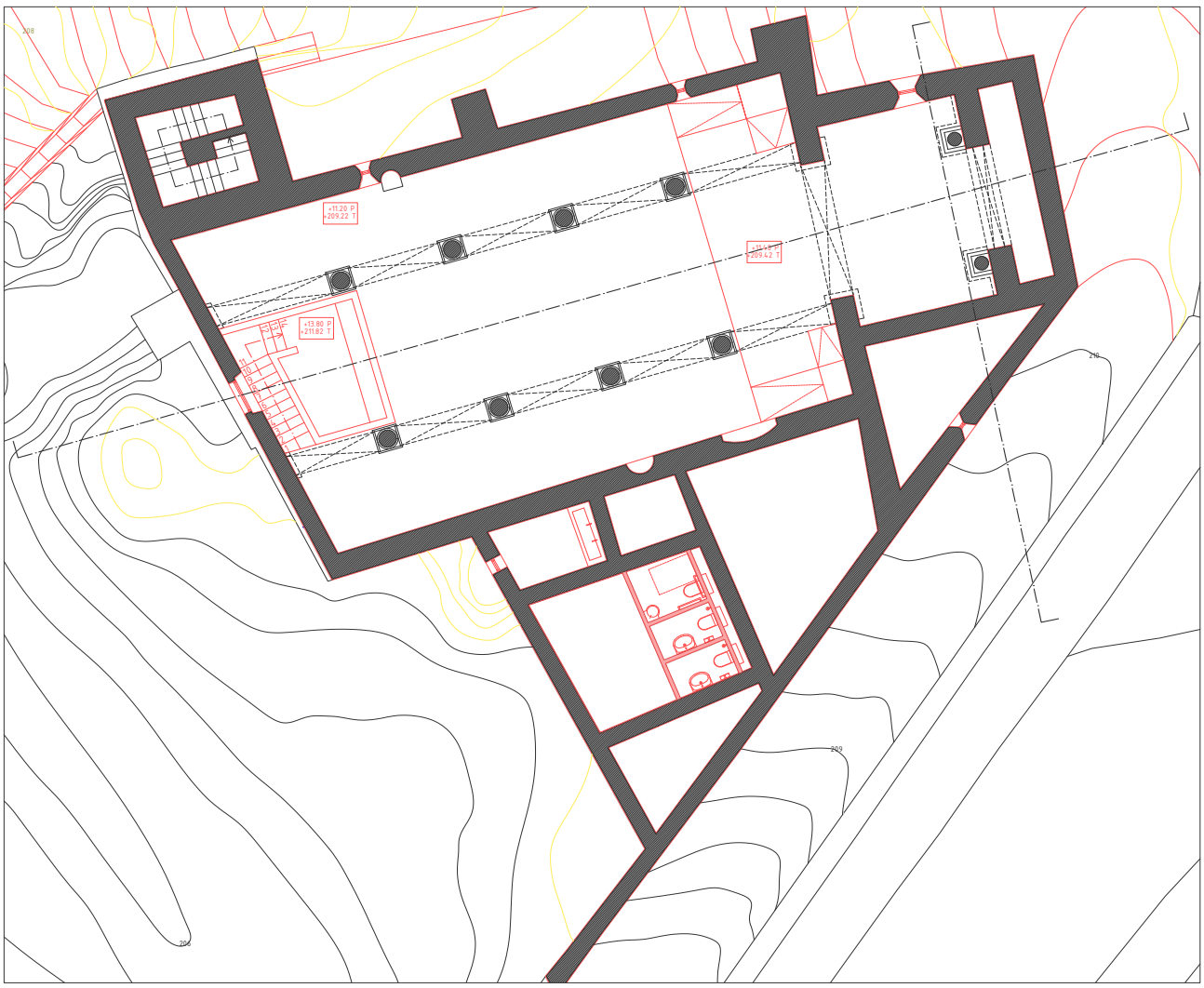


Figura 101 - Amarelos e Vermelhos. Planta da Igreja Matriz à cota 213,5. Escala 1-200. Elaborado pelo autor a partir de base disponibilizada pelos docentes José Aguiar e Pedro Pacheco .

A44

3. Processo

História de Juromenha

A sua história remonta á antiguidade clássica mas a sua pertença a Portugal data de 1167 aquando da sua conquista aos mouros por D. Afonso Henriques. Vila fronteiriça da raia alentejana, plantada nas margens do Guadiana, a nordeste do seu distrito, Évora, e a norte do concelho do Alandroal ao qual pertence, surge Juromenha. Também apelidada de freguesia da Nossa Senhora do Loreto, localiza-se a Sul de Elvas, e a Sudoeste de Badajoz. Atualmente, Juromenha situa-se a 55 km de distância de Évora, a cerca de 16 km de Alandroal e igual distância de Elvas, a 20 km de Vila Viçosa, a 27km de Terena e a 39 km de Redondo. Em território espanhol,como localidades vizinhas, as vilas de Olivença e de Villarreal, cujas distâncias o acesso viário tornou mais longínquas, distam 38 km e 49 km respetivamente e Badajoz que fica a 28 km de distância.

Formações topográficas relativamente acidentadas desenham o terreno onde os outeiros abrem várzeas de solos férteis. Aproveitando esta toponímia, numa das elevações escarpadas á beira Guadiana, o terceiro mais importante rio da Peninsula Ibérica, nasce em Espanha e desagua no Oceano Atlântico entre Vila Real de Santo António e Aiamonte, avistamos a fortaleza que a contorna e que permite a observação das duas margens do rio, das propriedades em redor e das localidades de Villarreal e Olivença. Fronteira natural e política com Espanha ,na sua génese de fundação encontramos uma intima relação a este factor geomorfológico como vantagem de defensiva militar.

A importância patrimonial que tem hoje, em especial pelo conjunto arquitetónico, arqueológico e paisagístico, contribui para que a sua preservação e dinamização sejam claramente mais necessárias. Desde a década de oitenta do século passado, consequência da maior e mais facilitada mobilidade e da enorme diminuição da produção agrícula para sustento próprio, que Juromenha tem vindo a presenciar um constante despovoamento. Com uma ocupação humana do teritório de baixa densidade, os habitantes de juromenha (cerca de 130 habitantes) têm como principal ocupação o setor primário.

As ruínas para as quais olhamos hoje, com feridas abertas pela história, com um encanto misterioso que mostra uma trágica beleza , caracterizam esta praça-forte. Assente numa elevação rochosa, em que as pedras aparelhadas por mãos romanas, mouras e cristãs compõem muralhas de inclinações várias de enorme grandeza que repousam com um olhar de assombro que contempla toda a envolvente natural de beleza singular.
Emaranhada em lendas, dizeres e tradicionais laivos de verdade, é a galo-celtas ou a romanos que a fundação de Juromenha se atribui. Destes ficaram monumentos funerários algumas inscrições e cantarias encontradas na povoação, no castelo e nos arredores da vila. É dito que foi Júlio César, no ano de 44 a.C., que com imponentes muralhas cintou a povoação de «Julii-moenia» ou «Juris Moenia» (Muralhas de Júlio ou Jurisdição de Júlio), nome atribuido a este conjunto fortificado.

A ocupação romana, sendo aproveitada e remodelada ainda segundo a técnica castrense, constituindo-se como um burgo, oppidium, romano bastante florescente devido á proximidade de importantes recursos para o império romano, sobretudo mármore e metal.

No século VIII, em 711, dá-se a invasão muçulmana da Península Ibérica. Cerca de dois anos mais tarde, praticamente toda a Península Ibérica se achava subjugada ao Islão, passando a chamar-se, para os árabes, Al-Andalus.
"Julumaniya" ou "Al-Julumanyia" era o nome árabe de Juromenha. Etimologicamente, o seu nome deriva, muito provavelmente, do antigo nome romano. Pouco ou nada se sabe sobre a ocupação árabe de Juromenha nos séculos VIII e IX. E o pouco que se sabe provém, naturalmente, de crónicas árabes. Com efeito, só durante o Califado de Córdova, 929 a 1031, em 948, Juromenha é referida como guarda avançada de Badajoz pelo geógrafo Ibn Hawqal na sua obra "Kitâb Sûratal-Ard". Juromenha era, no século X, uma praça-forte de algum relevo do al- Garbe al-Andalus

Era um dos postos avançados, a sul-sudoeste, de defesa da cidade de «Batalywas» (Badajoz). É então que, já durante o período dos segundos reinos taifa que em 1145, Abû Muhammad Sidray ibn Wazîr, partidário do místico rei Ibn Qasi, que Juromenha cai como consequência da subjugação de Badajoz.
Em 1166-77, a vila de Juromenha foi conquistada por Giraldo "O Sem Pavor", desempenhando posteriormente funções de apoio para se poder dar início às campanhas de ocupação da praça de Badajoz, que apesar de ocupação taifa, pertencia à coroa de Leão pelo Tratado de Sahagún. Juromenha era nesta altura descrita como:
"...uma arrábida, cercada de espectaculares muros de taipa, militar, mergulhada em imensos matagais de cistáceas."
Como retaliação do logro da tomada de Badajoz em 1170 por Giraldo, o irmão do Emir de Badajoz, Abu Hafs, reconquista Juromenha. Volta a cair em mãos portuguesas por D. Sancho I em 1187, ficando sobre o comando de D. Gonçalo Viegas, filho de Egas Moniz e primeiro mestre da Ordem de Avis da Cavalaria de S. Bento de Évora. É o Califa Abu Yusuf Ya'qub al-Mansur, ou Yakub I, que em 1191 retoma Juromenha para a dinastia Almóada. Sob o domínio Almóada, é iniciada a reconstrução das muralhas e transformação do castelo em ribat, fortificação de apoio, servindo a sua condição de fronteira e vigilância. Esta será a ultima vez que o domínio islâmico da Península Ibérica irá tomar e dominar Juromenha. Em 1229, com a retomada de Elvas por D. Sancho II, aproveitando a conquista de Mérida por o Reino de Leão e retirada do exército Almóada, terá reconquistado Juromenha em 1230. No entanto, só é definitivamente tomada para o domínio português em 1242 com o apoio de D. Paio Peres Correia. Trata-se de uma reconquista de circunstância, pois estas povoações estariam isoladas e abandonadas e facilmente anexadas à coroa portuguesa. A sua ocupação como praça de fronteira transforma-se numa azóia ou arrábida, género de convento fortificado destinado à vigilância e defesa de fronteira em lugares isolados estrategicamente favorecidos pela morfologia do terreno e ocupados por ordens militares, neste caso a Ordem de Avis.

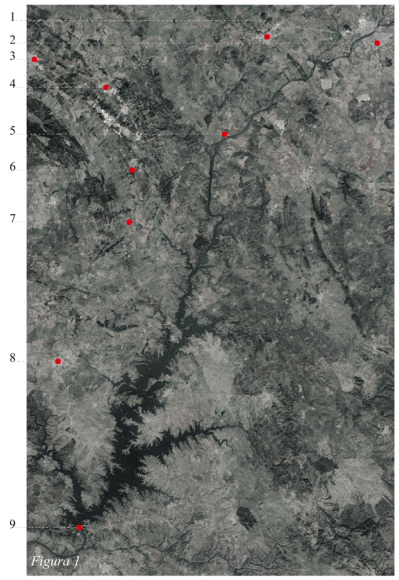


Figura 1

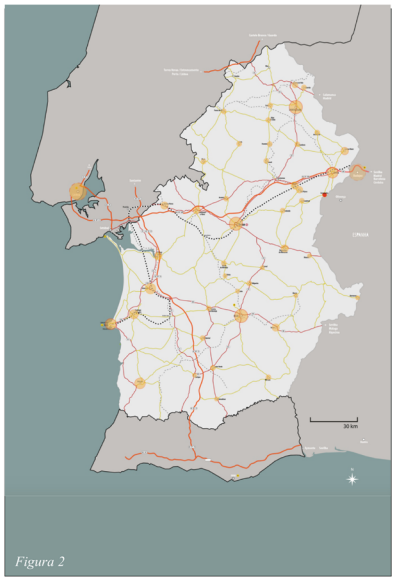


Figura 2

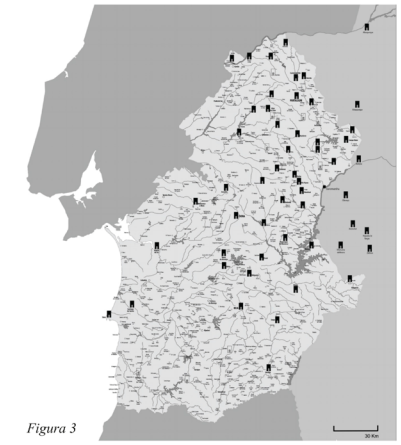


Figura 3

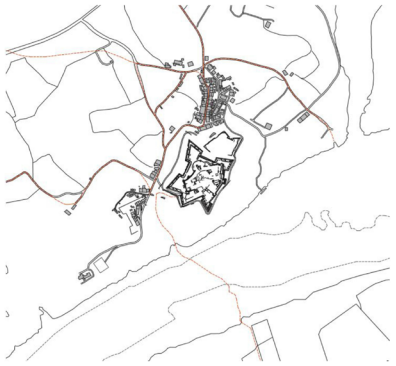


Figura 4

Legenda fig.1:
1. Elvas; 2. Badajoz; 3. Estremoz; 4. Borba, 5. Juromenha; 6. Alandroal; 7. Redondo; 8. Reguengos de Monsaraz; 9. Barragem do Alqueva.
Fig.2: *Centralidades e Densidades Populacionais Alandroal, Évora, Portugal.*
Fig.3: *Fortalezas Alentejanas e da Extremadura Alandroal, Évora, Portugal.*
Fig.4: *Percursos e caminhos antigos, Juromenha, Alandroal, Évora, Portugal.*
Fig.5: *Vias principais a preservar/reabilitar e percursos a reativar, Juromenha, Alandroal, Évora, Portugal.*



Figura 102 - Painéis de Laboratório de Projeto VI - Fase Intermédia: estruturação do trabalho. Elaborado pelo autor.

Programa

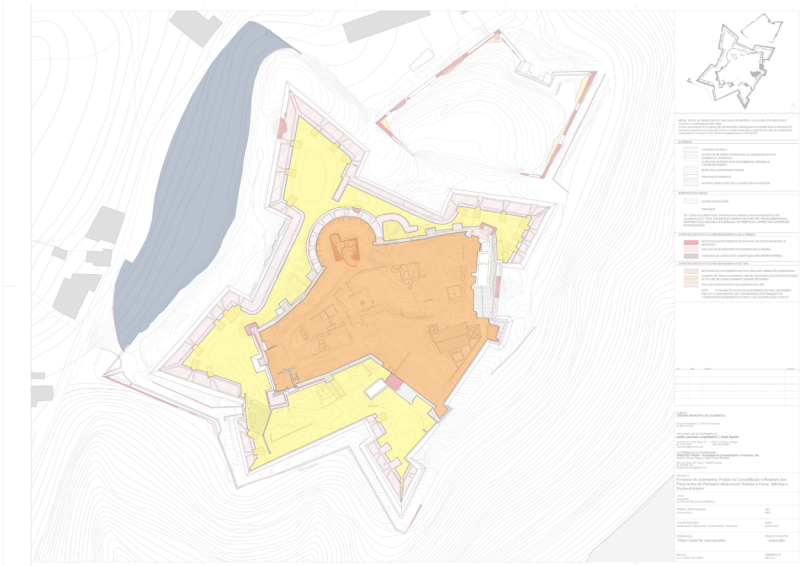
Se por um lado é consensual o reconhecimento de uma excelente oportunidade para o arquiteto de trabalhar a ruína, sob um ponto de vista de salvaguarda e valorização do Património Nacional aliado a imaginação fértil e criadora intrínseca ao nosso papel [de Arquitetos], a transformação da Fortaleza numa Pousada implica a aceitação das condições por esta imposta e dos seus compromissos associados.

Intervir sobre o património, mais que uma oportunidade, é uma responsabilidade, pois trata-se de projetar sobre um palimpsesto de várias camadas de história, por vezes muito frágeis - como que «feridas abertas» de um passado esquecido.

É portanto a partir de uma análise histórica e territorial , que procura identificar as características principais da história desta terra, que surgem os programas do Centro de Acolhimento de Visitantes (vertente pública) e da Pousada (vertente privatizada). Identificando o carácter único desta pequena vila, assente na partilha e interligação da sua população, aliados ao objetivo de reentregar o Património à população portuguesa, que são propostos estes dois programas complementares.
O Centro de Acolhimento de Visitantes, localizado na parte exterior da muralha Medieval, prevê algumas facilidades para os aventureiros e caminhantes que queiram explorar a raia Alentejana, e que necessitem de uma pausa, de efetuar algum abastecimento, ou de reajustar as rotas. Assim, são pensados um pequeno conjunto de serviços que prevêem dar resposta aos viajantes, mas também que venham complementar os poucos serviços disponibilizados para a população local. Assim, destacam-se neste programa: uma sala de informação/receção, instalações de banheiros públicos, um pequeno cibercafé (no espaço da antiga prisão, relacionando-se com a praça que o antecede), um posto médico, uns vestiários para mochileiros, um pequeno conjunto de salas/gabinetes (para pequenas reuniões, ou trabalho local) e um mini-mercado. Já o Programa da Pousada, prevê cerca de 50 espaços para estada, junto da muralha poente, um restaurante nos antigos armazens/paióis, uma sala polivalente (adaptação da Igreja), um corpo de receção ~~(com arquitetura nova, junto à antiga praça) e uma zona de piscina~~ (exterior e interior) na antiga cisterna.

Relativamente aos percursos, são procuradas ativar as três entradas existentes na muralha medieval, sendo a principal, a que se encontra junto à antiga casa do Governador. Os caminhos a reativar, são o eixo norte sul que liga a entrada principal com a entrada Norte da muralha, junto ao Cavaleiro (corredor principal, que servirá o Pavilhão da receção e a zona das piscinas), e as restantes duas vias nascente poente, que estabelecem a comunicação com os restantes serviços e as zonas dos quartos.

Relativamente às ruinas, existem zonas em que serão propostas a sua reconstrução integral, à imagem da época, através de desenhos que permitam a sua realização (como os antigos paióis), zonas em que a ruína será parte integrante de construção nova (como é o caso da receção), e zonas em que a ruína será deixada na sua forma crua, para permitir uma maior abertura ao espaço, e liberdade de interpretação por parte dos seu observadores (como é o caso das ruínas a poente da antiga cisterna.



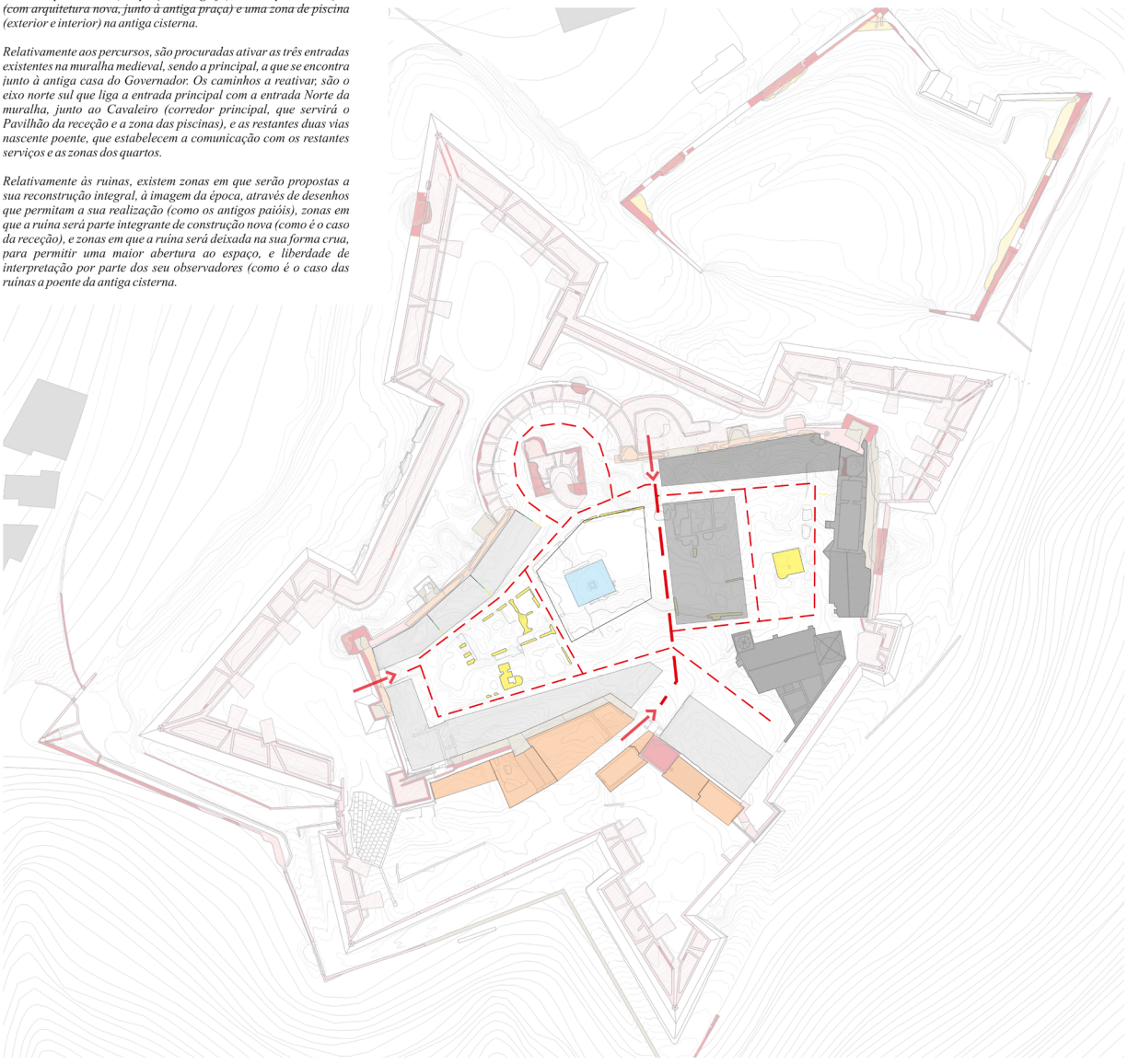


Figura 103 - Painéis de Laboratório de Projeto VI - Fase Intermédia: estruturação do trabalho. Elaborado pelo autor.

O primeiro, da autoria do engenheiro italiano Pascoeli, do qual se desconhecem os desenhos, não foi aceite pois circunscrevia-se muito ao castelo e desprotegia a população. O segundo, deve-se ao padre jesuita e coronel do exército, João Pascásio Cosmander; inicialmente aceite e iniciado, verificou-se em obra a sua impraticabilidade técnica e excessivo custo, pois para além de destruir edificado civil, tornava a praça tão extensa quanto indefensável pela falta de tropas de guarnição. Outro factor relevante, foi o facto de ter sido aprisionado por as tropas castelhanas em 1647, o que originou a alteração dos planos defensivos de Juromenha e de outras praças-fortes pelas quais também era responsável de direcção. O terceiro projecto era da autoria do estratega francês Nicolau de Langres, engenheiro-mor das fortificações do Alentejo, que apesar de aprovado não foi integralmente construído. O acontecimento que gerou o não executar deste projecto foi a explosão do paiol de pólvora em 19 de Janeiro de 1659, que destruiu quase que por completo a antiga fortaleza medieval e obrigou a reconstrução quase integral da fortaleza. As rectificações e obras de reconstrução foram bem aproveitadas em 1662, quando Juromenha cai perante o exército do Príncipe D. João de Áustria, apoiado tacticamente por Nicolau de Langres, agora sargento-mor do exército de Filipe IV. O desenho da praça foi alterado, ao estilo da época, obedecendo ao sistema dominante na Europa, abaluartado, vulgarmente designado por tipo Vauban; tomou a pré-existência da cerca medieval como uma segunda reticula de guerra, adossada de barbacãs e fossos secos, sendo suportada por obras de trincheira de terra arruinada, taipa. Após este período conturbado, a Fortaleza de Juromenha foi bastante lesada com o sismo de 1755, em especial toda a adição abaluartada; a subsequente reparação e rectificação englobaram a construção do fortim do porto das barcas de contraguardas e obras mortas, que visava proteger mais proximamente o rio, um dos pontos fracos detectados durante a Guerra de Restauração. Apesar destas beneficiações, a 20 de Maio de 1801, Juromenha rende-se a D. Manuel Godoy e seu exército decorrente da Guerra das Laranjas, sendo posteriormente reconquistada às tropas do General Junot por uma força composta por portugueses e homens da Junta Revolucionária de Sevilha.

Grandes trechos da primitiva fortaleza resistiram a todas as desgraças e remodelações. A torre ocidental, defesa da «porta falsa», ainda suporta muralha, restos do que foi bela casa do governador acolhem-se á diminuída torre de menagem. Do lado nascente estende-se forte muro trecentista, protetor das mutiladas capelas de S. Francisco de Assis e da Misericórdia; troços das muralhas dos séculos XII, XIV e XVI, num caso ou putro reforçados no século XVII, ponteados de blocos romanos, alternam-se com cortinas «modernas» levantadas segundo o sistema abaluartado , acrescidas de barbacãs, revelins, impressionantes baluartes e meios-baluartes, fossos secos, contra-escarpas, campos entricheirados, canhoeiras, guaritas . a cadeia, a casa do guarda, a cisterna entulhada, cavalariças, quartéis, habitações, os Paços do Concelho ...

Silêncios de abandono, belezas feridas, monumentalidade agonizante que só morrerá se o quisermos.

Projeto das Pousadas de Portugal

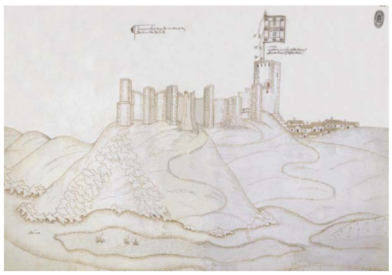
É num contexto de pós guerra que, após o afastamento de António Ferro, surge uma das iniciativas mais marcantes do Estado Novo: o Projeto das Pousadas de Portugal. No âmbito do programa de comemorações do Duplo Centenário, esta iniciativa promover a imagem do Estado não exclusivamente para o Exterior, mas também para o Interior.

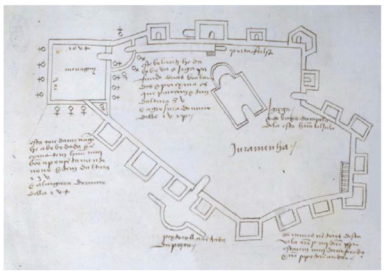
Emergindo a partir das bases da tipologia vizinha [Espanhola] do Parador Nacional de Gredos, inauguram-se em Portugal as primeiras três pousadas - Pousada de S. Luzia em Elvas, a Pousada de S. João Batista nas Berlengas, e a Pousada do Castelo em Óbidos - durante a década de 40, promovendo uma ideologia de paragem rápida, constituindo-se apenas por quartos, e serviços mínimos. Na decada seguinte já se contabilizavam um total de 12 pousadas, quando surge um plano para uma nova rede de Pousadas - 32 propostas no total -, que resultou na edificação de 9 novas pousadas - de um leque de 12 selecionadas por Salazar.

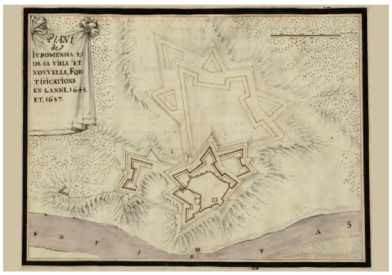
Contudo, é a partir de 1955 que, sob a tutela de uma nova geração de arquitetos e da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)que, a iniciativa das Pousadas ganha uma nova dimensão. Se por um lado a reformulação das abordagens à tipologia das Pousadas, levada a cabo pela nova geração de arquitetos, se traduz numa mudança de paradigma: as pousadas passam a ser interpretadas como locais de estadia, ao invés de locais de paragem, resultando na introdução de áreas de lazer e convívio (salas de estar e zonas de atividades) na sua concepção - e definindo uma nova rede de Pousadas Regionais. Por outro lado, é começado o desenvolvimento de uma rede de Pousadas Históricas, com o suporte da DGEMN, promovendo a adaptação à função hoteleira de edifícios e conjuntos de carácter monumental, através de intervenções exemplares integradas nas campanhas de restauro realizadas por esta organização - exemplos da Pousada de D.Dinis em Vila Nova de Cerveira, projetada pelo ilustre arquiteto português Alcino Soutinho, entre 1971 e 1982; e a Pousada de Santa Marinha em Guimarães, de autoria do não menos importante arquiteto português, Fernando Távora, em 1985.

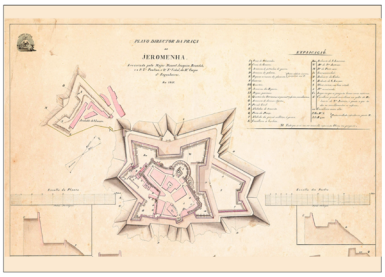
É com este mote de salvaguarda do Património e do alargamento do entendimento deste conceito que, a DGEMN através dos valores de Identidade e Memória, orientam as diferentes fases de Pousadas até ao aparecimento da ENATUR (Empresa Nacional de Turismo). Associadas a esta mudança estão a privatização a partir de 2002 das Pousadas de Portugal - que passaram a ser património do Grupo Pestana - e consequente alienação de parte significativa do seu património e perda parcial dos valores enunciados [Identidade e Memória].Já sob a alçada do Grupo Pestana Pousadas, são abertas entre 2017 e 2018 novas Pousadas, de autoria de ilustres arquitetos contemporâneos: as Pousadas de Viseu e de Estói, do Arquiteto Gonçalo Byrne, e a Pousada do Porto do Arquiteto Fernando Távora.

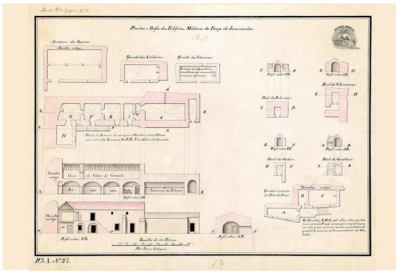




















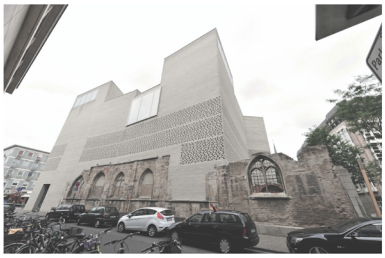




Figura 104 - Painéis de Laboratório de Projeto VI - Fase Intermédia: estruturação do trabalho. Elaborado pelo autor.



Figura 105 - Painéis de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.



Figura 106 - Painéis de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.

A50

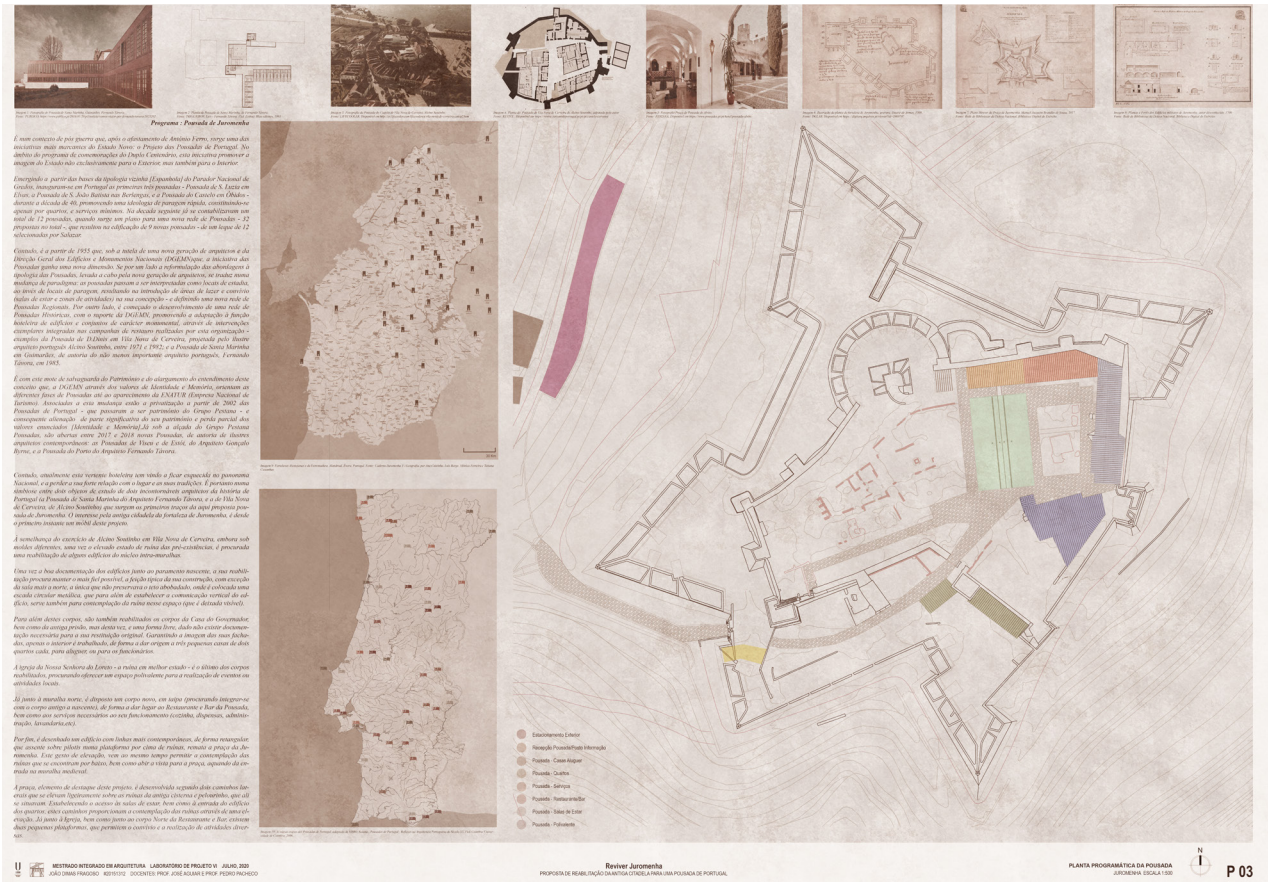


Figura 107 - Painéis de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.



Figura 108 - Painéis de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.



Figura 109 - Painéis de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.



Figura 110 - Painéis de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.



Figura 111 - Painéis de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.



Figura 112 - Painéis de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.

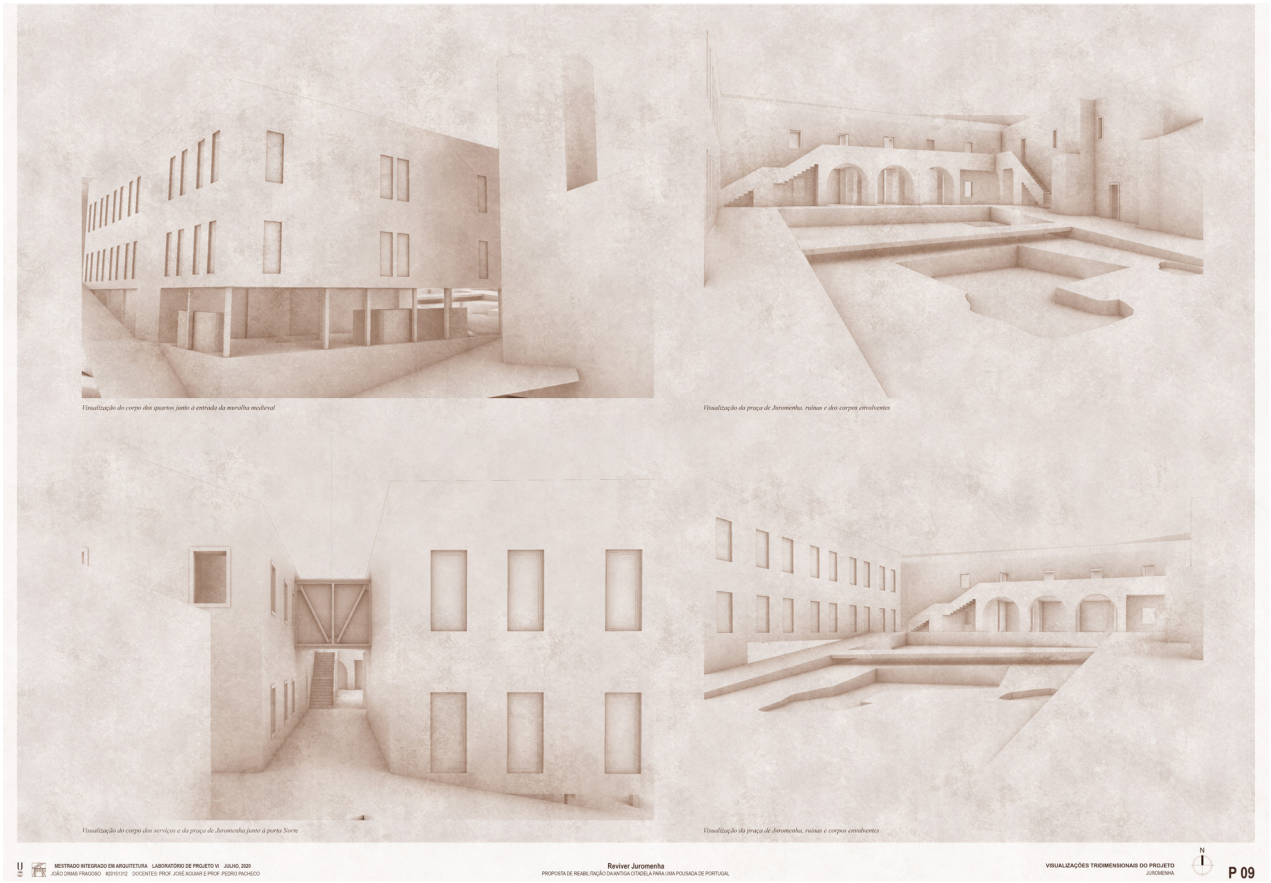


Figura 113 - Painéis de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.

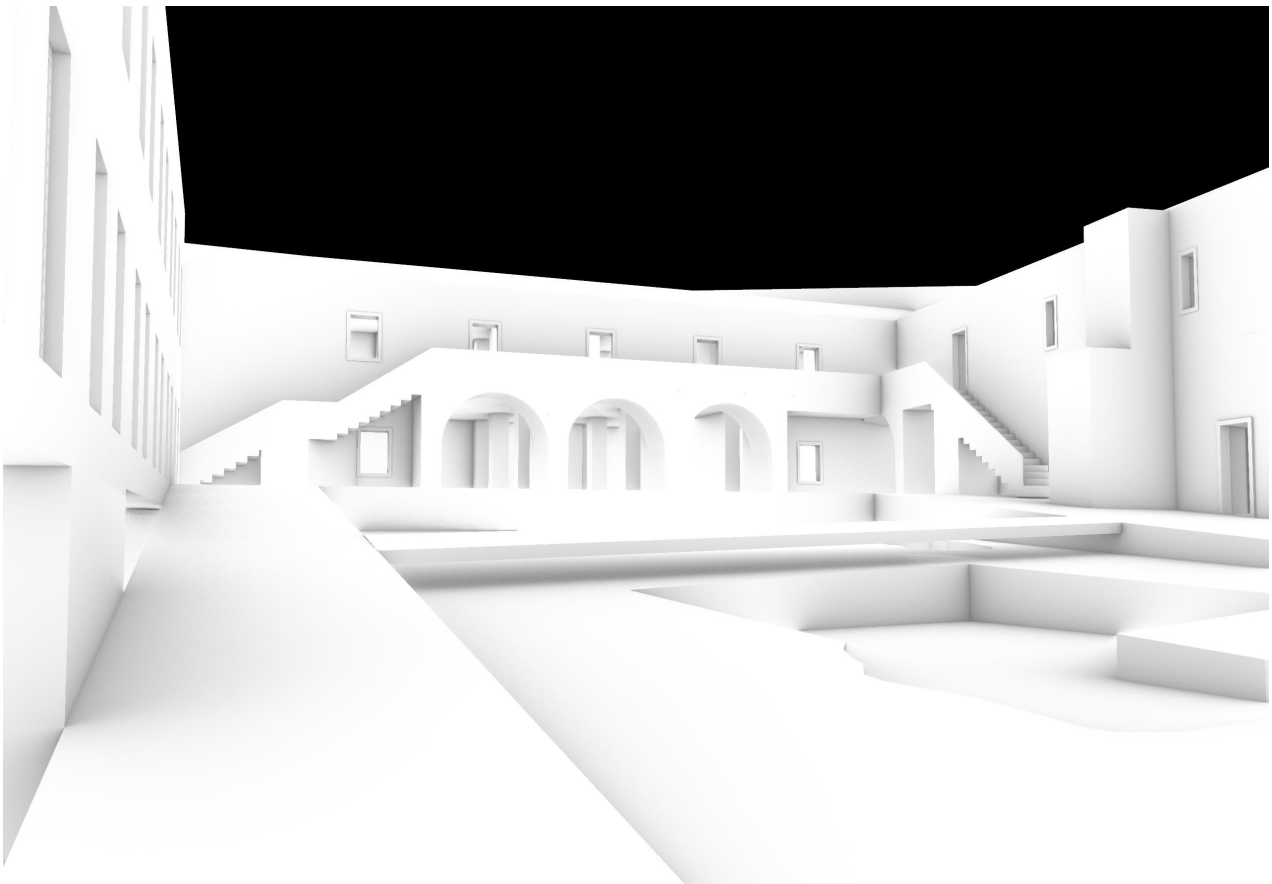


Figura 114 - Visualização 3D representativa do proposta de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.

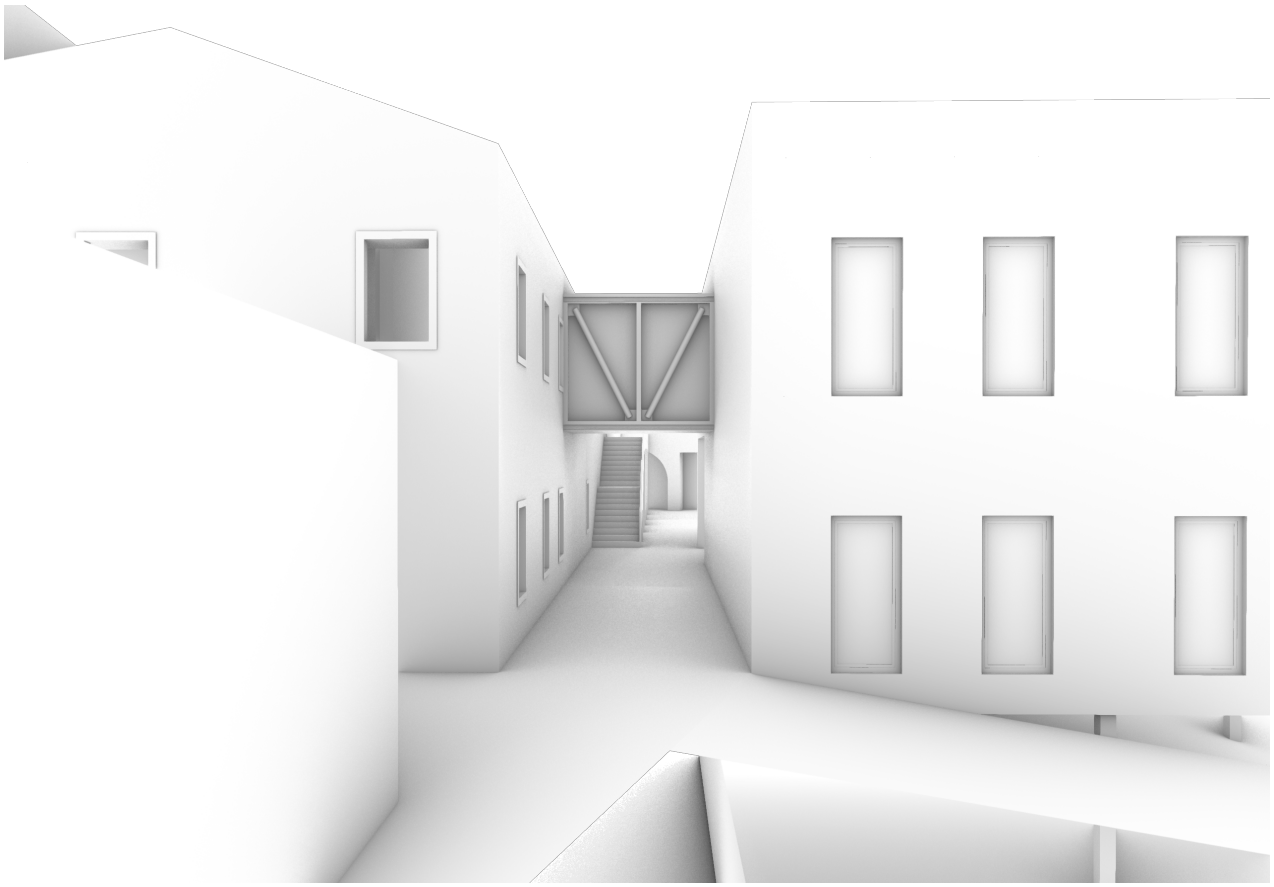


Figura 115 - Visualização 3D representativa do proposta de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.

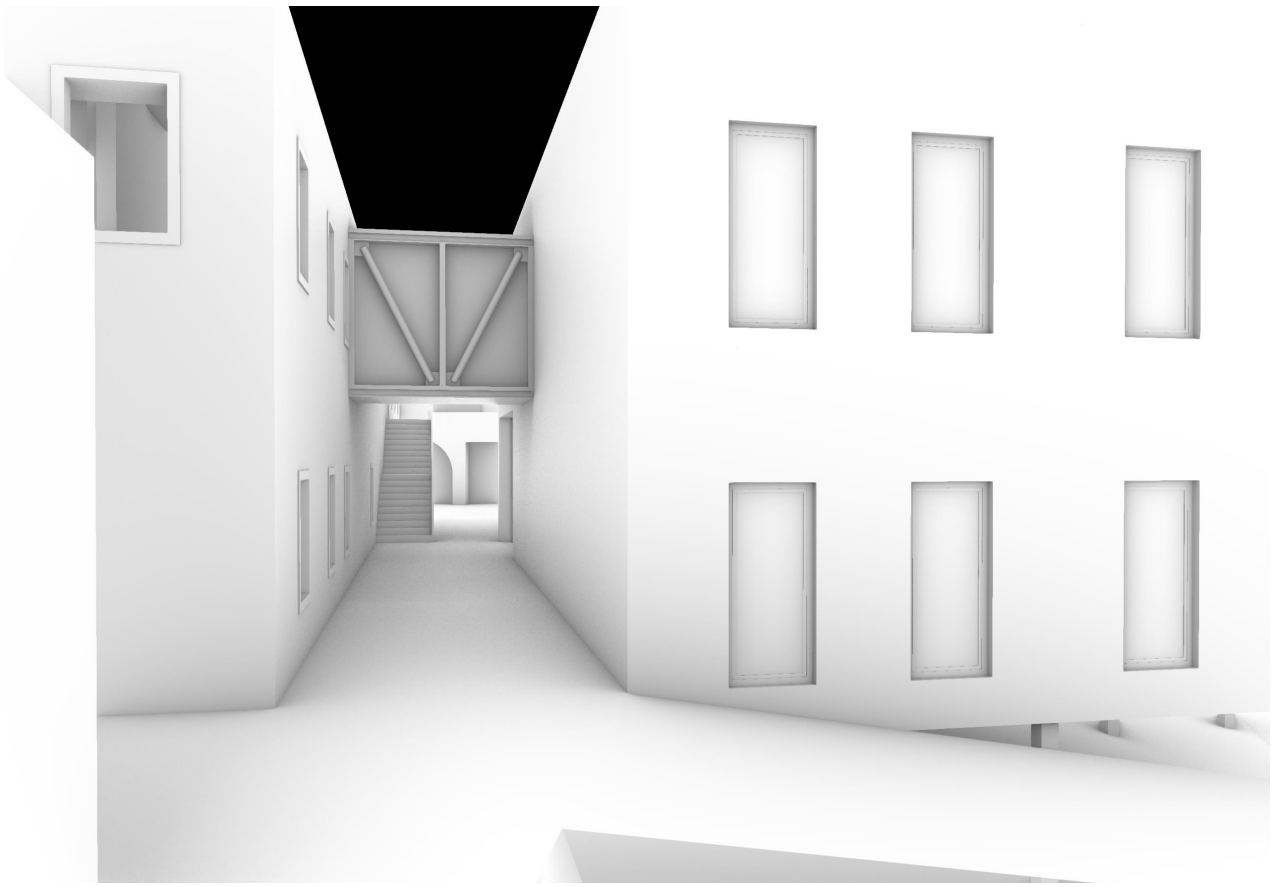


Figura 116 - Visualização 3D representativa do proposta de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.

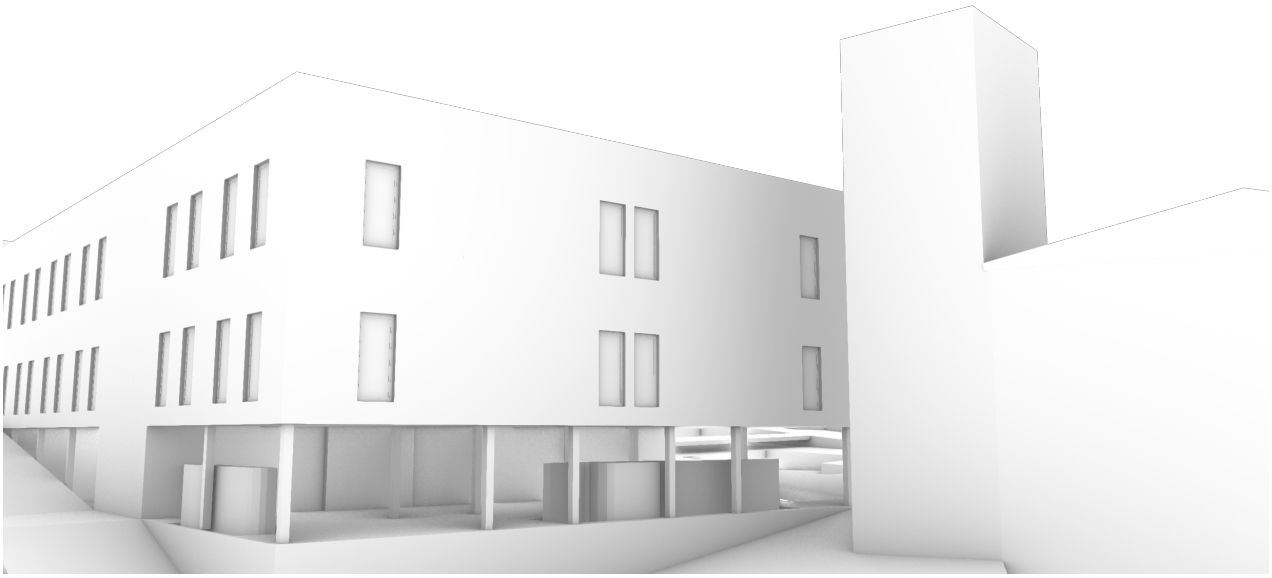


Figura 117 - Visualização 3D representativa do proposta de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.

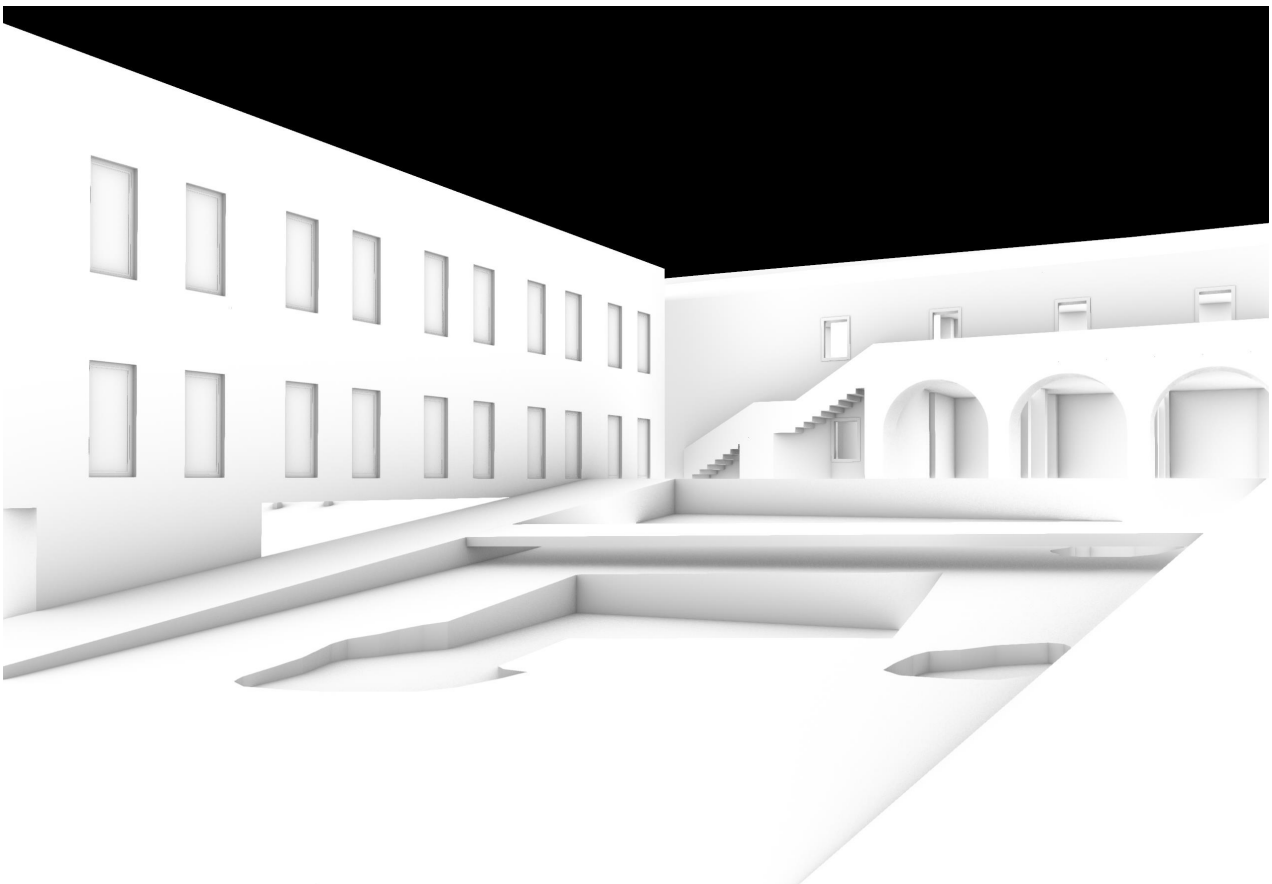


Figura 118 - Visualização 3D representativa do proposta de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.

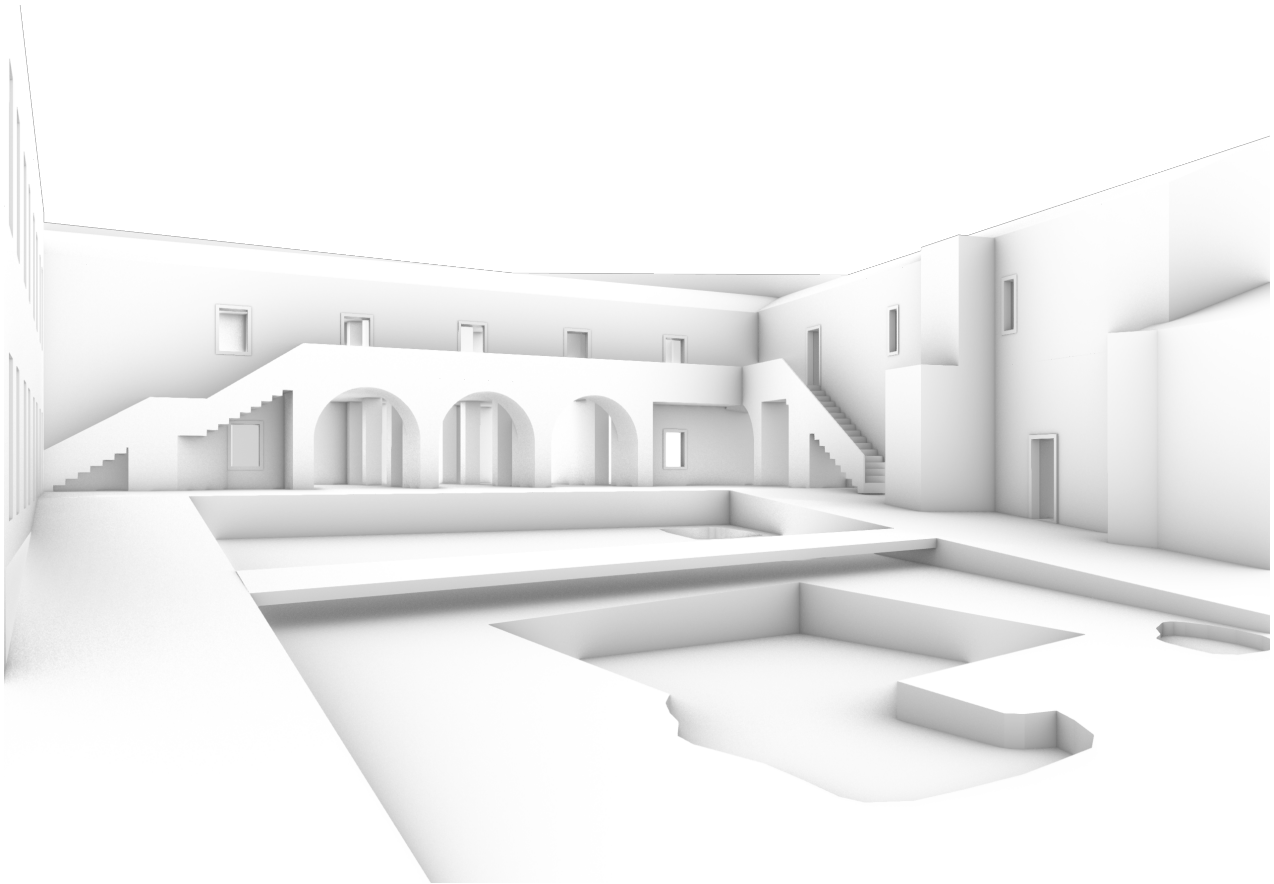


Figura 119 - Visualização 3D representativa do proposta de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.

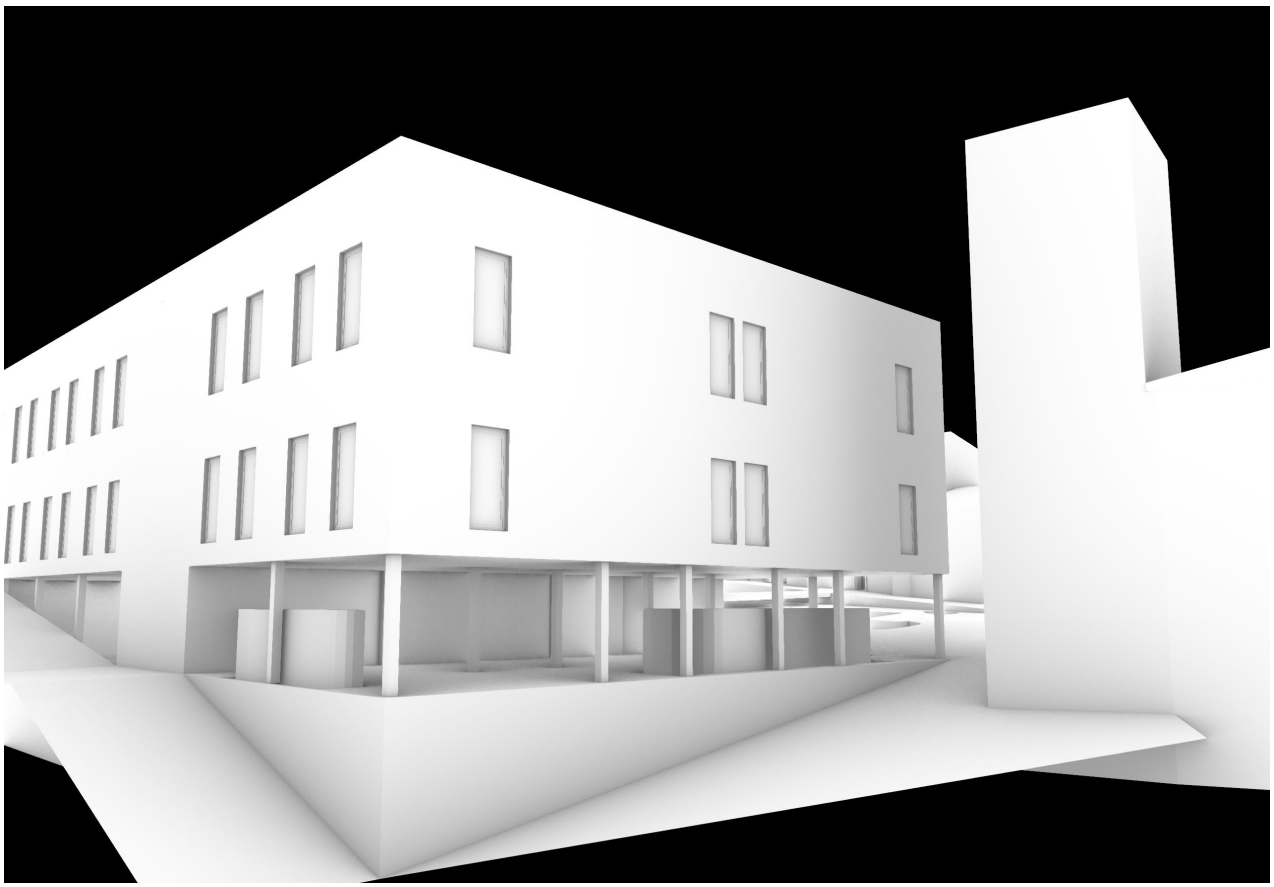


Figura 120 - Visualização 3D representativa do proposta de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.

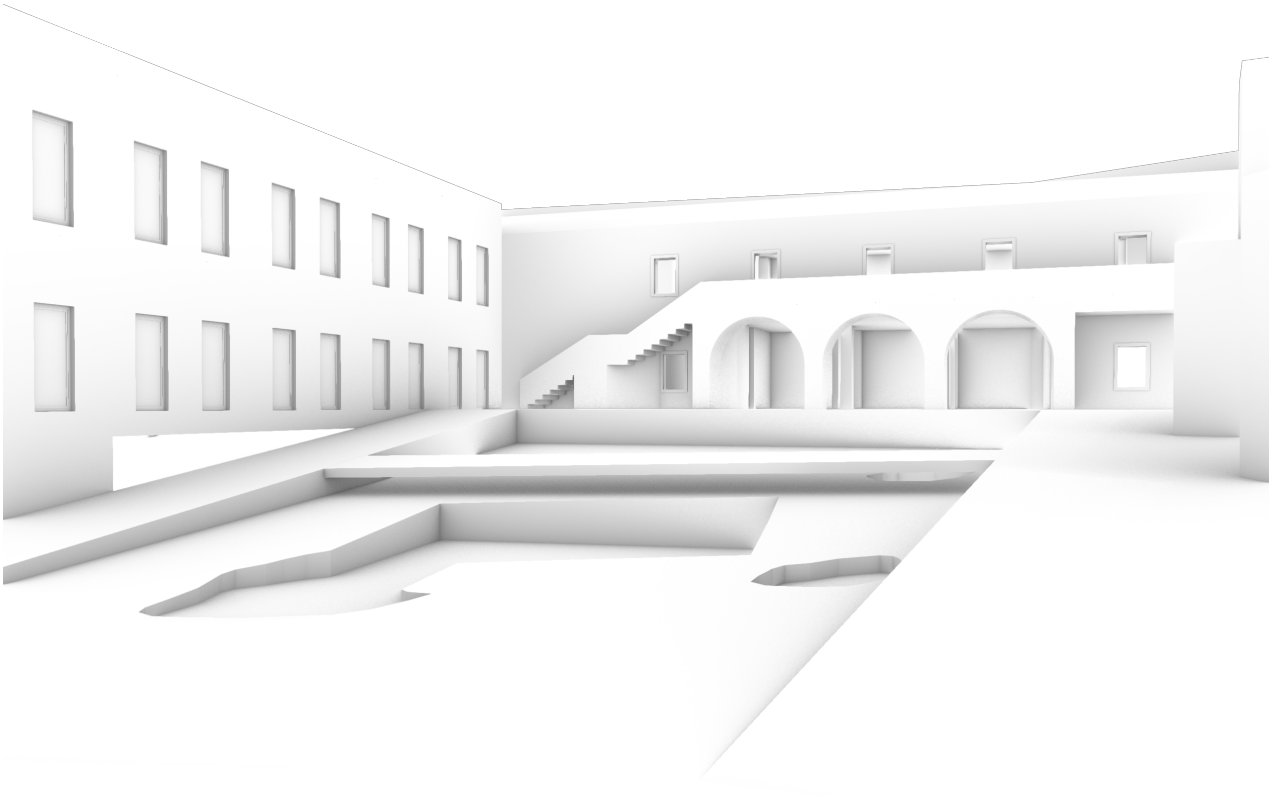


Figura 121 - Visualização 3D representativa do proposta de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.

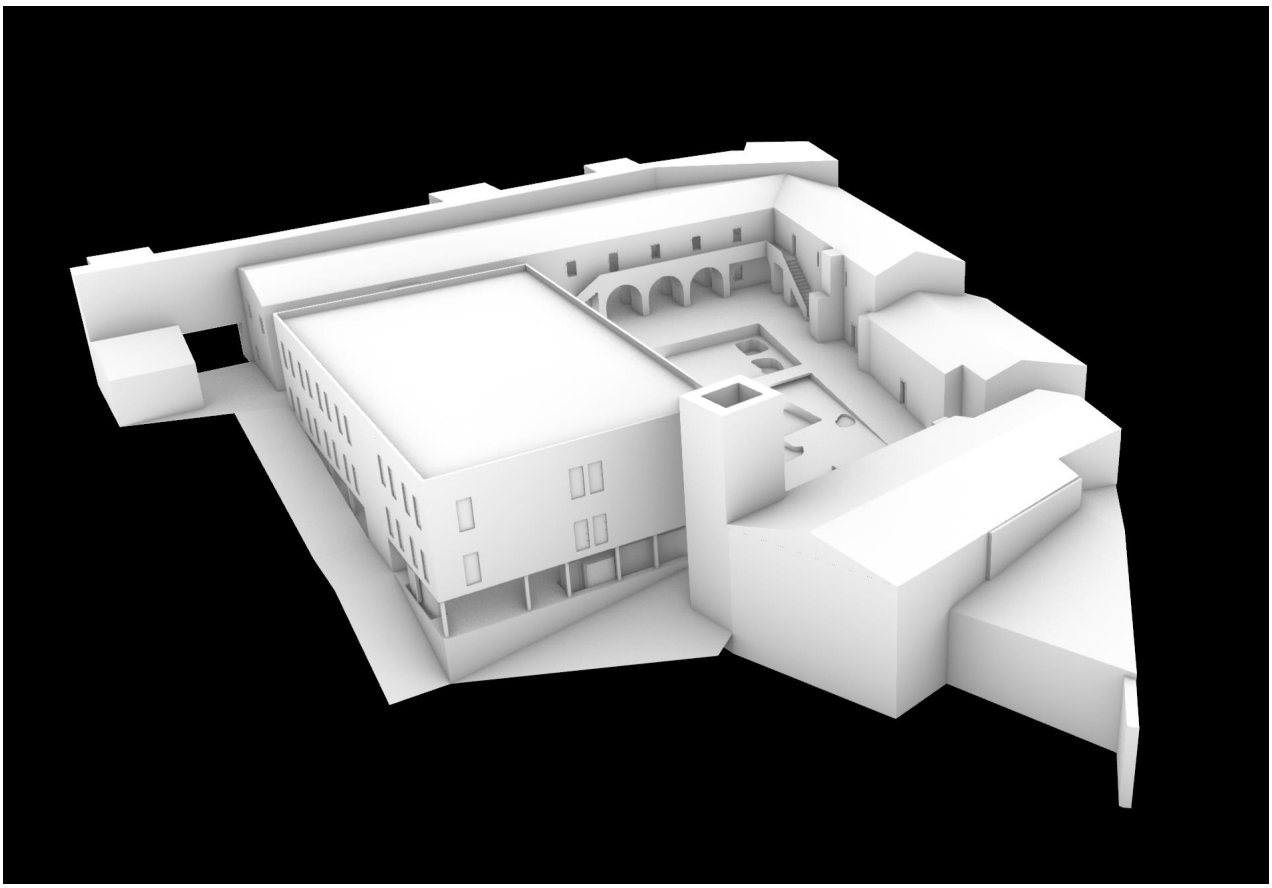


Figura 122 - Visualização 3D representativa do proposta de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.

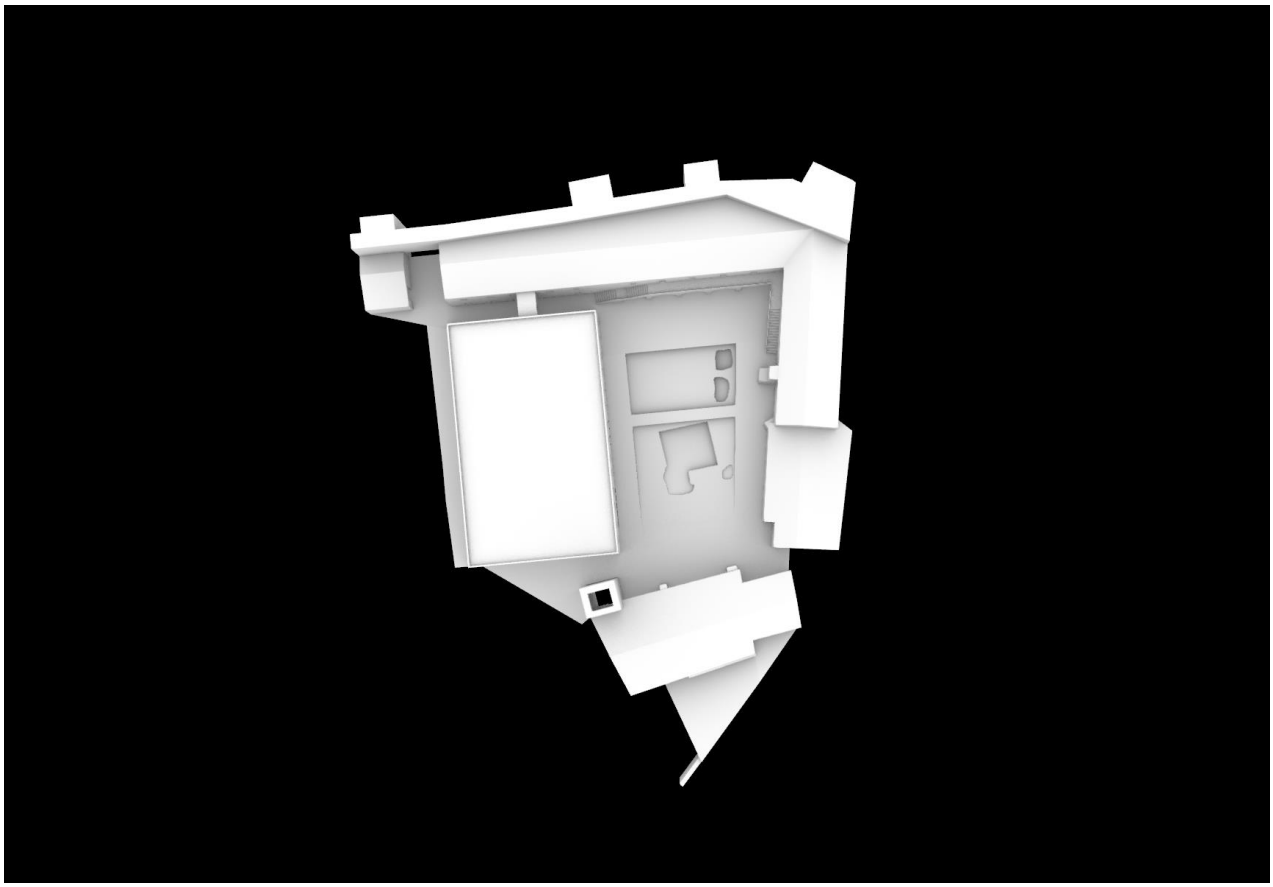


Figura 123 - Visualização 3D representativa do proposta de Laboratório de Projeto VI - Entrega Final. Elaborado pelo autor.

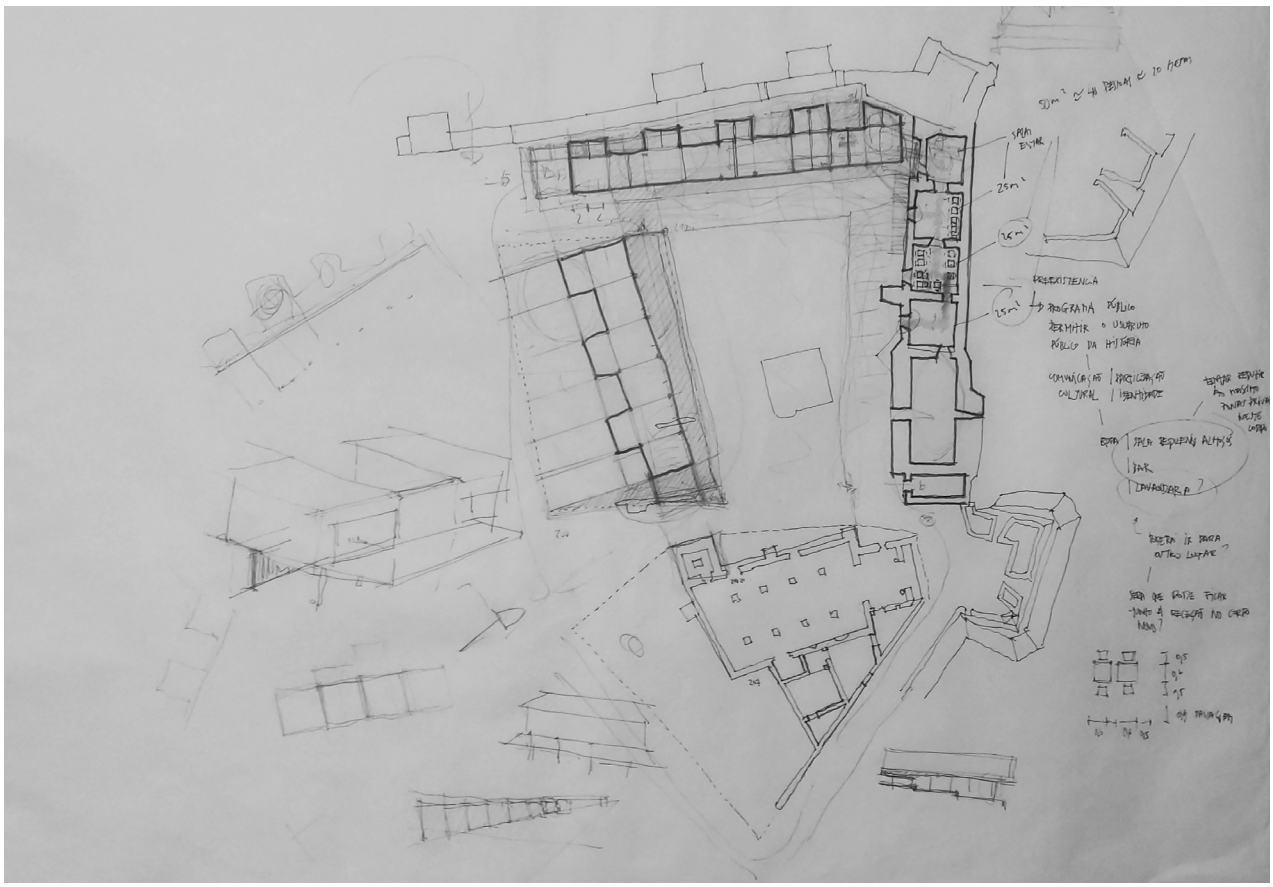


Figura 124 - Projeto Final de Mestrado: Esquiços da evolução da proposta. Elaborado pelo autor.



Figura 125 - Projeto Final de Mestrado: Esquiços da evolução da proposta. Elaborado pelo autor.

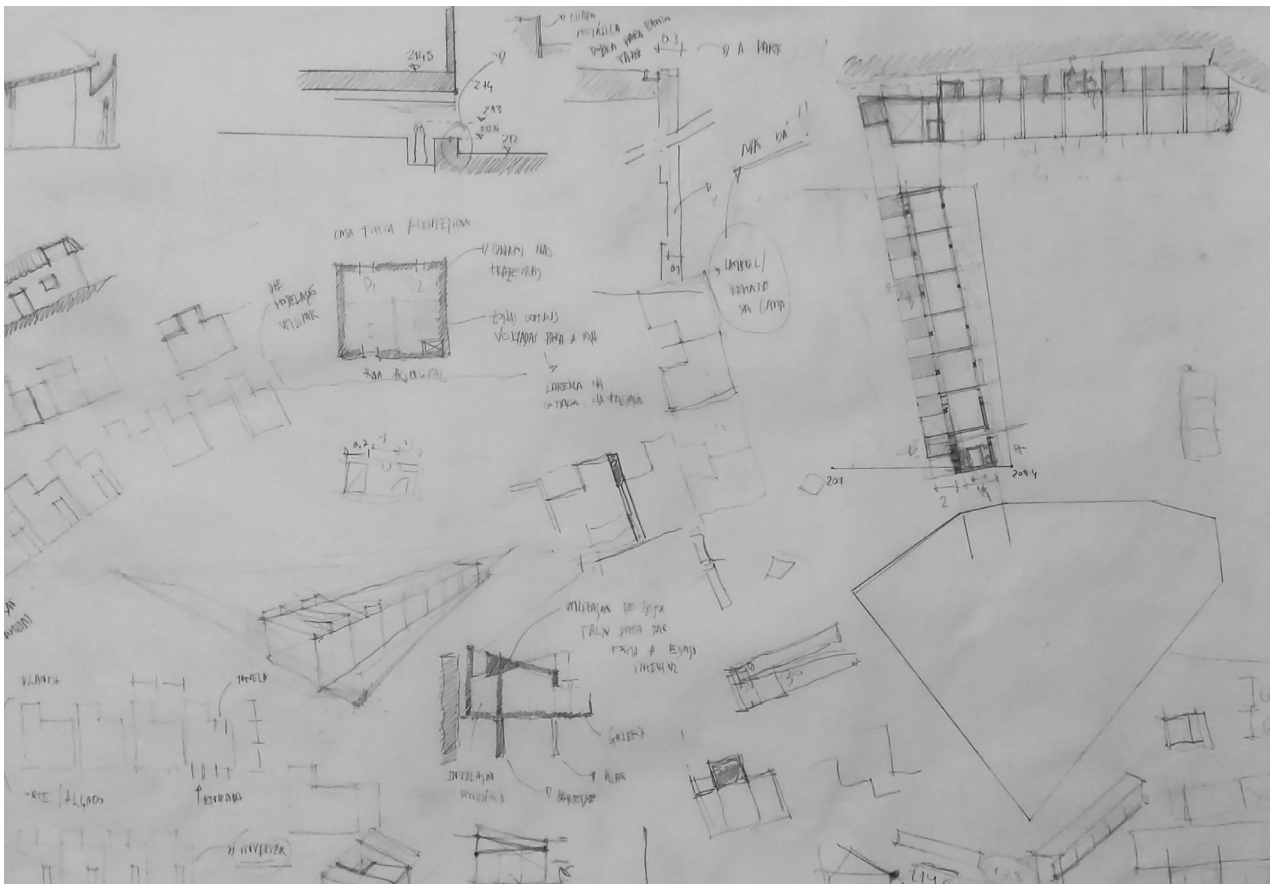


Figura 126 - Projeto Final de Mestrado: Esquiços da evolução da proposta. Elaborado pelo autor.

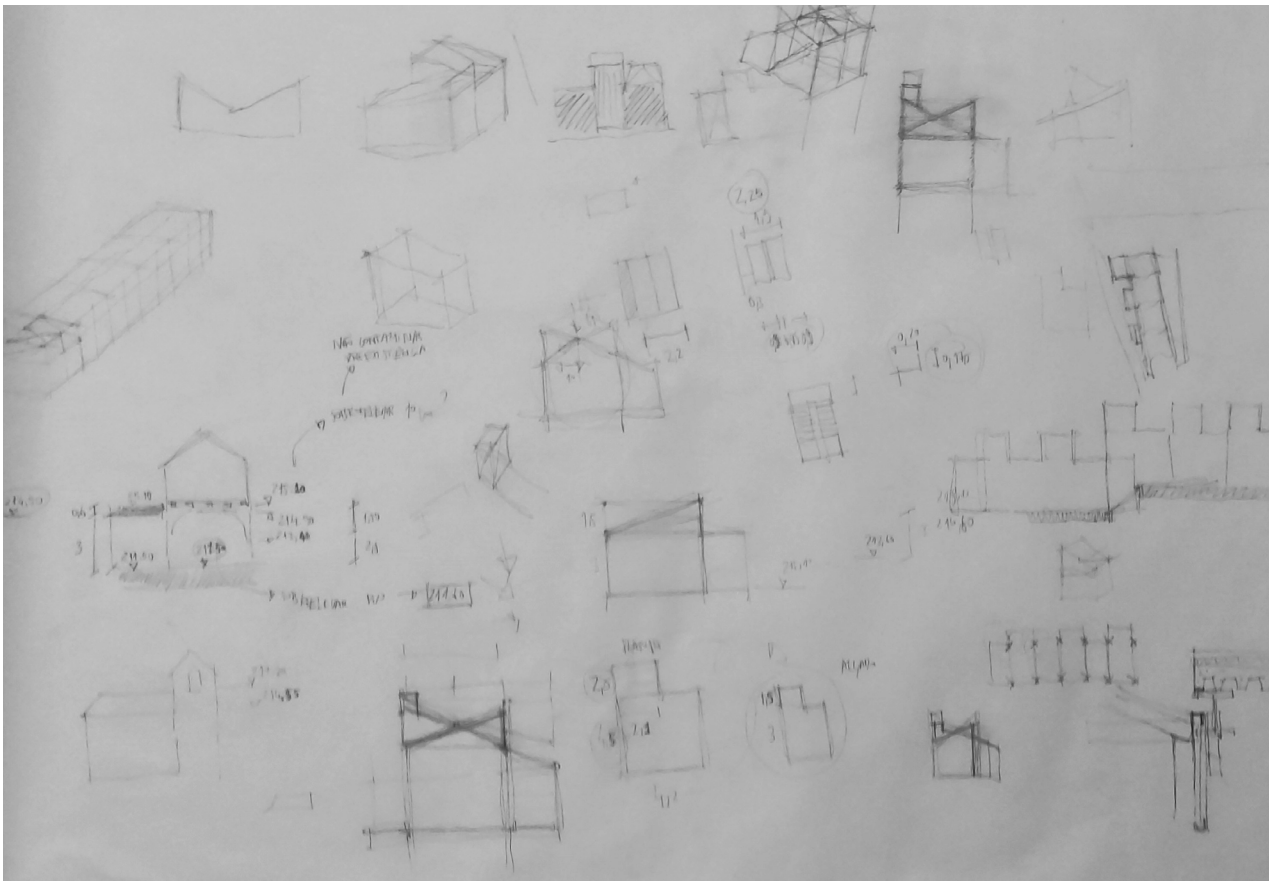


Figura 127 - Projeto Final de Mestrado: Esquiços da evolução da proposta. Elaborado pelo autor.



Figura 128 - Projeto Final de Mestrado: Esquiços da evolução da proposta. Elaborado pelo autor.

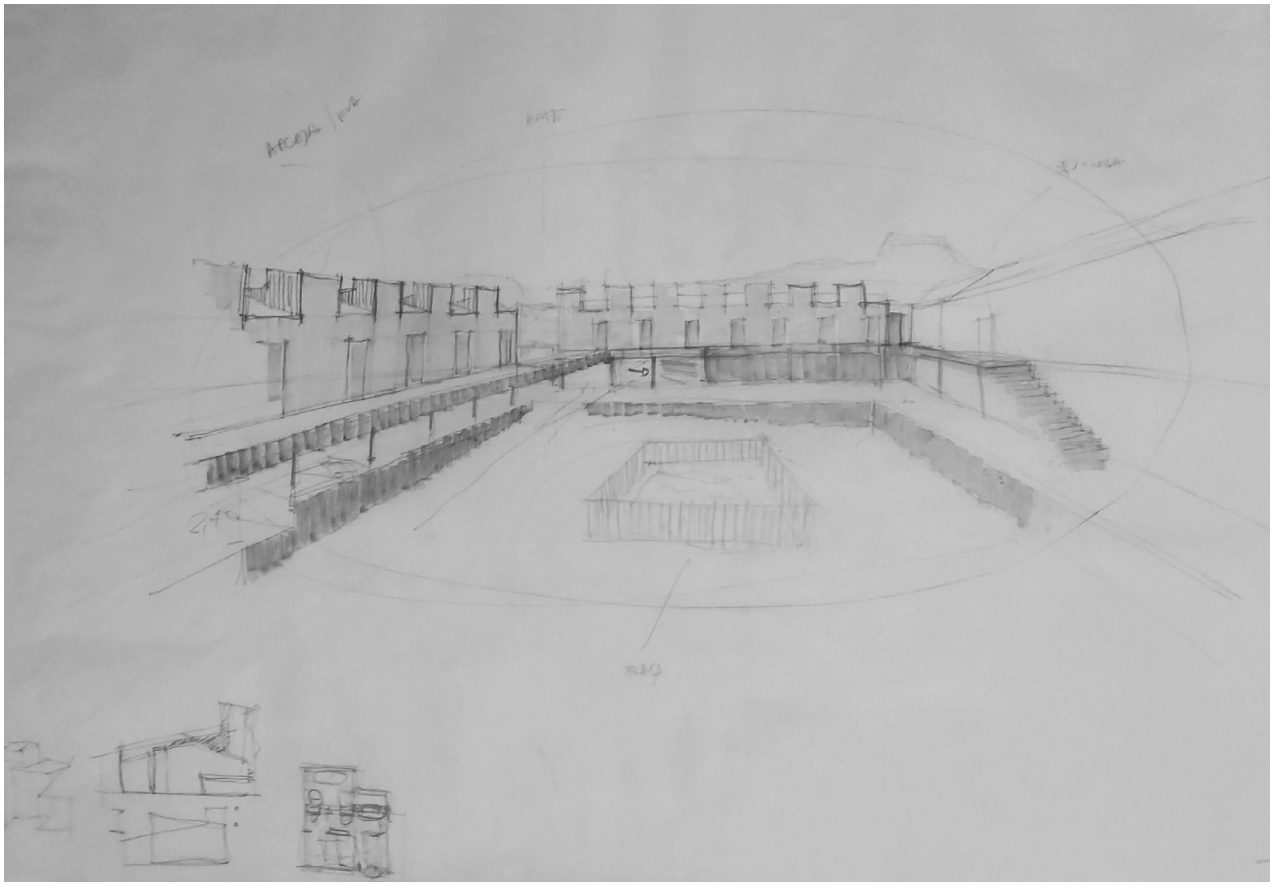


Figura 129 - Projeto Final de Mestrado: Esquiços da evolução da proposta. Elaborado pelo autor.

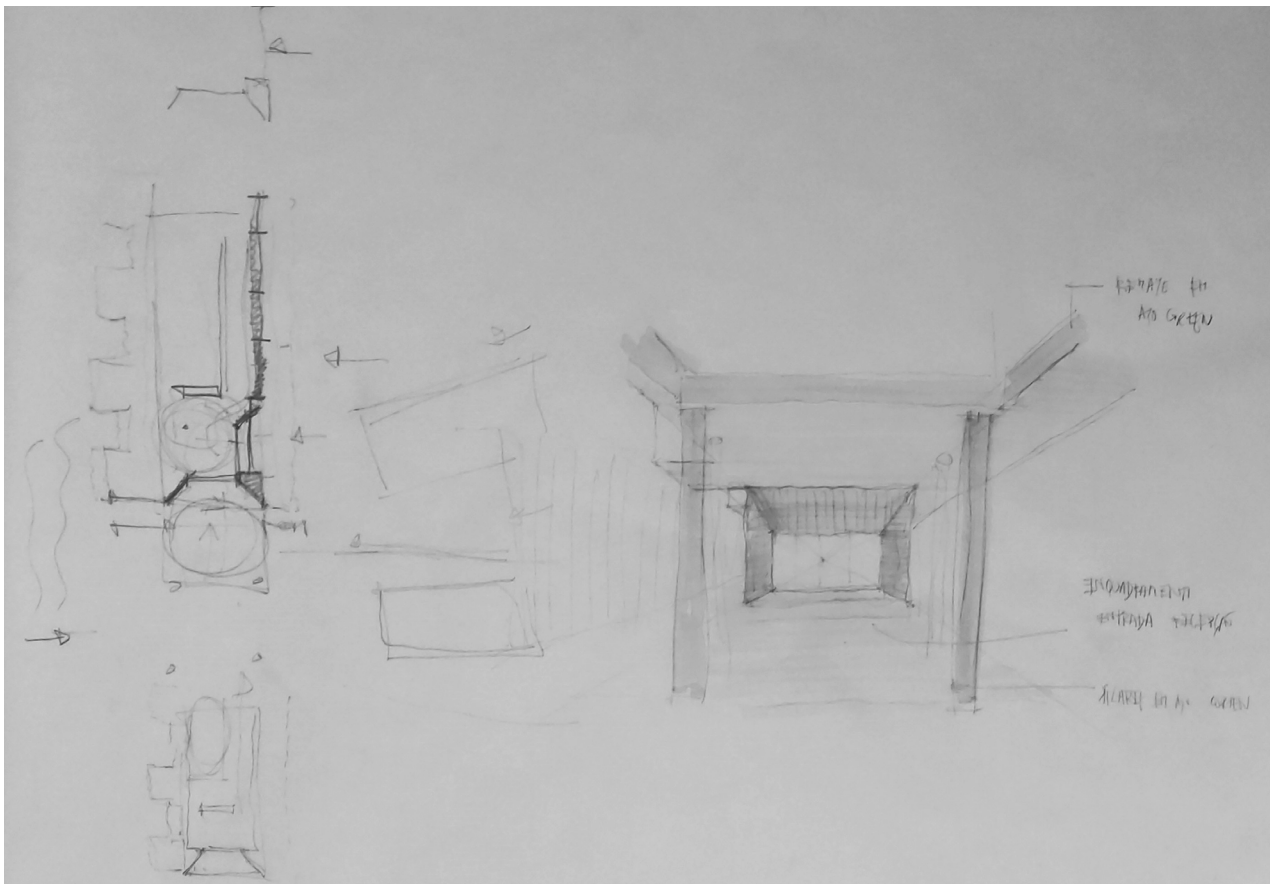


Figura 130 - Projeto Final de Mestrado: Esquiços da evolução da proposta. Elaborado pelo autor.

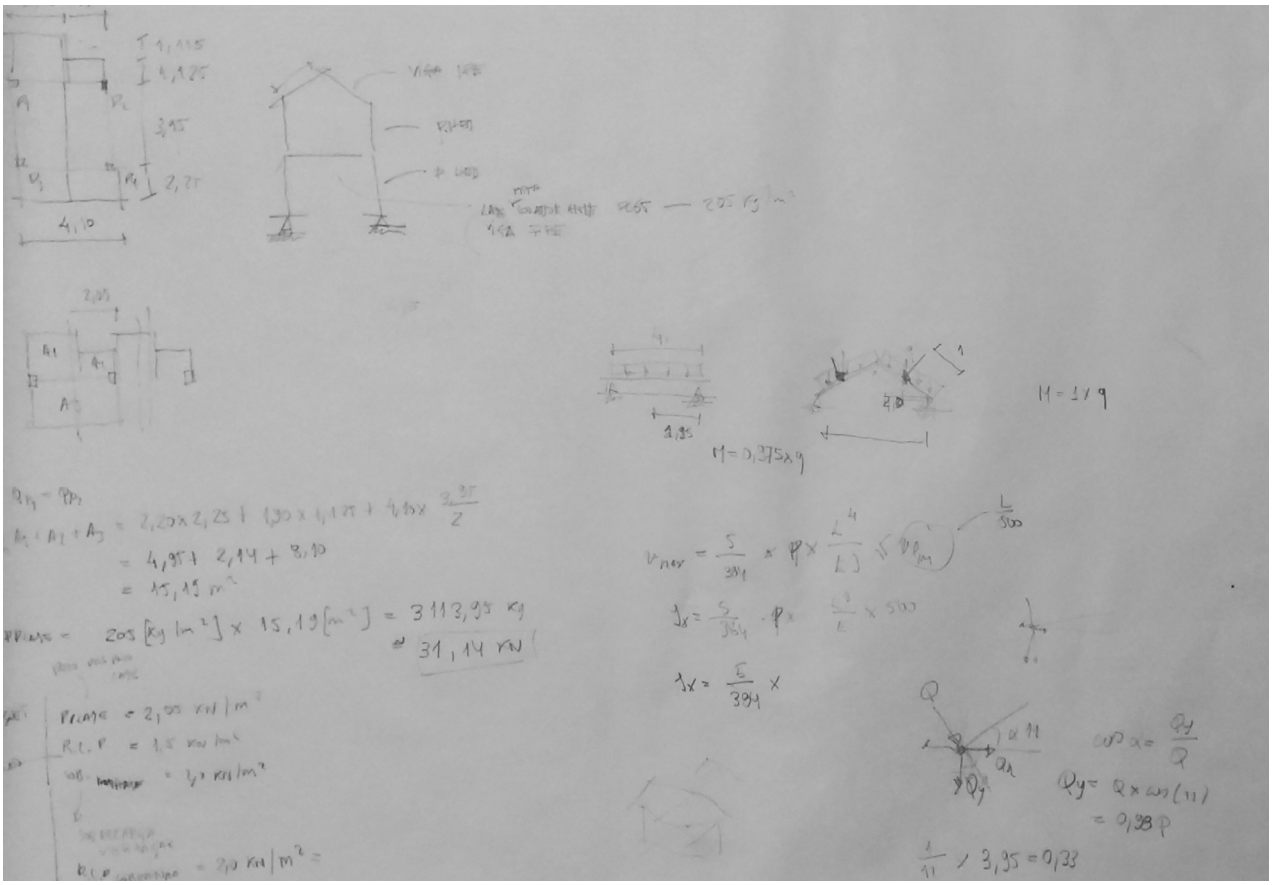


Figura 131 - Projeto Final de Mestrado: Esquiços da evolução da proposta. Elaborado pelo autor.

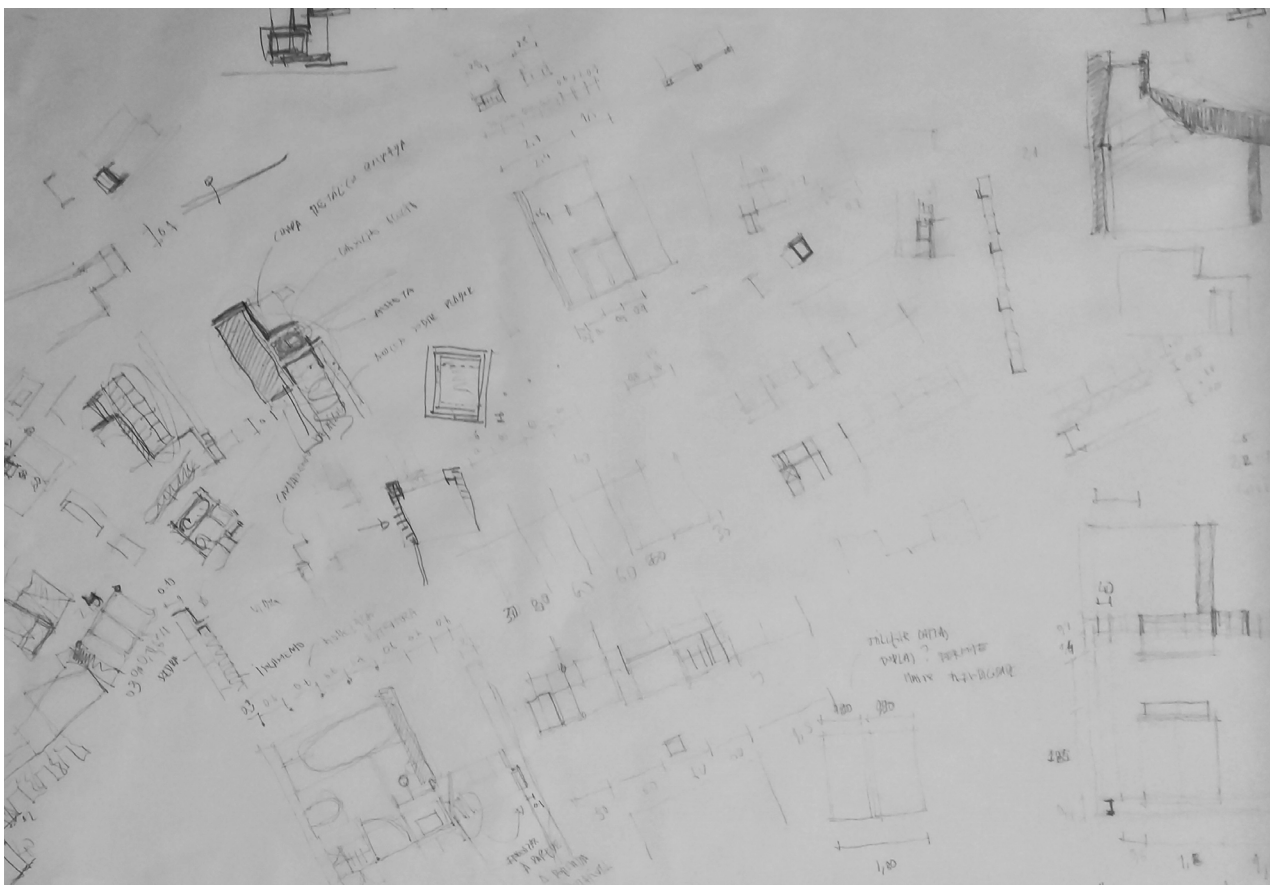


Figura 132 - Projeto Final de Mestrado: Esquiços da evolução da proposta. Elaborado pelo autor.

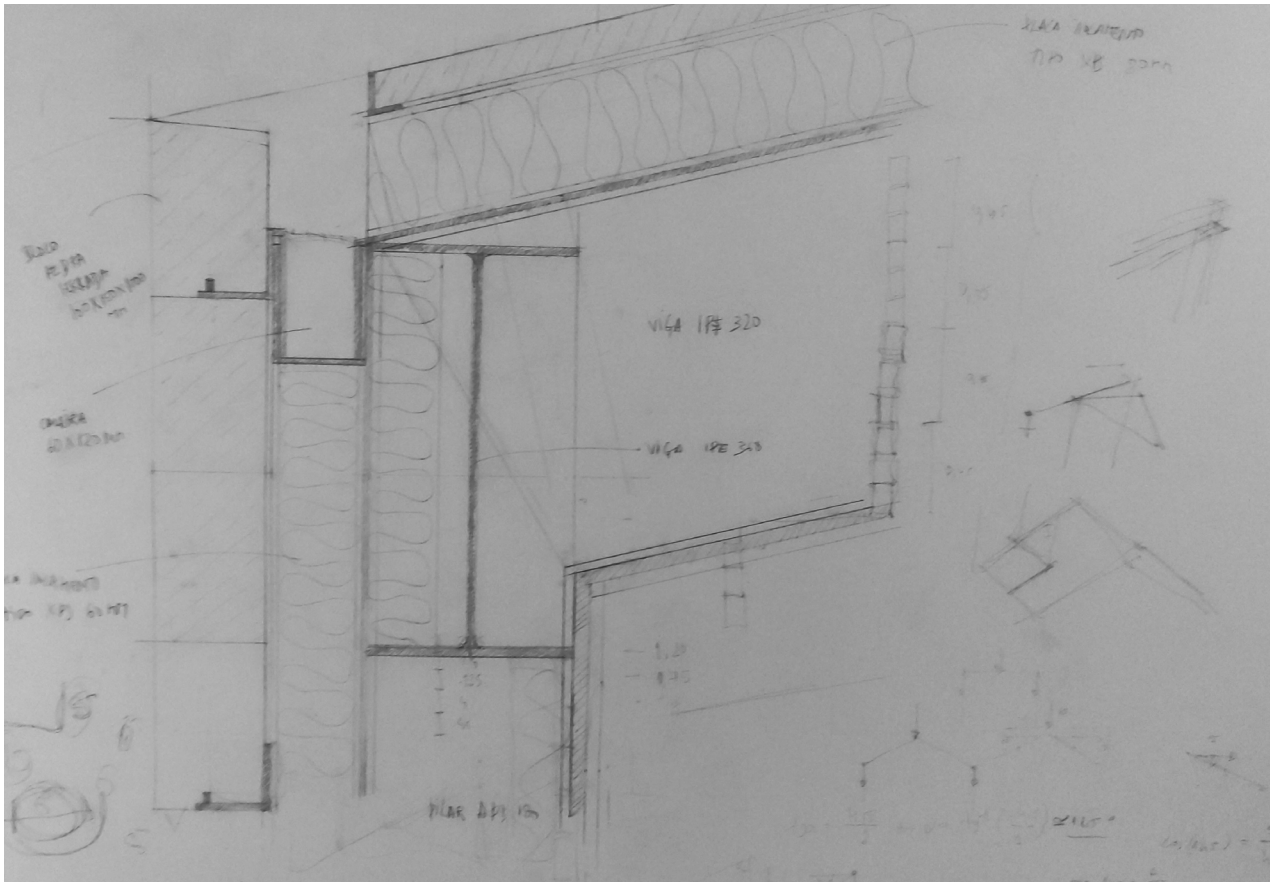


Figura 133 - Projeto Final de Mestrado: Esquiços da evolução da proposta. Elaborado pelo autor.

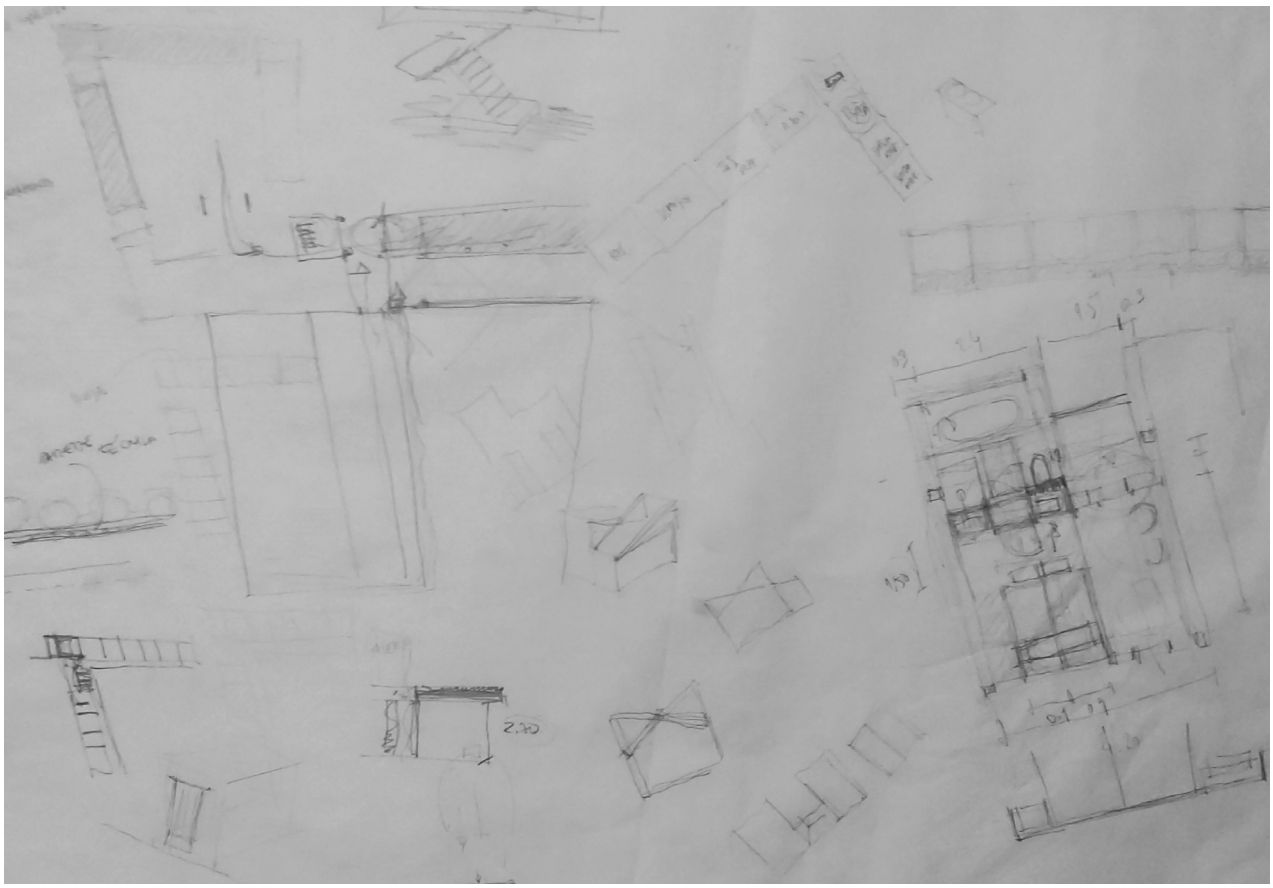


Figura 134 - Projeto Final de Mestrado: Esquiços da evolução da proposta. Elaborado pelo autor.

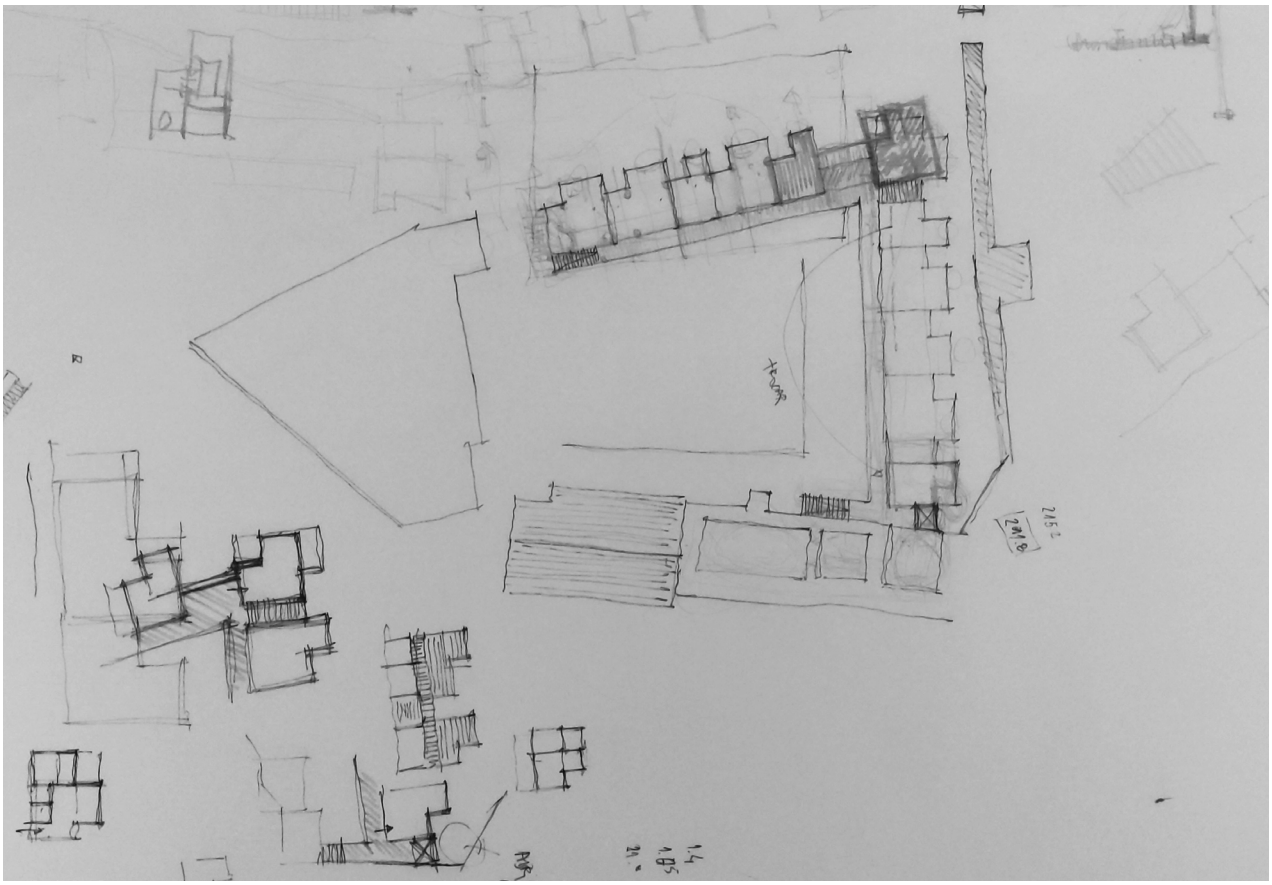


Figura 135 - Projeto Final de Mestrado: Esquiços da evolução da proposta. Elaborado pelo autor.

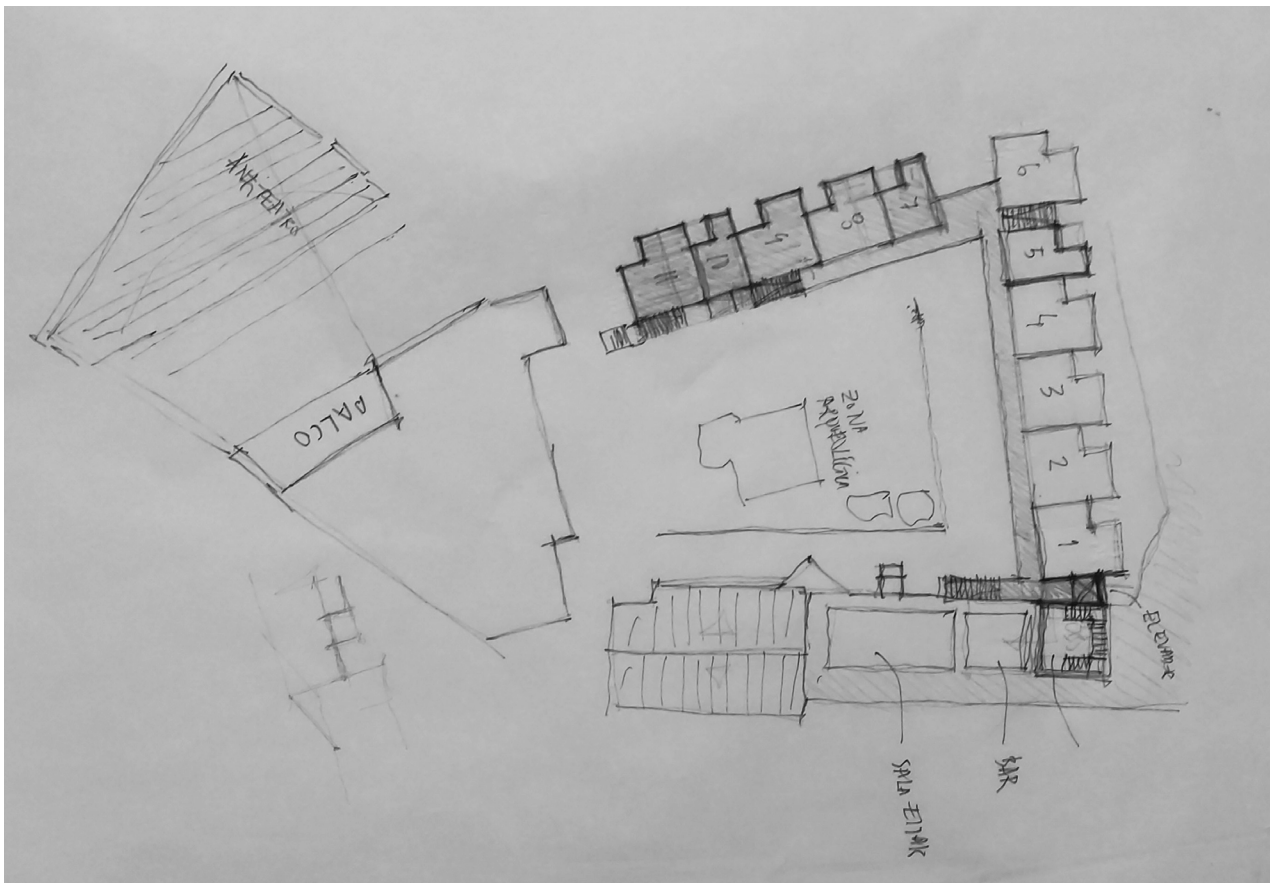


Figura 136 - Projeto Final de Mestrado: Esquiços da evolução da proposta. Elaborado pelo autor.

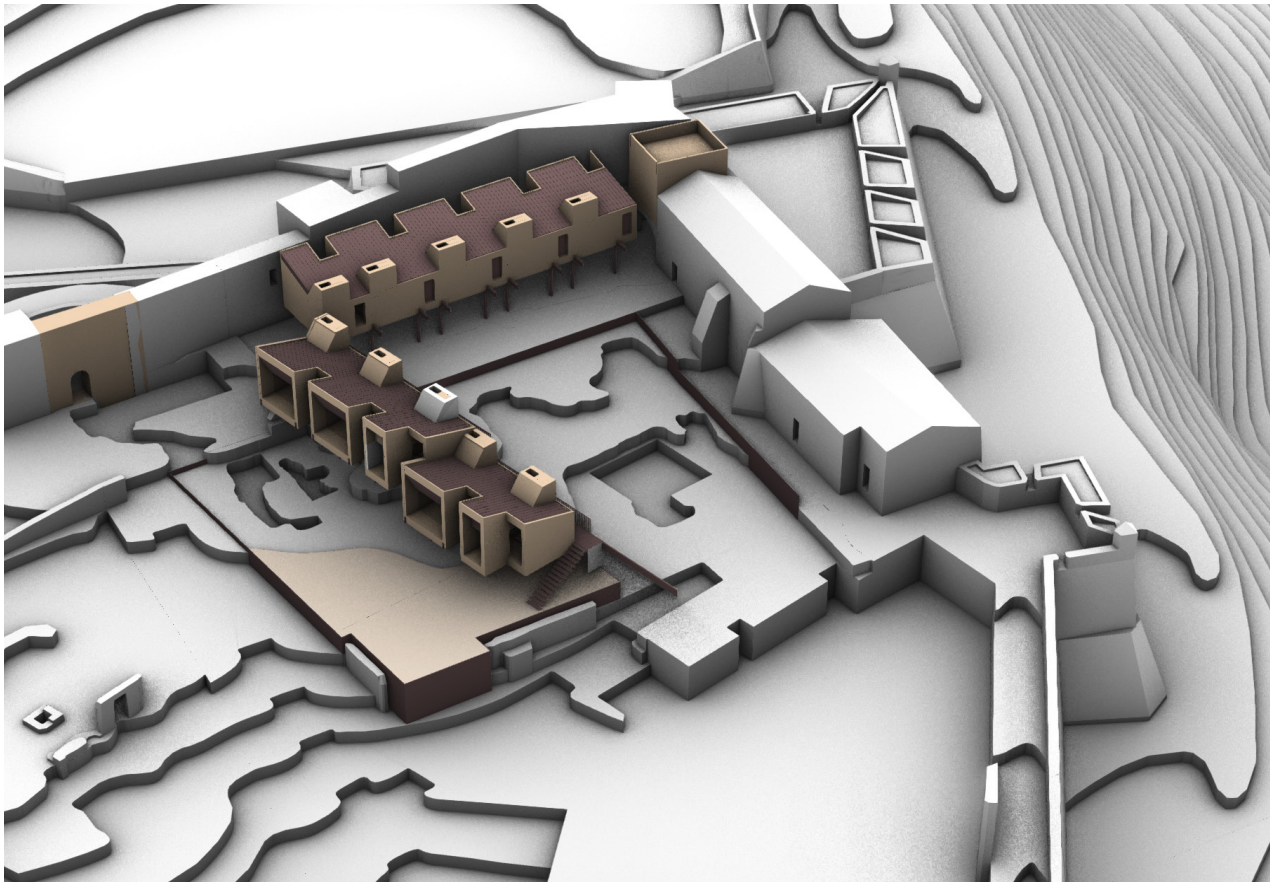


Figura 137 - Projeto Final de Mestrado: Visualização 3D de uma das fases da proposta. Elaborado pelo autor.



Figura 138 - Projeto Final de Mestrado: Visualização 3D de uma das fases da proposta. Elaborado pelo autor.

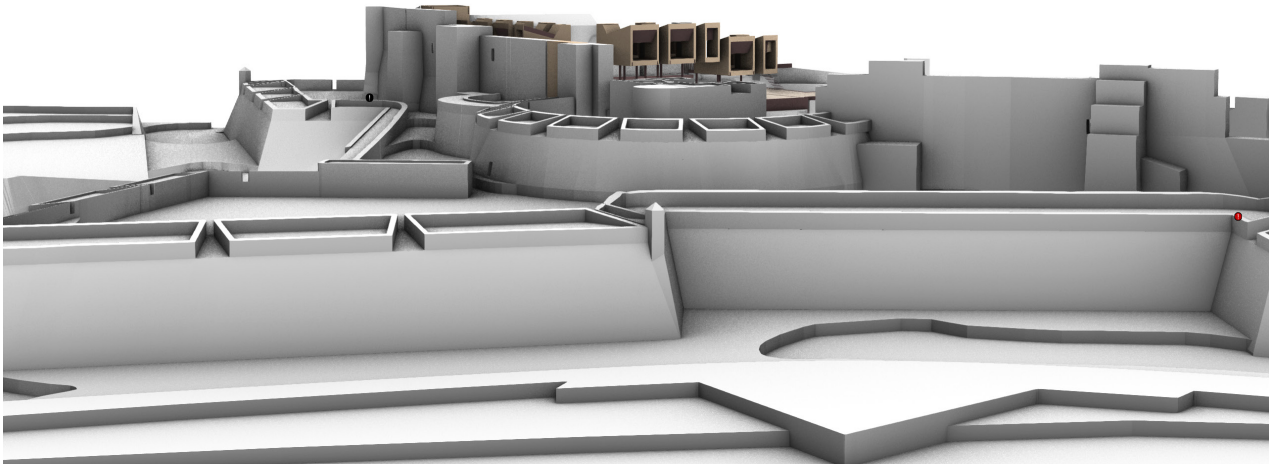


Figura 139 - Projeto Final de Mestrado: Visualização 3D de uma das fases da proposta. Elaborado pelo autor.

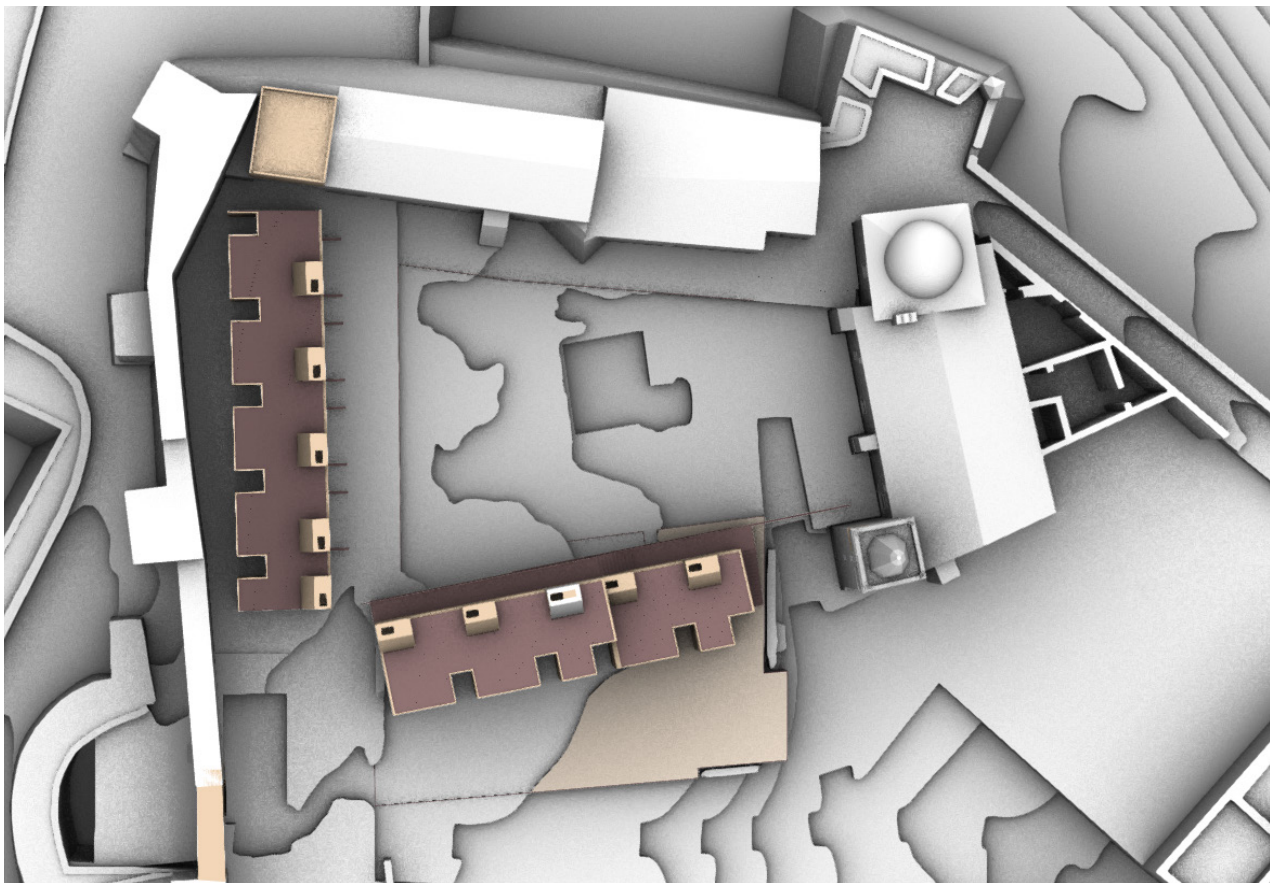


Figura 140 - Projeto Final de Mestrado: Visualização 3D de uma das fases da proposta. Elaborado pelo autor.

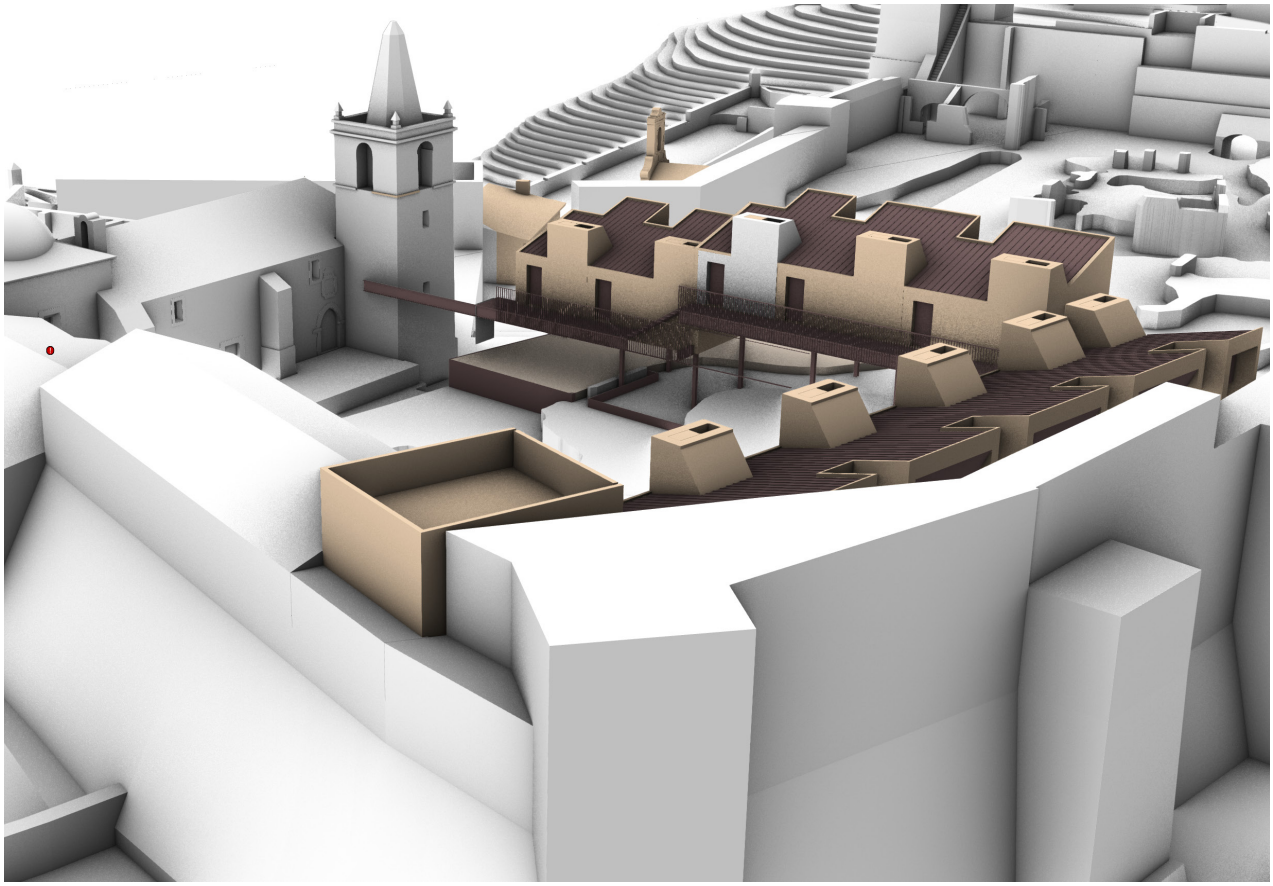


Figura 141 - Projeto Final de Mestrado: Visualização 3D de uma das fases da proposta. Elaborado pelo autor.

A68

4. Maquetes Finais



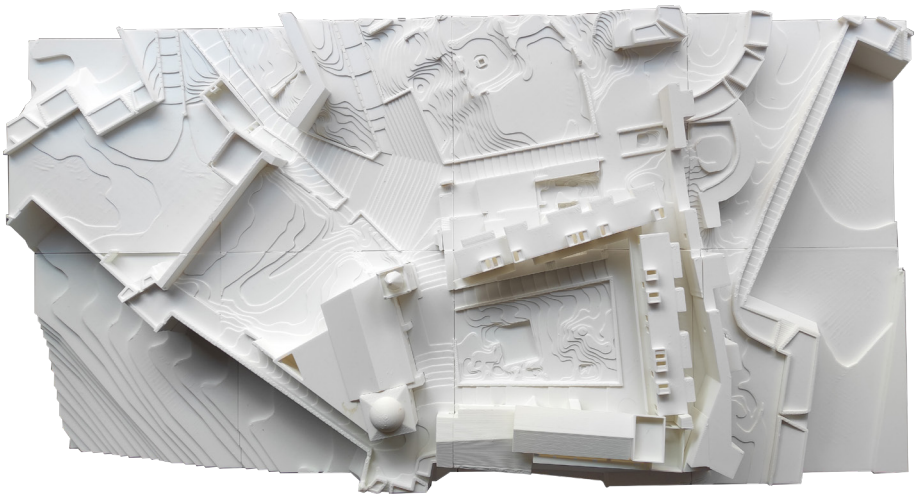
Maquete final da proposta. Escala 1:1000



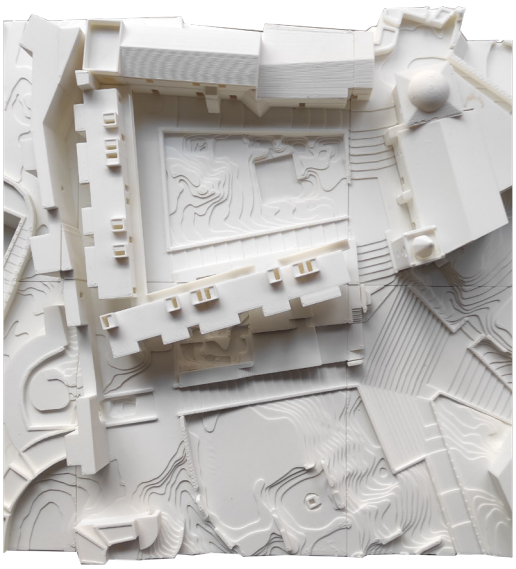
Maquete final da proposta. Escala 1:1000



Maquete final da proposta. Escala 1:1000



Maquete final da proposta. Escala 1:200



Maquete final da proposta. Escala 1:200



Maquete final da proposta. Escala 1:200

A74

5. Peças Gráficas
Apresentação

A76

C1

Reviver Juromenha

Proposta de Reabilitação da Cidadela de Juromenha

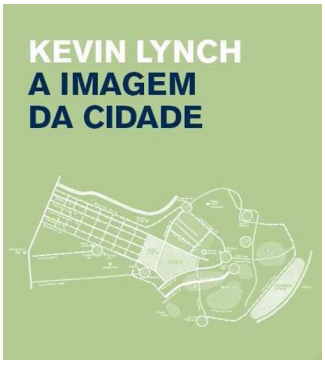
Referências Bibliográficas

João Dimas Fragoso



Leite, A (2020) 7 Casas Imaginárias: Sete Caminhos de Identidade

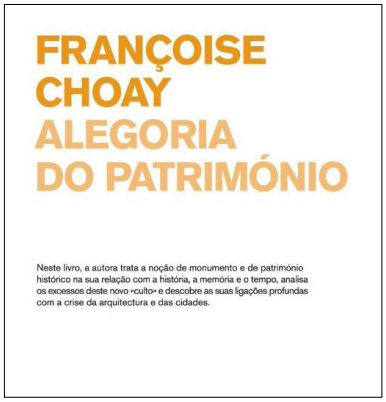
4



Lynch, K. (1982) A Imagem da Cidade

5

A78



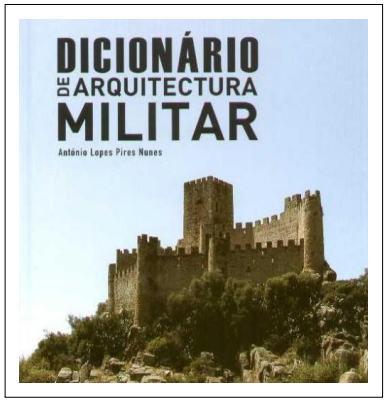
Choay, F. (2014) Alegoria do Património

6



Alarcão, P. (2018) Construir na Ruína:
Entre a reconstituição e a reabilitação

7



Nunes, A. (2005) Dicionário de Arquitectura Militar

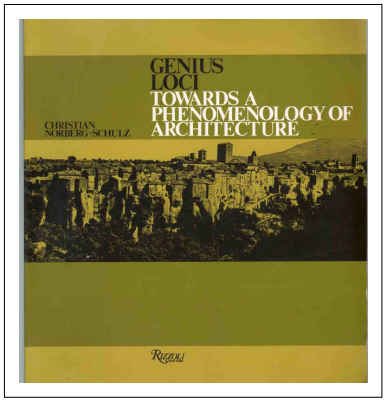
8



Vaz, P. (2019) Edificar no Patrimonio: Pessoas e Paradigmas na Conservação e Restauro

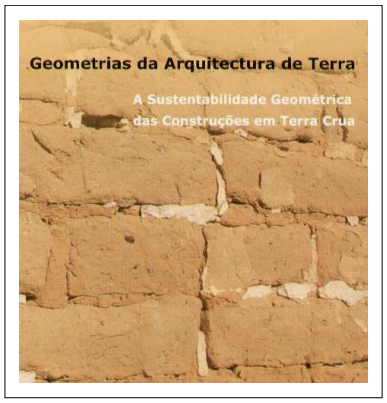
9

A80



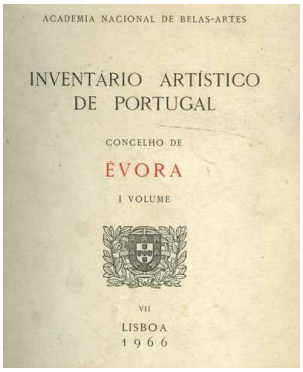
Norberg-Schulz, C. (1980) Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture

10



González, F. (2006) Geometrias da Arquitectura de Terra: A Sustentabilidade Geométrica das Construções em Terra Crua

11



Espanca, T. (1975) Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, Volume I.

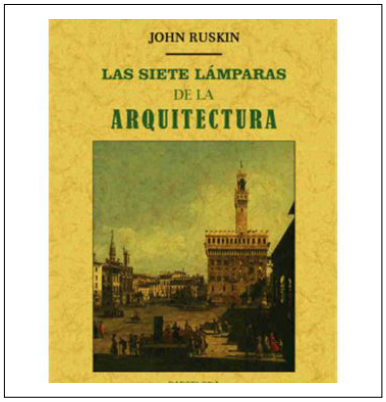
12



Ricoeur, P. (2000) La memoire, l'historie, l'oubli

13

A82



Ruskin, J. (2015) Las Sieste Lámparas De La Arquitectura

14



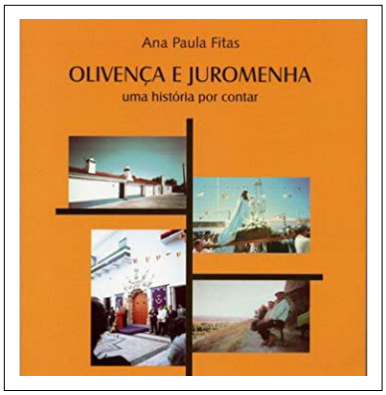
Silvestre, N; Pires, J; Santos, A (2013) – Manual de construção de estruturas e edifícios em LSF: Light Steel Framing

15



Bergson, H. (1999) Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito

16



Fitas, A (2007) Olivença e Juromenha: uma história por contar

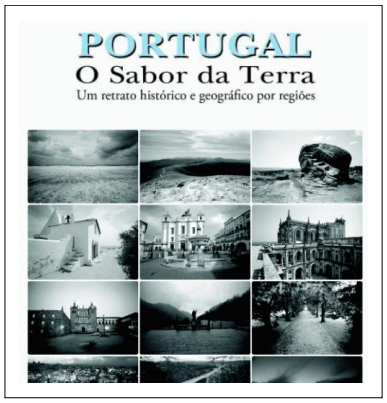
17

A84



Neves, J. (2013) Pedro Brígida Arquitetos: Casa Das Penhas Douradas Design Hotel e Spa + Mobiliário

18



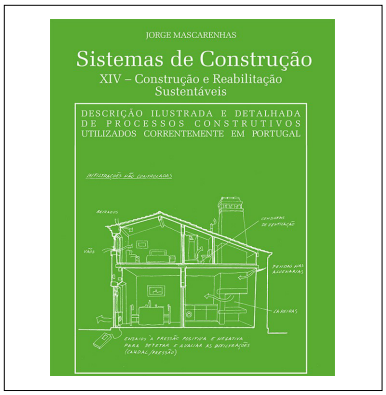
Mattoso, J; Daveau, S; Belo, D (2010) Portugal, O Sabor da Terra: Um retrato histórico e geográfico por regiões

19



Lobo, S. (2006) Pousadas de Portugal: Reflexos da Arquitectura Portuguesa do Século XX

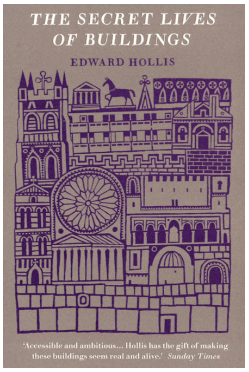
20



Mascarenhas, J. (2014) Sistemas de Construção XIV: Construção e Reabilitação Sustentáveis

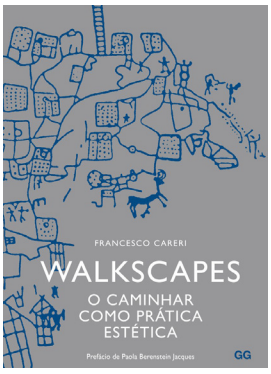
21

A86



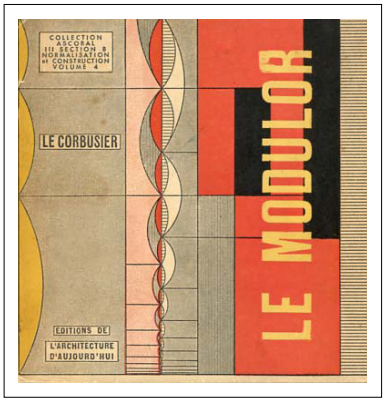
Hollis, E. (2010) The Secret Lives of Buildings: from the Parthenon to the Vegas Strip in Thirteen Stories

22



Careri, F. (2020) Walkscapes: O caminhar como prática estética

23



Corbusier, Le (2010) O Modulor

A88

C2

Reviver Juromenha

Proposta de Reabilitação da Cidadela de Juromenha

Fotografias

João Dimas Fragoso



1 – Vista do paramento poente e da entrada da fortaleza seiscentista, 2019. Fotografia pelo autor.



2 – Vista do portão de armas da fortaleza seiscentista, 2019. Fotografia pelo autor.

A90



3 – Vista do pórtico entrada da fortaleza seiscentista, 2019. Fotografia pelo autor.



4 – Pormenor da pedra com inscrição da data de edificação da fortaleza, 2019. Fotografia pelo autor.



5 – Vista do estado de conservação do interior do posto da guarda, junto ao pórtico de entrada da fortaleza seiscentista, 2019. Fotografia pelo autor.



6 – Vista do estado de conservação das antigas Igreja da Misericórdia, Quartel dos Veteranos, Cadeia, e Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, e da entrada do castelo medieval, 2019. Fotografia pelo autor.



7 – Vista do portão de armas da fortaleza seiscentista e do torreão sudoeste da muralha medieval, a partir do interior da fortaleza seiscentista, 2019. Fotografia pelo autor.



8 – Vista do paramento do baluarte e guarita sudoeste da fortaleza seiscentista, 2019. Fotografia pelo autor.



9 – Vista do estado de conservação da fachada da antiga Igreja da Misericórdia, junto à entrada da muralha medieval, 2019. Fotografia pelo autor.



10 – Vista do estado de conservação do interior da antiga Igreja da Misericórdia, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.



11 – Vista do estado de conservação do interior da antiga Igreja da Misericórdia, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.

13



12 – Vista do antigo Quartel de Veteranos, da antiga Cadeia e da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia pelo autor.

14



13 – Vista do alçado sul da antiga cadeia, junto ao paramento exterior da muralha medieval, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.



14 – Vista do estado de conservação do piso térreo da antiga cadeia, 2019. Fotografia pelo autor.



15 – Vista do estado de conservação das escadas internas da antiga cadeia, 2019. Fotografia pelo autor.



16 – Vista do pormenor do gradeamento do piso superior, da antiga cadeia, 2019. Fotografia pelo autor.



17 – Vista do estado de conservação das paredes e abóbadas do piso superior da antiga cadeia, 2019. Fotografia pelo autor.



18 – Vista do estado de conservação das paredes e abóbadas do piso superior da antiga cadeia, 2019. Fotografia pelo autor.



19 – Vista do estado de conservação da lareira do piso superior da antiga cadeia, 2019. Fotografia pelo autor.



20 – Vista do pormenor da pedra onde assentava o canhão, junto à praça da antiga cadeia, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.



21 – Visto do estado de conservação do interior do túnel de acesso à porta da traição, 2019. Fotografia pelo autor.



22 – Vista do paramento do baluarte sul da Fortaleza de Juromenha, da sua guarita, e do Rio Guadiana, 2019. Fotografia pelo autor.

A100



23 – Vista do paramento nascente da Fortaleza de Juromenha, a partir da praça da Cadeia, no interior da fortaleza seiscentista, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.



24 – Vista do estado de conservação da antiga Igreja da Misericórdia, do antigo Quartel de Veteranos, e da muralha medieval, a partir do seu interior, 2019. Fotografia pelo autor.



25 – Vista da fachada principal da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, e do estado de conservação dos antigos armazéns de pólvora e de aparelhos de guerra (à esquerda), 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.

27



26 – Vista pormenor da porta de entrada e dos seus trabalhados, da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia pelo autor.

28

A102



27 – Vista pormenor da porta de entrada e dos seus trabalhados, da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.

29



28 – Vista do pormenor de um falso vão na fachada principal da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.

30



29 – Vista das naves e presbitério da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.



30 – Vista das naves, da pequena capela (à esquerda), e da porta de acesso à torre sineira (à direita), da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, a partir do presbitério, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.



31 – Vista das portas de entrada, nave lateral esquerda e da nave principal, da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.



32 – Vista da pequena capela, da nave lateral direita e da nave principal, da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.



33 – Vista do presbitério e da pedra do altar, sobre o chão, da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto , 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.



34 – Vista de pormenor do estado de conservação da pia e dos fingidos de azulejo, da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.

A106



35 – Vista de pormenor do estado de conservação do pavimento em pedra, da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.

37



36 – Vista do pormenor do estado de conservação da pedra do altar, da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.

38



37 – Vista do estado de conservação do interior da pequena capela na nave lateral direita, da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.



38 – Vista do pormenor do estado de conservação da porta de acesso à antiga sacristia, através do presbitério da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, a partir do seu interior, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.

A108



39 – Vista do pormenor do estado de conservação da porta de acesso ao presbitério, através da antiga sacristia da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, a partir do seu interior, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.

41



40 – Vista do estado de conservação dos compartimentos da antiga sacristia, da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, a partir do seu interior, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.

42



41 – Vista do estado de conservação dos compartimentos da antiga sacristia, da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, a partir do seu interior, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.

43



42 – Vista do pormenor do vão de um dos compartimentos da antiga sacristia, da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, com vista sobre o rio Guadiana, 2019. Fotografia pelo autor.

44

A110



43 – Vista do estado de conservação dos compartimentos da antiga sacristia, da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, a partir do seu interior, 2019. Fotografia pelo autor.

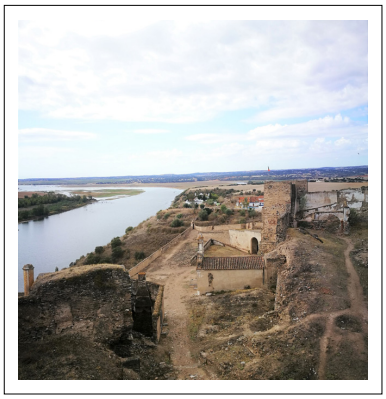


44 – Vista do pormenor da porta de acesso à torre sineira da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.



45 – Vista do pormenor do sino da torre sineira da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia por Rodolfo Duque.

47



46 – Vista dos paramentos a sudoeste da fortaleza de Juromenha, a partir da torre sineira da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia pelo autor.

48



47 – Vista do Cavaleiro e dos paramentos a poente da fortaleza de Juromenha, a partir da torre sineira da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia pelo autor.



48 – Vista do armazém de pólvora, cobertura da Igreja Matriz e do rio Guadiana, a partir da torre sineira da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia pelo autor.



49 – Vista do estado de conservação da fachada nascente da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.



50 – Vista da guarita nordeste da fortaleza seiscentista e do rio Guadiana e da sua envolvente, 2019. Fotografia pelo autor.



51 – Vista do rio Guadiana e sua envolvente a partir das seteiras da guarita localizada no baluarte nordeste da fortaleza seiscentista, 2019. Fotografia pelo autor.



52 – Vista do rio Guadiana e sua envolvente a partir das seteiras da guarita localizada no baluarte nordeste da fortaleza seiscentista, 2019. Fotografia pelo autor.



53 – Vista do rio Guadiana e sua envolvente a partir das seteiras da guarita localizada no baluarte nordeste da fortaleza seiscentista, 2019. Fotografia pelo autor.

55



54 – Vista do estado de conservação das fachadas dos Armazéns de Pólvora e de Aparelhos de Guerra e da fachada poente da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.

56



55 – Vista do estado de conservação do Cavaleiro de St. António (à esquerda), das fachadas dos Armazéns de Pólvora e de Aparelhos de Guerra (ao centro) e da fachada poente da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto (à direita), e da antiga Praça de Juromenha, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.



56 – Vista do estado de conservação do interior do Armazém de Pólvora, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.



57 – Vista do estado de conservação do interior do Armazém de Pólvora, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.



58 – Vista do estado de conservação do interior de um dos compartimentos do armazém de aparelhos de guerra, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.



59 – Vista do pormenor do estado de conservação de um vão de porta exterior de um dos compartimentos do Armazém de Aparelhos de Guerra, 2019. Fotografia pelo autor.

61



60 – Vista do pormenor do estado de conservação de um vão de porta interior de um dos compartimentos do Armazém de Aparelhos de Guerra, 2019. Fotografia pelo autor.

62



61 – Vista do pormenor do estado de conservação de um vão de porta exterior de um dos compartimentos do Armazém de Aparelhos de Guerra, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.

63



62 – Vista do pormenor do estado de conservação de um vão de porta interior de um dos compartimentos do Armazém de Aparelhos de Guerra, 2019. Fotografia pelo autor.

64



63 – Vista do estado de conservação do interior de um dos compartimentos do Armazém de Aparelhos de Guerra, com um teto em abóbada de arestas, 2019. Fotografia pelo autor.



64 – Vista do pormenor do estado de conservação de dois arcos, no interior de um dos compartimentos do Armazém de Aparelhos de Guerra, 2019. Fotografia pelo autor.



65 – Vista do estado de conservação da fachada do Armazém de Aparelhos de Guerra, a partir da antiga Praça de Juromenha, 2019. Fotografia pelo autor.



66 – Vista do pormenor de vão no paramento norte da muralha medieval, com vista sobre a vila de Juromenha, 2019. Fotografia pelo autor.

A122



67 – Vista do estado de conservação da Porta da Vila, junto à zona norte da muralhe medieval de Juromenha, 2019. Fotografia pelo autor.

69



68 – Vista do estado de conservação do Cavaleiro de St. António, 2019. Fotografia pelo autor.

70



69 – Vista do antigo Lagar e do torreão Sul da muralha medieval de Juromenha, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.



70 – Vista do torreão sul da muralha medieval de Juromenha , 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.

A124



71 – Vista do antigo Lagar, junto ao torreão Sul, da muralha medieval de Juromenha, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.



72 – Vista do estado de conservação do interior da muralha medieval a partir do torreão sudoeste da Fortaleza de Juromenha, 2019. Fotografia pelo autor.



73 – Vista do estado de conservação do interior da muralha medieval a partir do torreão sudoeste da Fortaleza de Juromenha, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.

75



74 – Vista do estado de conservação do Cavaleiro e da muralha medieval noroeste, a partir do torreão sudoeste da Fortaleza de Juromenha, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.

76



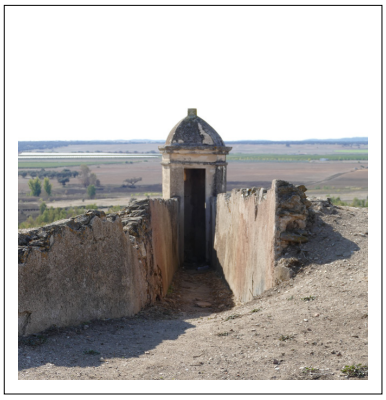
75 – Vista da porta poente da muralha medieval da Fortaleza de Juromenha , 2019. Fotografia pelo autor.



76 – Vista da margem espanhola de Vila Real de Olivença e da antiga Cadeia, a partir da cobertura do portão de armas da Fortaleza seiscentista de Juromenha, 2019. Fotografia pelo autor.



77 – Vista da guarita sul da Fortaleza de Juromenha, e Rio Guadiana, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.

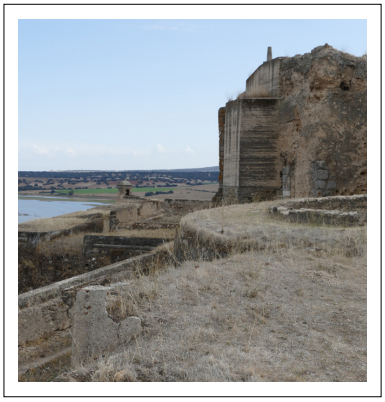


78 – Vista pormenor da guarita sul da Fortaleza de Juromenha, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.



79 – Vista do estado de conservação do paramento poente da muralha medieval, e da fortaleza seiscentista, a partir do Cavaleiro da Fortaleza de Juromenha, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.

81



80 – Vista do estado de conservação do paramento poente da muralha medieval, do Rio Guadiana e sua envolvente, a partir do Cavaleiro da Fortaleza de Juromenha, 2019. Fotografia pelo docente Pedro Pacheco.

82



81 – Vista do estado de conservação do Torreão e do paramento nordeste da muralha medieval de Juromenha, e da porta do paiol de pólvora, a partir do interior da fortaleza seiscentista, 2019. Fotografia pelo autor.



82 – Vista do baluarte nordeste, do Rio Guadiana e sua envolvente, a partir do interior da fortaleza seiscentista, 2019. Fotografia pelo autor.



83 – Vista dos paramentos sul da Fortaleza de Juromenha, portão de armas e caminho exterior circundante, 2019. Fotografia pelo autor.



84 – Vista do paramento sul da Fortaleza de Juromenha, caminho exterior circundante, Rio Guadiana e margem espanhola de Vila Real de Olivença, 2019. Fotografia pelo autor.



85 – Vista da porta de traição no paramento exterior sul da fortaleza seiscentista de Juromenha, a partir do caminho exterior, 2019. Fotografia pelo autor.

87



86 – Vista do caminho exterior à fortaleza seiscentista de Juromenha, junto ao seu paramento nascente, do Rio Guadiana e sua envolvente, 2019. Fotografia pelo autor.

88



87 – Vista do caminho exterior à fortaleza seiscentista de Juromenha, junto ao seu paramento nascente, 2019. Fotografia pelo autor.



88 – Vista do pormenor das latrinas da fortaleza seiscentista de Juromenha, e do seu paramento nascente, a partir do caminho exterior, 2019. Fotografia pelo autor.



89 – Vista do paramento exterior nascente da fortaleza seiscentista de Juromenha, 2019. Fotografia pelo autor.



90 – Vista da Rua da Boavista a partir do baluarte nascente da Fortaleza de Juromenha, 2019. Fotografia pelo autor.



91 – Vista de uma moradia na Rua da Boavista, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



92 – Vista do percurso pedonal de acesso a um terraço sobre o Rio Guadiana, e ao Embarcadouro de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



93 – Vista do percurso pedonal de acesso a um terraço sobre o Rio Guadiana, e ao Embarcadouro de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



94 – Vista de um terraço sobre o Rio Guadiana, e as margens espanholas de Vila Real de Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.



95 – Vista do Embarcadouro de Jurome-nha, 2022. Fotografia pelo autor.



96 – Vista do Rio Guadiana e do Embar-cadouro de Vila Real de Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.



97 – Vista aérea da Fortaleza de Juromenha, do Embarcadouro de Juromenha, do Rio Guadiana e a sua envolvente, 2022. Fotografia pelo autor.



98 – Vista da Fortaleza de Juromenha e sua envolvente, a partir do Embarcadouro de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



99 – Vista da Fortaleza de Juromenha e sua envolvente, a partir do Embarcadouro de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



100 – Vista aérea da Fortaleza de Juromenha em obras de restauro, do rio Guadiana, e margem espanhola de Vila Real de Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.



101 – Vista aérea da Fortaleza de Juromenha em obras de restauro, Rio Guadiana, e paisagem circundante, 2022. Fotografia pelo autor.



102 – Vista aérea da Fortaleza de Juromenha em obras de restauro, e a sua vila, 2022. Fotografia pelo autor.



103 – Vista aérea da vila de Juromenha, e do percurso recortado na paisagem, de acesso ao Embarcadouro de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



104 – Vista da via de acesso automóvel ao Embarcadouro de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



105 – Vista da via de acesso automóvel ao Embarcadouro de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



106 – Vista da Rua de St. António, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



107 – Vista de um dos três restaurantes da vila de Juromenha, o "Sentinela do Guadiana", na Rua de St. António, 2022. Fotografia pelo autor.



108 – Vista da Rua de St. António, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



109 – Vista da Rua de St. António, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



110 – Vista da Rua de St. António, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



111 – Vista da Rua de St. António, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



112 – Vista da fachada principal da Ermida de St. António, na Rua de St. António, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



113 – Vista da Rua de St. António, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



114 – Vista do acesso pedonal entre a Rua de St. António e a Rua das Fontainhas, ao longo do edifício da Junta de Freguesia e da Unidade de Saúde da vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



115 – Vista de uma fachada em estado de ruína na Rua de St. António, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



116 – Vista da fachada da Unidade de Saúde da Vila de Juromenha, na Rua de St. António, 2022. Fotografia pelo autor.



117 – Vista de uma das instalações sanitárias públicas da vila de Juromenha, na Rua de St. António, 2022. Fotografia pelo autor.



118 – Vista da fachada principal da Escola Primária da vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



119 – Vista das obras de restauro da Fortaleza de Juromenha, a partir do descampado junto à Escola Primária da vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



120 – Vista aérea da Fortaleza de Juromenha (em obras de restauro) e da sua relação com a vila, com o rio Guadiana e a margem espanhola de Vila Real, 2022. Fotografia pelo autor.



121 – Vista aérea da Fortaleza de Juromenha (em obras de restauro) e da sua relação com a vila, com o rio Guadiana e a margem espanhola de Vila Real de Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.



122 – Vista aérea da vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



123 – Vista da fachada da Junta de Freguesia da vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



124 – Vista da Rua das Fontainhas, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



125 – Vista da Rua das Fontainhas, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



126 – Vista de uma obra de reabilitação de uma moradia na Rua das Fontainhas, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



127 – Vista do Largo do Posto, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



128 – Vista da fachada de uma das habitações no Largo do Posto, na vila de Juromenha 2022. Fotografia pelo autor.



129 – Vista da fachada de uma das habitações no Largo do Posto, e pormenor de um banco público, na vila de Juromenha 2022. Fotografia pelo autor.



130 – Vista da praça do Largo do Posto, e dos paramentos nordeste da fortaleza de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



131 – Vista da Rua da Boavista, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



132 – Vista da Rua da Boavista, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



133 – Vista do nó entre a Rua de St. António e da Rua da Boavista, da via de acesso à fortaleza de Juromenha e da instalação sanitária pública (à direita), na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.

135



134 – Vista de uma das instalações sanitárias públicas da vila de Juromenha, na Rua de St. António, 2022. Fotografia pelo autor.

136



135 – Vista do pormenor de um banco público num terraço junto à fortaleza de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



136 – Vista de uma habitação junto à Fortaleza de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



137 – Vista de uma zona de merendas, e de uma fonte de água, junto à fortaleza de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



138 – Vista do arranjo exterior da zona de estacionamento junto à Fortaleza de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



139 – Vista do pormenor de bancos públicos junto ao arranjo exterior da zona de estacionamento da Fortaleza de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



140 – Vista do arranjo exterior da zona de estacionamento junto à Fortaleza de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



141 – Vista de uma fachada de uma habitação junto à Fortaleza de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor, 2022. Fotografia pelo autor.



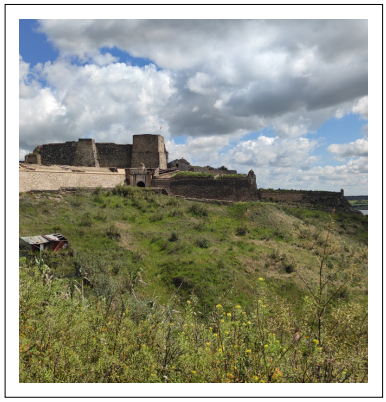
142 – Vista de algumas habitações junto à Fortaleza de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



143 – Vista da Rua de St. António, na vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



144 – Vista do pormenor de um banco público num terraço sobre o Rio Guadiana, na via de acesso ao cemitério da Vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



145 – Vista dos paramentos a sudoeste da Fortaleza de Juromenha, a partir de um terraço, na via de acesso ao cemitério de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.

147



146 – Vista do Baluarte poente da Fortaleza de Juromenha em processo de restauro, 2022. Fotografia pelo autor.

148



147 – Vista do parque de merendas da vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



148 – Vista dos paramentos a sudoeste da Fortaleza de Juromenha, do Rio Guadiana e sua envolvente, a partir do parque de merendas de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



149 – Vista dos paramentos a sudoeste da Fortaleza de Juromenha, do Rio Guadiana e sua envolvente, a partir do parque de merendas de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



150 – Vista dos paramentos a sudoeste da Fortaleza de Juromenha, a partir do parque de merendas de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



151 – Vista do portão do cemitério da vila de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



152 – Vista dos paramentos a sudoeste da Fortaleza de Juromenha, a partir do terreiro junto ao Cemitério de Juromenha, 2022. Fotografia pelo autor.



153 – Vista do caminho de acesso à Ponte de Nossa Senhora da Ajuda sobre o Rio Guadiana, entre as margens de Elvas e Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.



154 – Vista do estado de ruína da Ponte de Nossa Senhora da Ajuda, do Rio Guadiana e das margens de Elvas e Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.



155 – Vista do estado de ruína da Ponte de Nossa Senhora da Ajuda, do Rio Guadiana e das margens de Elvas e Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.



156 – Vista do estado de ruína da Ponte de Nossa Senhora da Ajuda, do Rio Guadiana e das margens de Elvas e Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.



157 – Vista do estado de ruína da Ponte de Nossa Senhora da Ajuda, do Rio Guadiana e das margens de Elvas e Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.



158 – Vista do estado de ruína da Ponte de Nossa Senhora da Ajuda, do Rio Guadiana e das margens de Elvas e Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.



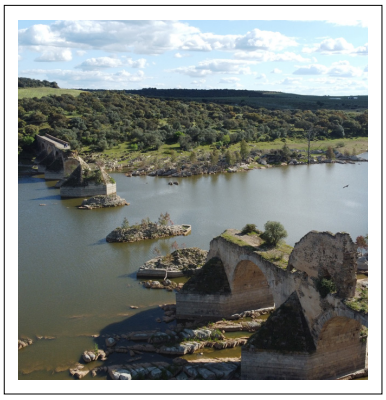
159 – Vista do estado de ruína da Ponte de Nossa Senhora da Ajuda, do Rio Guadiana e das margens de Elvas e Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.



160 – Vista do estado de ruína da Ponte de Nossa Senhora da Ajuda, do Rio Guadiana e das margens de Elvas e Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.



161 – Vista do estado de ruína da Ponte de Nossa Senhora da Ajuda, do Rio Guadiana e das margens de Elvas e Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.



162 – Vista aérea do estado de ruína da Ponte de Nossa Senhora da Ajuda, do Rio Guadiana e das margens de Elvas e Olivença, 2022. Fotografia pelo autor.


Condeixa
Monsanto
Castelo Branco/Guarda
Batalha
Castelo do Bode
Torres Novas/Entroncamento
Castelo de Vide
Marvão
Óbidos
Ponte de Sor
Crato
Portalegre
Alter do Chão
Arronches
Avis
Fronteira
Monforte
Campo Maior
Mora
Sousel
Elvas
Badajoz
Sevilha
Madrid
Barcelona
Córdoba
Porto
Santarém
Estremoz
Borba
Vila Viçosa
Juromenha
Cascais
Arraiolos
Vendas Novas
Alandroal
Montemor-o-Novo
Redondo
España
Setúbal
Évora
Reguengos de Monsaraz
Mourão
Alcácer do Sal
Viana do Alentejo
Portel
Alvito
Vidigueira
Cuba
Grândola
Moura
Barrancos
Santiago do Cacém
Ferreira do Alentejo
Beja
Sines
Serpa
Sevilha
Málaga
Algeciras
Aljustrel
Castro Verde
Ourique
Mértola
Odemira
Almodôvar
Aymonte Sevilha
Sagres
Faro


Condeixa
Monsanto
Castelo Branco/Guarda
Batalha
Castelo do Bode
Torres Novas/Entroncamento
Castelo de Vide
Marvão
Óbidos
Ponte de Sor
Crato
Portalegre
Alter do Chão
Arronches
Avis
Fronteira
Monforte
Campo Maior
Mora
Sousel
Elvas
Badajoz
Porto
Santarém
Estremoz
Borba
Vila Viçosa
Juromenha
Lisboa
Cascais
Arraiolos
Vendas Novas
Alandroal
Montemor-o-Novo
Redondo
España
Setúbal
Évora
Reguengos de Monsaraz
Mourão
Alcácer do Sal
Viana do Alentejo
Portel
Alvito
Vidigueira
Cuba
Grândola
Moura
Barrancos
Santiago do Cacém
Ferreira do Alentejo
Beja
Sines
Serpa
Aljustrel
Castro Verde
Ourique
Mértola
Odemira
Almodôvar
Sagres
Faro



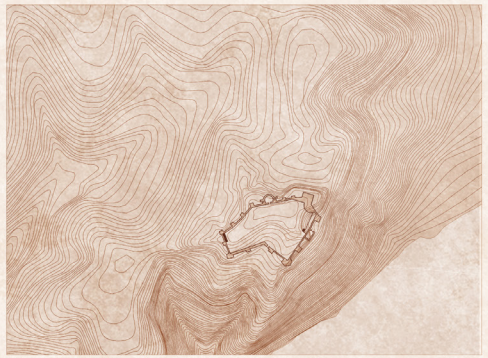




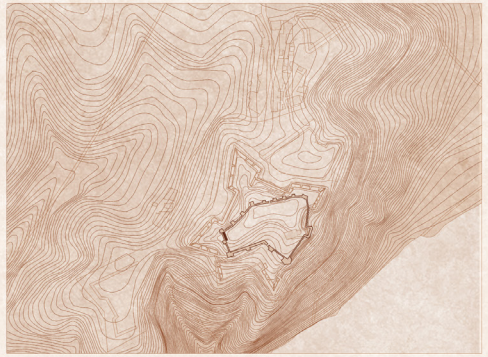




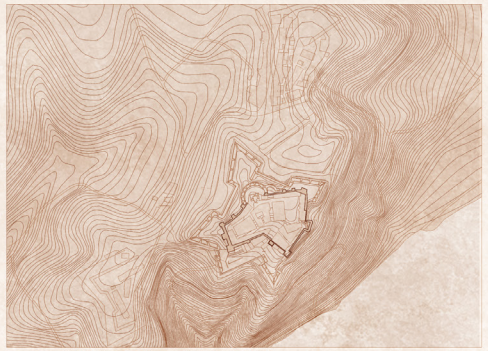




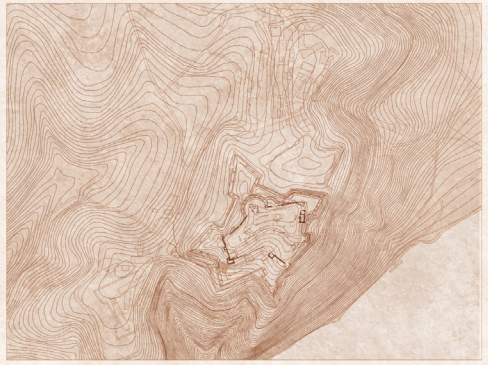
Muralha Medieval. Século XVI, segundo Duarte de Armas, 1509.



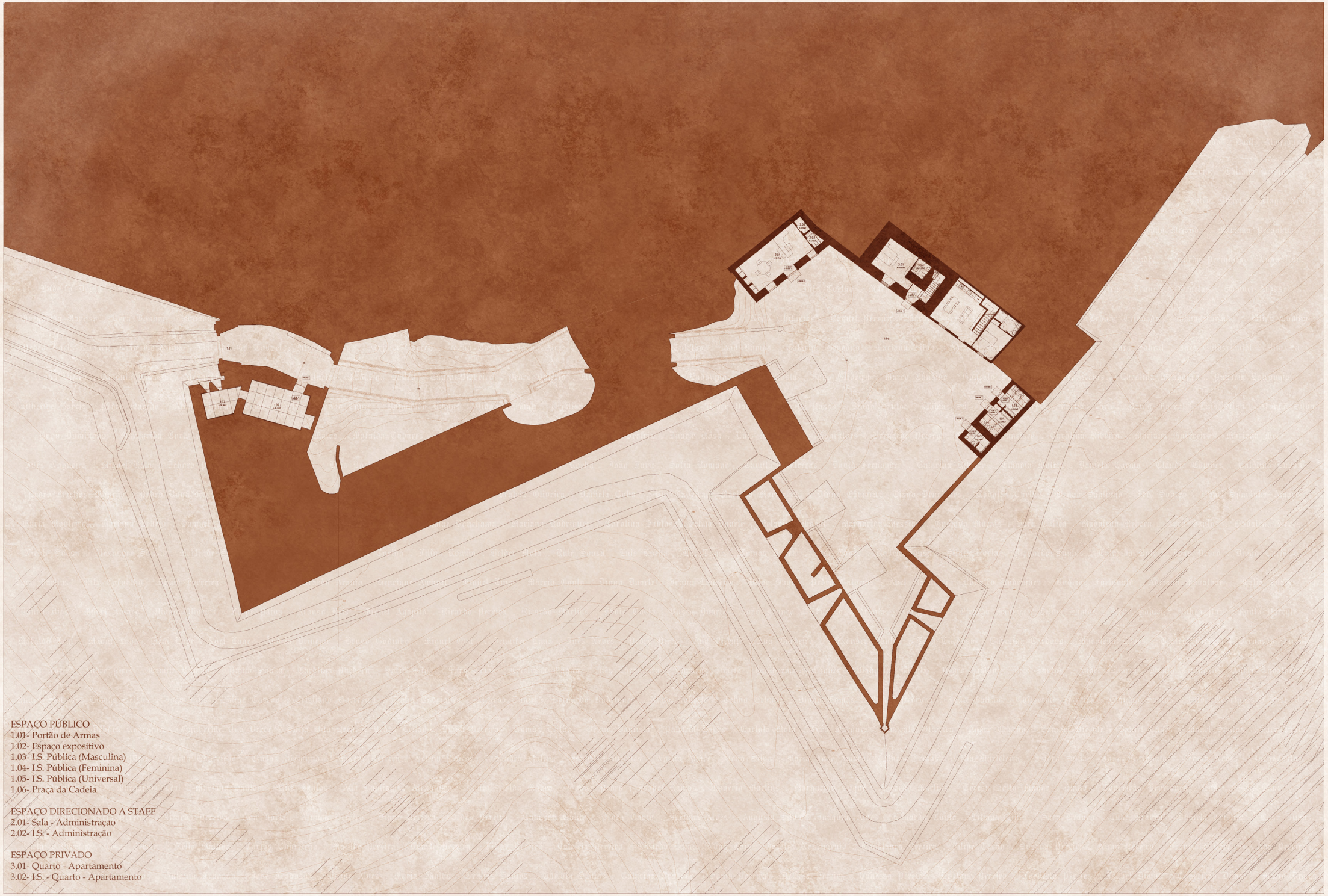
Fortaleza de Juromenha. Século XVII, segundo Nicolau de Langres, 1657.



Fortaleza de Juromenha. Século XIX, segundo M.J. Brandrão de Sousa.



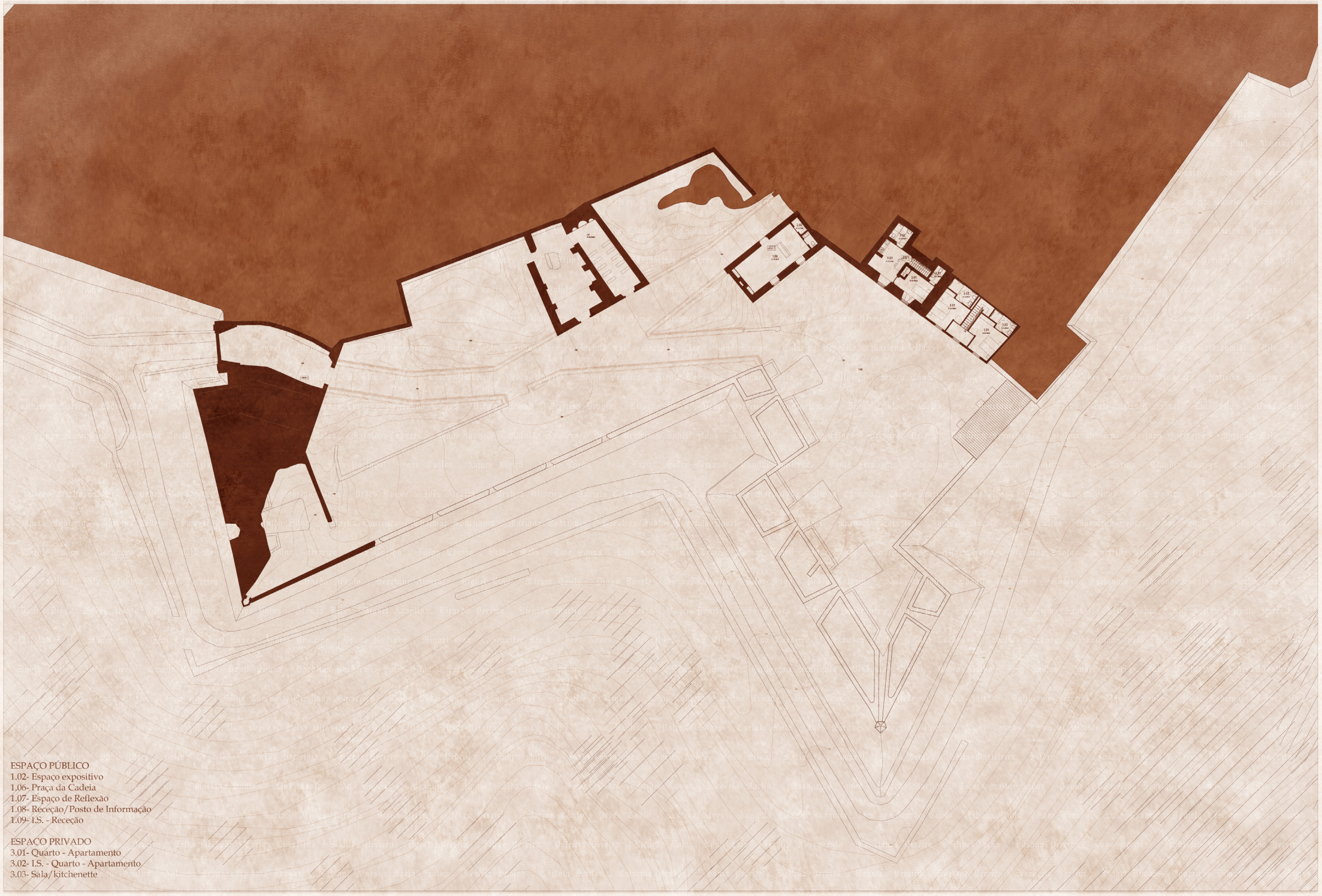
Fortaleza de Juromenha. Século XXI.



ESPAÇO PÚBLICO
1.01- Portão de Armas
1.02- Espaço expositivo
1.03- I.S. Pública (Masculina)
1.04- I.S. Pública (Feminina)
1.05- I.S. Pública (Universal)
1.06- Praça da Cadeia

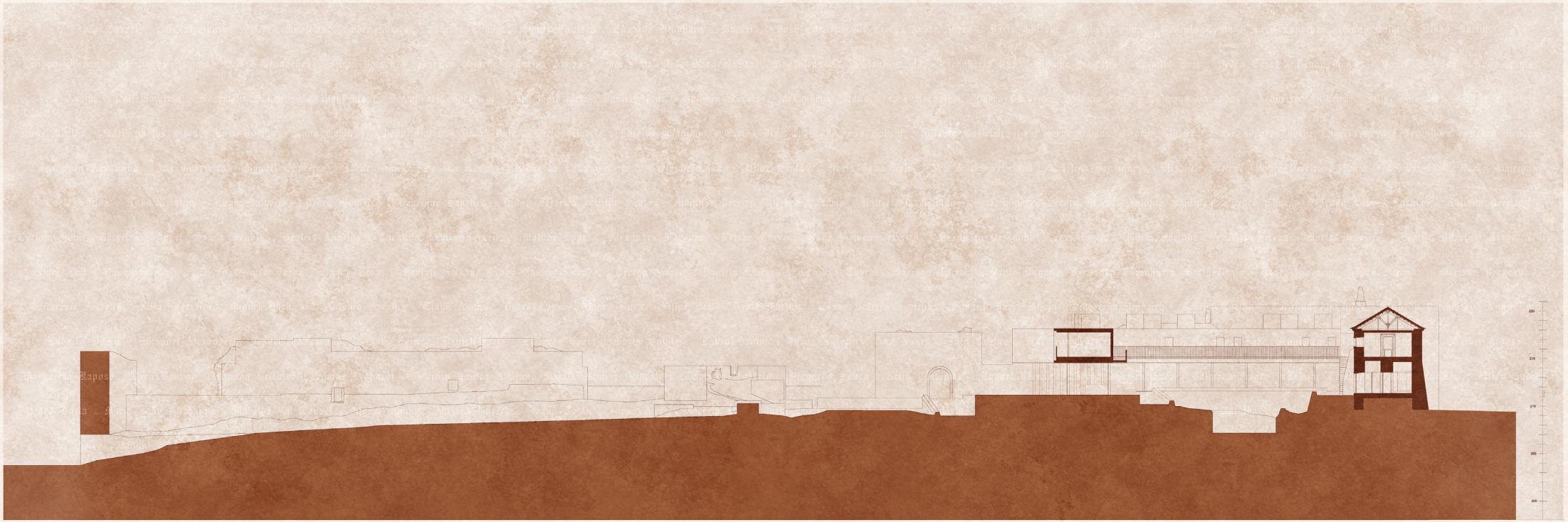
ESPAÇO DIRECIONADO A STAFF
2.01- Sala - Administração
2.02- I.S. - Administração

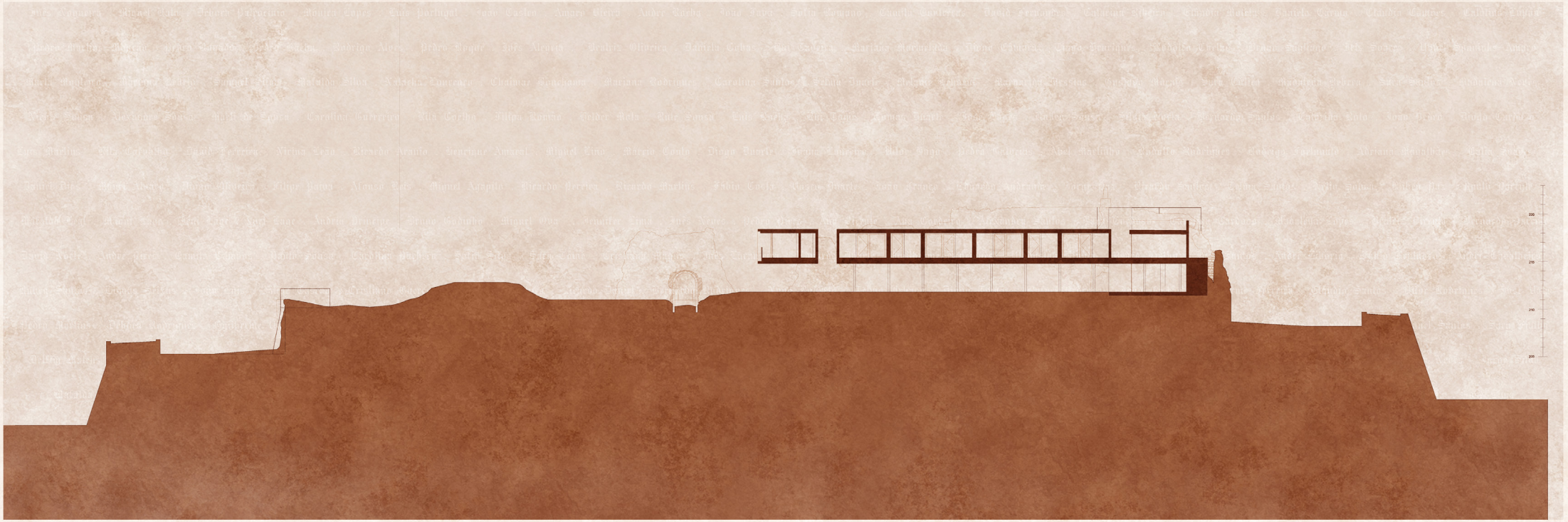
ESPAÇO PRIVADO
3.01- Quarto - Apartamento
3.02- I.S. - Quarto - Apartamento



ESPAÇO PÚBLICO
1.02- Espaço expositivo
1.06- Praça da Cadeia
1.07- Espaço de Reflexão
1.08- Receção/Posto de Informação
1.09- I.S. - Receção

ESPAÇO PRIVADO
3.01- Quarto - Apartamento
3.02- I.S. - Quarto - Apartamento
3.03- Sala/kitchenette







ESPAÇO PÚBLICO
1.05- I.S. Pública (Universal)
1.10- Zona Arqueológica
1.11- Torre Sineira
1.12- Espaço Polivalente
1.13- Palco
1.14- Hall
1.15- Pátio exterior

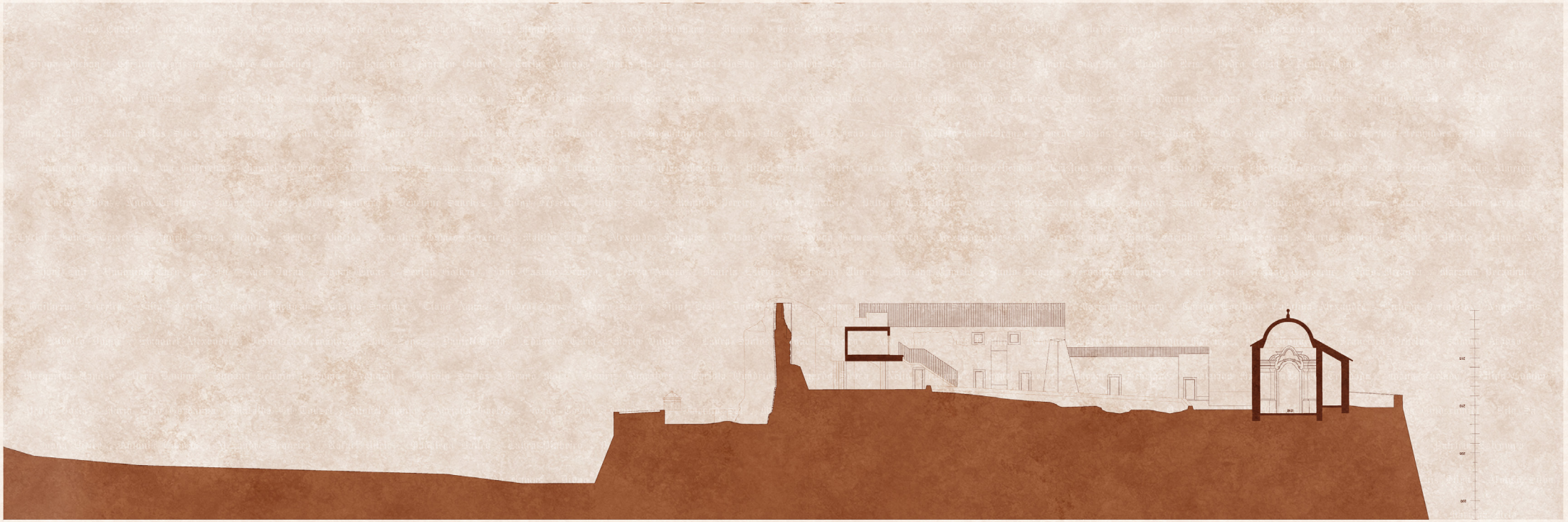
ESPAÇO DIRECIONADO A STAFF
2.03- Arrumos
2.04- Hall
2.05- Camarins
2.13- Lavandaria



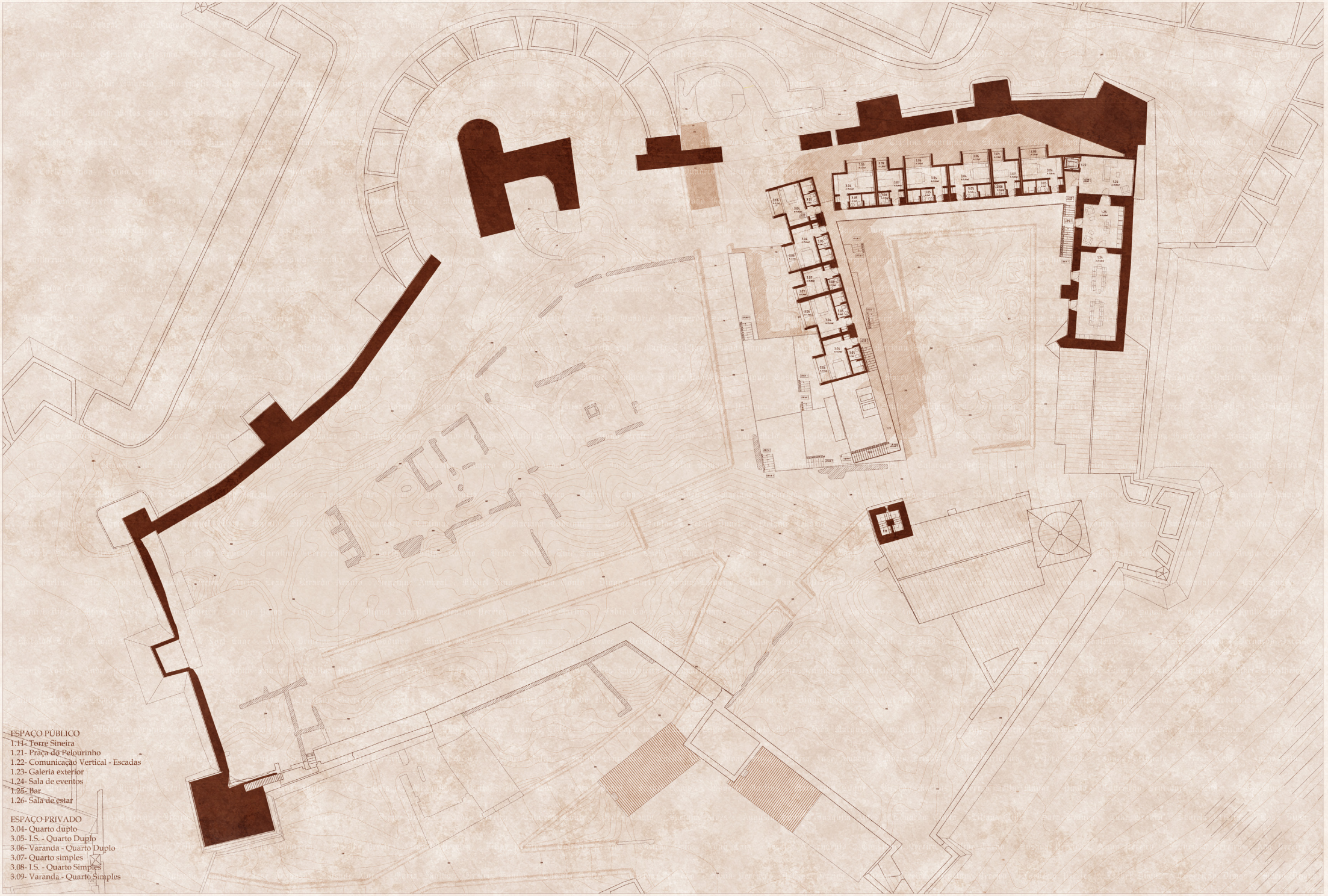
ESPAÇO PÚBLICO
1.03- I.S. Pública (Masculina)
1.04- I.S. Pública (Feminina)
1.05- I.S. Pública (Universal)
1.11- Torre Sineira
1.12- Espaço Polivalente
1.13- Palco
1.14- Lavatórios
1.15- Pátio exterior
1.16- I.S. Lavatórios
1.17- Corredor
1.18- Sala de Refeições
1.19- Foyer de Entrada
1.20- Comunicação Vertical - Elevador
1.21- Praça do Pelourinho
1.22- Comunicação Vertical - Escadas
1.23- Galeria exterior
1.24- Arrumos

ESPAÇO DIRECIONADO A STAFF
2.04- Hall
2.05- Camarins
2.06- Régie
2.07- Cozinha
2.08- Lixos
2.09- Copa
2.10- Dispensa
2.11- Zona de Vestuário
2.12- I.S.
2.13- Lavandaria

ESPAÇO PRIVADO
3.04- Quarto duplo
3.05- I.S. - Quarto Duplo
3.06- Varanda - Quarto Duplo
3.07- Quarto simples
3.08- I.S. - Quarto Simples
3.09- Varanda - Quarto Simples







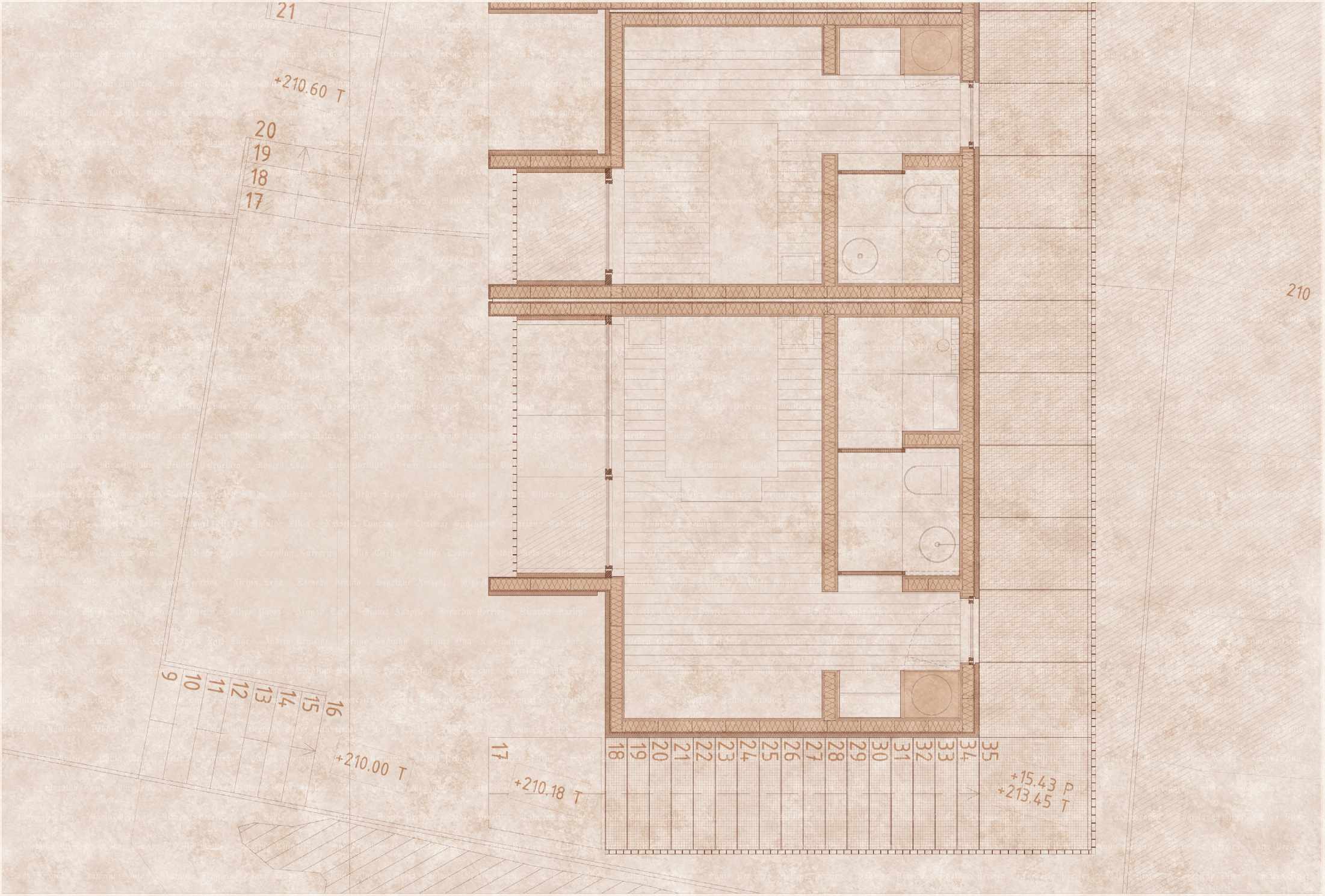
ESPAÇO PÚBLICO
1.11- Torre Sineira
1.21- Praça do Pelourinho
1.22- Comunicação Vertical - Escadas
1.23- Galeria exterior
1.24- Sala de eventos
1.25- Bar
1.26- Sala de estar

ESPAÇO PRIVADO
3.04- Quarto duplo
3.05- I.S. - Quarto Duplo
3.06- Varanda - Quarto Duplo
3.07- Quarto simples
3.08- I.S. - Quarto Simples
3.09- Varanda - Quarto Simples



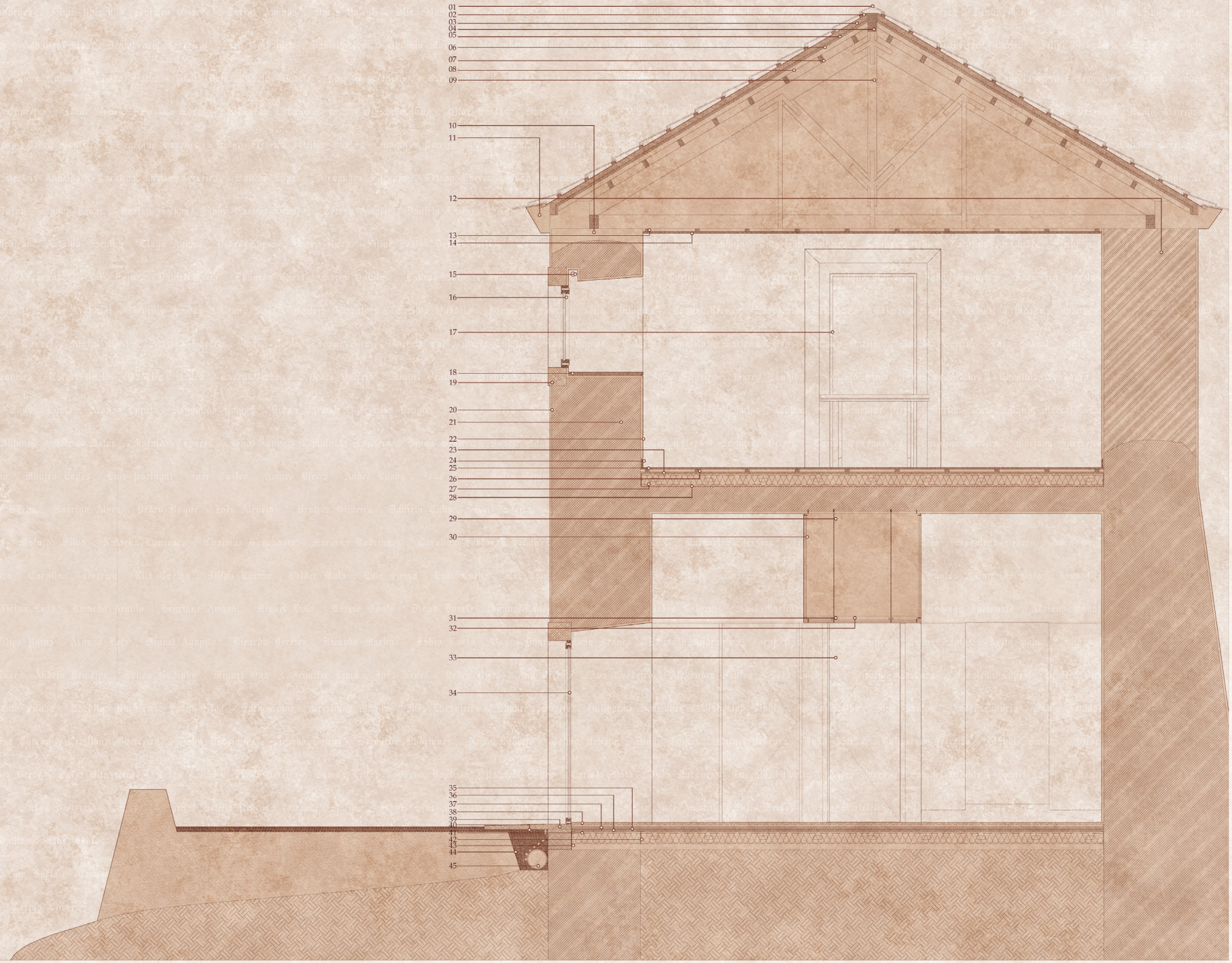
ESPAÇO PÚBLICO
1.11- Torre Sineira
1.21- Praça do Pelourinho
1.22- Comunicação Vertical - Escadas
1.23- Galeria exterior
1.24- Sala de eventos
1.25- Bar
1.26- Sala de estar

ESPAÇO PRIVADO
3.04- Quarto duplo
3.05- I.S. - Quarto Duplo
3.06- Varanda - Quarto Duplo
3.07- Quarto simples
3.08- I.S. - Quarto Simples
3.09- Varanda - Quarto Simples


21
+210.60 T
20
19
18
17
9
10
11
12
13
14
15
16
+210.00 T
17
+210.18 T
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
+15.43 P
+213.45 T
210



01 Camada de reboco fino exterior
02 Alvenaria existente
03 Camada de reboco fino interior
04 Lambril em pedra
05 Cantaria em pedra
06 Porta de batente com vidro duplo em caixilharia de alumínio
07 Membrana asfáltica impermeabilizante 5 mm
08 Revestimento em pedra lioz
09 Isolamento acústico mineral macio tipo lã de rocha
10 Placa de OSB 12 mm
11 Porta em madeira lacada
12 Pedra de soleira em lioz



01 Telha cerâmica tipo lusa
02 Ripas de madeira 30x40 mm
03 Isolamento térmico tipo roofmate 50 mm
04 Viga Madre
05 Membrana asfáltica impermeabilizante
06 Painel OSB 18 mm
07 Vigas de madeira 50x80 mm
08 Terças de madeira
09 Asnas de madeira
10 Enchimento em taipa
11 Cantaria em pedra
12 Remate da preexistência em taipa
13 Ripas de madeira 30x40 mm
14 Teto em tabuado de madeira 100x1300x20 mm
15 Tela blackout em rolo
16 Janela oscilobasculante de vidro duplo em alumínio
17 Guarnição de porta em madeira pinho natural
18 Perfil peitoril interior em madeira
19 Cantaria em pedra
20 Camada de reboco fino exterior
21 Alvenaria existente
22 Camada de reboco fino interior
23 Placa de OSB 18 mm
24 Rodapé embutido em madeira
25 Pavimento em soalho de madeira
26 Ripas em madeira 30x40 mm
27 Isolamento térmico mineral macio tipo lã de rocha
28 Manta geotêxtil
29 Varão roscado de suporte M6
30 Placa dupla de gesso cartonado 12+12 mm
31 Pivot de suporte
32 Perfil de teto 70 mm
33 Porta em madeira lacada
34 Porta de batente com vidro duplo em caixilharia de alumínio
35 Manta geotêxtil
36 Painel em OSB 18 mm
37 Isolamento térmico tipo floormate
38 Pavimento em soalho de madeira
39 Pedra de soleira em lioz
40 Seixo rolado
41 Isolamento térmico mineral macio tipo lã de rocha
42 Viga de pavimento em aço leve C140/2,5 mm
43 Membrana asfáltica impermeabilizante 5 mm
44 Manta geotêxtil
45 Tubo geodreno







